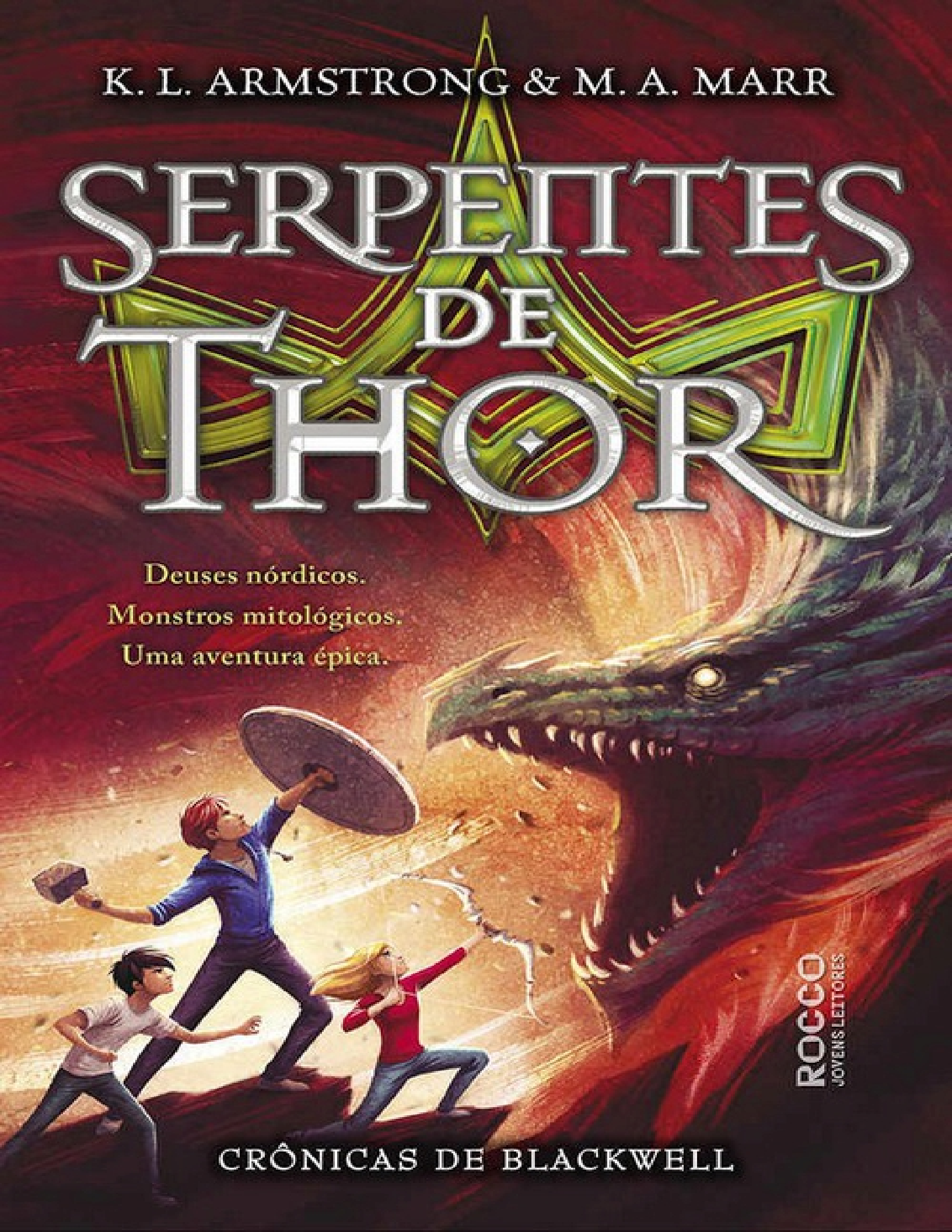
K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR

SERPENTES DE THOR

Deuses nórdicos.
Monstros mitológicos.
Uma aventura épica.



ROCCO
JOVENS LEITORES

CRÔNICAS DE BLACKWELL

K. L. Armstrong & M. A. Marr

SERPENTES DE THOR

CRÔNICAS DE BLACKWELL

Tradução
EDMO SUASSUNA

ROCCO
JOVENS LEITORES

M.A.: A Dylan e Asia Alsgaard,
já que aprendi mitologia nórdica para ser uma mãe melhor para
vocês dois, esta série é obviamente dedicada a vocês.

K.L.: Aos meus filhos, Alex e Marcus;
esta trilogia é para vocês. E para meu sobrinho, Marshall,
prometo que eles não morrem todos no fim.

SUMÁRIO

Para pular o Sumário, clique aqui.

UM Matt: “Lobos à porta”

DOIS Fen: “Liderando o inimigo”

TRÊS Laurie: “O sacrifício de Fen”

QUATRO Matt: “Blecaute”

CINCO Laurie: “Encarando medos”

SEIS Matt: “Amor fraternal”

SETE Laurie: “Desembuchando segredos não tão secretos”

OITO Matt: “Dano de fumaça”

NOVE Fen: “Visitas do Thorsen errado”

DEZ Matt: “Deixa nevar”

ONZE Laurie: “Um presente para tia Helen”

DOZE Matt: “Pós-apocalíptico”

TREZE Fen: “Provocando um dragão”

CATORZE Matt: “Grito de batalha”

QUINZE Fen: “Aprisionado pela magia”

DEZESSEIS Matt: “Monstros”

DEZESSETE Laurie: “Gigantes de gelo”

DEZOITO Matt: “A carruagem de Thor”

DEZENOVE Fen: “A virada da maré”

VINTE Matt: “Luta de aquecimento”

VINTE E UM Laurie: “Inimigos se tornam aliados”

VINTE E DOIS Matt: “Vantagem injusta”

VINTE E TRÊS Matt: “Destino”

VINTE E QUATRO Fen: “Depois da luta”

Epílogo

Créditos

As Autoras

UM



MATT

"LOBOS À PORTA"

Era difícil para Matt fingir que não sabia que dois lobos os tinham seguido desde o acampamento. Reyna não parecia ter o mesmo problema. Talvez ela pensasse que Matt tinha só imaginado os Batedores Saqueadores. Mas, provavelmente, ela não ia deixar que algo tão insignificante quanto a morte iminente a distraísse da lista detalhada de cada erro que Matt tinha cometido ontem, durante a luta contra os guerreiros vikings zumbis conhecidos como draugrs.

– E então, quando você chegou ao trono do rei, notei alguns erros táticos.

– Sem dúvida você notou.

– Estou só tentando ajudá-lo a melhorar. Você quer melhorar, não quer? – Reyna sorriu ao dizê-lo, sem se dar ao trabalho de fingir que não gostava de provocá-lo.

– Pois eu tenho uma sugestão para a próxima batalha – disse Matt. – Você poderia se juntar a mim nas linhas de frente.

– Sou uma descendente de Freya. Ao contrário do campeão de Thor, não é para eu estar nas linhas de frente. – Ela afastou um galho para o lado. – Entretanto, eu poderia ser convencida a me juntar a você se eu tivesse uma arma de verdade. Eu gostaria de uma espada. Aquela do rei draugr parecia boa.

Matt balançou a cabeça e deu uma espiada de rabo de olho na floresta ao redor, tentando captar um vislumbre dos lobos. Depois da luta com os

draugrs, quando Matt recuperou Mjölnir, o lendário martelo de Thor, ele recuou para a floresta com os outros descendentes do Norte: Reyna e o irmão gêmeo dela, Ray, além de Laurie, Fen, Baldwin e Owen. Lá, eles planejaram se reagrupar antes da próxima missão, só que, depois da batalha carregada de adrenalina, ninguém estava a fim de descansar. Fen tinha se afastado primeiro. Matt saíra em seguida, com Reyna no seu rastro.

Matt não planejara ir longe, mas, depois de vinte passos, percebeu que dois dos Batedores Saqueadores, *wulfenkind*, os estavam seguindo, então decidiu levá-los para longe do resto do grupo.

– Podemos tomá-los como reféns – sugeriu Reyna. – Interrogá-los.

Matt moveu os lábios como se dissesse *eles são lobos*, e Reyna encolheu os ombros, como se estivesse respondendo *e daí?* Ainda que Matt concordasse que seria ótimo interrogar Saqueadores, não tinha certeza se valeria o risco quando eles tinham presas e garras. Além disso...

– Interrogá-los significa fazê-los falar – observou ele. – Isso seria difícil em forma de lobo.

– Ah, eu conseguiria fazê-los falar.

Ele balançou a cabeça. Estava se acostumando a Reyna. Não era bem o que ele esperava em vários aspectos. Matt tinha presumido que uma descendente de Freya seria, bem, mais... loira. Reyna *era* loira, mas havia acabado de pintar os cabelos de preto. Quando eles se conheceram, tinha as unhas pintadas de preto também e maquiagem com sombras igualmente fortes. Àquela altura, a maquiagem já tinha ido embora, o esmalte descascava, e Reyna trocara as roupas pretas por um jeans desbotado e uma camiseta de uma banda da qual ele nunca ouvira falar.

Os lobos pareciam satisfeitos em segui-los, mas Matt sabia que não era simples assim. Poderia até não ser lá um grande jogador de futebol americano – boxe e luta livre eram mais o negócio dele –, mas não havia

como um rapaz crescer em Blackwell sem praticar o esporte. Aqueles dois os estavam flanqueando. Esperando que deixasse a bola cair para eles atacarem.

A questão era: onde estava a bola? Matt tinha o escudo, que havia tomado de volta dos Saqueadores. Tinha o amuleto também, mas seu "poder do Martelo" só funcionava para um descendente de Thor. Eles poderiam tomar o amuleto, mas ele não era único, e Matt poderia conseguir outro com facilidade. O grande prêmio era, obviamente, Mjölnir, mas mesmo o rei draugr mal tinha conseguido erguer a arma.

Os *wulfenkind* poderiam querer Reyna. Se fosse o caso, ele se sentiria tentado a entregá-la, pois assim eles descobririam o erro muito em breve. Ela provavelmente voltaria arrastando os dois, pendurados sobre os ombros como um par de perus selvagens.

Tirar Matt do jogo seria mais útil, já que Freya não desempenhava um papel relevante no Ragnarök, o apocalipse nórdico. Porém, ainda que os Saqueadores tivessem a vantagem de suas formas lupinas, Reyna tinha magia, e Matt contava tanto com Mjölnir quanto com o poder do amuleto. Então, como eles esperavam capturar...?

Matt parou de repente. Reyna seguiu adiante, ainda falando, por poucos metros antes de perceber que ele não estava mais a seu lado. Ela parou e moveu os lábios para dizer: *Qual é o problema?*

– Eu acabei de lembrar que tem um riacho com uma queda-d'água. Queria dar uma olhada melhor. Acho que é por aqui...

Ele começou a seguir à esquerda. Reyna aparentemente confiou que ele não queria realmente dar uma olhada em uma cascata, e o seguiu. Adiante, ele pôde ver o pelo marrom dos lobos através dos arbustos. Haviam se reagrupado, prontos para bloquear seu caminho.

– Estavam nos levando como rebanho – sussurrou Reyna.

Matt balançou a cabeça concordando. Os Saqueadores deviam estar acampados na direção do caminho em que estavam antes. Se ele e Reyna tivessem continuado naquele rumo, os lobos teriam ficado felizes em continuar seguindo-os nas sombras. Agora que Matt se desviou da rota, atacariam e os conduziriam para o acampamento.

– Hora do show? – perguntou Reyna. Quando ele hesitou, ela sussurrou: – Não se preocupe. Eu vou ajudar.

– Não é isso... – Matt notou o sorriso de provocação de Reyna e balançou a cabeça. – Não sei se seria seguro.

– Nunca é. Então...?

Como campeão de Thor, Matt liderava o grupo, o que era mais responsabilidade do que ele gostaria. Também significava que ele não podia assumir riscos desnecessários. Mas a única alternativa era levá-los de volta aos outros, coisa que ele nunca faria.

Eles *bem* que precisavam de um refém...

– Certo – declarou ele. – Siga-me.

– Sim, senhor.

Adiante, então. Fazer-se de bobo e esperar o ataque.

– Se quiser um problema logístico para resolver – disse ele a Reyna –, descubra como faço para carregar este martelo por aí.

– Isso é chato. Eu gosto muito mais de estratégia de batalha.

– Nem toda a estratégia do mundo vai ajudar se eu distender o punho carregando esse troço.

– Mimimi. Você tem um martelo mágico, um colar mágico, um escudo mágico, bodes de combate mágicos... e agora quer um porta-martelo mágico também? Você é tão mimado. Quer saber de uma coisa...

Reyna girou no meio da frase, estendendo as mãos, os lábios se movendo em um feitiço.

Matt investiu contra o lobo que atacava. Reyna o atingiu com o jato de névoa, que assustou o lobo e o fez recuar, deixando Matt com o segundo, que ainda corria contra ele.

Matt brandiu Mjölnir. Então percebeu que estava mirando um martelo de metal sólido contra a cabeça de um garoto. Sim, era um Saqueador, mas isso não mudava o fato de que o "lobo" não era um draugr ou um troll ou qualquer outro tipo de monstro nórdico. Um golpe no crânio com o Mjölnir, e esse menino-em-pele-de-lobo estaria morto.

Matt não conseguiu deter o movimento. O impulso era forte demais. Só foi capaz de se desviar do golpe. Ainda assim acertou a pata da frente do lobo, e o estalo repulsivo do osso se quebrando se fez ouvir.

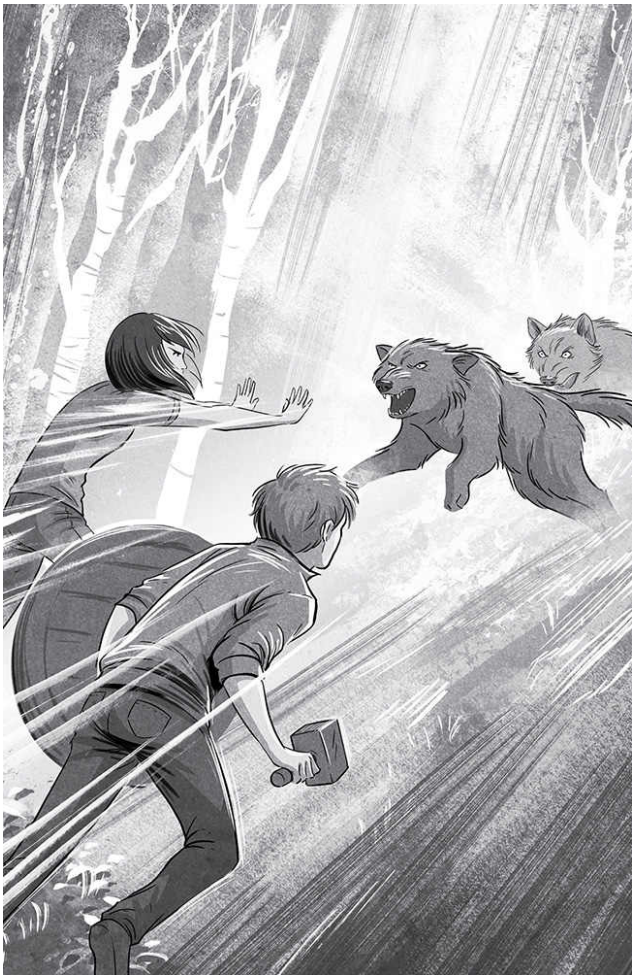
O lobo uivou em agonia e desabou de lado. Matt girou para o outro, que agora já tinha se recuperado da surpresa do jato de névoa e vinha correndo contra ele. O menino trocou rapidamente o Mjölnir para a mão esquerda, mas isso o deixou desequilibrado demais para dar um bom soco. Decidiu então lançar o outro Martelo – o golpe invisível do amuleto.

Houve um clarão de luz e um estrondo anunciando a pancada invisível, mas chegaram tarde demais para que o lobo se desviasse. O impacto do Martelo atirou a fera para trás, contra uma árvore. Matt correu para se jogar sobre o lobo, mas Reyna estava mais perto e saltou primeiro. Ela nocauteou o lobo e o segurou em um mata leão.

– Hum... – começou Matt.

– Eu já comentei que sou boa em autodefesa? Aiquidô e caratê. Quando seu pai é dono de um cassino, precisa saber tomar conta de si mesma. Você não é o único lutador nessa ganguezinha de deuses, Matt.

– Certo, mas o que eu ia dizer é que você está usando uma chave que serve para pessoas. Isso não é uma...



O lobo se encurvou e escorregou dos braços dela. A fera girou e mordeu o ar. Matt conseguiu puxar Reyna a tempo. Então ele pulou contra o lobo... enquanto o outro atrás começou a berrar de dor novamente.

Não, berrar não. Ele estava uivando.

Lobo. Uivo. Era assim que eles se comunicavam com os membros da matilha...

Matt se levantou em um pulo, xingando. Reyna parecia tão chocada com o palavrão quanto se ele mesmo tivesse se transformado em lobo.

– Use o nevoeiro. Confunda o outro – ordenou Matt ao passar correndo por ela para se atirar contra o lobo ferido. Agarrou-o pelo focinho, conseguindo evitar as presas de três centímetros. Fechou as mandíbulas da fera e interrompeu o uivo na metade.

– Ele está chamando os outros – comentou Reyna. – Me desculpa.

Reyna lançou o feitiço de nevoeiro. Quando o lobo passou pela névoa, a menina acertou um chute surpreendentemente preciso no queixo dele. O lobo caiu para trás com um ganido. Perdida no nevoeiro, a fera começou a uivar. E ao longe, outros lobos responderam, os uivos se aproximando até que Matt escutou o som de patas correndo.

– Temos que dar o fora! – exclamou ele. – Não podemos enfrentar todos...

Reyna acertou mais um chute no segundo lobo enquanto Matt soltava o que estava ferido. Os dois saíram correndo. Atrás deles, escutou vozes. Vozes humanas. Isso não era algo incomum; nem todos os Saqueadores assumiam a forma de lobo para lutar. Mas o que fez Matt desacelerar foi uma das vozes. A mais alta entre todas. Gritando. Não foi capaz de entender as palavras, mas pareciam raivosas.

Matt reconhecia aquela voz. Ele a identificou na mesma hora.

Ele foi capturado. Está em apuros. Eu tenho que ajudá-lo.

Matt deu meia-volta. A névoa já havia se dissipado, e ele conseguiu ver alguns lobos a distância. Atrás deles havia dois vultos. Hattie, uma das líderes desta matilha de Saqueadores. E ao lado dela, gritando ordens aos lobos?

Fen.

DOIS



FEN

"LIDERANDO O INIMIGO"

Fen se desequilibrou ao ver Thorsen o encarando em choque. Fen não podia contar a Matt que tinha lutado contra Skull e ganhado o controle daquela mesma matilha de Saqueadores que ele e os descendentes do Norte haviam enfrentando no dia anterior. Ele queria contar a Matt o que tinha acontecido, explicar que estava preso, que queria deixar os Saqueadores para trás e se reunir a Laurie e Matt. Infelizmente, o que ele *queria* não importava mais. Fen estava atado por magia mais antiga do que todos eles. Tinha que ficar com a matilha; eles eram tão parte dele quanto seus pulmões.

Ainda mais poderosa que a necessidade de ficar com eles era a compulsão absoluta de fazer o melhor por eles. Se Fen tivesse como fazer a matilha de *wulfenkind* se juntar ao lado em que ele gostaria de estar, a nova posição não seria assim tão ruim, mas ele tinha que agir pelo "bem maior" da matilha. Ajudar Matt a deter o Ragnarök e salvar o mundo colocaria todo o *wulfenkind* em perigo, porque ao lado de Matt – o que incluía a prima e os amigos de Fen – provavelmente não venceriam. O Ragnarök era predestinado. Nem a morte dos deuses tinha impedido que a batalha profetizada viesse. Os Saqueadores acreditavam que o fim do mundo seria melhor para eles e que a nova ordem mundial lhes proveria liberdade e segurança. Como Fen estava obrigado pela magia a fazer o que era melhor para a matilha, estava preso do lado errado da batalha iminente. Era inimigo de Matt agora.

Pior ainda, era inimigo de sua prima, Laurie.

Fen resmungou uma palavra que não teria usado perto de Laurie. Não era lá um grande pensador, então encontrar um jeito de consertar essa confusão parecia impossível. Era Laurie quem pensava nas soluções e quem fazia os planos. Fen era quem se jogava no perigo para mantê-la em segurança.

Só que Laurie estava totalmente fora de alcance.

O único conforto de Fen era que a prima não estava correndo com Matt e Reyna enquanto tentavam sumir na mata. Laurie não estava lá para ver Fen liderando o inimigo. *Ainda*. Ele rosnou outra palavra, e a garota que agora estava a seu lado riu.

– Sentindo-se culpado? – perguntou Hattie. – Isso vai passar, você sabe. Vamos vencer a grande batalha, e você ficará feliz de estar conosco.

– Cale a boca, Hattie – retrucou Fen.

Ele olhou feio para ela, e a menina baixou a cabeça, obediente, em vez de socá-lo. Era uma sensação estranha. Hattie era lobo como ele, segunda em comando deste pequeno grupo de Saqueadores até aquela manhã. Ele tinha passado mais do que algumas horas cuidando dos roxos que ganhou quando ela aplicara as regras do antigo alfa da matilha. Hattie era mais assustadora que a maioria dos meninos que conhecia, e isso quando estava sendo legal.

Hattie se aproximou.

– Nós podemos vencê-los. Thorsen e a bruxa estão sozinhos.

– Não.

– Eles não são mais seus amigos. São *nossos* inimigos. – Apontou ela.

– Eu disse não – repetiu ele.

– É uma grande chance... ou podemos segui-los até o acampamento – insistiu.

Hattie tinha o dever de lhe oferecer ideias. Depois que Skull, o antigo líder da matilha, estivesse recuperado da luta, esse papel seria dele; mas naquele momento a conselheira de Fen era Hattie, e ela estava fazendo seu trabalho.

O grupinho de Saqueadores que tinha vindo com ele para buscar os batedores estava gritando e comemorando como se eles tivessem realizado algo extraordinário ao localizar Thorsen. Não tinham. Tudo que fizeram foi revelar que Fen estava com os Saqueadores e deixar um deles com a pata quebrada.

– Recuar! – ordenou Fen.

Ele parou de andar, e os três Saqueadores com ele, todos em forma humana, pararam também. Os dois garotos em forma de lobo foram até ele.

– O que estão pensando, gritando assim? Voltem para o acampamento antes que vocês façam a gente ser capturado!

– Eles estão fugindo. Podemos ir até o acampamento deles e capturar todos – argumentou Hattie.

– É mesmo? Tem uma porção de Berserkers e mais representantes de deuses naquele acampamento. Nós somos *seis,* e um já está machucado. – Fen os contemplou, encontrando olhares humanos e lupinos, antes de perguntar: – Quem vocês acham que venceria essa luta?

Todos os Saqueadores, tanto humanos quanto lobos, encararam os pés. Por um breve momento, Fen desejou poder mandar os Saqueadores perseguirem Thorsen e Reyna; assim, poderia explicar a eles por que tinha sumido, por que estava do lado do inimigo, e talvez eles tivessem um plano para tirá-lo daquela confusão. Infelizmente, por mais que isso fosse o que *Fen, a pessoa*, quisesse, não seria a melhor opção para a matilha, que devia ser a preocupação principal de Fen, o Alfa. Ele *tinha* que proteger a matilha ao liderá-los por um caminho que seria o melhor para eles, não para ele.

A floresta em volta estava silenciosa, exceto pelos sons de pássaros e outros animaizinhos. Ainda não havia sinais de que os Berserkers ou alguém mais estava indo atrás dos Saqueadores. Isso não acalmou Fen: ele tinha passado tempo suficiente com os heróis para saber que eles se moviam silenciosamente. Thorsen já poderia ter buscado os outros. Eles poderiam estar prontos para atacar a qualquer momento.

– Mexam-se – rosnou Fen para os Saqueadores. – E vocês dois – continuou, apontando para dois dos Saqueadores cujos nomes não sabia –, carreguem-no. Ele não vai saltitar o caminho inteiro de volta com a perna machucada. – Fen fez um gesto para Hattie. – Você lidera. Eu vou atrás.

De alguma forma, era igual a estar com Matt e Laurie: alguém tinha que assumir as posições de vanguarda e retaguarda, os vulneráveis precisavam de ajuda e o perigo estava por toda parte. A diferença era que agora o perigo vinha *dos* amigos dele, em vez de contra eles, e Fen tinha que proteger os membros da matilha, não mais os próprios amigos. Fen bufou de frustração, mas guardou as palavras para si mesmo.

Depois que os outros Saqueadores partiram para o acampamento, Fen lançou um último olhar na direção que levaria à prima. Enquanto se afastava do acampamento dos heróis, Fen tentava não pensar na expressão de traição que vira no rosto de Matt. Ele e Matt nem sempre foram próximos, mas a ida a Hel, a fuga de um rio de defuntos e as batalhas contra monstros criaram uma certa amizade entre eles. Agora todos eles odiariam Fen. Ele não poderia se explicar, e todos se lembrariam dos seus erros passados: esconder sua conexão com os Saqueadores *e* roubar o escudo *e* mentir sobre isso tudo.

Eles provavelmente vão achar que fui um traidor o tempo todo.

Fen não queria que o mundo acabasse de verdade, mas não tinha certeza se Matt e os outros acreditariam nisso agora. Já haviam descoberto que

alguns dos mitos pareciam impossíveis de evitar. Nos mitos, Loki liderava os inimigos. Era ele quem libertava os monstros e os trazia à batalha contra os deuses. Desde que essa maluquice de "descendentes dos deuses mortos" tinha começado, Fen temera se tornar mau, pois era o representante de Loki.

Quando descobriu que era Laurie a campeã do deus em vez dele, Fen tinha ficado aliviado e desapontado. Concluiu que entraria na batalha iminente para ajudar a *verdadeira* campeã de Loki e manter o campeão de Thor em segurança. Pensou que lutaria ao lado de Laurie e Matt, mas agora... agora ele estava confuso.

A campeã de Loki estava lutando do lado do bem, no qual Fen queria estar, e ele fora enganado e aprisionado do outro lado. Seria porque os mitos diziam que Loki liderava os monstros e o *verdadeiro* representante de Loki não ia fazê-lo? Haveria dois campeões, um para cada lado? Ou seria Fen apenas extremamente azarado? Tentar descobrir a linha entre o que poderia e o que não poderia ser alterado sobre os velhos mitos era o tipo de coisa para a qual ele contava com as explicações de Laurie ou Matt.

Ele liderou os Saqueadores de volta ao acampamento, ainda pensando em tudo que havia mudado literalmente do dia para a noite e o quanto, em decorrência disso, tinha perdido.

– Ele estava bem ali – comentou um dos Saqueadores enquanto se transformava em humano. – Tivemos a chance, e o chefe falou...

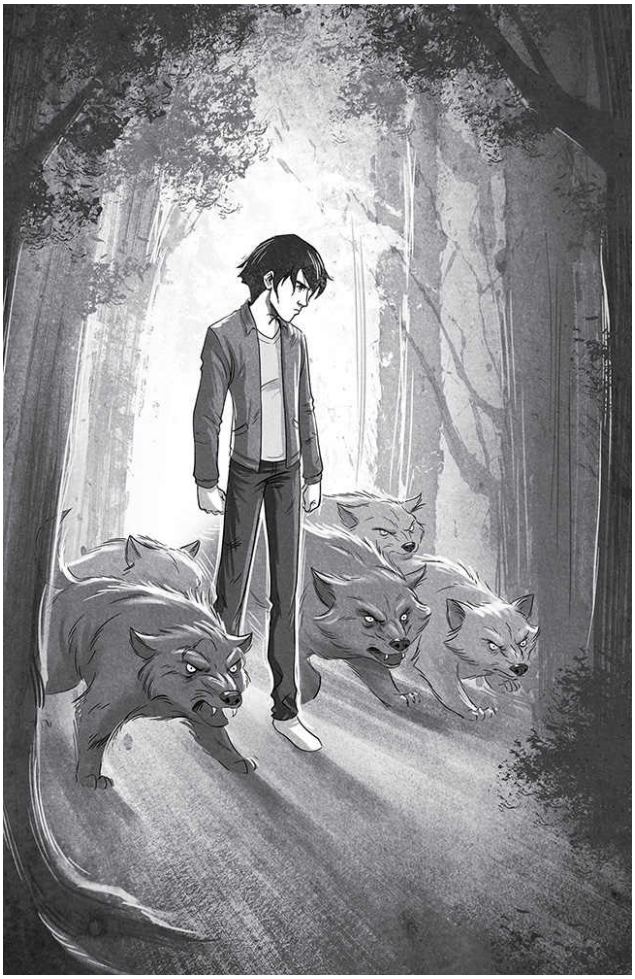
– Exatamente. Eu sou o chefe agora – rosnou Fen para o menino. – E qualquer vantagem que nós tínhamos com a minha presença aqui foi perdida quando eles me viram.

– Você é nosso alfa, mas não é o chefão – retrucou uma garota com voz forte.

Fen respirou fundo para se acalmar.

– Certo. O prefeito Thorsen nos dá as ordens. Um *Thorsen* diz aos Brekke o que fazer e ninguém se incomoda com isso?

– Você não se incomodou em obedecer a um Thorsen até agora. – Hattie cruzou os braços e o encarou com raiva.



– É, bem, *aquele* Thorsen não estava sugerindo que nós destruíssemos o mundo, então acho que minha escolha fez um pouco mais de sentido. Matt quer fazer a coisa certa, salvar o mundo, e o avô dele... – Fen tentou parecer calmo, mas não estava conseguindo. – Olha, não vejo como causar o fim do mundo pode ser uma ideia boa.

– E eu não vejo por que você está aqui – murmurou Hattie.

– Eu ficaria feliz em ir embora – retrucou Fen. – Não escolhi estar aqui.

Hattie olhou para ele furiosa, mas ao contrário do passado, nesse momento Fen devolveu o olhar e a encarou de volta até ela baixar os olhos. Fen poderia ser novo na posição de alfa, mas tinha passado a vida inteira perto dos lobos. Ele não iria deixar que ela o desafiasse e se safasse com isso. Se o fizesse, os outros a seguiriam, e então as coisas ficariam ainda piores.

Os outros Saqueadores que tinham estado na floresta arrastaram os pés e esperaram. Fen vivenciava os sentimentos deles tão profundamente quanto os próprios; eles sentiam a raiva de Fen radiando em sua direção e não sabiam bem como reagir. Era confuso para a matilha e para o líder.

Fen fechou os olhos por um momento para tentar separar seus sentimentos daqueles do grupo. Não queria que a matilha ficasse infeliz. Isso era instintivo. Também não queria lutar contra os amigos ou liderar a matilha contra eles. Não importava quem vencesse a luta contra o outro lado naquele momento, Fen ficaria péssimo.

– Olha, vocês não me querem aqui, e eu não quero estar aqui – começou. Todos os olhares se voltaram para ele. As expressões eram um misto de confusão, choque e tristeza. Não deixava as coisas mais fáceis. – Eu gosto do mundo. Claro, seria legal se houvesse menos regras sobre correr em forma de lobo, e seria ótimo não ter que se preocupar o tempo todo com os Thorsen nos metendo em encrencas pelas coisas que fazemos.

Eles concordaram.

– Só não acho que o fim do mundo, milhões de pessoas morrendo e monstros correndo livres seja *melhor* do que o que temos agora. – Fen não sabia o que mais dizer, mas não iria fracassar na tarefa de protegê-los, se pudesse evitar. Os instintos tornavam isso impossível. Com cautela, Fen continuou: – Eu sei que os Saqueadores estão compelidos a trabalhar para o velho Thorsen, portanto não vou tentar obrigar todo mundo na *nossa matilha* a romper um vínculo maior que nós.

– Então o que você vai fazer conosco? – perguntou um Saqueador chamado Paul.

Era uma boa pergunta, e se Fen fosse outra pessoa – Matt ou Laurie –, provavelmente saberia. Fen não era como eles. Não tinha uma ideia inteligente ou um plano estupidamente corajoso. Só tinha a esperança de que poderia haver uma solução, e ele seguiria em frente de qualquer jeito até encontrá-la. Talvez não fosse uma ótima ideia admitir uma coisa dessas, mas Fen ainda não tinha uma resposta melhor.

– Eu não sei. Mantê-los seguros? Tentar encontrar um jeito de evitar que levem outra surra de Matt e dos outros? – Fen encolheu os ombros. – Não faz nem um dia desde que cheguei aqui, então ainda estou tentando entender como as coisas funcionam. Me deem um dia ou dois.

Ele *vinha* pensando nisso, e não sabia bem o que fazer com todos eles. A única certeza que tinha naquele momento era que continuaria a proteger a prima. Fen voltou-se para os *wulfenkind* reunidos a seu redor e olhou nos olhos de cada um enquanto dizia:

– A única coisa que sei é que, se alguém encostar uma pata na minha prima, vou lhe dar uma surra pessoalmente e dá-lo de comer à Serpente de Midgard. Laurie é uma Brekke, e não deve ser tocada.

Talvez tenha sido a seriedade em sua voz, ou talvez simplesmente por ele estar defendendo a família, porque todos sorriram ou concordaram com a

cabeça. *Wulfenkind* colocavam a família em primeiro lugar. Ele não tinha tentado, mas provou que era um deles, afinal.

– Desmontem o acampamento. Vamos partir esta noite – ordenou ele, depois se afastou.

Fen não precisava vigiar para saber que os *wulfenkind* tinham começado a desmontar barracas e recolher suprimentos assim que ele deu as costas. Matilhas de Saqueadores eram bem treinadas. Todos conheciam seus papéis e ninguém fazia corpo mole. Mesmo sabendo que essa coisa de roubo que as matilhas faziam para viver não era correta, e mesmo não gostando de acampar o suficiente para querer viver do jeito deles, Fen ainda podia respeitar suas habilidades.

Enquanto o resto da matilha se preparava para partir, Fen foi até a barraca onde Skull estava se recuperando. O ruído suave da aba da barraca se fechando pareceu nefasto. Estar preso com Skull era uma situação que sempre acabava mal para Fen. O rapaz ignorou a pontada de medo, lembrando a si mesmo de que as coisas estavam diferentes agora.

– Você poderia ter levado mais Saqueadores – disse Skull.

– Por quê? – perguntou Fen, tentando não estremecer diante dos roxos espalhados por Skull. Ele não gostava do menino mais velho, jamais gostara, jamais gostaria, mas ainda assim sentiu um pouco de culpa pelas feias marcas vermelhas e roxas. Fen havia feito aquilo, espancado Skull. Tinha sido em uma luta que Skull começara e da qual Fen não pôde escapar, mas ainda se sentia mal ao ver a prova da própria raiva.

– Se os outros estivessem junto, vocês todos poderiam ter seguido Thorsen até o acampamento – disse Skull.

– Eu já sei onde fica o acampamento. Estava por lá até você me colocar nessa confusão.

Fen sufocou mais um palavrão ao se tocar de que suas coisas ainda estavam no acampamento com Laurie e o resto dos descendentes do Norte. Não que ele tivesse muitas coisas, mas sua tia Helen – a deusa que comandava Hel, a terra dos mortos – tinha lhe presenteado com uma bolsa superlegal que sempre oferecia qualquer coisa de que ele precisasse. Comida, roupas, escova de dentes: elas simplesmente apareciam como mágica sempre que abria a bolsa. Todo mundo que havia visitado Hel ganhou uma, e a dele estava no acampamento dos heróis. Fen não a tinha levado quando partiu, pois não imaginava que não voltaria.

Fen afastou aquele pensamento rapidamente. Tinha perdido demais. Matt nunca fora alguém que Fen tentara ao menos tolerar, mas depois de enfrentarem monstros juntos, os dois haviam ficado amigos. Por outro lado, Fen tinha gostado de Baldwin, o representante do deus Balder, assim que se conheceram. A pior perda, porém, fora Laurie. Ela era a melhor amiga de Fen, sua companheira em tantas aventuras bobas, e agora estava completamente banida de sua vida. Em vez disso, Fen tinha ficado com os Saqueadores, e não gostava de nenhum deles, muito menos daquele que o encarava agora.

– Bem, se você sabia onde ficava o acampamento, deveria ter aproveitado a vantagem! – exclamou Skull, então franziu a testa e acrescentou: – Este é o meu conselho. Como seu segundo em comando, este é o meu conselho.

Claramente Skull estava com tanta dificuldade para se ajustar ao papel de segundo em comando quanto Fen ao de alfa. Os dois odiavam a situação. Os dois também estavam sem escapatória. Fen tinha que fazer o melhor que podia na situação.

– Nós... os garotos no acampamento, quero dizer, acabaram de derrotar um bando de draugrs – explicou Fen. – Um grupinho de Saqueadores não conseguiria enfrentá-los, especialmente agora que Matt tem o martelo. Já

esmagou a perna de um dos lobos com ele. A retirada foi o plano certo hoje. – Fen caiu no chão e encarou o rapaz machucado. – Eu odeio você, aliás. Eu estava feliz por lá. Essa coisa de alfa não é legal.

Skull parecia confuso.

– Você está no comando aqui. Como isso pode ser ruim?

– Fala sério! Estou encarregado de um monte de garotos que obedecem ao prefeito Thorsen na empreitada maluca dele de destruir o mundo.

– Mas, depois da grande luta, nós seremos os donos de um novo mundo. – Skull sorriu, uma visão bem perturbadora com o olho inchado e o lábio ferido.

Fen não entendia como alguém poderia acreditar que o prefeito os trataria de maneira justa. Além dos séculos de animosidade entre os Brekke e os Thorsen, havia o fato dele achar normal sentenciar o próprio neto à morte. Nada naquele sujeito fazia Fen pensar que ele seria de confiança, mas Skull e os outros obviamente engoliam todas as mentiras dele sobre o papel dos Saqueadores no futuro.

Isso significava que Fen teria que ser cuidadoso ao explicar as coisas a Skull. Ele precisava de um aliado, alguém para ajudá-lo a planejar. Mesmo que Skull não entendesse que deixar voluntariamente bilhões de pessoas morrerem era uma coisa *errada* a se fazer, ele talvez captasse a mensagem de que confiar no prefeito era uma má ideia.

– Nós não seremos donos de coisa nenhuma – afirmou Fen. – Nós só vamos executar as leis que o velho Thorsen ordenar. É como no xadrez, quando você tem um monte de peças que pode sacrificar para posicionar o rei e a rainha. Essas peças somos nós.

– Elas são chamadas de peões.

– Certo, peões – concordou Fen. Ele sabia disso, mas precisava que Skull fizesse a conexão. Ainda não tinha um plano propriamente dito, mas estava

começando a trabalhar em um. Passo um: trazer os Saqueadores influentes para seu lado. Hattie fazia o que Skull dissesse, e o restante da matilha estava habituado a segui-lo, então, se *Skull* ficasse ao lado de Fen, talvez houvesse alguma chance de sair do plano "correndo a toda em direção ao apocalipse" que os Saqueadores estavam seguindo.

– Talvez, no fim, nós venceremos Thorsen também. – Skull cruzou os braços e imediatamente fez uma careta de dor. Continuou com eles cruzados, acrescentando: – Não somos peões, cara. Você que não entendeu.

– Certo. Sou *eu* que não entendo – murmurou Fen. Decidiu tentar encarnar Matt Thorsen por um minuto. Talvez Skull reagisse melhor com uma tática diferente. *O que Matt diria?* Fen concluiu que seria alguma coisa sobre trabalho em equipe, então sugeriu: – Só pense nisso, está bem? Se vamos trabalhar juntos, precisamos confiar um no outro e essas coisas.

– Eu não confio em você, e sei que não confia em mim. – Skull sorriu de novo. – Mas você vai ver. Vai ser muito impressionante quando vencermos. O céu ficará escuro, a serpente se erguerá, os monstros virão de Hel para lutar ao nosso lado e o novo mundo começará. Seremos como reis, protegidos pela Serpente de Midgard.

Fen decidiu não comentar que a tia Helen já tinha declarado que ficaria ao lado de Laurie, então os monstros *dela* não lutariam ao lado dos Saqueadores. Também não contou a Skull que Matt já tinha o martelo e o escudo necessários para derrotar a serpente. Ele não tinha como confiar que Skull não encontraria um jeito de deixar a informação alcançar o prefeito. Fen podia estar obrigado pela magia a fazer a coisa certa para a matilha, mas isso não significava que tinha qualquer obrigação de ajudar o prefeito Thorsen.

– Só pense nisso – repetiu Fen. – Trabalhar para o prefeito e tentar acabar com o mundo não parece algo promissor para *nós*... e já que você me

prendeu aqui, preciso pensar no que isso significa. Morrer não é legal. Confie em mim quando digo isso. Acabei de voltar de Hel. Nós não queremos acabar lá.

Skull não disse nada, mas não foi capaz de disfarçar a curiosidade em seu rosto.

– Gigantes, rios de ácido, um urso das cavernas... – começou Fen, observando a expressão de curiosidade de Skull se intensificar. – E foi só parte da história. Hel é intenso.

– Parece mais divertido que aqui – comentou Skull.

Fen riu.

– Não era chato. Era esquisito, mas não chato. Ah, e o galo. Tinha um galo gigante que era algum tipo de presságio do começo.

Skull concordou com a cabeça dessa vez.

– Tem mais dois que ainda vão cantar. – Ele encarou Fen. – Achei que você ainda ia para a escola. Eles não ensinam essas coisas?

Fen encolheu os ombros.

– Não sei. Não sou muito fã de prestar atenção nessas coisas de mitologia. Como é que eu poderia saber que o Ragnarök ia acontecer de verdade?

Eles ficaram em silêncio por alguns momentos, e então Skull falou:

– Talvez os outros fossem gostar de ouvir sobre Hel também.

Ali estava: a abertura de que Fen precisava. Skull ainda não confiava nele, mas estava curioso. Não havia muitas bibliotecas por ali no meio da floresta, e certamente não havia televisões ou cinemas. Isso significava que os Saqueadores contavam histórias em volta das fogueiras.

– É uma boa ideia – disse Fen. – Eu conto a vocês o que aconteceu, e vocês podem me contar os mitos.

Skull concordou, e Fen torceu para aquele ser o começo de uma confiança suficiente a fim de que pudessem acabar trabalhando juntos para escapar do plano pró-Ragnarök do prefeito Thorsen.

TRÊS



LAURIE

"O SACRIFÍCIO DE FEN"

Laurie estava péssima. A única coisa que a impedia de desmoronar ali mesmo era conhecer Fen tão bem quanto ela conhecia. O primo era mal-humorado, então desaparecer não era uma atitude incomum para ele. Não tinha sumido até agora, exceto quando Baldwin morreu. Talvez fosse a mesma coisa, um tipo de luto. Talvez estivesse chateado com alguma coisa que aconteceu durante a batalha. Talvez tivesse percebido que *estava* chateado por não ser o campeão, afinal. Isso não queria dizer que ele deveria ter ficado longe do acampamento a noite inteira. Ela ficaria brava com o primo quando ele voltasse... logo depois que o abraçasse.

– É melhor você estar seguro, Fenrir Brekke! – murmurou Laurie enquanto olhava para as árvores que cercavam a clareira onde estavam acampados. – Por favor – acrescentou ela em uma pequena prece sussurrada para qualquer um que pudesse estar ouvindo ou vigiando.

Essa era a parte esquisita sobre os mitos serem meio verdadeiros. Às vezes *tinha* gente por aí prestando atenção neles. Certo, não era gente, na verdade. Tinha Valquírias, mulheres guerreiras saídas diretamente dos mitos; a tia Helen, filha de um deus morto há muito tempo e soberana de Hel, e provavelmente um monte de outros seres. Tinha as Nornes, que eram como criaturas do Destino, e monstros... monstros até demais que estavam por aí e eram reais.

Quando Laurie ouviu os uivos de lobos na floresta, teve um calafrio. Ela não sabia direito distinguir o uivo de Fen dos outros, então não tinha

certeza se ele era um deles, mas percebeu que eram *vários* lobos. Isso significava que, mesmo que um dos uivos fosse de Fen, os outros eram de Saqueadores ou de lobos legítimos. Dakota do Sul não tinha tantos lobos assim para que fossem uma visão comum, mas eles eram selvagens e livres no estado. Algumas pessoas pensavam neles como predadores que deveriam ser abatidos, mas Laurie não era uma delas. Ela não concordava com isso *mesmo*, agora que sabia que o pai, o primo e muitos outros parentes podiam se transformar em lobos. A ideia de alguém sair caçando sua família era horrível.

– Cadê você, Fen? – murmurou ela enquanto se levantava e começava a perambular.

Ela estava tentando ficar dentro da clareira onde tinham acampado temporariamente. Não era um lugar ruim. O acampamento aparentemente abandonado ainda tinha água corrente, mas não havia nenhum trailer ou barraca à vista. Os únicos indivíduos presentes eram aqueles que lutaram a seu lado.

Mas agora eles não estavam ao lado dela. Tanto Fen quanto Matt tinham saído. De acordo com Ray, Reyna fora passear com Matt. Ninguém sabia onde Fen estava. Ele voltara ao acampamento com todo mundo depois da luta com os draugrs, mas havia sumido logo em seguida. Laurie já se encontrava preocupada mesmo antes de escutar os uivos naquela manhã. Agora ela estava *além* de preocupada.

– Isso é ridículo. Eu vou atrás deles – anunciou ela de novo.

– Acho que você deveria ficar aqui – disse Owen, como já tinha respondido minutos antes quando ela fizera a mesma sugestão.

– Fen está lá fora! Matt e Reyna estavam juntos, pelo menos. Fen está sozinho, e agora tem lobos uivando. – Laurie pegou o arco. Não precisava pegar as flechas, porque a arma, um presente de Helen, disparava flechas

fantasmas. Ela nunca teria que arranjar mais flechas, nunca precisaria encaixar uma na corda. Elas simplesmente apareciam quando disparadas.

Baldwin veio andando até o lado dela.

– Eu vou também.

Owen pressionou os lábios e olhou para a floresta.

– Não sei as possibilidades. Não vejo o futuro agora que estou envolvido nele, é... confuso. Não sei bem o que fazer. Não sei se as coisas mudaram do que deveria acontecer em seguida, ou...

– Que coisas? – perguntou Laurie. – Coisas com Fen? Você *sabia* que ele estava em perigo e não me contou?

– Algumas coisas têm que acontecer – explicou Owen pacientemente. – Há muitas maneiras possíveis do futuro se desenrolar. A maioria delas leva ao Ragnarök nos esmagando, então temos que fazer sacrifícios agora para ter um futuro melhor. Fen tem um papel a desempenhar. Todos nós temos.

– Fen não é o Campeão de Loki.

– Eu sei. A campeã é você, e heróis têm que fazer sacrifícios. – Owen tocou a borda do tapa-olho que agora usava. Tinha perdido um olho, assim como o deus Odin nos mitos.

– Não vou sacrificar Fen. – Ela balançou a cabeça para Owen. Laurie gostava dele; às vezes pensava que talvez pudesse *gostar* dele, mas essa coisa de ver-o-futuro que o menino fazia a deixava tão brava quanto a insistência de Fen e Matt de que ela ficasse fora das batalhas quando possível. Com a maior calma possível, continuou: – Owen, você e os Berserkers podem ficar aqui. Eu vou procurar meu primo. – Ela se virou para Baldwin e acrescentou: – Vamos lá.

Eles não tinham se afastado muito do acampamento, mal haviam entrado nas sombras das árvores quando Matt e Reyna vieram correndo da

floresta. Laurie ergueu o arco e procurou a ameaça, mas eles não pareciam estar sendo perseguidos.

– Acampamento. – Reyna segurou o braço de Laurie. – Vem.

Laurie tentou contestar:

– Mas...

– Temos que dar o fora daqui – interrompeu-a Matt.

Laurie ficou paralisada. Tinha alguma coisa em sua voz que a assustara. Era o som que a menina reconhecia das batalhas deles com trolls, maras e monstros variados. Laurie fitou a mata de novo. Não havia mais lobos uivando, e ela ainda não via nenhuma ameaça. Mas olhar para Matt apagou qualquer dúvida de que os uivos tinham vindo dos Saqueadores. Havia inimigos perto do acampamento, escondidos em meio às árvores em algum lugar, e o primo dela estava lá fora sozinho.

– Certo, mas eu tenho que encontrar Fen primeiro – contestou Laurie. – Não vou deixá-lo para enfrentar os Saqueadores sozinho.

– Não. Nós temos que ir. – Matt acenou para que Baldwin se aproximasse dele.

Baldwin obedeceu. Esse movimento colocou os dois meninos entre a floresta e as meninas.

– Fen não está em perigo da parte dos Saqueadores – acrescentou Matt.

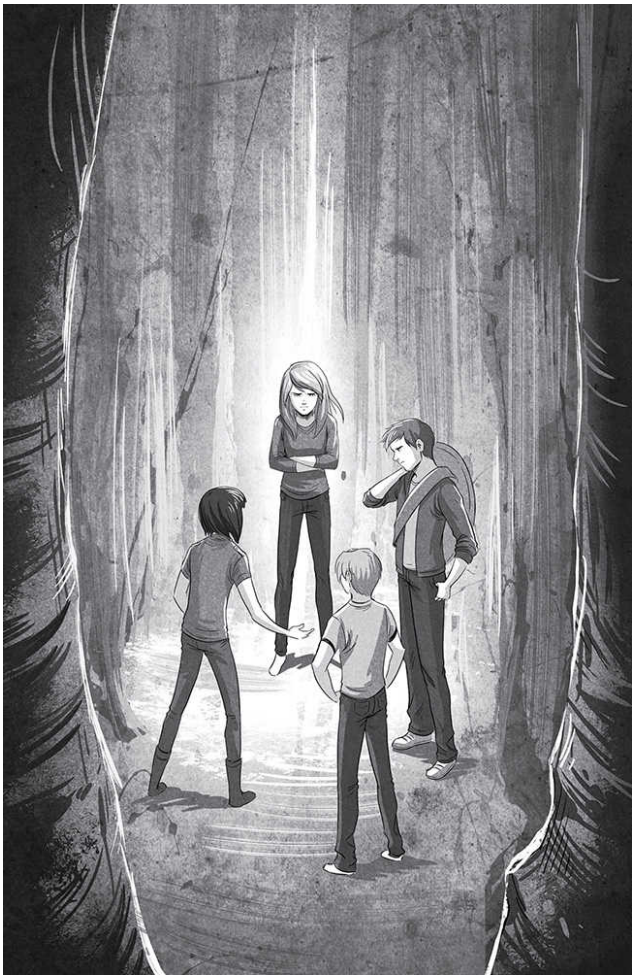
– Mas nós estamos – acrescentou Reyna. – Estamos *mesmo*.

– Confie em mim, Laurie – disse Matt suavemente.

Ela confiava em Matt. Tinha que confiar, se eles quisessem deter o Ragnarök. Naquele momento, porém, ela não estava gostando do resultado dessa confiança. Relutante, Laurie deu meia-volta e caminhou a curta distância até o acampamento.

Quando os quatro chegaram ao acampamento, Owen e Ray foram até eles no mesmo instante. Os Berserkers ainda estavam sendo eles mesmos

como sempre, pulando e dando mortais pelo lugar como hiperacrobatas, mas também estavam todos muito bem cientes de Owen. Uma palavra dele bastaria para que todos passassem de ginastas entediados a soldados atentos.



Laurie viu Reyna e Ray se entreolhando do mesmo jeito que ela e Fen tinham feito por anos; eram olhares que diziam *eu estou bem e lhe conto tudo mais tarde.* Laurie sentiu ainda mais falta do primo do que já estava.

– Saqueadores – disse Matt, mas parecia agoniado. – Temos que sair daqui. Eles podem achar nosso acampamento.

– Como os Saqueadores nos encontrariam? – perguntou Laurie. – Eles seguiram vocês?

Matt olhou para ela, mas não respondeu. A pontada de preocupação evoluiu para o pânico completo quando Laurie notou o clarão de solidariedade no rosto dele. Ao longo da última semana tinham enfrentado mortos, trolls, maras e os pesadelos que as maras causaram, além do imenso Jotunn flamejante de duas cabeças. E também a polícia e sido capturados por um rastreador. Haviam escapado de um estouro de búfalos, vikings mortos e um urso das cavernas. Os Saqueadores simplesmente não eram mais tão assustadores quanto no primeiro dia, quando os meninos tinham deixado Blackwell. Então por que Matt parecia tão chateado *agora*? Laurie olhou para a mão do amigo. Mjölnir estava ali; ele não tinha perdido o martelo.

– Laurie, posso conversar com você em particular por um minuto? – perguntou Matt finalmente.

Reyna olhou nos olhos de Laurie brevemente e ofereceu um sorriso triste. Isso era ainda pior. O que quer que tivesse acontecido com os Saqueadores, deveria ter alguma coisa a ver com Fen. Matt tinha dito que Fen não estava em perigo da parte dos Saqueadores, mas o único motivo para ele querer conversar a sós com ela enquanto Reyna parecia tão solidária era algo ter acontecido com Fen.

Laurie fez que sim com a cabeça. Ela não conseguia falar. A garganta parecia estar fechada. Visões de Fen sendo morto, como Baldwin tinha sido,

a fizeram tremer. O primo quase fora esganado por um troll na semana anterior. Matt quase se afogara alguns dias antes. Salvar o mundo era perigoso.

Owen parou ao lado dela e sussurrou:

– Sinto muito.

– Ele... morreu? – Laurie deixou escapar, a voz falhando. – Eles mataram Fen, ou o prenderam ou...

– Ele está bem – interrompeu-a Matt.

– Mas ele não está aqui. Se estivesse *bem*, estaria aqui. – Laurie olhou para a floresta além de Matt. Nenhum lobo ou menino foi correndo até o acampamento. – Ele não está ferido, não está aqui, e pela sua cara são más notícias, e...

– Pessoal, precisamos de um minuto. – Matt foi até Laurie e indicou uma das mesas surradas de piquenique do acampamento.

Laurie sentia como se fosse vomitar. Matt queria se sentar para conversar. Era o que os adultos faziam quando queriam lhe contar alguma coisa horrível. Toda vez que o pai dela ia embora de novo, seus pais colocavam Laurie e o irmãozinho sentados para contar a eles. Era ridículo. Sentar-se para conversar não tornava as notícias menos horríveis.

Matt sentou-se e olhou fixamente para ela, mas não disse nada. Ele parecia tão chateado quanto ela. Isso não a ajudava *em nada*.

– Fale logo.

– Fen estava com os Saqueadores – disse ele.

– Então nós temos que organizar um resgate? Tudo bem. Isso é tranquilo. – Ela riu. – Você me deu um susto. Achei que seria alguma coisa muito r...

– Mas *é* ruim – interrompeu-a Matt. – Ele não é um prisioneiro.

Laurie balançou a cabeça sem entender.

– Então Fen está se escondendo deles, e temos que alcançá-lo antes que o vejam?

– Não. – Matt esfregou o rosto. – Reyna e eu estávamos sendo seguidos por dois deles, e então Fen apareceu com mais.

– Isso não faz sentido. Se o tivessem visto, eles o capturariam ou coisa assim.

Matt parecia triste ao explicar:

– Era Fen quem mandava. Os outros *seguiam as ordens* dele, Laurie.

– Não. – Laurie se levantou e cruzou os braços. – Talvez vocês tenham visto um dos nossos primos. Muitos Brekke são parecidos, e...

– Era o Fen. – Matt se levantou e chegou mais perto dela. – Eu vi o rosto dele e... é o Fen, Laurie. Fen está trabalhando com os Saqueadores. Não posso acreditar que ele tenha sido um espião esse tempo todo, então talvez não ser o Campe...

– Não. Nada disso faz sentido. – Laurie balançou a cabeça. – Ele é meu primo. Ele é o *Fen.* Vou atrás dele. Ele vai se explicar.

– Você não pode. – Matt entrou na frente dela, bloqueando o caminho. – A mata está cheia de Saqueadores. Fen mandou que eles recuassem até ele, e os outros *obedeceram.* Talvez a gente possa conversar com as Valquírias ou algo assim. Não podemos ir atrás de Fen, porém, e... – Matt respirou fundo – e você não pode ir sozinha. Temos que nos concentrar em deter o Ragnarök. Fen não é o Campeão de Loki. *Você* é, e tem que ficar conosco.

Depois de um momento, Laurie deu as costas a Matt e se afastou. Ela não conseguia pensar em mais nada que pudesse fazer. O que Matt disse não fazia sentido, mas ele não estava mentindo. Laurie sabia que o amigo não mentiria para ela. Confiava nele tanto quanto em Fen.

E esse era o problema. Laurie confiava em Fen. Ele era impulsivo e fazia coisas que eram más ideias com regularidade, mas era uma boa pessoa. Ela

sabia disso com tanta certeza quanto que Matt estava determinado a impedir o fim do mundo.

Matt só podia estar enganado, de alguma forma. Ele *tinha* que estar.

Laurie meteu a mochila de Fen dentro da dela, e como as bolsas mágicas faziam com tudo, incluindo objetos maiores como sacos de dormir, sua mochila sugou a dele para dentro como se houvesse um poderoso aspirador de pó escondido ali. Laurie fez uma pausa. Fen não teria deixado a mochila para trás se tivesse planejado ir embora. Era mais uma coisinha que lhe dava certeza de que Matt estava enganado, de algum jeito.

Ela conhecia Fen melhor do que qualquer um. Essa coisa toda dele estar do lado sombrio era um engano, e ela ia descobrir como e por quê. A única outra possibilidade era que Fen estivera do lado inimigo o tempo todo, sido um espião para eles, e isso ela não podia aceitar. Se fosse o caso, ele teria lhe contado.

– Lamento – murmurou Baldwin, enquanto eles deixavam o acampamento.

Laurie não respondeu.

O grupo caminhou pela floresta em um silêncio que a relembrou de como tinha se sentido com a morte de Baldwin. Tudo parecia sem esperanças naquele momento, pelo menos para ela. Talvez não fosse o que os outros sentiam, mas Fen era a única pessoa com quem tinha contado desde que se entendia por gente. Ele nunca a decepcionara. Nunca havia quebrado uma promessa para ela. Não era o que Fen fazia.

– Tem que ser um engano – disse ela, depois de vários minutos silenciosos.

– Eu o vi, Laurie. Era ele dando as ordens – repetiu Matt.

– Mas isso não faz sentido. Fen lutou contra eles ontem. Esteve ao nosso lado em várias lutas. Seu avô quase o prendeu. Por que ele estaria

comandando os Saqueadores? Por que eles lhe *obedeceriam*?

– Saqueadores só obedecem ao alfa ou a quem o alfa mandar que obedeçam – afirmou Owen.

Ela não queria ouvir nada do que Owen tinha a dizer naquele momento. Ele nem quis que ela fosse atrás de Fen. No que dizia respeito a Laurie, era melhor ele ficar de boca fechada e se manter longe dela. Laurie lhe lançou um rápido olhar de raiva e disse:

– A não ser que queira me contar de qual sacrifício estava falando mais cedo, você pode ficar na sua.

Silenciosamente, Owen recuou para acompanhar um dos Berserkers. Os dois corvos chegaram mergulhando e pousaram em seus ombros. Grasnaram nos ouvidos do rapaz, provavelmente lhe contando mais coisas que ele não compartilharia. Laurie olhou brava para ele e os pássaros.

– Skull – disse Matt, interrompendo o silêncio tenso. – Eu não o vi lá. Ele é o alfa deles.

– Talvez seja um grupo diferente de Saqueadores – sugeriu Baldwin.

Matt ficou quieto por um minuto, depois balançou a cabeça.

– Não. Aquela garota estava lá, e o menino que nós capturamos estava lá também. Eles andam com o Skull.

As lágrimas borraram os olhos de Laurie. Aquilo era um engano. Ela não sabia direito como ou por quê, mas Fen se virar contra ela não fazia o menor sentido. Ele queria evitar o fim do mundo tanto quanto eles e odiava o prefeito Thorsen.

– Talvez ele não tenha gostado de não ser o Campeão de Loki – sugeriu Ray.

– Ou talvez fosse um espião o tempo todo – disse Reyna.

O olhar furioso que Laurie lançou para ela fez Ray chegar mais perto da irmã gêmea e Baldwin dar tapinhas no ombro de Laurie.

– Você não o conhece – retrucou Laurie. – Fen não é assim.

Reyna inclinou o queixo para cima e disse:

– Ele estava na floresta com os mesmos Saqueadores que lutaram conosco.

– Se Fen fosse um traidor ou espião, teria me levado junto. – Laurie sorriu, feliz em ter encontrado uma prova indiscutível que apoiava seus instintos. É claro que ela confiava no primo, mas agora *sabia* que ele não era um traidor. Fen era tolo, tinha um temperamento horrível e, sim, parecia ter ficado meio chateado em não ser o campeão de Loki, mas Laurie era a família dele. Se tivesse planejado se juntar ao outro lado desde o começo, teria *pelo menos* convidado Laurie para ir com ele. Ela não iria, mas Fen a havia convencido de participar de tantas ideias ruins ao longo de suas vidas que Laurie sabia que ele teria tentado persuadi-la a se juntar à equipe inimiga com ele. Fen estava encrencado, de alguma forma. Essa era a prova.

Laurie acenou para o espaço entre Reyna e Ray.

– Você confia no seu irmão? Se ele fizesse alguma coisa que parecesse muito burra, você se esqueceria de tudo o que sabe sobre ele?

– Bem, não, mas... – começou Reyna.

– Eu e Fen somos assim. Ele é como meu irmão. Tem uma explicação. Eu não sei qual é, mas sei que ele não era um espião *nem* um traidor.

– Ele tinha a tarefa de levar o Matt a eles – observou Baldwin, baixinho. Quando Laurie o fitou, ele ergueu as mãos e acrescentou: – Só estou lembrando.

Os ombros de Laurie caíram.

– Eu sei.

Owen veio até o lado dela e anunciou:

– Temos que ir a Rapid City. – Ele ainda tinha os corvos pousados nos ombros. Um dos pássaros a observava, e o outro se inclinava para perto do

ouvido de Owen, grasnando baixinho. Owen balançou a cabeça em sinal afirmativo. – Somos necessários lá, e haverá respostas nos aguardando.

– Respostas? – perguntou Laurie. – Sobre Fen?

Os dois corvos decolaram com as palavras dela, e Owen balançou a cabeça.

– Respostas. A batalha virá em breve, Laurie. A deserção de Fen é um dos muitos passos que levam ao Ragnarök. Ele foi aonde precisava ir.

– Mentira! – Laurie lhe deu as costas e enxugou as lágrimas de raiva.

Os outros não disseram nada.

– Vamos andando – disse Matt após um momento.

Em silêncio, o grupo caminhou na direção de Rapid City. Todos pareciam perdidos nos próprios pensamentos. Matt e Reyna conversavam baixinho, e Baldwin fazia observações ocasionais.

Eles tinham chegado a uma clareira quando a voz de Baldwin chamou a atenção de todos.

– Ei, pessoal?

– O que foi agora? – perguntou Ray.

– Ainda é o meio do dia, né? – indagou Baldwin em uma voz estranha. – Nós não caminhamos por horas ou coisa assim?

– Certo – respondeu Matt, em uma voz tão abalada quanto a de Baldwin.

– Então por que o céu está assim? – Baldwin apontou para onde todos eles já olhavam. Era como tinta derramada se espalhando pelo céu na direção deles.

– Os lobos comeram o sol e a lua – anunciou Owen solenemente.

Tanto Laurie quanto Baldwin se viraram para encarar Owen. Os gêmeos fizeram o mesmo. Só Matt parecia não estar surpreso com as palavras de Owen.

– Lobos não podem comer objetos solares – disse Ray, com o olhar já se voltando para a treva crescente. – Não é fisicamente possível.

Os Berserkers, que vinham seguindo os meninos e mantendo uma distância regular, se aproximaram dos descendentes do Norte. A maioria dos Berserkers contemplava o céu, mas alguns vigiavam a área em busca de perigos. A trupe de guerreiros acrobáticos de Owen não falava ou fazia nada. Eles apenas guardavam o grupo, seguindo-os como saltimbancos procurando encrenca.

Laurie abriu a mochila e tirou lanternas para todos. Ela as distribuiu, depois chegou mais perto de Matt e sussurrou:

– Estamos perdendo, não estamos? Não importa o que fizermos, não vamos impedir o Ragnarök.

– Errado! – retrucou Matt com firmeza. – Nós *não* vamos perder. Vamos encontrar um jeito.

Ela concordou com a cabeça. Tinha perdido o melhor amigo, e o céu estava ficando preto. As coisas não pareciam nem um pouco esperançosas.

– Vamos – decidiu Matt. – À Rapid City.

E todos o seguiram. Ninguém deu voz às dúvidas, mas Laurie suspeitava que os próprios medos eram correspondentes a outras incertezas do resto dos descendentes do Norte. Não importava o que fizessem, o Ragnarök chegaria. Eles estavam lutando contra o destino, tentando impedir um evento cataclísmico predito havia milênios. Era absurdo achar que poderiam realmente vencer.

QUATRO



MATT

"BLECAUTE"

Eles já estavam caminhando por Black Hills havia horas, na esperança de que estivessem rumando na direção de Rapid City. Finalmente, ao alcançarem o topo de uma crista, Matt viu o brilho de uma cidade abaixo. Estreitou os olhos para as trevas e avistou o ponto que estivera procurando.

– Lá está... – disse ele, apontando.

– Ah, estou vendo! – exclamou Baldwin. – A cara flutuante.

Era de fato um rosto entalhado na lateral de uma montanha. O Memorial Cavalo Louco. Era para ser um imenso monumento encravado na Montanha Thunderhead, mostrando Cavalo Louco em seu cavalo. Setenta anos após o início da construção, ainda era apenas um rosto em uma montanha. Havia muita controvérsia em torno do memorial, mas o importante era que Matt sabia exatamente onde estavam.

– Rapid City – concluiu ele com um floreio para as luzes abaixo.

– Sempre parávamos aqui a caminho de casa na volta do acampamento – contou Baldwin. – Tem uma barraca de sorvetes ótima à saída da autoestrada. Mas acho que não vamos tomar sorvete, né?

– Provavelmente não – respondeu Ray. – A não ser que seja servido por monstros.

– Isso seria bacana – comentou Baldwin. – Uma guerra de sorvete. Tipo uma luta de bolas de neve, só que com cinquenta sabores de munição. Diversão boa e segura. Ninguém nunca morreu de sorvete.

– A não ser que a pessoa tenha se afogado num tonel gigante – acrescentou Reyna. – Ou sido forçada a comer até sufocar. Ou...

– Você não é nada divertida, sabia? – disse Baldwin.

– Depende da sua definição de *diversão*. Além disso, a não ser que tenha visco no sorvete, você ficaria perfeitamente bem. – Baldwin era um descendente de Balder, então a única coisa capaz de matá-lo era visco. E esse o tinha matado, até eles o resgatarem de Hel.

Reyna e Baldwin continuaram a conversa enquanto caminhavam, com Ray participando conforme dava. Matt ficou quieto e fez o grupo avançar na direção de Rapid City.

Mesmo sem ter visto o Memorial Cavalo Louco, Matt saberia onde estava assim que cruzou a colina seguinte. Rapid City tinha por volta de setenta mil habitantes e era a segunda maior cidade do estado. Ele contemplou o brilho que se espalhava de...

As luzes se apagaram. Todas as luzes. Como se alguém tivesse apertado um interruptor. Matt piscou com força e esfregou os olhos.

– A cidade acabou de...? – começou Ray.

– Fazer puuf? – completou Reyna. – É o que parece. Uma falta de luz imensa. Quer dizer que perdemos nossa bússola, então se orientem agora.

Ela disse aquilo com muita calma. As luzes se apagaram. Nada de mais. Mas Reyna tinha razão. *Tinha* que ter uma explicação lógica. A cidade não fora engolida por uma cratera gigante enquanto a Serpente de Midgard irrompia pela crosta da Terra. Se isso houvesse acontecido, eles teriam ouvido os prédios desabando e as vítimas gritando e...

Matt engoliu em seco e segurou Mjölnir com mais força. Era só um blecaute. Como Reyna tinha dito, deveriam seguir em frente e não perder o destino de vista.

Porém, quando se aproximaram da cidade, ouviram gritos.

– Tem alguma coisa acontecendo – disse Baldwin.

– Hum, claro – disse Reyna. – O sol e a lua foram devorados por lobos gigantes.

Verdade. Ainda assim, Matt notou que, como ele, Reyna estava de olho aberto, procurando monstros enquanto passavam pelos limites da cidade. Dava para ouvir gente dentro das casas gritando e discutindo enquanto tentavam decidir o que fazer. Adiante, as ruas estavam cheias dos carros daqueles que haviam tentado fugir da cidade. Pessoas furiosas, berrando umas com as outras porque os carros não se moviam. Não estavam engavetados ou presos atrás de uma batida. Tinham simplesmente parado.

– Hum... – disse Baldwin. – Alguém vê um problema aqui? – Ele se virou para Reyna e acrescentou: – E não me diga que as luzes estão apagadas.

– A energia acabou – respondeu Reyna.

Baldwin revirou os olhos.

– Mesma coisa.

– Na verdade, não – disse Matt. – Ela quer dizer que *toda* a energia acabou. Os carros pararam. As baterias morreram. Não é uma simples falha elétrica.

Matt olhou para a estrada cheia de carros, caminhões e pessoas gritando, brigando e chorando. Era como uma cena de filme. O começo do apocalipse.

Porque é exatamente isso.

Seu estômago se revirou.

– O que poderia ter causado isso? – perguntou Baldwin.

– Talvez um pulso eletromagnético? – sugeriu Ray.

– Parece uma boa – disse Baldwin. – Bem, não uma *boa* para nós...

– Faz diferença a explicação técnica? – comentou Laurie. Eram as primeiras palavras dela desde o começo da caminhada. – É o Ragnarök. Não precisa de explicação.

Assim que o grupo seguiu em frente, um vulto veio correndo das trevas, fazendo Matt erguer o escudo e Mjölnir, mas era só um adolescente. O rapaz passou correndo, de olhos arregalados, como se nem os tivesse visto. Matt ficou olhando o adolescente correr desabalado em direção a uma estrada mais vazia sem ir a lugar nenhum, só correndo.

– Algum monstro perseguindo ele? – sussurrou Baldwin.

– Pânico, eu acho. – Matt segurou o amuleto e fechou os olhos para tentar captar vibrações que sugeririam o contrário. O amuleto continuou frio e imóvel. – Nenhum monstro por perto.

Mesmo enquanto dizia isso, Matt sentiu uma cosquinha na nuca, como uma voz que dizia: *Tem certeza?* Conforme caminhavam pela cidade, ele manteve o amuleto firme na mão livre, prestando atenção em busca de gritos ou berros de verdade, ou de qualquer som de terror ou dor absolutos. Ele só escutava os mesmos brados de raiva e confusão. O que significava nada de monstros.

Será mesmo?

Matt esfregou a nuca.

Owen aproximou-se dele.

– Confie nos seus instintos, Matt.

Matt olhou para ele.

Owen abriu um leve sorriso.

– Eu sei que você queria que eu fizesse mais, mas você está lidando muito bem com a situação. Você veio à Rapid City por um motivo. Agora tem que descobri-lo. Continue seguindo seu instinto.

Matt fez que sim com a cabeça. Tentou se concentrar naquela sensação, mas, assim que o fez, o estranho formigamento sumiu. Quando o grupo chegou a um cruzamento, em vez de seguir em frente, Matt parou e considerou as três opções, buscando mentalmente um sinal. Pisou em uma direção. Depois na outra. A sensação era exatamente a mesma.

– Assim que você diz a alguém para seguir os próprios instintos, isso já não é mais possível – disse Reyna a Owen. – Pelo menos não se a pessoa já analisa exageradamente cada passo e agoniza com cada decisão.

– Eu não faço isso – disse Matt.

Ray concordou lentamente, como se estivesse relutante em ser tão direto. Matt olhou para Baldwin, que afirmou:

– Talvez um pouco, às vezes. Mas é uma coisa boa. Caso contrário, você seria como o Thor dos mitos, trovejando batalha adentro e acabando com todos nós mortos. Bem, todo mundo menos eu.

– Matt – disse Laurie, chamando a atenção dele.

O menino se virou e Laurie foi andando em sua direção, baixando a voz.

– Você estava andando em linha reta, não é? Então continue fazendo isso até seu amuleto apitar ou você ter uma sensação forte de que está indo na direção errada. – Laurie se virou para Owen com uma expressão brincalhona de severidade. – E conselhos são bons, mas eles precisam ser mais concretos que "seguir os próprios instintos".

Owen parecia confuso, mas murmurou como se concordasse.

Matt voltou a andar. Em um dado momento, virou uma esquina; nem considerou as opções, só acompanhou os pés conforme seguiam por uma rua e depois outra. Nenhuma das pessoas locais deu a menor atenção a eles, o que parecia perfeitamente racional, dadas as circunstâncias... até que ele percebeu que caminhava pela rua com um escudo de madeira nas costas, um martelo na mão e uma gangue de garotos o seguindo.

Matt desacelerou o passo e olhou em volta. Eles estavam em uma rua mais tranquila, estreita e cercada de casas. Dava para ouvir gente discutindo em uma delas. Em outra, duas crianças menores brigavam no gramado. Matt seguiu na direção delas. Atrás dele, os outros ficaram na calçada, exceto Reyna, que seguiu seus passos, perguntando:

– O que você está fazendo?

Matt a ignorou e foi até as crianças.

– ... e você leu meu diário – dizia a menina. – Eu sei que leu!

Tinha uns doze anos; o menino, alguns a menos. Eles pareciam ser irmão e irmã.

– Ei, pessoal – chamou Matt. – Vocês podem me dizer...?

– Por que eu ia querer ler seu diário idiota? Ele só fala de meninos e *sentimentos* e programas de TV.

Matt pigarreou.

– Hum, pessoal?

– E como você ia saber disso se não tivesse lido?

– Ei! – exclamou Reyna, parando entre eles. – Dá um tempo, garotada. Precisamos falar com vocês.

– Eu não preciso ler para saber o que tem dentro – retrucou o menino. – São as mesmas coisas idiotas que você fala com suas amigas quando deveria ficar de minha babá.

O menino não se inclinou para se desviar de Reyna e gritar com a irmã. Ele simplesmente continuou falando como se não houvesse alguém no meio.

– Eles não nos veem – observou Matt. – Somos invisíveis.

Reyna pegou a mão da menina, levantou-a e a soltou. A menina continuou discutindo. Torceu o nariz do menino. Sem reação.

– Não somos só invisíveis, Matt. Eles não conseguem nos ver *nem* nos sentir. E estão brigando sobre coisas corriqueiras... no meio de uma droga de apocalipse.

Matt agarrou o amuleto. Ele ainda não oferecia nenhuma pista, e o rapaz soltou um silvo de frustração.

– Você estava andando – disse Reyna. – Você *decidiu* falar com essas crianças ou se sentiu *compelido* a isso?

– Eu estava me perguntando por que ninguém reagia a nós.

– Certo, então seu *instinto* ainda lhe dizia para seguir em frente. Ignore isto e faça aquilo.

Matt começou a se virar quando notou um homem idoso na janela observando as crianças. Matt pensou no avô. Não queria pensar nele; tinha feito um esforço imenso para evitar isso nesse último dia, mas ver um homem idoso trouxe tudo de volta.

Vovô me traiu. Ele nos traiu. Nossa família. Nossa cidade.

O avô dele liderava os monstros. Ele esperava que o Ragnarök acontecesse exatamente como nas velhas histórias. E também que Matt morresse.

Reyna fez a mão rodopiar, lançando névoa sobre as crianças.

– Ops, elas sumiram. Ah, que peninha. Acho que você vai ter que seguir andando, Matt.

– Eu não estava pensando nelas. Estava pensando...

– Não pense. Você precisa de toda a energia para lutar, ou fará alguma coisa burra, como usar uma chave de aiquidô num lobo.

– Hum, tenho certeza que *foi você* quem...

– Não, foi você. – Ela piscou para ele. – Eu reescrevi a cena. Você deu a chave no lobo. Eu salvei sua pele. Foi épico. Agora, de volta para a rua, ou eu chamo os Berserkers para carregarem você.

Quando o amuleto de Matt começou a vibrar, sinalizando a presença de monstros de verdade em Rapid City, foi quase um alívio. Ele se sentiu culpado em pensar assim, mas, de um jeito estranho, isso acalmou seus nervos. Agora os monstros seriam úteis, muito mais que qualquer outra coisa.

O amuleto zumbindo iluminou a trilha com luz de néon. Assim, Matt sabia quando estava chegando perto. Como uma vozinha dizendo *está quente, esquentando, esfriou, quente de novo...*

A trilha guiou Matt até o Journey Museum. Ele o havia visitado em uma excursão no ano passado. Achara o lugar fascinante. Cody e os outros amigos de Matt tinham quase morrido de tédio. O grupo talvez acabasse vendo um quarto das exposições sob insistência de Matt, o mínimo necessário para completar a tarefa. Depois Matt os levara em um passeio muito diferente, que explorava áreas marcadas claramente como ENTRADA PROIBIDA.

– Os monstros estão lá dentro? – perguntou Reyna quando pararam diante das portas da frente.

Matt começou a dizer *Acho que sim*, depois mudou para um simples "Sim". O amuleto e seu instinto lhe diziam que os monstros estavam lá dentro. O que o fez parecer indeciso.

– Não ouço nenhuma gritaria – observou Ray. – Se fossem coisas como aquela criatura no parque aquático, deveria ter gritaria.

– Talvez não tenha sobrado ninguém para gritar – comentou Reyna.

Matt olhou para ela.

– Que foi? – disse ela. – É verdade. Se bem que, se os monstros tivessem matado todo mundo, não estariam mais aqui, imagino. A não ser que estejam ocupados comendo... – Reyna se deteve então, e seu rosto pálido

ficou ainda mais branco. – Desculpa. Não, hum, tem nenhum monstro nórdico que... faça isso, certo?

Matt pensou em Nidhogg, uma serpente gigante que roía as raízes da árvore-mundo. Quando o Ragnarök chegasse, ela finalmente viria ao mundo e... Bem, não era chamada de "devoradora de corpos" à toa.

– Talvez os monstros estejam trancados lá dentro – sugeriu Baldwin. – Sem ninguém para comer.

– As portas *estão* trancadas – concordou Ray. – Mas eu estou escutando gente lá dentro. Por mais que não estejam gritando, não parecem exatamente felizes.

Matt ouviu uma garota suplicando. Como se implorasse pela própria vida.

– Se vocês vão entrar, alguém deveria ficar aqui fora – afirmou Ray. – Deixem que eu fico.

– O quê?! – exclamou Reyna. – De jeito nenhum.

Matt puxou a porta com toda a força. Ela não se mexeu.

– Espalhem-se – decidiu Laurie. – Procurem outra entrada.

Matt sacou o Mjölnir e atacou a porta de vidro, que se destroçou.

– Ou poderíamos fazer isso – disse Laurie.

Ray olhou para Matt.

– Da próxima vez você pode nos avisar? Para não ficarmos todos rasgados?

– O vidro estilhaça na direção oposta à força aplicada – explicou Matt, ao passar pela porta quebrada. – Então todos os cacos vão parar lá dentro.

Reyna se virou para Matt.

– Tem muita experiência em quebrar janelas?

– Não, aprendi na aula de ciências. Agora, cuidado onde pisa.

Matt saltou sobre o vidro quebrado e saiu correndo, passando pelos guichês de bilhetes abandonados e chegando ao salão principal. A garota estava lá. Tinha mais ou menos a idade do irmão dele, Josh, e vestia um uniforme de funcionária do museu.

– Por favor – disse ela. – Por favor, por favor, por favor. Foi sem querer. Eu era só uma criança. Foi um acidente. Eu não queria que nada lhe acontecesse.

– Hum, cadê o monstro? – sussurrou Baldwin.

A garota implorava para o ar. Lágrimas escorriam pelo seu rosto e ela balançava, como se os joelhos estivessem prestes a ceder. Antes que Matt pudesse segurá-la, a menina gritou e desabou no chão. Ele saltou para pegá-la e lhe disse que estava tudo bem, só que ela se afastou como um caranguejo, com olhos arregalados de terror enquanto encarava algo, ou alguém, que Matt não podia ver.

– Foi um engano – soluçava ela. – Por favor, acredite em mim. Eu nunca ia querer machucar você. Não quis machucar ninguém.

– São maras – anunciou Matt aos outros.

Ele olhou em volta atento, procurando as bruxas velhas e feias que eram personificações de pesadelos. E que os traziam também. Já tinham encontrado maras antes, na casa de Baldwin, logo depois de conhecerem o rapaz.

Era por isso que as luzes tinham se apagado. Para que as maras pudessem vir infectar todo mundo com pesadelos. Algumas pessoas haviam fugido, enquanto outras brigavam com os parentes ou vizinhos. Mas esses não eram realmente pesadelos, só medo e raiva irracionais. Pesadelos de verdade eram como aquele: a menina presa nos cantos mais sombrios da própria mente, imaginando que alguém que tivesse magoado voltaria em busca de vingança.

– As maras estão aqui no museu – afirmou Matt. – Este é o epicentro. O poder delas é emitido, então lá fora não está tão ruim.

– Não gostei muito das maras – comentou Reyna. – Preferia os trolls.

Matt concordava. Trolls eram reais. Grandes pedregulhos quase impossíveis de enfrentar, porém ainda sólidos. Pesadelos eram completamente diferentes.

– Nós já as vencemos antes – disse Matt. – Conseguimos lidar com elas. Owen?

O menino mais velho olhou para ele.

– Você pode mandar seus Berserkers lá fora para caçar maras e pessoas em perigo?

– Posso.

Quando Owen saiu para falar com seus soldados, Matt continuou:

– Vamos todos ficar juntos e ver o que podemos fazer para garantir que ninguém seja afetado.



Ao caminhar pelo salão de exposição, Matt ficou espantado com a dificuldade muito maior de fazer qualquer coisa em uma ausência quase absoluta de luz. Para começar, não dava para ver os dinossauros até esbarrar nos ossos de suas pernas e os esqueletos quase caírem em sua cabeça. Além disso, planos de "ficar todos juntos" não davam lá tão certo.

Eles tinham perdido Laurie, Baldwin e Owen no lobby. Quando começaram a exploração, Matt pensou em pedir a todos que segurassem a camisa da pessoa à frente. Mas eles sentiriam que Matt os estava tratando como criancinhas. Agora ele desejava ter dado a ordem independentemente da opinião deles, porque em algum momento antes de partirem do lobby metade do "trem" já tinha descarrilhado. Quando chegaram à área de

paleontologia, Matt fez uma pergunta a Laurie, que não respondeu. Foi aí que ele percebeu que ela havia sumido. Junto com Owen e Baldwin.

Ele também não poderia culpar Reyna e Ray. Ainda que os dois estivessem caminhando diante de Laurie, estavam concentrados na própria magia, tentando enfraquecer as maras quando assumiam a forma física, mudando de fumaça para velhas horríveis com poços negros no lugar dos olhos.

Agora, enquanto Matt seguia de volta na direção do lobby, sussurrava o nome de Laurie. Não ousava chamá-la em voz alta por medo de atrair as maras. Dava para ouvir o resultado do trabalho das bruxas nas profundezas do museu: pessoas tagarelando, implorando e chorando.

– Temos que alcançá-los, Matt – afirmou Ray.

– Eu sei. – Matt estreitou os olhos, procurando qualquer sinal dos outros descendentes. – Vocês seguem em frente. Eu os alcanço assim que...

– Não, senhor – retrucou Reyna. – Já vimos como as maras operam. Ninguém vai a lugar nenhum sozinho. Mas Ray tem razão. Acho que estamos conseguindo enfraquecê-las para valer desta vez, e quanto mais tempo passarmos caçando os outros, menos tempo passaremos detendo as maras e ajudando as pessoas. Laurie dá conta. Você sabe que sim.

Matt hesitou, e depois sussurrou:

– Certo. Sigam atrás de mim. E segurem minha camisa. Não vou perder mais ninguém.



Eles enfraqueceram algumas das maras e libertaram as pessoas que elas aterrorizavam. Bem, *libertaram* pode não ser a palavra exata. Eles tiveram que deixar essas pessoas onde estavam, atordoadas e confusas, ainda

tremendo de seus pesadelos, enquanto Matt, Ray e Reyna saíam correndo para ajudar a próxima vítima.

Matt torceu o tempo todo para que eles esbarrassem nos outros. Quando avistou uma menina loira adiante, saiu correndo tão rápido que Ray e Reyna tiveram que gritar para que ele esperasse. Ao se aproximar, porém, viu que não era Laurie. Era baixa demais. Parecia mais jovem que eles, talvez uns sete anos de idade, com cabelos pálidos e olhos azuis brilhantes. Trajava um vestidinho azul e estava descalça, exatamente como em Blackwell, quando levou Matt até o Centro Comunitário para ouvir os verdadeiros planos do avô.

– Matthew Thorsen – disse ela. – Você está aqui.

– Amiga sua? – sussurrou Reyna.

– Esta é uma das Nornes – explicou Matt. – É Presente. Não sei... – Ele contemplou a menininha. – Você tem nome?

Ela sorriu beatificamente, daquele seu jeito levemente fora de foco e surreal, como alguém perfeitamente feliz no momento, sem arrependimentos passados ou preocupações futuras. O que fazia perfeito sentido, no fim das contas.

– Eu preciso de um? – perguntou ela.

– Acho que não. – Matt olhou em volta. – Suas irmãs estão aqui?

– Não agora.

– Você quer dizer que elas estão vindo? – perguntou Reyna. – Ou que acabaram de sair?

– Não pergunte isso – sussurrou Matt. – Ela só conhece o presente.

– É sério?

– Deve ser complicado conversar assim – observou Ray.

– Nem me diga – murmurou Matt, que depois se virou para a Norne. – Espero que você esteja aqui me procurando. Que você tenha alguma coisa

para me dizer. Talvez uma pista sobre o que eu devo fazer em seguida.

– Esse seria o domínio de Futuro.

Matt estremeceu.

– Certo. Tudo bem, hum...

– Deixe-me tentar – sussurrou Ray. – Você está aqui procurando Matt?

A menina sorriu.

– Procurando todos vocês. Mas especialmente Matt. Ele está confuso a respeito de seu caminho. Viemos guiá-lo.

– Ótimo – disse Matt, suspirando.

– Você pode lhe dizer o que deveria fazer? – perguntou Ray. – Quero dizer, *deve* fazer. Agora.

– Ele deve falar com Futuro.

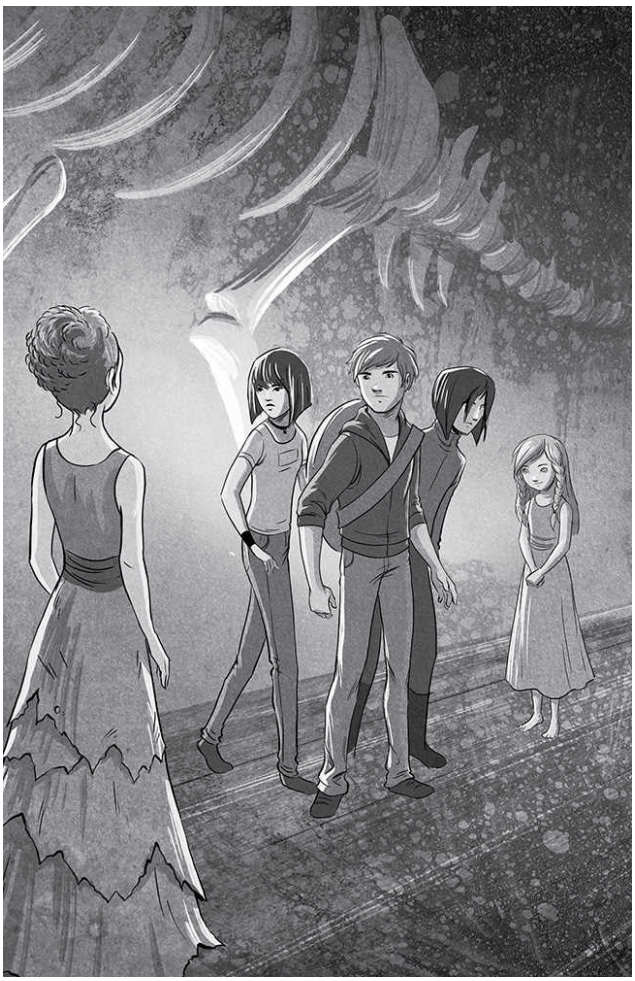
– Certo – disse Ray. – Cadê ela?

– Atrás de você.

Matt se virou e viu uma garota que parecia ter a idade do irmão dele, dezesseis ou dezessete anos. Ela vestia uma saia rústica, como uma mulher viking, e os cabelos loiros estavam arrumados em um amontoado de pequenas tranças na cabeça. Ela se virou e, vendo Matt, sorriu.

– Perfeito – disse Ray, se virando rapidamente para Presente. – Agora, não vá a lugar nenhum. Neste momento, não se mexa, e continue sem se mexer enquanto falamos com vocês duas. Você pode fazer isso?

– Eu posso, Raymond – disse Presente.



Ray se virou para Futuro.

– Matt precisa saber o que fazer em seguida. Obviamente estamos rumando para o Ragnarök, mas não sabemos onde vai ser ou o que precisamos encontrar antes de chegarmos lá.

Presente respondeu:

– Vocês têm tudo de que precisam.

– Então do que *vamos* precisar? No futuro. Para a batalha.

– Nada mais – respondeu Futuro. – Exceto saber aonde ir.

– O campo de batalha – comentou Matt. – Então... ele fica perto? Não ouvi Gullinkambi cantar.

– Quando o galo vai cantar? – perguntou Ray, colocando como uma pergunta para Futuro.

– Logo – disse ela. – Quando estiver pronto, você ouvirá o galo cantar e terá que ir ao campo de batalha.

– Perfeito – disse Matt. – Agora, onde fica o campo de batalha?

As duas Nornes se entreolharam.

– Nós não sabemos – disseram elas em uníssono.

– Porque ele fica no passado? – sugeriu Matt. – Não, não pode ser. – Ele olhou para Ray.

– Você deveria saber – afirmou Ray, virando-se para a garota mais velha. – A batalha acontecerá no futuro, então você tem que saber onde será.

– Eu não sei.

O pânico se aninhou no estômago de Matt.

– Isso significa que não terá batalha? Nós não chegaremos tão longe?

– Chegarão, sim – disse Futuro.

– Espera, então isso quer dizer que não haverá batalha porque conseguiremos evitá-la?

– Ela não pode ser evitada. Para encontrar o campo de batalha, terão que encontrar aquele que conhece as regras de combate.

– E essa pessoa não é você. Certo, então, quem está encarregado da batalha? O, hum, juiz ou coisa assim.

– Somos nós mesmas – disseram as Nornes em uníssono.

Matt grunhiu e olhou para Reyna.

– Não olhe para mim – disse ela. – Estou mais perdida que você. Ray?

O irmão balançou a cabeça.

– Desculpa, mas eu também não entendi. Mas deixem-me tentar. – Ele se virou para Futuro. – Você e suas irmãs estão encarregadas da batalha por vir. Correto?

– Sim e não. As regras já existem desde a aurora dos tempos. Passado sabe quais são elas, mas não pode lhes dizer, pois isso poderia lhes dar uma vantagem, e esse não é nosso papel. Nosso papel é somente garantir o cumprimento das regras conforme determinadas para os dois lados.

– Então quem conhece essas regras? – perguntou Matt.

Ray se virou para Presente.

– Quem sabe as regras atualmente? – Depois para Futuro: – E essa pessoa as explicará? Você pode nos dizer isso?

Futuro fez que sim com a cabeça.

– Podemos lhes dizer o seguinte: busque as respostas com sua família, Matthew.

– E por família... – disse Matt lentamente. – Você não quer dizer meu avô, certo? Porque ele não vai me ajudar.

– Ele pode ajudar ou não. O futuro ainda não está definido, então não podemos lhe dizer o que virá.

– Mas a pessoa que sabe, ela é um parente meu, mas não é meu avô. Certo?

– Seu avô sabe – disse Presente. – Porém, não sabe. Ele compreende as regras, mas não sabe o local da batalha.

– Alguém tem uma aspirina? – murmurou Reyna.

Matt tentou de novo, com tanta paciência quanto possível.

– Presentemente, porém, um membro da família Thorsen que não é meu avô sabe, e eu posso perguntar a ele ou ela.

– Sim.

– É a minha...?

– Isso é tudo que podemos dizer – disseram as Nornes em uníssono. E desapareceram.

CINCO



LAURIE

"ENCARANDO MEDOS"

Perder o resto do grupo de vista não assustou Laurie tanto quanto teria antes da viagem a Hel. Laurie não gostava de dividir o grupo, mas aquela não era a primeira vez que encarava as maras, então sabia que ia ficar tudo bem. Eles já tinham enfrentado esses monstros antes, na casa de Baldwin, na noite anterior à morte dela. Infelizmente, era mais assustador sem Fen a seu lado. *Tudo* era mais amedrontador sem Fen.

Laurie não tinha percebido o quanto contava com Fen e Matt a seu lado. Os três haviam virado uma equipe, e ela não sabia muito bem como enfrentar os monstros sozinha; não que estivesse realmente só. Os Berserkers, Matt e os gêmeos ainda estavam em algum lugar do museu, e ela ainda tinha Owen e Baldwin a seu lado. Somente Fen fora embora de verdade.

– Por aqui – murmurou Owen, pegando seu braço e a puxando pelo lobby para adentrarem o museu mais a fundo. – Cuidado com os lobos. Eles estão por toda parte.

– Lobos? – Laurie olhou para ele e viu os olhos vidrados de alguém tentando não ser levado pelas coisas *irreais* que via. – Eles são falsos, Owen. O que quer que você esteja vendo é falso. São as maras.

Owen concordou com a cabeça.

– Os Berserkers estão protegendo as pessoas. Eu tenho que proteger você.

As palavras dele não estavam erradas, mas também não exatamente *certas*. Owen ajudara Laurie a aprender como usar o arco e tinha resgatado os gêmeos. Ele geralmente não era o tipo de pessoa que ficava pairando em volta dela assim. Não poder mais ver o futuro aparentava ter deixado o representante de Odin meio perdido. Perto de Matt e dos outros, Owen ainda parecia tentar soar como si mesmo. Com ela, ele ficava mais... vulnerável.

– Eles vão levar meu outro olho – sussurrou ele. – Eles podem levar seus olhos também. Temos que nos esconder dos lobos.

– Foco. – Laurie lhe deu um tapinha no rosto. – Foque em mim, Owen. Não tem nenhum lobo. Só tem maras aqui. Elas estão criando pesadelos dos seus medos.

– Shhh! Os gêmeos estão com Matt, então somos só nós sem mágica para ajudar.

Baldwin estava ao lado de Laurie, então, à esquerda da menina, e ela, entre os dois garotos. Andar assim um ao lado do outro não era um bom plano, no entanto. Fazia deles um alvo grande demais. Também tornava mais fácil esbarrarem em obstáculos e deixava Laurie sem as mãos livres.

Laurie deu a mão a Baldwin e depois ordenou:

– Vamos andar em fila. Segure Owen e não o solte.

– Peguei – sussurrou Baldwin. – Vamos em frente.

Laurie manteve a lanterna debaixo da camisa para diminuir a luminosidade. Ela queria evitar que eles fossem vistos, mas não podia ficar totalmente sem luz. Quando a energia acaba completamente, o mundo fica *muito* escuro, especialmente quando o sol e a lua desaparecem do céu sem deixar rastros. Ele estava negro, e todas as luzes apagadas. Não havia nada além de trevas.

Eu consigo.

Poderia ser mentira, mas Fen não estava lá. Matt estava em outro lugar. Ela não tinha muitas opções. Teria que liderá-los.

Como se as trevas já não fossem assustadoras o bastante, havia monstros esperando na escuridão por todos os lados. Laurie não tinha certeza, mas parecia muito provável que as maras pudessem enxergar melhor sem luz do que os humanos. Eram criaturas de pesadelos, e pesadelos acontecem à noite. Então Laurie levaria os outros a um lugar mais seguro do que ali no lobby, e lá eles descobririam o que fazer em seguida. Com sorte, reencontrariam Matt e os gêmeos.

Laurie levou Baldwin e Owen mais para dentro do museu, mas não encontraram nenhum dos outros. Só monstros. Ela ouviu rosnados um instante antes que Baldwin a fizesse parar.

– Fen? – perguntou Baldwin.

– Saqueadores! – Owen deu um passo à frente, de modo que os três ficaram aglomerados.

E ali, diante dela, estava Fen. O menino segurava algum tipo de lampião, a poucos passos de distância. Ele se encontrava aqui! Todos os outros estavam errados. Laurie sabia! Porém, mesmo enquanto sorria, ela percebeu que havia algo de errado. Fen não tinha ido ajudá-la. Não estava explicando o que Matt vira na floresta. Em vez disso, ficava ali parado com Skull e Hattie a seu lado. Hattie estava de mãos dadas com ele, e Skull sorria para Laurie e os outros.

– Como você se sente? – perguntou Skull.

– O quê? – respondeu Laurie, rouca.

– Em saber que Fen estava trabalhando para nós há quase dois anos – explicou Hattie. – Sabíamos que o Ragnarök estava chegando. Ele foi nosso espião. Abandonou você.

– Eu teria te salvado, mas você não merece ser salva. – Fen exibiu os dentes para Laurie. – Você não achou que eu ainda gostaria de você depois de sua mentira, não é?

– Eu não menti. – Laurie tentou dar um passo à frente, mas alguém agarrou seu braço. A menina largou a lanterna tentando se livrar da pessoa que a segurava.

– Você não me contou sobre Owen. Você guardou segredos de mim. – Fen a observava.

– Desculpa por eu não ter lhe contado tudo, mas isso não quer dizer que você deveria ajudar *eles*. – Laurie tentou pegar a lanterna, mas ela havia desaparecido. A luz ainda brilhava em Fen, que agora vinha em sua direção. Conforme Fen se aproximava, Laurie notou que o braço dele estava com marcas de dentes. Alguém, provavelmente um dos lobos, o atacara. Os braços do menino agora sangravam.

– Você não entende. Você não é como eu. – Fen balançou a cabeça. – Eu esperava que você fosse um lobo também, mas você não é. Foi por isso que eu tive que partir, na realidade. Você não vai sobreviver à batalha, então não vou mais perder tempo tentando ajudá-la. Se você fosse um lobo, poderia se juntar a mim, mas só o *wulfenkind* sobreviverá ao Ragnarök. Você vai morrer. – Ele inclinou a cabeça na direção de Baldwin e Owen. – Eles também. É um desperdício se preocupar em resgatar qualquer um dos dois quando vão morrer em breve, de qualquer maneira. Você era fraca, e estava tentando *me* fazer fraco, também.

– Não – insistiu ela. – Você escute o que eu digo, Fenrir Brekke. Eu não menti, e o mundo não vai acabar. Nós podemos vencer. Você pode voltar comigo, e nós venceremos.

Hattie e Skull riram. Eles gargalharam tanto que pareciam tremer, como se estivessem prestes a cair. Laurie percebeu que ela também estava

tremendo. E não era de rir, mas porque o chão vibrava.

– Tem alguma coisa errada – disse ela a todos. – Tem alguma coisa muito errada.

Ninguém lhe deu atenção, porém, e as vibrações do piso tornavam difícil ficar em pé. Terremotos não eram típicos em Dakota do Sul, ao contrário de tornados, mas estes não explicariam por que o piso do museu chacoalhava.

– Prestem atenção! – gritou ela.

Skull e Hattie continuavam rindo, e Fen a encarava com raiva. Laurie observou o salão surpreendentemente bem iluminado a seu redor. Era estranho que ela pudesse enxergar quando tudo estava tão escuro havia poucos momentos.

Antes que pudesse entender o motivo da claridade, Laurie viu os trolls correndo na direção deles. Trolls gigantes, um exército inteiro deles correndo tão rápido que só levaria um momento para que pisoteassem os Saqueadores.

– Fen! – gritou Laurie. – Cuidado!

Mas o troll agarrou seu primo com uma das mãos, e esta já estava se transformando em pedra ainda que obviamente o sol *não* estivesse nascendo, e Fen foi erguido no ar. As pernas dele penduradas, chutando o nada, e os dois Saqueadores riam. Ele estava sendo esmagado por um troll, e os Saqueadores *gargalhavam*.

– A culpa é sua – acusou-a Hattie. – Você mentiu para ele, e agora ele está morrendo.

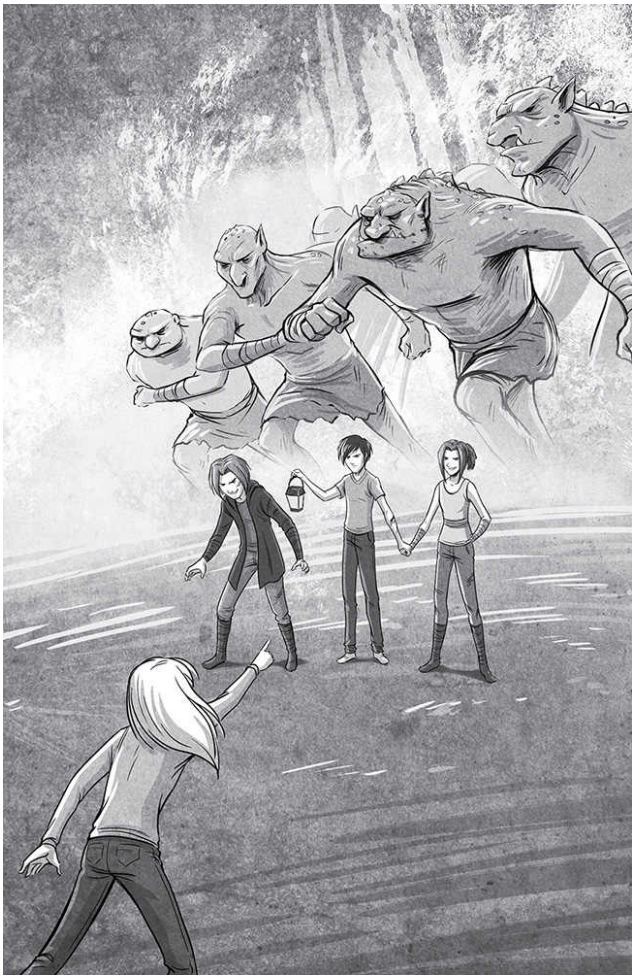
– Não! – Laurie começou a correr na direção do primo, mas, em um instante, foi puxada para trás pelos dois braços. Fen, o troll e os dois Saqueadores desapareceram. Tudo ficou escuro de novo, como se a luz que ela vira por toda a volta deles tivesse sido desligada. De repente, ela estava

parada diante da oca Lakota no centro do salão, com Baldwin e Owen ao lado.

– Como... Onde... O que aconteceu com Fen? E o troll? – Laurie olhou em volta pelo aposento. A luz que vira um momento antes tinha sumido. – A luz foi embora...

– Maras – disse Baldwin, baixinho. – Lembra? O que quer que você tenha visto não era real. Nada de Fen. Nada de luz. Nada de trolls.

– Era como se você estivesse dormindo, mas em pé. – Owen lhe deu um empurrãozinho na direção da oca, e por mais que ela não quisesse se afastar do ponto onde pensava ter visto Fen, sabia que era necessário. Fen não estava ali de verdade. Aqueles eram seus medos. Tinha parecido bem real, mas o primo de Laurie não estava lá. Tudo aquilo foi um pesadelo acordado causado por monstros.



– Eu deveria saber disso – sussurrou ela.

Baldwin a abraçou.

– Você está preocupada com Fen. As maras se aproveitaram disso.

Owen lhe entregou a lanterna, e os três entraram na oca. Era um dos lugares favoritos de Laurie no museu. No ano anterior, ela e Fen tinham ido ali escutar um contador de histórias da tribo Lakota. Eles ouviram uma lenda sobre *Inktomi*, o aranha. Ele era um trapaceiro e podia tomar a forma de um homem ou um lobo. Laurie não sabia que Fen era capaz de mudar de forma, nem que o pai tinha o mesmo poder. *Inktomi* se parecia muito com Loki, seu ancestral morto, então não foi nenhuma surpresa que Fen tivesse amado a narrativa. Depois que o contador de histórias terminou, Fen estava feliz e risonho, e concordou com Laurie que o Journey era um museu incrível.

– Espero que você esteja bem, onde quer que esteja – sussurrou Laurie, deixando a mão tocar a oca. Então a menina respirou fundo e se virou para os descendentes do Norte que ainda estavam com ela. – Certo. Podemos avançar pelas próximas salas. Se virmos algum pesadelo maluco, chacoalhamos uns aos outros para nos libertarmos. Quando encontrarmos Matt, caímos fora daqui. Nós três não temos como vencer as maras, então só estamos aqui para libertar os humanos que acharmos. Se não houver nenhum, saímos com um portal.

Os meninos concordaram com a cabeça, e o trio saiu andando pelo museu procurando pessoas presas no prédio com os monstros. Em um canto da exposição dos pioneiros, ao lado de uma velha boneca assustadora em um mostruário, eles encontraram uma família encolhida junta e tremendo. Laurie não queria saber se a boneca era parte do pesadelo deles, mas pelo jeito que a encaravam ela não ficaria surpresa. Baldwin e Owen puxaram as

três pessoas para que se levantassem, chacoalharam-nas para que se libertassem, e então o grupinho seguiu em frente.

Depois de alguns minutos, encontraram um funcionário do museu enfrentando invasores invisíveis e o libertaram também. Ele tinha quebrado vários mostruários da exposição de geologia e estava usando as pedras para bater em inimigos invisíveis. Uma vez livre dos pesadelos, olhou em volta com olhos arregalados.

– Você está bem – prometeu Laurie. – Eles se foram.

O homem concordou com a cabeça, mas não disse nada. Ela suspeitava que era assim que todos os descendentes tinham ficado da primeira vez que enfrentaram criaturas que não deveriam existir. Laurie sabia que era como tinha se sentido da primeira vez que vira um troll.

– Estamos aqui para ajudar – disse Owen calmamente.

– Isso aí que ele disse – acrescentou Baldwin.

Não era muita coisa salvar um mero punhado de pessoas quando o mundo lá fora estava mergulhado no caos, mas era uma sensação legal. Como se eles estivessem fazendo uma coisa certa, solidária. Pelo menos, fazia Laurie se sentir melhor.

Quando se depararam com os Berserkers, entregaram-lhes as pessoas para que fossem escoltadas para fora do prédio, depois continuaram procurando os amigos perdidos ou mais pessoas presas.

– Estamos juntando todo mundo no lobby – disse um dos lutadores acrobáticos. – E os estamos protegendo.

Owen murmurou alguma coisa em aprovação, e então ele e Baldwin continuaram seguindo Laurie. Não havia mais nenhum visitante nas salas seguintes do museu, então Laurie supôs que os Berserkers tinham feito a parte deles em resgatar todo mundo. Só restaram Matt e os gêmeos.

– Talvez eles também estejam no lobby – sugeriu Baldwin quando Laurie comentou a ausência deles.

– Os Berserkers teriam nos dito – observou Owen.

Os três continuaram avançando até chegar a um auditório. Lá dentro, os gêmeos terminavam algum tipo de feitiço. O menino e a menina estavam de mãos dadas, com Matt ao lado, de martelo e escudo em mãos, como se fosse o segurança dos dois.

Assim que as maras desapareceram da existência, de volta a onde quer que criaturas de pesadelo ficassem, os gêmeos desabaram no chão, parecendo prestes a desmaiar de exaustão.

– Vocês estão bem? – perguntou Matt.

Laurie fez que sim com a cabeça.

– Recolhemos algumas pessoas e os Berserkers as levaram para o lobby. E vocês?

– Cansados – respondeu Reyna.

– Mas seguros – acrescentou Ray com um sorriso.

Ficaram ali parados em silêncio por um momento, até que Matt disse:

– O prédio está limpo agora. Será um lugar seguro para quem precisar.

– Mas não para nós – acrescentou Baldwin rapidamente. – Não vamos ficar aqui, certo?

Laurie quase riu da expressão na cara dele. Baldwin adorava aventura, e nem mesmo os monstros mais assustadores pareciam capazes de detê-lo por muito tempo. Essa atitude fazia Laurie se lembrar de Fen. Ela afastou o pensamento rapidamente. Não ia desistir do primo, mas agora era hora de se concentrar na situação presente.

– Matt? – chamou Laurie. – Qual é o plano?

– Temos que voltar a Blackwell – respondeu Matt. Ele resumiu com rapidez a conversa com as Nornes e acrescentou: – Se vou procurar parentes

com quem conversar, tenho que começar por lá.

– Quero falar com a minha família e ver se eles tiveram notícias de Fen – disse Laurie.

– Certo. Laurie e eu vamos para Blackwell, então – afirmou Matt.

– Ray e eu deveríamos ir também – comentou Reyna. – Eu fico de olho em Matt, e Ray pode cuidar de Laurie.

A verdade era que Ray era a última pessoa que Laurie teria escolhido como reforço. Era mais fácil quando Fen estava com eles. Assim, nunca havia dúvidas de quem cuidaria dela. Ray não era um cara ruim, mas não era um lutador. Parecia gente boa, mas se contentava em ficar na dele. No fundo, Laurie ficaria por conta própria.

– Owen e Baldwin, vocês podem cuidar do caos que restar por aqui – sugeriu Matt.

– Com certeza – respondeu Baldwin.

– Na verdade, os Berserkers podem cuidar disso – observou Owen, diplomaticamente. – Baldwin e eu podemos ir com vocês.

– Com certeza – repetiu Baldwin.

Laurie abriu um sorriso agradecido para Owen e disse a Matt:

– É uma boa ideia. Ray e Reyna podem ficar juntos com você, Matt, e Baldwin e Owen podem vir comigo.

– Ótimo – disse Matt. – Laurie, você poderia abrir um portal para Blackwell?

– É pra já – disse Laurie. Depois, virou-se para Owen e sussurrou: – Obrigada.

Ele meneou a cabeça, mas não disse nada.

Então, Laurie respirou fundo algumas vezes para se acalmar, tentando encontrar a paz necessária para abrir um portal. Começar a abrir um portal era como puxar um chiclete do meio do corpo. Havia uma estranha

sensação de esticamento que começava assim que ela localizava a energia dentro de si, que depois se tornaria a abertura no ar. Laurie juntou as mãos, depois lenta e ritmadamente as separou. Nesse instante, a sensação do chiclete dentro de seu corpo estava entre os dedos também. No espaço entre as mãos, o ar tremeluziu como se houvesse algo quase líquido e arrepiado ali. Alargou-se conforme Laurie separou mais as mãos e, por fim, andou para o lado.

A sensação de abrir uma passagem ainda era desconfortável, ainda que estivesse ali flutuando. Laurie sabia o que esperar, o que tornava mais fácil a sensação estranha de ser virada do avesso toda vez que fazia aquilo. Ela ainda não *gostava* da experiência, mas era a forma mais rápida de ir do museu escurecido à cidade natal deles.

– Vamos lá – incentivou ela.

Baldwin mergulhou pelo portal sem pensar. Os gêmeos deram as mãos e entraram na passagem com o tipo de graciosidade que fazia com que parecessem mais sobrenaturais do que ela jamais se sentiu, mesmo logo depois de abrir um portal mágico. Owen foi em seguida. Então, assim que Matt passou, Laurie entrou no portal.

– Vamos nos encontrar no navio viking em duas horas, no máximo – disse Matt quando estavam todos juntos em Blackwell. Em seguida, ele e os gêmeos foram embora.

Laurie estava com Baldwin e Owen diante do Centro Comunitário e Recreativo Thorsen. O céu se achava escuro ali também, e Laurie só poderia torcer para que os Saqueadores ou trolls tivessem tanta dificuldade quanto ela para enxergar no escuro.

– Sigam-me – disse ela a Baldwin e Owen, e juntos eles partiram pelas ruas escuras como breu da cidade.

SEIS



MATT

"AMOR FRATERNAL"

De volta a Blackwell. O último lugar no planeta onde Matt queria estar. De certa forma, lutar na batalha final do Ragnarök parecia mais fácil que encarar os pais.

– Então, qual é o lance com sua família? – perguntou Reyna, enquanto eles contornavam os subúrbios da cidade a caminho do bairro de Matt.

Ele encolheu os ombros e não disse nada.

– Eles acham que está *tudo bem* com essa coisa de apocalipse?

Ele encolheu os ombros outra vez.

– Ela não está bisbilhotando, Matt – comentou Ray. – Vai ser útil se nós soubermos o que estamos enfrentando aqui.

– Não estamos *enfrentando* nada – retrucou Matt. – É a minha família. Eu cuido disso. Vocês só precisam ficar de vigia para o caso de aparecer algum problema.

– E se o problema vier deles? – perguntou Reyna.

– Minha família nunca...

Ele parou. Tinha pensado a mesma coisa sobre o avô um dia.

– Deixem comigo – disse ele. – Aconteça o que acontecer.

– Estaremos do lado de fora, bem perto – disse Ray. – Se tiver qualquer problema, grite.

Depois de mais alguns passos, Reyna chegou a seu lado e baixou a voz ao dizer:

– Você não precisa lidar com isso sozinho, Matt.

– Preciso – disse ele. – Preciso, sim.



Voltar a Blackwell era muito mais fácil no escuro. Havia eletricidade aqui. Qualquer que fosse o plano dos monstros, claramente não iriam atacar a cidade governada pelo líder deles.

Ainda havia apenas poucas luzes. Todos os Thorsen sabiam o que estava acontecendo, e por isso eles não entrariam em pânico e acenderiam todas as luzes para afastar as trevas. Isso era uma bênção conforme o trio se esgueirava pelos quintais, com Matt voltando para casa.

Seu lar.

Dava para vê-lo logo adiante. Só uma casa comum em uma rua de casas comuns. Lá dentro ficava o quarto dele. Com uma cama, roupas limpas, um iPod e um laptop, e todas as coisas às quais ele nunca dera valor. Há uma semana, Matt quisera entrar escondido para dormir em um colchão de verdade, tomar um banho quente e vestir roupas limpas. Teria sonhado com voltar à escola. Sim, à escola. Onde ele entendia o que era esperado dele. Onde sabia que se daria bem com o esforço necessário. Onde era normal, como um milhão de outros garotos. Não o menino de treze anos mais inteligente. Não o mais atlético ou o mais popular. Mas inteligente, atlético e popular o bastante para que ninguém o incomodasse, e alguns até o admirassem. Uma vida boa para um garoto. Uma vida muito, muito boa.

Agora, olhando a própria casa, Matt não era capaz de imaginar aquela vida. Não conseguia ver um momento em que ele estaria de volta a seu quarto, tentando dormir e se preocupando com o próximo projeto da feira de ciências.

Se ele derrotasse a Serpente de Midgard, será que as coisas voltariam ao normal? Será que *ele* voltaria ao normal? Será que ele *poderia*?

– É essa aqui? – perguntou Reyna, e Matt percebeu que estava no quintal do vizinho, empoleirado na cerca, encarando a própria casa.

– Essa mesmo. Não é bem que nem a sua, né? – Matt tinha visto a casa de Ray e Reyna. Cabiam cinco casas iguais à dele dentro dela.

– É tão... – começou Reyna.

– Pequena? – disse Matt.

– Eu ia dizer normal.

Matt engoliu uma risada, e Reyna lhe lançou um olhar de lado, sem entender a piada. Ele balançou a cabeça e pulou a cerca. Assim que seus pés tocaram o chão, ouviu Reyna gritar, e subitamente ele não estava mais tocando o chão. Estava voando.

Mjölnir caiu de sua mão e acertou o chão com um baque. Matt bateu no chão em seguida, de cara. Tentou se levantar rapidamente, mas alguém pisou em suas costas.

O ar foi expulso de seus pulmões. Ray gritou. Matt girou para ver os gêmeos correndo em sua direção. Então, quem quer que o tivesse prendido pegou Ray pelo braço e o jogou para o lado. Reyna estava correndo para ajudar Matt, mas, ao ver o irmão voando, partiu na direção dele.

– Mande seus amigos recuarem, Matt – disse uma voz acima dele. – *Agora*.

Era uma voz que Matt conhecia muito bem. Jake. Seu irmão.

Antes de aquilo tudo começar, Matt teria dito que a pessoa com quem ele se dava melhor na família era Josh, o outro irmão. Matt tinha um relacionamento razoavelmente decente com os pais. Eles estavam decepcionados com ele, sempre estiveram, mas o amavam. Mas Jake? Jake mal o tolerava. Para ele, Matt era um fracassado. Uma vergonha.

– Está tudo bem, pessoal – disse Matt. – É o meu irmão.

– Eu já tinha entendido isso – disse Reyna. – E não dou a mínima. Ou ele solta você na contagem até cinco ou...

Jake pegou Matt pelo colarinho e o ergueu no ar.

– Melhor assim?

– Posso bater nele agora? – perguntou Reyna.

– Você realmente acha que pode me machucar, garotinha? – Jake se levantou para exibir toda a altura, mostrando que Reyna batia no ombro dele.

– Depende de onde eu acertar você. Agora deixa ele...

Jake jogou Matt no chão, fazendo com que seu queixo batesse forte o bastante para morder a língua. Matt estremeceu, os olhos lacrimejando com a dor. Então se levantou lentamente, de costas para todo mundo, para que Jake não visse que ele estava chorando.

– Matt? – disse Reyna. – Lembra quando eu disse que você tinha que ser menos bonzinho? Então, se é assim que você ficaria, pode esquecer o que eu disse. Bonzinho é legal.

Ela foi até o menino enquanto ele tirava a sujeira de si, ainda de costas para Jake. Então o irmão agarrou o escudo, arrancando-o com tanta força que Matt quase caiu de novo.

– Ei! – exclamou Reyna, virando-se para Jake. – Dá para você parar de ser um idiota por dois segundos? Não sei qual é o seu problema, mas Matt veio...

– Veio fazer o quê? Roubar mais alguma coisa?

Matt se virou e deu de cara com Jake segurando o escudo.

– Eu não deveria estar surpreso de você ter roubado isso aqui depois de tudo o que fez – disse Jake –, mas eu ainda achava que você era melhor que isso, Matt.

– Não – respondeu Matt, com a maior calma possível. – O que quer que você ache que eu fiz, tenho certeza que era exatamente o que você esperava. Inclusive, tenho certeza de que você está meio feliz com a coisa toda. Agora todo mundo pode ver como sou um perdedor.

Jake fez uma careta.

– O quê?



– Deixa pra lá. Não sei o que o vovô lhe disse...

– Vovô não me disse nada. Não, espera. Ele nos disse que isto não é o que parece. Que você não abandonou suas responsabilidades como Campeão de Thor, fugiu para se esconder e deixou o resto de nós assistindo ao fim do mundo chegar sem nenhum jeito de impedi-lo.

– É isso o que você pensa? – perguntou Reyna. – Sério?

– É isso que eles esperam – disse Matt.

– Então, eles não sabem nada sobre você.

Jake se virou para a menina, com o escudo ainda em mãos.

– Não sei quem é você, mas fique fora disso. – Ele olhou para Matt. – E eu não sei o que você quer dizer com o que eu *espero*, mas eu *esperava* que você virasse homem e encarasse a situação.

– Virasse homem? – repetiu Reyna. – Você disse mesmo isso?

Jake a ignorou.

– Eu esperava mais de você, Matt. Todos nós esperávamos. Você pode ter ficado com medo do que o vovô falou, mas era responsabilidade sua lutar. Eu tomaria seu lugar se pudesse, mas não posso; então você precisava ter deixado que nós o ajudássemos e o treinássemos, e não fugir no meio da noite como um garotinho assustado, se meter com esses moleques de rua...

– Moleques de rua?! – exclamou Reyna.

– Estes são os descendentes de Frey e Freya – afirmou Matt. – Eu não fugi. Eu fui fazer o que era a minha tarefa: reunir os campeões.

Jake deu uma espiada em Ray e Reyna.

– Se alguém lhe disse que estes são os descendentes dos deuses do amor e da beleza, então você foi enganado. Ou está precisando de óculos.

– *Como é que é?!* – exclamaram os gêmeos em uníssono.

– Os Brekke que meteram você nessa confusão, não foi? – continuou Jake. – Ouvi falar que você poderia ter se juntado a eles. Eles são o outro

lado, Matt. Loki lidera os monstros. Talvez você possa ter pensado que poderia... eu não sei, convertê-los ao nosso lado? Impedir o Ragnarök? Você é só uma criança, não entende essas coisas. Os Brekke estavam enrolando você o tempo todo. Depois empurraram esses dois impostores...

– Isso parece coisa de impostora? – interrompeu-o Reyna, criando uma névoa rodopiante da ponta dos dedos.

– Não, e também não parece o trabalho de uma deusa. Você é uma bruxa.

– Já ouvi isso antes. – Ela tirou o manto de penas da bolsa. – Seu irmãozinho, aquele que você acha *burro* demais para distinguir o que são garotos-deuses e o que são impostores, sabia o que era isto. E você?

Levou um momento, e Matt percebeu que Jake tinha dificuldades em reconhecê-lo, repassando mentalmente os mitos. Então, afirmou:

– Parece o manto de Freya, mas é claramente falso.

Reyna o vestiu e desapareceu.

– Isso lhe *parece* falso? – Enquanto Jake ficou ali parado, encarando, ela tirou o manto, guardou-o de volta na mochila e foi até Mjölnir. – Que tal você vir aqui segurá-lo? Veja se é falso também.

Jake continuou ali, encarando o martelo, não mais zombando, agora incerto e confuso.

Matt foi até Mjölnir e o levantou com cuidado, tentando não parecer confiante demais. Ele sabia por que Jake duvidava dele. Matt era só um menino e sempre estragava tudo, sempre se metia em encrencas, sempre cometia erros. Mesmo que Matt tivesse chegado à conclusão de que ele na verdade não estragava as coisas mais do que o padrão para um menino de treze anos, era isso que Jake pensava dele. É claro que Jake acharia que Matt tinha fugido ou sido enganado.

Então Matt ergueu Mjölnir e o lançou, e todos observaram em silêncio quando este voltou à mão dele.

– Viu? – disse Reyna. – Matt...

Matt a silenciou com um olhar. Ele estava agradecido que ela o tivesse defendido, mas não era mais necessário agora que o irmão dele estava ali parado, com o olhar fixo.

– Eu... – disse Jake. – Esse... Você tem...

– Mjölnir – completou Matt, em voz baixa. – Eu recuperei o martelo na tumba. Eu tomei o escudo de volta dos Saqueadores. Eu tenho até Tanngrisnir e Tanngnjóstr, os bodes de Thor. Eu me encontrei com as Valquírias. Enfrentei trolls e maras e draugrs e jötnar. Eu *estou* com Laurie Brekke. Ela é a Campeã de Loki e está do meu lado. Encontramos os gêmeos e Baldwin, o descendente de Balder. Baldwin morreu, que nem nos mitos, mas foi um dos monstros que o matou, não os Brekke. Apesar disso, nós trouxemos Baldwin de volta. De Hel. Eu até caí no rio dos mortos, engoli um pouco dele, e sobrevivi. Nós alteramos o mito, mas o Ragnarök ainda está vindo. Eu vi a Serpente de Midgard. Não podemos detê-la. Só nos preparar.

Jake o encarava.

– Você...

– Sim – disse Reyna. – Ele fez tudo isso. É o verdadeiro Campeão de Thor. Seu irmãozinho *perdedor*.

Jake piscou os olhos.

– Eu nunca disse... – Jake olhou para Matt. – *Você* disse isso. Eu nunca... – Ele parou de falar, estudando a expressão de Matt. – É isso o que você pensa? Claro, você erra. Mas você é só uma criança. É de esperar que erre.

– Eu não sou *só* uma criança – respondeu Matt. – E eu não estrago as coisas tanto quanto você pensa.

A boca de Jake tentava formular uma resposta. Então, ele se aproximou de Matt, baixando a voz.

– Claro, eu posso ter sido duro com você às vezes. Você é meu irmão mais novo. Mas... – Ele olhou para Ray e Reyna e se endireitou. – Enfim, chega dessa conversa. Você está obviamente metido em uma encrenca, e precisa da nossa ajuda. Você nunca deveria ter partido. – Jake ergueu as mãos. – Eu sei que você não quer que eu lhe dê uma bronca, mas, neste caso, acho que você merece.

– Na verdade, ele não merece, não – disse Reyna. – A história não acabou.

Matt pediu aos gêmeos que fizessem o reconhecimento da área por alguns minutos. Então contou a Jake sobre o avô, sobre o que tinha ouvido na reunião e, mais tarde, que o vovô havia admitido tudo.

Quando Matt terminou, Jake parecia prestes a vomitar. Ficava balançando a cabeça, dizendo:

– Não, isso não está certo. Você está enganado. Não tem como o vovô jamais...

– É verdade – afirmou Ray, aproximando-se. – Reyna e eu não estávamos lá, mas os outros estavam com Matt quando seu avô admitiu. Muitos outros. Não existe chance de ter sido um mal-entendido. Quaisquer que sejam os motivos, seu avô está liderando o lado dos monstros.

– Ele esperava que Matt perdesse – continuou Reyna, ao se juntar aos três. – Ele queria que Matt perdesse. – A voz dela estremeceu de raiva. – Seu avô diz que é melhor assim, uma nova ordem mundial, mas ele esperava que Matt *morresse*. É isso que estamos enfrentando. Foi por isso que Matt fugiu e não podia voltar. Até onde ele sabia, vocês todos, a família dele, estavam do lado do avô.

– O quê? – Jake arregalou os olhos e virou-se para Matt. – Você não pode ter pensado a sério que eu faria isso.

– Não você ou Josh. Mas talvez papai e mamãe...

– ... aceitariam que você morresse? Sério?

– Se o vovô não vê problema nisso... – Matt encolheu os ombros. – Eu não poderia descartar a possibilidade, né? Não é como se eu achasse que mamãe e papai *queriam* que eu morresse. Porém, se isso acontecesse... bem, pelo menos não seriam você ou Josh.

Jake o encarava, boquiaberto.

– Você realmente pensou que eles não se incomodariam com sua morte.

– Não foi o que eu quis dizer. Não estou sentindo pena de mim mesmo. Só estou dizendo que era uma possibilidade. Tinha que ser. Ainda é.

– Não é, não.

Matt ergueu o olhar, encarando o irmão.

– Sim. É sim.

– Matt tem razão – afirmou Reyna. – Claro, a chance dos seus pais estarem envolvidos parece minúscula, mas *ainda* é uma chance. Talvez eles não aceitassem, mas é possível que saibam e estejam tentando descobrir um jeito de resolver, como Matt pensou que seu avô estava fazendo.

– Eu realmente, *realmente* não acho que saibam – disse Jake. – Eles estão arrasados, Matt, e não porque o campeão deles desapareceu, mas porque o *filho* deles sumiu.

– Mas nós temos que...

– Tudo bem, eu entendi. Temos que considerar todas as possibilidades. – Ele balançou a cabeça. – Não posso acreditar que seja o meu irmãozinho *me* dizendo para tomar cuidado. Mas eu entendo. Ainda assim, você precisa avisar à mamãe e ao papai que...

– Você prestou atenção em alguma coisa? – disse Reyna.

Jake se virou para ela.

– Olha, você pode ser a descendente de Freya, mas eu não te conheço, e você não conhece minha família.

– Eu conheço o Matt. Não como você, obviamente, se bem que eu não sei direito quão bem você conhece seu irmão se pensou...

Matt a interrompeu com um olhar e se virou para Jake.

– Eu voltei porque preciso de informações. Alguma coisa que, segundo as Nornes, a minha família sabe.

– Nornes? Você encontrou... – Jake se interrompeu, balançando a cabeça. – Desculpa. Continue.

– Elas disseram que alguém na minha família sabe onde fica o campo de batalha. Do Ragnarök. Eu pensaria que era o vovô, mas obviamente não posso lhe perguntar agora, e, de qualquer maneira, as Nornes disseram que ele não... Deixa pra lá. Só é confuso. Típico das Nornes. Enfim, elas dizem que alguém na minha família sabe, além do vovô. Acho que pode ser o papai, mas ele nunca foi muito interessado nessas coisas...

– É o tio Pete.

– O quê?

– Você tem que falar com o tio Pete. Em Mitchell.

Matt ficou quieto.

– Tio Pete? Eu não o vejo...

– ... desde que você usava fraldas, praticamente. Eu sei. Ele teve uma briga muito séria com o vovô. Eu tinha idade para lembrar. Não que tivesse feito muito sentido na época; eu era só um garotinho. Mas você já ouviu papai dizendo o quanto você lembra o irmão dele.

– Hum, é, o tio fracassado que o vovô finge que não existe e nós não vemos há dez anos.

Jake fez uma careta.

– Certo, eu entendo como isso pode ter feito as coisas soarem piores, mas papai não quis dizer assim. Tio Pete não fracassou. Ele discordava do vovô em algumas questões e foi expulso de Blackwell. Papai não podia falar com ele, mas se encontra com o irmão sempre que tem alguma desculpa para ir para aquelas bandas. Quando papai diz que você é como o irmão dele, sim, ele quer dizer que você é diferente, que não vê as coisas como os outros Thorsen, mas o tio Pete é inteligente, superinteligente. E ninguém conhece as velhas histórias como ele. É isso que o papai quer dizer. E é por isso que você tem que falar com ele. O problema é chegar em Mitchell.

– Nós temos portais – disse Ray.

– Por...? Nem vou perguntar. Porém, se isso quer dizer que nós podemos chegar lá facilmente, então está ótimo. – Jake pegou o celular. – Vou mandar um SMS para mamãe dizendo que voltarei mais tarde hoje e...

– Você não pode vir comigo – disse Matt.

– Por que não?

Porque eu preferiria que não. Porque eu finalmente estou me sentindo como um campeão e não posso ter meu irmão mais velho me tratando como um menino. Não é uma questão de você me fazer sentir mal; é uma questão de sabotar minha confiança quando eu mais preciso dela.

– Você... você deveria ficar aqui. Cuidar de mamãe e papai.

Jake balançou a cabeça.

– Hoje não. Hoje eu vou ser um irmão mais velho de verdade. Vou cuidar de *você*.

SETE



LAURIE

"DESEMBUCHANDO SEGREDOS NÃO TÃO SECRETOS"

Laurie não sabia bem como se sentir quanto a estar de volta em Blackwell. Era uma sensação primariamente ruim, ou talvez fosse só a ideia de estar ali sem Fen que dava isso. Ela confiava nos instintos de Matt, e se ele pensava que precisava ver sua família, então ele necessitava. Isso não significava que ela gostaria de ver a dela. O lado da sua família que entendia o que estava acontecendo estava com o inimigo. Os Brekke sabiam por que o céu estava escuro agora. E também que o Ragnarök estava vindo. Sua mãe... bem, ela provavelmente só achava que Laurie estava sendo burra, seguindo Fen e se metendo em encrencas.

Não estava errada. Essa era a pior parte. Laurie *tinha* seguido o primo, e eles haviam se metido em um monte de encrencas, só que fora por um bom motivo. Laurie sabia que a mãe jamais entenderia isso, no entanto.

Com Baldwin e Owen dos dois lados, Laurie caminhou por Blackwell. Havia luzes em algumas das casas, mas as pessoas estavam sendo cuidadosas. Ela percebeu que isso era coisa dos Thorsen. O prefeito, apesar de ser louco o bastante para querer o fim do mundo, tinha pelo menos encontrado um jeito de explicar à cidade que eles precisavam ser cautelosos com os recursos.

– Assustador, mas não tão ruim quanto Rapid City – comentou Baldwin.

– Pois é – concordou Laurie, em voz baixa. – Só que esta cidade também é governada pelo líder dos inimigos, então... tem isso também.

– Certo. Eu retiro o que disse: Blackwell é tão assustadora quanto Rapid City, mas de um jeito diferente.

Owen ficou calado. Seus corvos tinham aparecido quando os três entraram em Blackwell e estavam agora em seus ombros. Eles não perturbavam mais Laurie como no começo, mas ela ainda não era fã dos pássaros. Bicos pontudos e garras afiadas não eram fofos nem convidativos do ponto de vista dela.

Laurie tinha esperado que, se os pássaros não trouxessem notícias, Owen pudesse ver onde Fen estava. Era assim que a visão dele funcionava: ele não podia prever coisas em que estivesse envolvido, mas Fen estava longe deles agora. Certamente isso deveria significar que Owen poderia ver algo de útil. Os outros não pareciam entender como funcionava, e Laurie achou que eles respeitavam o silêncio dele e o escutavam um pouco mais quando ele falava porque achavam que Owen ainda conseguia ver coisas, ou talvez conseguisse mesmo ver coisas que o ajudavam a saber.

– Quero saber se você viu alguma coisa sobre Fen – disse Laurie. Não era exatamente uma *ordem*, mas também não era uma pergunta.

Owen simplesmente fez que sim com a cabeça uma vez... o que poderia tanto dizer que ele tinha ouvido seu pedido ou que concordava com ela. Os dois corvos tagarelaram nos ouvidos dele, falando em palavras que ninguém mais entendia.

Laurie segurou o arco e voltou sua atenção às ameaças potenciais em Blackwell. Com o prefeito à frente do lado inimigo, sobravam motivos para suspeitar que haveria lobos na cidade. Talvez ele não trouxesse trolls ou maras ou qualquer coisa tão obviamente monstruosa, mas alguns lobos não seriam notados.

E é por isso que precisamos ver nossas famílias, pensou Laurie. *Tenho que avisar à mamãe.*

– Então, minha mãe não sabe nada dessas coisas – disse Laurie a Baldwin e Owen. – Meu pai que é o, hum, lobo. Ele é Brekke, e minha mãe é só normal ou coisa assim.

– Meus pais parecem normais. – Baldwin franziu a testa. – Não que *nós* não sejamos normais. Somos só garotos, então isso é normal. Superpoderes e coisas assim não são realmente comuns, entretanto. Só nós. Certo, e os inimigos têm superpoderes... Ah! Será que tem outras pessoas com poderes divinos ou monstruosos que a gente não conhece?

Laurie sorriu com a tagarelice que tinha se tornado tão familiar a ela quanto o mau humor de Fen e o otimismo de Matt. Ela olhou para Baldwin e disse:

– Senti sua falta quando você estava morto.

– Ah, eu sei. Fen disse... – As palavras de Baldwin morreram rapidamente. – Desculpa.

– Não tem problema dizer o nome dele. Sei que ele não é um traidor ou espião. Vocês todos vão ver também.

Owen suspirou.

– Ele está onde tem que estar. Como você, Fen terá um papel na batalha final. Ele estará com os monstros, Laurie, não conosco.

Laurie o ignorou e apontou para seu prédio.

– Aí está. Meu lar.

– Espero que você esteja certa – comentou Baldwin. – Quero dizer, sobre Fen. Sei que você está certa quanto a seu prédio.

Laurie balançou a cabeça.

– Estou certa... quanto aos *dois*.

Os meninos pararam ao lado dela. Os corvos de Owen foram embora depois de fazer uma pausa para dar um rasante, perto o suficiente de Laurie para fazer os cabelos dela esvoaçarem com a brisa das asas.

Enquanto o trio andava até o apartamento, Laurie considerou suas opções. Só restavam duas reais agora. Ela poderia levar os meninos com ela ou deixá-los do lado de fora, esperando enquanto conversava com a mãe e o irmãozinho. Dividir-se em um grupo ainda menor parecia uma má ideia... especialmente se eles precisassem fugir.

Laurie pôs a mão no braço de Owen quando eles chegaram à porta. Ele ainda tinha um olhar distante, e ela precisava ter certeza de que Owen prestava atenção. Uma vez que ele fez contato visual com ela, Laurie disse aos dois meninos:

– Se mamãe tentar me fazer ficar em casa, eu abro um portal para o navio viking.

– Certo – disse Baldwin. – Fugir dos pais com superpoderes de deuses. Esse é o plano B, eu acho. Qual é o plano que não envolve a nossa fuga?

Laurie deu de ombros.

– Conversar com ela. Ter certeza de que está tudo bem. Talvez contar sobre o Ragnarök.

– Plano A, maluquice completa. Entendido. – Baldwin fez um gesto para a porta. – Vamos nessa.

Ela riu e abriu a porta.

– Mãe? Sou eu.

– Laurie? – A mãe dela veio correndo. – Ah, meu Deus! *Laurie!* – A mãe a agarrou e a abraçou. – Eu estava tão preocupada. O que deu em você? E você, Fe... Você não é o Fen.

– Baldwin. – Ele estendeu a mão como se quisesse um aperto. – Aquele é Owen. Não é muito de falar.

A mãe de Laurie encarou Baldwin, mal dedicando uma olhadela ao menino de cabelos azuis que usava um tapa-olho como um pirata de outro mundo.

– Você é o menino que deveria estar morto – disse a mãe. – O prefeito veio aqui e me disse que F...

– O prefeito mentiu – interrompeu-a Laurie, apontando o amigo. – Baldwin está bem, e Fen não fez *nada* de errado. O prefeito não é de confiança.

– Ah, meu bem, é essa coisa de Brekke e Thorsen que seu pai fica falando? – A mãe suspirou. – Sei que eles não se dão bem, mas isso não quer dizer...

– O prefeito disse que Fen matou Baldwin?

– Sim, mas...

– Então você pode ver que ele *mentiu.* Você pode ver com seus próprios olhos, mamãe. – Laurie estava prestes a falar mais, quando o irmão dela, Jordie, entrou correndo na sala.

– Eu ouvi você mesmo! – gritou ele, ao pular na irmã. – Achei que você tinha ido embora para sempre.

Laurie sentiu os olhos ardendo com lágrimas ao tropeçar com a firmeza do abraço e apertou seu irmão com força.

– Não, para sempre não. – Baixou a voz e acrescentou: – Mas vou ficar fora mais um tempinho.

Jordie não disse nada, mas Laurie sentiu que ele balançava a cabeça.

– Eu vim ver se vocês dois estão bem – explicou Laurie enquanto se endireitava, soltando o irmão. – Queríamos ver como vocês estavam.

– O prefeito também veio e o xerife – contou Jordie. – *E* o seu primo Kris, aquele que mora com o Fen.

– Ah. – Laurie olhou para a mãe.

– Por que não nos sentamos? – sugeriu a mãe.

Baldwin e Owen seguiram Laurie e Jordie até a sala de estar. Jordie ainda estava agarrado à irmã, como se temesse que ela fosse desaparecer

assim que a soltasse. Laurie sentiu uma onda de culpa porque teria que partir de novo. E *tinha* que partir.

– O Ragnarök está chegando – falou ela de uma vez, enquanto todos se sentavam no sofá.

Em vez de ficar chocada, a mãe de Laurie apenas disse:

– Foi o que imaginei.

– Eu sei que parece loucura, mas... espera, *o que* você disse? – Laurie olhou para Baldwin e Owen, perguntando silenciosamente se eles tinham ouvido a mesma coisa que ela.

Os olhos de Baldwin estavam arregalados, mas Owen fez que sim com a cabeça.

– Ragnarök – disse a mãe dela, calmamente. – Céu escuro, lobos, os Brekke e os Thorsen brigando por causa dos ancestrais.

Baldwin se entreolhou de novo com Laurie. Em seguida, perguntou:

– E você sabe sobre o *wulfenkind*?

– O pai de Laurie, provavelmente Fen e... – ela juntou as mãos com força – você... também é lobo, Laurie?

– Humm, não. – Laurie engoliu em seco e encarou a mãe e depois o irmão. – Você sabe? Vocês dois sabem?

A mãe fez que sim.

– Seu pai explicou há muitos anos. Por que mais eu lhe perdoaria por ir e vir como ele faz? É porque ele não quer se juntar à parte mais maluca da família dele. Mas eu achava que Fen se juntaria a eles, e fiquei preocupada dele convencê-la a fazer o mesmo também. Eu me preocupei com a influência dele.

– Você achou que Fen era uma má influência porque ele me convenceria a me juntar a uma das matilhas da família? – perguntou Laurie. – Não era porque a gente se metia em encrencas?

A mãe dela sorriu.

– Bem, tinha isso também.

Laurie fechou os olhos por um momento, beliscou o punho e abriu os olhos. Ela estava acordada.

– Isto é real.

Owen fez que sim com a cabeça.

– Nenhuma mara, até onde eu possa ver – murmurou Baldwin. – E isto não é bem um *pesadelo*. É bom, né? – O menino olhou para a mãe de Laurie. – Você não vai dizer que Laurie deveria se juntar aos bandidos ou algo assim, vai?

– Não. – A mãe suspirou. – Eu esperava que você estivesse fazendo as pazes com os Thorsen. Foi com o Thorsen mais jovem que você fugiu, de acordo com o prefeito.

– Foi – confirmou Laurie, em voz baixa. – Ele e Fen.

A mãe concordou com a cabeça.

– Jordie, vá pegar aquela foto que eu mandei você esconder.

O irmão de Laurie lhe deu um aperto rápido, depois saiu correndo para o próprio quarto. Laurie ficou observando Jordie. Ela não estava em choque. Depois de tudo que tinha experimentado ultimamente, ficar chocada era muito improvável. Porém, estava mais que um pouco surpresa.

– Você sabia.

– Eu esperava que você não fosse levada pela coisa toda, mas então você se transformou em um peixe...

– Isso foi um sonho. – Laurie se lembrava daquilo mais como um pesadelo, porém. Tinha acordado e descoberto que era um salmão, e ficara morrendo de medo de sufocar. Alguns dias depois ela fugiu com Fen, que virava lobo, e Matt, que atirava as pessoas para trás com algum poder invisível. – Eu tive uma reação exagerada, mas...

– Não, querida, você virou mesmo um peixe. – A mãe deu tapinhas na mão dela. – Achei que talvez pudéssemos ignorar. Contei a seu pai, é claro, mas ele disse que peixes eram raros na família. Não aparecem salmões há gerações, aparentemente. Concluí que era melhor que um lobo, porém. Talvez significasse que você não ia se meter com aquele bando dos Brekke.

– Você é um peixe? – perguntou Baldwin. – Como é que você nunca virou um peixe com a gente?

Laurie abriu a boca, percebeu que não tinha resposta e a fechou em seguida.

Owen olhou para ela e sorriu. Então, ele foi olhar pela janela.

Jordie voltou com uma foto e um saco com escamas de peixe. Ele obviamente tinha ouvido o fim da conversa, porque disse:

– Eu tirei uma foto na noite seguinte, quando aconteceu. Ela não acordou; foi simplesmente *puf*, e minha irmã era um peixe. Talvez ela possa ser tanto um lobo quanto um peixe um dia. Papai disse que acontece. – Jordie olhou esperançoso para Baldwin e perguntou: – Nenhum sinal de lobo enquanto ela dorme?

– Não, nada até agora – respondeu Baldwin com muita seriedade. – Ela ficou sempre como garota, sem escamas ou pelos, mas tem um arco que dispara flechas invisíveis.

– Legal! – gritou Jordie. Ele se jogou ao lado de Laurie e perguntou: – Posso ver?

– Agora não.

Baldwin começou a dizer:

– Ela também faz...

– Pare – cortou-o Laurie. Ela olhou para a mãe. – Muito bem, então você já sabe quase tudo o que eu não sabia como lhe contar.

A mãe fez que sim com a cabeça.

– Aqui está o resto: não confie em nenhum dos Thorsen ou Brekke. Não vá a lugar nenhum com nenhum deles, e... eu não sei. Tem como você ir aonde papai está? – Laurie se sentia melhor sabendo que a família não estava tão vulnerável quanto ela temera, mas também se sentia pior, pois isso significava que eles percebiam como as coisas estavam perigosas. Mesmo assim, não tinha nenhum jeito de ficar em segurança.

– Seu pai está vindo para cá. A última notícia que tive foi de que ele chegou ao Canadá, mas está viajando a pé, ou de ônibus, quando dá. Não quer ser pego entrando na cidade escondido.

Laurie concordou com a cabeça.

– Ótimo, ótimo. Então... tudo bem. Ele vai manter vocês em segurança enquanto eu estiver fora.

– Fora? – O sorriso da mãe desapareceu. – Você está em casa agora. Estaremos aqui juntos quando seu pai chegar.

Foi então que Laurie percebeu que a mãe não sabia da parte principal.

– Mamãe, eu não posso ficar. Sou a Campeã de Loki. Tenho que lutar na batalha final, ao lado de Matt e Baldwin.

A mãe abriu e fechou a boca, mas nenhuma palavra saiu.

– Matt é o Campeão de Thor, Owen, de Odin, e Baldwin, de Balder, e os outros estão nos esperando também. Os representantes de Frey e Freya estão com Matt. Temos o martelo e o escudo, e vamos enfrentar a grande serpente, os Thorsen e os Saqueadores... que são quase todos Brekke.

– Não – disse a mãe. – Você não pode ir enfrentar coisa nenhuma.

– Eu tenho que ir. Sou a *Campeã de Loki.* – Laurie se levantou e começou a andar de um lado a outro. – Já lutamos com um monte de monstros, mas a batalha está chegando. Eu não posso ficar aqui.

– Não.

– O mundo vai acabar se nós não os detivermos.

– Outra pessoa pode cuidar disso. – A mãe dela se levantou também. – Você e seus amigos podem ficar aqui, e quando seu pai chegar em casa, vamos cuidar de achar um lugar seguro para todos nós.

Baldwin ficou de pé. Owen deixou seu posto à janela e foi até Laurie.

– Me desculpa, mamãe.

Laurie abraçou Jordie com força.

– Tome cuidado – sussurrou ela.

– Estou falando sério, mocinha. Você não vai sair por aquela porta. – A mãe lhe lançou aquele olhar severo que antigamente a fazia tremer.

– Certo. – Laurie olhou para os meninos e assentiu uma vez com a cabeça. Então fechou os olhos por um momento. Juntou as mãos diante de si. Quando abriu os olhos, Laurie separou as mãos e abriu um portal. – Me desculpe, mamãe. Ficarei tão segura quanto possível. Eu te amo. Diga ao papai... que eu o amo também. – Voltou-se para o irmão. – Seja bom para a mamãe. Te amo.

O irmão e a mãe fitavam o portal luminoso na sala de estar, mas Laurie sabia que o choque deles logo passaria.

Owen finalmente falou:

– Ela é corajosa, e nós estaremos a seu lado para ajudar. – E entrou no portal.

– Baldwin, *agora* – ordenou ela.

– Um prazer conhecê-los. Nos vemos depois da batalha! – exclamou ele, e então saltou pelo portal.

– Eu amo vocês. Vou tomar cuidado – prometeu Laurie, e então passou pelo portal também, bem quando a mãe se recuperara o bastante do choque para tentar segurar o braço da filha. Mas era tarde demais, e Laurie se foi.



OITO



MATT

"DANO DE FUMAÇA"

Laurie estava obviamente chateada, mas não queria falar no assunto. Matt apresentou Jake e explicou que o plano era seguir para Mitchell. Então, enquanto Laurie falava com Baldwin e os gêmeos, Matt pediu a Owen que chamasse seu irmão e tentasse convencê-lo a não ir junto, na esperança de que Jake escutaria alguém mais perto da idade dele.

– Não vai acontecer – disse Reyna, enquanto eles observavam Owen tentando dissuadir Jake sem sucesso. – Que tal nós garantirmos que seu irmão vai cuidar da retaguarda? Para nos proteger, é claro. E então, ops, o portal se fecha antes que ele possa passar.

– Isso não seria certo – comentou Matt, um pouco arrependido.

– Não importa – disse Reyna. – Mesmo que ele não seja um cretino de primeira classe, e isso nós ainda veremos, ele vai questionar todas as decisões por você ser o irmãozinho dele. Só que ele não é o Campeão de Thor. Você é.

Laurie concordou.

– Reyna tem razão. Pode parecer covardia, mas se for possível deixá-lo para trás "acidentalmente" vamos fazê-lo. Vou pedir para ele cobrir a retaguarda, para o caso de alguma encrenca aparecer. Você vai na frente, como o Campeão de Thor, e ele vai por último, como outro descendente de Thor. Tenho quase certeza de que o portal se fechará depois que eu passar. É como uma parte de mim. É por isso que eu sempre vou por último, só que ele não sabe disso.

Matt hesitou.

– Não sei se ele vai cair nessa.

– Eu vou por penúltimo – disse Ray. – Assim ele não vai desconfiar. Laurie entra. O portal começa a fechar. Eu pulo pelo portal.

– Não – disse Reyna. – Eu fico por penúltimo. Você...

– Deixa comigo, mana. Agora, vamos lá.



Enquanto o grupo se afastava, Ray pegou o braço de Matt e o levou para o lado.

– Vou garantir que Jake não siga vocês – disse Ray.

– Certo, obrigado.

Ray continuou segurando a manga de Matt.

– Eu quero dizer que não vou seguir você para isso. Vou atrasar seu irmão enquanto o portal se fecha.

– Você não precisa fazer isso.

– Mas eu quero. – Ray olhou nos olhos de Matt. – Eu estarei lá para a batalha, mas eu... eu não nasci para essas coisas. Reyna, sim. Enquanto eu estiver com ela, porém, ela ficará dividida entre proteger você ou a mim. Como em sua casa, com seu irmão. É de você que ela tem que cuidar. Não de mim.

– Eu não preciso de...

– Todo mundo precisa ter alguém de olho, tomando conta, Matt. Até o Campeão de Thor. Eu tenho que deixá-la assumir esse papel. E eu vou ficar melhor aqui, de qualquer maneira. Sua família tem aquele monte de livros que você leu. Eu posso procurar alguma coisa neles sobre o campo de batalha, para o caso do seu tio não ter a resposta. Sou bom nisso, em leitura e pesquisa. – Um sorriso seco. – Melhor do que na hora da luta.

– Não é verdade.

– É, sim. Os poderes de Reyna podem funcionar melhor comigo por perto, mas quando ela tenta ajudar você eu a atrapalho mais do que ajudo. Eu entendo. Então vou ficar para trás.

– Certo, vamos falar com ela.

Ray balançou a cabeça.

– Não há tempo. Ela vai brigar conosco por isso e eu vou acabar indo, e essa não é a decisão certa.

Mas ela vai me matar, era o que Matt queria dizer. Quando Reyna descobrisse o que eles dois tinham combinado, ficaria furiosa. Com toda a razão.

E isso não poderia importar, pois Ray estava certo.

– Pessoal? – chamou Baldwin. – Portal abrindo aqui...

– Você consegue – disse Ray. – Eu estarei lá para a grande batalha, e com sorte vou achar alguma coisa útil nos seus livros. Até lá, cuide da minha irmã. – Ray se inclinou para perto e sussurrou: – Não deixe ela te enlouquecer.



Eles saíram do portal no meio de uma tempestade de poeira. Ou foi isso que Matt pensou, vendo o cinzento flutuando em volta deles, sentindo seus pulmões arderem e arranharem ao aspirar o ar. Matt se preparou para o pior, olhando em volta desesperadamente em busca de bisões. Foi isso o que aconteceu da última vez: ele tinha chegado no meio de uma névoa acinzentada e quase sido pisoteado. Levou cinco segundos para seu cérebro recordar de que era muito improvável encontrar bisões no meio da cidade. Foi então que sentiu o fedor acre da fumaça.

– Ray?

Matt se virou e viu o contorno indistinto de Reyna em meio à fumaça. Era impossível ver além de alguns centímetros, com a escuridão e aquela fumaceira.

– Ray? – chamou Reyna, ao sumir na fumaça. – Alguém viu o Ray? – A voz ficava mais aguda com o pânico.

O estômago de Matt se revirou. Ele tinha que contar a ela, mas não antes de saber se estavam todos bem.

– Chamada! – exclamou ele. – Todo mundo se identifique.

Vozes soaram na fumaça.

– Baldwin!

– Laurie aqui, com Owen.

Alguém pegou o cotovelo de Matt. Era Laurie, com Owen ao lado. Baldwin esbarrou neles, tossindo e esfregando os olhos.

– Cadê o Ray? – perguntou Reyna, ainda perdida na fumaça. – Cadê meu irmão?

– Ele decidiu... – começou Matt.

Baldwin tossiu de novo, e Owen fez o mesmo.

– Hum, pessoal? – disse Baldwin. – A fumaça pode não *me* matar, mas...

– Ele tem razão – decidiu Matt. – Todo mundo, segurem-se em alguém e vamos encontrar um lugar seguro.

– Eu não vou deixar meu... – começou Reyna.

– Ninguém vai deixar ninguém – falou Matt na direção da voz da menina, e a pegou pela barra da camisa. Começou a tossir. – Só temos que sair dessa fumaça.

Eles vaguearam cambaleantes por alguns minutos, Reyna chamando o irmão até começar a sufocar e Matt fazê-la parar. Baldwin avistou uma porta, uma de verdade na lateral de um prédio, e eles foram trôpegos até ela, abriram-na em um puxão e cambalearam para dentro. A primeira dose de ar

fresco pareceu pior do que a fumaça. Matt se dobrou, engasgando e tossindo, com ânsia de vômito. Atrás dele, alguém não teve a mesma resistência, e quando Matt olhou para trás, viu Reyna vomitando na parede. Matt tentou endireitá-la, mas ela o afastou, parecendo envergonhada.

– Eu também quase vomitei – disse Matt. – É a fumaça. Eu ainda... – Ele tossiu e percebeu que os olhos lacrimejavam, molhando o rosto. – Juro que ainda sinto nos meus pulmões.

Reyna cambaleou até a porta. Matt saltou atrás dela e segurou seu braço.

– Estou bem – afirmou Reyna, livrando-se de Matt.

Matt continuou segurando.

– Você não vai ficar bem se sair de novo. Ray não está lá. Ele... ele decidiu ficar para trás.

Reyna afastou o cabelo do rosto e encarou Matt.

– O quê?

– Era isso que ele estava me dizendo. Achou que seria melhor se ele ficasse para trás e ajudasse Jake a vasculhar os livros antigos, para o caso do meu tio não saber do que precisamos. Ray disse que era bom de pesquisa. Ele é obviamente inteligente, cuidou daquelas Nornes bem melhor do que eu poderia.

– Você deixou meu irmão...

– Ele *ficou* para trás – disse Laurie. – Eu escutei. Ray queria ficar por... vários motivos. Bons motivos. Matt até discutiu com ele e queria contar a você. Matt poderia ter lhe contado a versão da história de Ray, que ele tinha tentado pular, mas o portal se fechou. Esse seria o jeito fácil. Matt contou a verdade.

Reyna balançou a cabeça e se afastou. Matt a observou se distanciando e voltou a atenção para os outros.

– Baldwin e eu vamos lá fora dar uma olhada – disse ele. – Andar um pouco e ver o que está acontecendo. Obviamente um incêndio, mas não tem nada no mito sobre incêndios. Só... – Matt pensou em alguma coisa e parou de falar.

– Matt? – perguntou Laurie.

– Vamos dar uma olhada. Baldwin?

– Logo atrás de você.



O prédio em que eles tinham entrado era algum tipo de escritório. Parecia vazio, e certamente ninguém veio expulsar os garotos que tossiam e vomitavam no hall. Havia um banheiro a alguns passos. A porta estava trancada; um daqueles lances de "você precisa de uma chave do escritório". Mas Matt arrombou a porta com facilidade, sentindo um pouco mais que uma pontada de culpa. Salvar o mundo significava quebrar algumas regras... e algumas portas.

Matt pegou uma camiseta reserva na mochila, encharcou-a na pia e amarrou-a em volta do rosto antes sair de novo. Baldwin parecia impressionado. Seria ainda mais impressionante se Matt fosse capaz de respirar livremente mesmo com aquilo na cara. Mas ele *conseguia* sem fumaça, e era isso o que importava.

Proteger os olhos era mais difícil. Matt saiu com a mão diante do rosto, tentando abanar para afastar a fumaça. Estava ridículo, mas não tinha ninguém à vista. Ninguém que ele escutasse, também. Ele percebeu isso ao fazer um esforço para ouvir vozes, na esperança de encontrar alguém que pudesse explicar o incêndio.

Fumaça. Trevas. Silêncio.

O que quer que estivesse acontecendo, aquela era a coisa mais assustadora que já experimentara. Ainda mais amedrontadora do que a praia de ossos em Hel. Matt só via fumaça, e era como se estivesse completamente sozinho na rua caminhando pelo nevoeiro, perdido nos rodopios.

Onde estavam as sirenes dos caminhões de bombeiro? Os alarmes?

Como se ele tivesse conjurado o som, Matt ouviu o uivo distante de uma sirene. Ela foi ficando mais alta e mais alta, e então...

Silêncio.

Matt se deteve. Baldwin também, suspirando:

– O que acabou de acontecer?

Eu não quero saber.

Mas eu tenho que saber, não tenho? É por isso que estou aqui fora. O Campeão de Thor e tudo o mais.

Matt respirou fundo e se virou na direção de onde a sirene tinha vindo. Enquanto andavam, um vulto derrapou diante deles tão rápido que Matt mal teve tempo de erguer Mjölnir. Ele viu a coisa indo na direção deles, enorme e sombria, silvando ao se arremeter contra eles, e Matt atirou Mjölnir assim que teve certeza de que era grande demais para ser uma pessoa. Assim que o martelo deixou a mão de Matt, ele viu seu erro. Era um caminhão. Mjölnir acertou a grade, esmagando o metal; a frente do veículo amassou para dentro conforme o martelo parecia atravessar completamente o motor. O caminhão parou completamente... e Mjölnir voou de volta à mão do menino.

Por um momento o caminhão ficou parado ali, envolto em fumaça, os faróis brilhando mais fortes e mais fracos conforme ela passava.

– Parece que não tem ninguém dirigindo – sussurrou Baldwin. – Talvez seja um caminhão fantasma.

A porta se abriu e Baldwin pulou para trás. Matt teve que se controlar para não fazer o mesmo. Eles não conseguiam ver nada. Então uma mulher apareceu em meio à fumaça, com olhos estreitados e o antebraço cobrindo a boca. Ao avistá-los, levou um susto.

– O que você é...? – O olhar dela baixou para Mjölnir. – Onde conseguiu isso? Você roubou...? – Ela deu um passo lento para trás. – Eu não tenho nada. Tive que deixar a bolsa no escritório quando evacuamos. Só estou com as minhas chaves.

Levou um momento para Matt perceber que ela achou que os dois iam assaltá-la. Que eles tinham feito o caminhão dela bater de propósito e agora queriam sua carteira.

– Hum, estamos aqui para ajudar – disse Baldwin. – Estamos tentando salvar...

A mulher se virou e correu. Baldwin passou a toda por Matt, chamando a mulher, mas Matt segurou sua camisa e o conteve.

– Adultos – comentou Baldwin. – Eu não sou nem um adolescente ainda, e eles já pensam o pior de mim. Eu *pareço* suspeito?

Matt não podia imaginar um garoto que parecesse menos suspeito que Baldwin. Mas era verdade. Você alcançava uma certa idade e os adultos começavam a olhar você de um jeito esquisito, como se estivesse prestes a rasgar os pneus deles por zoação.

Quando outro carro se aproximou em alta velocidade, eles o ouviram chegando e foram para o acostamento a tempo. Baldwin acenou com os braços e gritou para que o carro parasse, mas ele seguiu correndo. O carro seguinte buzinou. A picape que vinha atrás reduziu só o bastante para berrar com os meninos para que saíssem da rua, mas seguiu em disparada antes que eles pudessem perguntar o que estava acontecendo.

– Pelo menos tem gente – observou Baldwin. – Eu já estava ficando preocupado.

Ainda não havia sirenes, porém. Não depois que aquela outra foi interrompida. Ao caminharem naquela direção, passaram por um grupo de pessoas em fuga e voltaram direto ao vazio cinzento silencioso. Só que não estava completamente silencioso. Matt ouvia um barulho estranho de arranhar, como um ventilador com uma pá presa.

Ao seguir o barulho, a fumaça ficou mais densa, até que os olhos dele começaram a lacrimejar de novo e Matt teve que piscar sem parar para conseguir ver. Ele se perguntou por que se dar ao trabalho de ir adiante, pois só via mais fumaça. Matt ainda ouvia o estranho barulho de arranhar, como se estivesse bem diante dele, e então...

Matt se chocou contra alguma coisa imensa e vermelha.

– Isso é...? – sussurrou Baldwin.

Matt correu as mãos sobre a coisa, uma imensa caixa de metal vermelho que desapareceu na fumaça. Quando Matt andou mais um pouco, alguma coisa tocou sua cabeça. Ele ergueu a mão e sentiu uma grossa corda de lona, que puxou para baixo para dar uma olhada melhor.

Um bocal de metal o acertou na cara.

Matt cambaleou para trás e ergueu as mãos, lançando o poder do Martelo em uma rajada de vento que afastou a fumaça.

– É um caminhão dos bombeiros – sussurrou Baldwin.

Era, de fato, um caminhão de bombeiros. De cabeça para baixo no meio da rua. O barulho que ele tinha ouvido era de um dos pneus, que ainda girava, esbarrando no para-lama amassado.

Matt seguiu ao lado do caminhão, lançando o poder do Martelo, surpreso que estivesse funcionando. Era o medo que alimentava o poder. E

era isso que Matt sentia, por mais que tentasse esconder isso pelo bem de Baldwin.

Continuou usando o Martelo para limpar a fumaça enquanto corria até a porta do motorista. O vidro temperado tinha sido estourado para fora e fazia barulho sob os tênis do menino, mas quando Matt olhou para dentro os assentos estavam vazios. Ele suspirou aliviado.

Baldwin engoliu em seco.

– O que poderia ter feito isso? Tipo, está virado de cabeça para baixo, como se...

Matt deu uma olhada no caminhão de novo. Havia enormes amassados na lateral. Onde o metal parecia quase derretido, com a tinta vermelha pingando como sangue.

O que poderia fazer isso? Ah, Matt tinha um bom palpite, e assim que pensou nele, o amuleto vibrou.

– Antes tarde do que nunca – murmurou ele ao segurar o pingente.

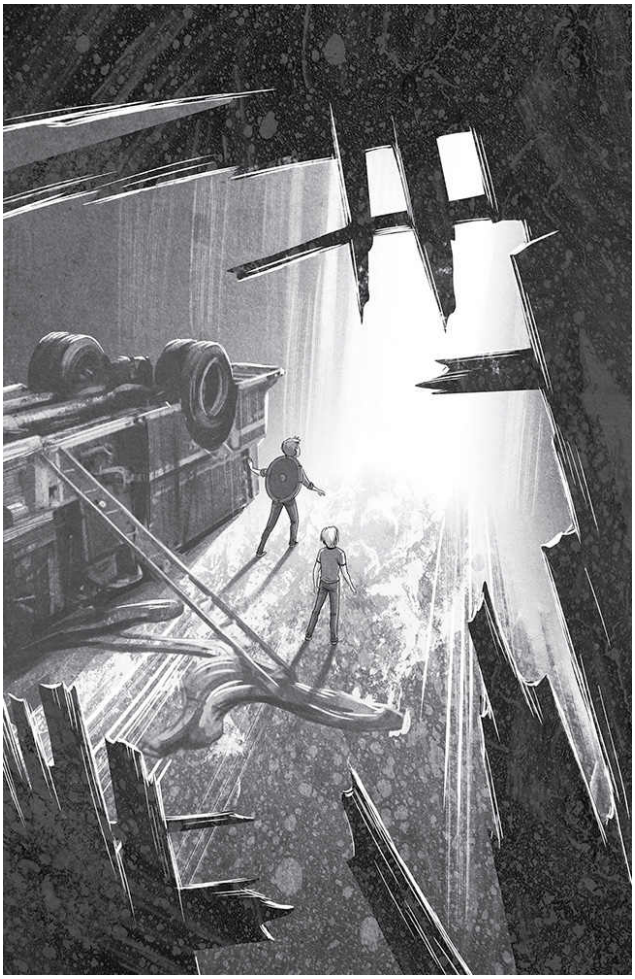
– Alerta de monstro? – perguntou Baldwin em um sussurro.

– É. Acho que eu sei o que...

O chão tremeu. Alguém gritou. Então veio um rugido como o do próprio fogo, mas tão alto que Matt levou as mãos aos ouvidos, estremecendo.

– Matt...? – Baldwin cutucou o ombro do amigo com um dedo trêmulo.

Antes que Matt pudesse se virar, uma onda de calor o atingiu. Ele ofegou, e foi como aspirar fogo, queimando os pulmões e o lançando para trás. Baldwin segurou e estabilizou Matt, e os dois giraram na direção da fonte de calor. Viraram-se... e olharam para cima.



Era um gigante de fogo. Um Jotunn, como eles tinham encontrado em Hel. Só que este não tinha duas cabeças, o que seria um alívio, exceto... bem, aquele outro Jotunn soprava fumaça e carregava uma espada flamejante, e o cabelo dele ficava em chamas. Este aqui? Ele *era* fogo. Uma tocha humana de quinze metros.

– Foi isso... – sussurrou Baldwin, com olhos arregalados. – Foi isso que vocês enfrentaram quando foram me buscar?

Não, foi disso que nós fugimos. Não ousamos enfrentá-lo. E não era nada como este...

– Tinha... menos fogo – disse Matt.

O eufemismo do século.

NOVE



FEN

"VISITAS DO THORSEN ERRADO"

Enquanto observava os Saqueadores montando o novo acampamento à beira das Badlands, Fen se sentia quase como se nada tivesse mudado. Ele ainda vivia na dureza, viajando com jovens de poderes incomuns, e não sabia muito bem se estava pronto para enfrentar qualquer que fosse a luta que viria inevitavelmente em seguida. A diferença era que estes jovens esperavam instruções dele, não de Matt ou Owen. Os Saqueadores contavam com ele... e, em vez de gostar disso, Fen queria que Matt estivesse ali para aconselhá-lo sobre como lidar com a situação, especialmente quando viu o avô de Matt, o prefeito Thorsen, atravessando o acampamento em sua direção.

Fen nunca gostou de nenhum dos Thorsen, até o dia em que ele e Matt enfrentaram alguns trolls e uma variedade de monstros juntos. Gostar *daquele* Thorsen não mudava em nada a opinião de Fen sobre o resto deles. E o sentimento era recíproco. Nenhuma das duas famílias gostava da outra. Eles viam tudo de forma diferente; exceto o Ragnarök, ao que parecia. O prefeito Thorsen comandava um bando de Brekke para fazer seu trabalho sujo, enquanto Fen estivera do lado de Matt Thorsen. Esse lance de apocalipse estava confundindo tudo.

Fen ainda estava firme em sua postura anti-Thorsen, no entanto. Ele tinha encontrado outro Thorsen, que acertara Matt com um dardo tranquilizante e ameaçara Laurie, e agora estava na mata com o chefe do clã

ruivo. O prefeito Thorsen era toda a prova necessária de que a *maioria* dos Thorsen não era de confiança.

– Fico feliz de você ter visto a razão, rapazinho – disse o prefeito. – Skull me disse que poderia conversar com você para que pudéssemos colocá-lo em seu lugar de direito, e aqui está você.

– Skull me encurralou, ameaçou meus amigos e me forçou a enfrentá-lo. – Fen encarou o velho com raiva. – Isso não é *conversar* comigo.

Ao redor deles, os lobos patrulhavam e observavam. Fen não sabia bem o que os Saqueadores podiam ouvir, mas também não se importava. Para ele ajudar a matilha, era importante que eles entendessem que estavam do lado errado da batalha por vir. Já deveriam saber que confiar no prefeito Thorsen era uma má ideia, mas claramente esse fato os escapava de alguma forma.

– Os detalhes não importam – disse o prefeito, magnânimo. – O importante, meu filho, é que você está aqui agora. O Campeão de Loki, pronto para liderar os monstros na grande batalha.

– Minha prima é a Campeã de Loki – argumentou Fen, antes de perceber que poderia estar colocando-a em perigo.

– Não, filho, vocês *dois* são – afirmou o prefeito, como se falasse com uma criancinha. – A garota está do outro lado. Você lidera os monstros. Loki era um trapaceiro, um deus de muitas faces, o que significa que, nesta batalha, os descendentes dele lutarão dos dois lados.

Fen encarou o homem com a sensação de que as peças estavam se encaixando. As Nornes não estavam apontando para ele *ou* Laurie quando direcionaram Matt ao Campeão de Loki. Eram os dois. Fazia sentido de um jeito estranho, mas não ajudava. Ele preferiria não ser campeão nenhum a ser o dos *vilões*.

– Eu não vou machucar Laurie – afirmou Fen, encarando o prefeito ao falar. – Sou obrigado a fazer o que for melhor para a matilha, mas não tem a

menor chance dela precisar machucar Laurie *ou* Matt.

O prefeito riu.

– É claro que você não vai machucar ninguém! Não é esse o seu papel. Matty vai enfrentar a serpente, e a menina, os próprios inimigos. Você não está tão familiarizado com os mitos quanto deveria, não é?

Fen fitou o homem, sem entender como ele poderia estar tão calmo discutindo a provável morte do neto.

– Os mitos não são imutáveis. Se fossem, não teríamos conseguido trazer Baldwin de volta. – Apontou Fen.

– Então vocês tinham uma dose de epinefrina? Fizeram massagem cardíaca? Isso não significa...

– Não – interrompeu-o Fen. – Nós fomos a Hel.

– Tolice!

Fen deu de ombros e continuou:

– Conhecemos minha tia lá. Você sabe, aquela que governa o além da vida? Nós *o resgatamos da morte*. Nós o trouxemos de volta. Eu, Laurie e Matt.

O prefeito encarou o menino por um minuto.

– O que fizeram?

– Mudamos o destino – afirmou Fen. – É possível. Matt não tem que morrer. Nada disso tem que acontecer.

Por um breve momento, Fen pensou que tivesse alcançado o prefeito. Achou que houvesse se comunicado com o sujeito, e esperava que finalmente tivessem um adulto ao lado deles. Era assustador tentar salvar o mundo. Era o que eles estavam fazendo, mas era frustrante que nenhum dos adultos entendesse. Era como se não pudessem acreditar, não pudessem ter esperança. Se era isso que significava ser adulto, Fen estava feliz de ser só um menino.

– Não – respondeu o prefeito. Foi só isso, um simples *não*. Ele balançou a cabeça, e Fen percebeu que ele não lhe daria ouvidos.

Ele tentou outra abordagem.

– Mas você quer salvá-lo, não quer? Por que mais você ajudaria a salvar Matt quando a casa desmoronou se você quer que ele morra? Existem outras escolhas. Talvez seja possível todo mundo se sentar e co...

– Não – repetiu o prefeito. – Meu neto precisa estar forte e preparado para a luta contra a Serpente de Midgard. Ajudei porque ele não pode morrer antes da batalha final.

Qualquer esperança de que o prefeito Thorsen pudesse mudar de opinião morreu ali. Ele não alteraria o plano de sacrificar Matt. Fen sentiu tanta raiva que sua voz estava trêmula quando ele falou:

– Então você o quer forte antes que ele... *morra*?

– Sim – respondeu o prefeito.

– Já lhe ocorreu que Matt pode vencer? – perguntou Fen. – Que talvez nós consigamos trabalhar juntos e deter o fim do mundo? Você poderia ajudá-lo. Ele é o seu *neto* e é o Campeão de Thor.

O prefeito suspirou.

– Crianças! Vocês não entendem. Não é possível impedir o Ragnarök! – Ele ergueu a voz e olhou em volta para os Saqueadores. – Este é o começo de uma nova era. Depois da luta, seremos os governantes de um novo mundo. Lobos correrão livres. Construiremos um novo mundo... digno dos deuses. Digno de nós.

Os Saqueadores estavam obviamente ouvindo. Pararam o que quer que estivessem fazendo e observaram o velho. Era assustadora a forma como eles sorriam para o prefeito e faziam que sim com a cabeça como se ele fosse são. Não era. Podia *parecer* são, mas estava recitando teorias que só loucos aceitavam.

– O sangue dos deuses corre nas nossas veias – continuou o prefeito. – Seremos os governantes do novo mundo.

– E sacrificar parentes para este... seu mundo perfeito é uma coisa aceitável para você? – perguntou Fen em voz baixa.

O prefeito devolveu o olhar de Fen sem hesitação.

– É claro que eu não *quero* sacrificá-lo, mas Matt morrerá a morte de um herói e irá para Valhalla, o além-mundo para os fortes e corajosos. Ele será feliz lá.

– Matt ficaria mais feliz *vivo* – apontou Fen.

– Isso não é problema seu, Fenrir. Seu papel é liderar nossos monstros na batalha. Estes belos e jovens lobos e as criaturas que se erguerão... – O prefeito fez uma pausa e sorriu, parecendo falar sobre um desfile ou alguma outra festa em Blackwell, não do *fim do mundo* e bilhões de mortes. Então ele olhou para Fen de novo. – Você estará na linha de frente das nossas tropas quando a batalha começar.

Os Saqueadores todos os observavam atentamente, e, por um momento, Fen se sentiu bem em ser o alfa deles. Estar no comando significava colocar as necessidades deles na frente. Independentemente dos papéis que o destino tivesse planejado para qualquer um deles, Fen tinha uma responsabilidade para com o *wulfenkind* que o observava agora. Não ia seguir cegamente os planos de ninguém. Não era uma questão dele morrer ou não. Fen tinha se lançado contra o perigo repetidamente, mas o fizera porque os planos do jovem Thorsen eram sãos e lógicos. Havia coisas que valiam o risco; salvar o mundo era uma delas.

– Você vai precisar de mais do que isso para me convencer de que apoiar seus planos é a melhor coisa para os Saqueadores – afirmou Fen em um tom que todos poderiam ouvir.

O prefeito cruzou os braços e olhou Fen da sola dos sapatos surrados até o topo dos cabelos bagunçados, para depois dizer:

– Destino, meu menino. O Campeão de Loki lidera os monstros. Se você não fizer o seu trabalho, eu destruirei todos esses moleques esfarrapados e sua família também. – Ele sorriu de um jeito amistoso, como se não tivesse acabado de ameaçar todo mundo que Fen conhecia. Ele não se interessava pelos Brekke da mesma forma que a maioria dos Thorsen. Fen tinha visto o lampejo de preocupação no rosto do prefeito quando a morte de Matt foi mencionada. Ele obviamente se importava com a *própria* família. Não significava que se preocuparia com os Brekke.

– A família Brekke não tem um longo histórico de obediência aos Thorsen – apontou Fen, pensando em todos os parentes que tinham acabado encrencados. Os Thorsen eram a lei, e os Brekke quebravam a lei. Isso era inegável.

O prefeito apenas respondeu:

– Você fará sua parte, assim como o Matty fará a dele.

Sem mais uma palavra, o velho deu meia-volta e foi embora, deixando Fen com uma tropa de *wulfenkind* que o observava atentamente. *A liderança é difícil*, pensou Fen. Olhou em volta para os garotos. O medo era óbvio em vários rostos. Fen só sabia de uma coisa que poderia dizer para ajudá-los a entender sua postura.

– Mesmo que eu não fosse obrigado pela lei do *wulfenkind*, não deixaria ninguém machucar minha prima. Vocês todos sabem que eu me sacrifiquei por Laurie durante anos. Eu não deixo na mão as pessoas que jurei proteger. Farei o que for necessário para manter vocês seguros, que nem fiz com ela. Vou encontrar um jeito de proteger *todos* nós. – Tentou se controlar para não gritar com eles por terem confiado em um Thorsen... Bem, confiar em um deles que não fosse Matt. Com a maior calma possível, Fen acrescentou:

– Seguir os Thorsen não é uma boa ideia para os Brekke, e seguir *aquele* Thorsen é uma péssima, *péssima* ideia.

Fen não esperou para descobrir o que todos eles pensavam. Em vez disso, foi direto para a barraca de Skull, que fora a primeira que ele mandou que fosse montada. Tinha que ver como ia a recuperação do menino e, se possível, aprender mais com ele. Skull havia sido o alfa desde que a matilha fora formada. Era o garoto mais forte e mais velho ali, e ninguém o teria desafiado pela liderança. Isso significava que ele sabia tudo sobre a matilha, o que também dava a entender que Fen teria que ganhar sua confiança se quisesse resgatá-la dos planos malucos do prefeito.

O rapaz mais velho encarou Fen com expectativa quando o novo alfa entrou apressado na barraca.

– Então... – começou Skull.

– Então foi por causa daquele lunático que você me encurralou. – Fen desabou no piso da barraca.

– É.

– Você acredita nessa coisa toda de "é melhor destruir o mundo inteiro e reconstruir das cinzas"? – perguntou Fen.

Por um momento, Skull não disse nada. Ele parecia estranhamente normal naquele instante, como se não fosse o mesmo cara que atormentara Fen durante anos. Então ele arruinou tudo, dizendo:

– A maior parte do tempo.

Fen fungou.

Skull sorriu.

Eles se sentaram, observando-se em silêncio por um momento quase pacífico, até que Skull acrescentou:

– Não é como se pudesse ser pior que agora, sabe?

As orelhas de Fen se ergueram como o lobo que ele às vezes era. Havia um motivo para Skull cooperar com o prefeito, e, talvez, se Fen conseguisse descobri-lo, poderia mudar as coisas. Ser um Brekke fez Fen entender que as pessoas às vezes tomam decisões ruins não porque *sejam* más, mas porque estão assustadas ou com raiva.

– Eu tenho que pensar na minha irmã – continuou Skull. – Tenho que pensar no que é melhor para a matilha... bem, eu tinha que pensar antes de você assumir a liderança. Eu tenho um irmãozinho também, sabia? A gente nunca se vê, e eu não quero essa vida para ele também. Viver como a gente, sempre em movimento, acampando, lutando. Fica difícil. Tenho cicatrizes que nem me lembro de ter ganhado. Minha irmã lida bem com isso, mas ela é... uma garota incomum.

Uma única risada escapou antes que Fen pudesse contê-la. Hattie era mais loba que garota. Ao longo dos anos, Fen tinha certeza de ter ficado com mais medo dela do que de Skull.

Skull continuou como se não tivesse ouvido.

– Sei que o seu pai está preso. O meu também. Assim como meu irmão mais velho. Não seria melhor se nós não tivéssemos que viver assim?

Havia muitas respostas que Fen poderia ter esperado de Skull. Não contava, porém, com a esperança que ouviu na voz dele, e Fen compreendia. Ele *realmente* entendia. Não via nem o pai nem a mãe fazia mais tempo do que poderia lembrar, e tinha sido passado de parente em parente, dos hostis aos semitolerantes, pela maior parte da vida. O primo Kris era um dos melhores, mas isso não significava que Fen não tivesse sentido o peso do punho dele uma ou duas vezes. A vida era assim mesmo.

E se a vida não tivesse que ser assim?

Fen não sabia bem se a vida melhoraria com a libertação de seu pai. Tinha dúvidas de pouca importância nesse caso, mas a esperança de Skull,

por alguma coisa melhor que a vida que eles todos levavam agora, era tentadora.

– Eu entendo. Quero uma vida diferente também – disse ele, com cuidado. – Estava inclusive tentando ter uma, até você... – Fen se interrompeu com um balançar de cabeça, sem poder pensar na rápida tentativa de estar do lado certo da batalha iminente. Voltar à tentativa frustrada de ser herói só o deixaria com mais raiva de Skull. Fen afastou esses pensamentos e continuou: – A questão é que eu não acho que seguir um Thorsen no plano maluco de destruição do mundo é o jeito de conseguir.

Skull encolheu os ombros.

– Eu não tenho certeza, mas não tenho um plano melhor. Todas as matilhas de Saqueadores que eu conheço estão com ele. – Skull se espreguiçou, estremeceu e acrescentou: – Não sou um pensador, Fen. Também não sou o Campeão de Loki. É sua matilha agora. Foi você quem visitou Hel. É você quem supostamente vai liderar a gente e os monstros à vitória. Eu vou seguir você. Todos nós vamos... Só não nos deixe morrer.

Fen o encarou. Ele não sabia se esse vislumbre do medo e confiança do garoto mais velho seria melhor do que ouvir Skull falando maluquices. Por um lado, era fácil pensar em Skull e no resto dos Saqueadores como os inimigos. Por outro lado, Fen era exatamente como eles de algum jeito: Skull queria uma vida melhor; desejava proteger a família, e ainda que Fen não conseguisse ver nada em *Hattie* que merecesse ser protegida, sabia que faria qualquer coisa para manter Laurie em segurança.

Eles ficaram daquele jeito, os dois meninos calados, até que foram interrompidos pela chegada de uma garota que Fen daria de comer aos monstros com alegria se tivesse como conjurar um deles: Astrid, a garota

que tinha envenenado Baldwin com visco e o assassinado. Fen ficaria feliz em nunca mais vê-la outra vez.

– Fen – disse Astrid.

Foi tudo que a feiticeira conseguiu falar antes que Fen se lançasse sobre ela. O menino sabia que a garota não era lobo, mas *era* uma assassina. Isso o liberava da regra de "não bater em meninas", que valia para quem não fosse *wulfenkind*.

Astrid recebeu o ataque dele com um próprio. Fen acertou o primeiro soco, mas ela se esquivou o suficiente para que, em vez de lhe acertar na boca, o punho passasse de raspão na beira do queixo. Astrid ergueu o joelho rapidamente, mas Fen já tinha recuado e a menina não conseguiu vencê-lo com aquele golpe sujo.

– Você matou Baldwin – rosnou Fen, e tentou lhe aplicar uma rasteira.

– E você o trouxe de volta – retrucou Astrid, enquanto o socava com os punhos rapidamente. – Destino.

O soco seguinte de Fen a jogou para trás, mas não tanto quanto deveria. Astrid era forte, muito mais forte do que uma garota humana deveria ser.

– Eu poderia ter falhado. Ele poderia ter continuado morto! – gritou Fen. – Nós *todos* poderíamos ter morrido em Hel.

– Mas vocês *não* morreram. – Astrid o observou com uma atenção que parecia deslocada. Ela o socou, jogando a cabeça de Fen para trás com força.

Fen a encarou com raiva, mas com planos em mente. Astrid lutava surpreendentemente bem o suficiente para que Fen ficasse espantado com o fato de Matt ter ido tão bem na luta que teve com ela depois da morte de Baldwin. Ela aparentemente escondeu essa habilidade deles, além da lealdade ao inimigo e das intenções assassinas quanto a Baldwin.

– Bem? – Ela estava esperando que Fen chegasse a alguma conclusão, provocando-o. Estreitou os olhos.

Astrid estava no acampamento deles, cercada por lobos, que não deixavam não lobos viajar ou ficar com eles. Como ele não tinha percebido que ela era *wulfenkind*? Astrid tinha enganado todos eles. Fazia sentido para Laurie e Matt, mas Fen podia reconhecer outros da espécie dele.

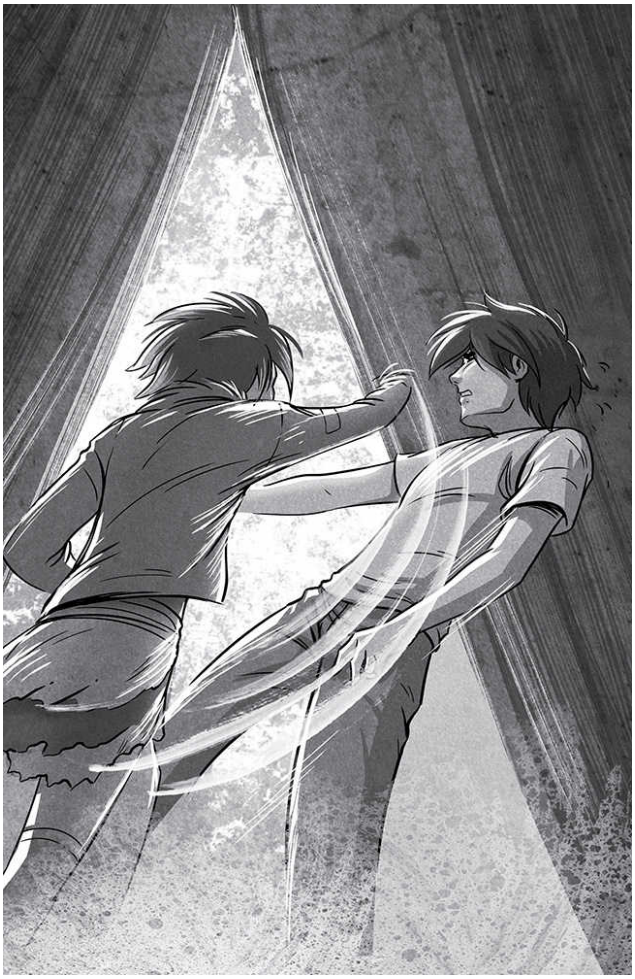
– Você é uma loba?! – exclamou Fen, pausando com o choque, e, ao fazê-lo, baixou a guarda por tempo suficiente para que Astrid acertasse um belo murro em seu estômago. – *Uuf.*

– Não sou loba. – Ela sorriu, baixando os punhos e recuando vários passos, colocando-se fora do alcance dele. – Sou só uma menina, Fen.

– Não, não é, não. – Fen olhou para trás, para Skull, que os observava com óbvio divertimento. – Ela está sempre por aqui?

Skull balançou a cabeça.

– O chefe disse que traria ela aqui. Disse que era para ela ficar conosco. Não sei bem quem é ela, mas não é uma loba. O prefeito disse que ela vai fazer parte da grande luta, e que nós temos que protegê-la, então você não pode fazer nada a ela... a não ser que ela faça alguma coisa *nova* para aborrecê-lo. Ela é importante para o velho.



Fen tentou descobrir o quanto ele conseguia se lembrar das várias histórias que tinha escutado sobre o Ragnarök. Se ela não era uma loba, então o que seria? Cabelos com pontas cor-de-rosa, temperamento difícil, forte, obviamente do lado dos monstros? Não se lembrou de nada; nenhum monstro se encaixava naquela descrição.

Queria que Thorsen estivesse aqui com a nerdice de livro dele. Aposto que ele sabe.

Astrid estava observando Fen. Baixinho, ela disse:

– Eu não sou sua inimiga. Fiz o que eu tinha que fazer... Não me venha fingir que não consegue entender *isso*!

Skull grunhiu ao se endireitar no palete. Seu rosto estava molhado de suor, e Fen percebeu que o rapaz estava muito mais ferido do que admitira.

– Você precisa de alguma coisa?

– Estou bem – retrucou Skull, como o menino que Fen conhecia havia tantos anos. – Se a luta já acabou, caiam fora.

Fen fez uma cara feia para ele.

– Se você não se importar, Alfa – acrescentou Skull em uma voz nem um pouco respeitosa.

Foi uma tentativa de educação suficiente, porém, para que Fen fizesse que sim com a cabeça e apontasse a saída para Astrid.

– Fora. – Ele se virou de volta para Skull depois que Astrid saiu. – Se você precisar muito de ajuda, podemos levá-lo a um hospital ou coisa assim.

Skull revirou os olhos.

– Saqueadores não vão ao hospital, Fen. Nós nos curamos, criamos cicatrizes e lutamos mais. Somos lobos. Quando ficamos fracos demais, nós morremos.

– Não na *nossa* matilha. Não agora. Se eu sou alfa, criarei minhas próprias regras. Se você precisar de um hospital, então é aonde nós vamos.

– Com que dinheiro?

Fen soltou uma risada.

– Eu não disse que deixaríamos de ser Brekke, só que íamos arranjar ajuda.

Skull sorriu.

– Você é um bom alfa.

Com isso, Fen percebeu que *seria* capaz de fazer aquilo. Não fosse o Ragnarök, ele poderia até gostar de ser alfa. Não queria lutar contra seus amigos e não desejava que os companheiros de matilha fossem feridos por eles. Ser um alfa tinha efetivamente o colocado em uma situação em que ele teria que se preocupar com gente dos *dois* lados.

A não ser que eu possa encontrar um jeito de fazer a matilha lutar do lado certo... o que eu não posso, já que isso os colocaria em um perigo maior, porque os mocinhos, os descendentes do Norte, provavelmente vão perder.

O inimigo era mais forte. Eles tinham monstros e um líder que vinha manipulando todo mundo. Os mocinhos eram um bando de garotos... e uns bodes.

Fen foi para o lado de fora e se deparou com Astrid esperando. Jamais gostara da menina de cabelos cor-de-rosa. Ela era rude e controladora, e... bem, muito parecida com ele, na verdade. *Isso não importa*, pensou ele. *O que importa é que ela matou Baldwin*. Quer fosse parte dos eventos predestinados do Ragnarök ou não, ela envenenou Baldwin. E matara o único garoto com quem Fen encontrara uma amizade instantânea e autêntica. Claro, Fen tinha amigos na escola, mas era mais porque era intimidador e eles queriam ficar de bem com ele. Fen não era burro. Sabia que aqueles não eram amigos com quem poderia contar em qualquer situação. Matt era um amigo, mas eles ainda estavam trabalhando na amizade... E talvez esta tivesse acabado

de morrer quando Matt viu Fen com os Saqueadores. Não, não tinha ninguém exatamente como Baldwin, e Astrid o matara.

– Não tenho que ser legal com você. Se a matilha jurou mantê-la em segurança, é o que vou fazer. Mas isso não vai valer de nada se você machucar um deles ou minha prima. Sou alfa, e já mandei que eles não encostem nela. *Você* vai obedecer também, se andar conosco. – Fen cruzou os braços e olhou feio para ela.

– Entendido.

Não era justo que Fen tivesse que proteger Astrid, mas ele ficou um pouco satisfeito com o fato de pelo menos ter acertado alguns socos na menina que tinha matado Baldwin *e* que armara para que Fen fosse o culpado, acabando quase preso por assassinato.

– O Matt está, hum, bem? – perguntou ela em uma voz estranha e baixa.

A pergunta era tão inesperada que Fen simplesmente piscou os olhos em descrença.

– *É sério?*

– Bem, quer dizer, sei que ele está vivo e tal. Mas correu tudo bem em Hel, né? – perguntou ela, enquanto se remexia. Olhou para as próprias mãos, que estavam unidas com força.

Com cuidado, Fen respondeu:

– Acho que ele está bem. Está por aí em algum lugar com minha prima, enfrentando sabe-se lá o quê. – Fen balançou a cabeça diante da estranheza daquele dia e daquela situação em que ele se encontrava agora, antes de acrescentar: – E eu aqui tentando convencer esses patetas de que acabar com o mundo é uma coisa *ruim*.

– Você será um ótimo alfa. Tenho certeza de que Matt lhe ensinou muita coisa. – Astrid lhe deu tapinhas no ombro, desajeitada. – Fico feliz que ele esteja bem, sabe? Eu realmente não quero que Matt morra.

Fen fez uma careta para ela.

– Nem Laurie – acrescentou a menina rapidamente. – Sei que você se preocupa com ela. Talvez nós dois devêssemos conversar... Não podemos *impedir* o Ragnarök. Ele já começou, mas talvez nós possamos trabalhar juntos para salvar as pessoas que, hum, queremos proteger.

Fen olhou para Astrid. Ele tinha quase certeza absoluta de que não confiava nela, mas Astrid era a única pessoa no acampamento que valia o esforço. Ele balançou a cabeça de novo, tentando não pensar no fato de que ela já tinha matado Baldwin uma vez.

– Todos nós temos papéis a desempenhar, Fenrir – afirmou Astrid em voz baixa. – O seu era resgatar Baldwin. Você acha mesmo que eu não sabia que você choraria por ele? Confie em mim. Eu não teria mandado Baldwin para Hel se achasse que você o deixaria continuar morto.

Fen sabia que Astrid obviamente não era uma humana comum se ia lutar ao lado dos monstros na batalha final. Ela era alguma outra coisa. Ele ainda não sabia o quê, mas ia descobrir.

– Por que eu deveria confiar em *você*?

Astrid franziu o rosto.

– Você está aqui com a matilha que o enfrentou repetidamente. É o líder deles agora. Acha mesmo que é a *única* pessoa que não gosta do que tem que fazer?

Fen sabia como as coisas podiam ficar complicadas com mitos e o destino. Tinha sido ele a roubar o escudo e entregá-lo a Skull antes de saber sobre o Ragnarök. Seria hipocrisia agir como se outras pessoas não pudessem acabar presas também.

– Eu não gosto de você – afirmou Fen depois de um momento dos dois se encarando.

Astrid cruzou os braços.

– O sentimento é mútuo.

Os dois ficaram parados ali, fazendo cara feia um para o outro por mais alguns momentos, e então Fen falou:

– Tudo bem. O que você tem em mente?

DEZ



MATT

"DEIXA NEVAR"

Então, o gigante de fogo. Quinze metros de altura. Em chamas. *Completamente* em chamas, da cabeça aos pés. Carregando duas espadas. Flamejantes, é claro. Matt mal teve tempo de *pensar* antes do Jotunn se virar em sua direção. Ele diria que o monstro tinha olhado para ele, mas para isso teria que ver olhos no gigante. O Jotunn parecia ter uma boca, no entanto, que ele abriu para soprar... isso mesmo, fogo.

A labareda foi direto contra eles, como algo saído de um vídeo exibido na escola sobre segurança em incêndios e os perigos de ignições explosivas, e Matt teve um estranho impulso de parar, deitar-se no chão e rolar. Felizmente, as chamas pararam logo diante deles, ainda que Matt tivesse quase certeza de que elas tinham queimado metade de suas sobrancelhas. Então o Jotunn pareceu se expandir, como se estivesse inalando, enchendo os pulmões com ar extra para propelir a chama...

Matt agarrou a moldura da janela do caminhão de bombeiro. Ainda estava suficientemente quente para fazê-lo estremecer, mas ele empurrou Baldwin para dentro. O menino mais jovem entrou correndo e Matt foi em seguida. Eles entraram bem quando as chamas os acertaram, lambendo através da janela aberta e acertando o escudo de Matt, que se protegeu atrás. As chamas engolfaram o escudo de madeira só para se congelarem em uma cobertura pontiaguda de gelo. Porém, Matt ainda sentia o calor do fogo se expandindo pela cabine do caminhão de incêndio. Até Baldwin teve dificuldade para respirar.

– Aguenta firme – disse Matt. – Ele vai...

As chamas pararam então, parecendo durar apenas enquanto o gigante tinha fôlego.

– Tudo bem? – perguntou Matt, agachado atrás do escudo.

– Sou invulnerável, lembra?

Verdade, mas Matt não tinha certeza se isso significava que Baldwin seria protegido das chamas ou se seria calcinado e voltaria à vida. Baldwin podia adorar testar os próprios limites, mas Matt desconfiava que este era um teste que o amigo preferiria evitar.

Outra onda flamejante atingiu o caminhão. Desta vez, apesar do escudo gelado, o suor escorreu pelo rosto de Matt. Ele cometeu o erro de estender a mão para segurar algo e os dedos tocaram o metal quente. Ele ganiu e puxou a mão de volta.

– Está quente aqui dentro, hein? – comentou Baldwin. – Melhor nós torcermos para o grandalhão se cansar logo, porque eu me sinto como um peru de Natal.

Quando o Jotunn acertou o caminhão com mais uma labareda, Matt entendeu que era exatamente isso que o gigante tentava fazer: aquecer a cabine até um ponto insuportável e expulsá-los.

– Vá por ali – disse Matt, acenando para a janela quebrada do carona. – Temos que sair daqui.

Os dois saíram rastejando pelo outro lado e ao longo do caminhão de cabeça para baixo. Quando uma mangueira pendurada bateu em Matt, Baldwin sussurrou:

– Que pena que essas coisas não estão funcionando, né?

Que pena mesmo. Aquele poderia ser o único jeito de deter o Jotunn. Infelizmente, a não ser que houvesse um hidrante por perto, as mangueiras eram inúteis.



– Na minha contagem, vamos correr – disse Matt.

– Correr para onde?

– Na direção oposta.

Baldwin deu uma risada.

– É um bom plano.

Os dois assumiram posição de largada. Então saíram em disparada para o outro lado da rua e quase se espatifaram contra um prédio. A porta da frente estava trancada. Atrás deles, o Jotunn rugiu, como se percebesse que tinha perdido a presa. Então Matt viu que o monstro se aproximava, as chamas tremeluzindo na fumaça.

Matt deu um puxão na porta. O Jotunn rugiu de novo. O fogo crepitou e Matt jurou que suas costas esquentaram enquanto continuava puxando a maçaneta. A porta era sólida; não tinha nada de vidro para quebrar.

Uma onda de calor, e desta vez as chamas realmente o lamberam. Baldwin gritou um aviso e deu um tapa nas costas de Matt.

– Mais uns dois segundos e você vai ficar aceso como uma vela de aniversário.

– Eu sei. Aguenta firme.

Matt bateu com Mjölnir na maçaneta da porta, que rachou, e quando o menino a forçou de novo, a porta se abriu. Baldwin o empurrou para dentro quando o calor os atingiu de novo, o suficiente para que Matt estremecesse.

Eles correram por um salão mal iluminado. Quando estavam longe o bastante prédio adentro para que os olhos de Matt se ajustassem ao escuro, ele começou a notar coisas no chão. Um casaco aqui. Uma pasta de laptop ali. Óculos escuros que ele quase esmagou antes de pegar. Uma trilha de objetos, como se os trabalhadores tivessem agarrado o que pudessem e fugido, sendo empurrados adiante na multidão, abandonando tudo o que deixassem cair enquanto eram carregados até a porta.

Ao chegar a uma escadaria, Matt abriu a porta e a dupla subiu as escadas.

– Aonde vamos? – perguntou Baldwin.

– A um ponto de vista elevado.

– Vista...? Ah, para que você veja o gigante. Detrás do vidro.

– De preferência, vidro à prova de fogo.

Baldwin riu.

– Ah, você jura?

Eles subiram ao terceiro andar e encontraram o lado da frente do prédio sem dificuldade. Mesmo do corredor, as portas abertas à esquerda deixavam passar um incandescer vermelho. Matt entrou por uma delas e viu o escritório iluminado pelo brilho do gigante de fogo.

– Ele fica bem maneiro visto daqui – observou Baldwin. – Menos assustador também.

Ele tinha razão. O terceiro andar era perto o bastante para que eles vissem a cabeça do Jotunn, e agora Matt *conseguia* perceber as feições dele. Era estranho, como ver chamas se torcendo para formar um nariz e um queixo, com nichos escuros servindo de olhos e de boca. Enquanto Matt observava, esses traços se reorganizavam constantemente, baixando e subindo com as ondulações das chamas. Era fascinante de olhar. Seria ainda mais se o menino não estivesse bem ciente de que uma cidade inteira fora incendiada por essa criatura.

– Como nós vamos detê-lo? – perguntou Baldwin, enquanto os dois encaravam o gigante furioso pela janela.

Matt não respondeu.

– É isso que nós vamos fazer, né? – indagou Baldwin. – Detê-lo?

Em Hel, tudo o que eles tiveram que fazer foi passar pelo Jotunn. Claro, Matt poderia argumentar que aquela não era exatamente uma missão; eles

dois tinham apenas esbarrado com o gigante de fogo, como acontecera com as maras em Rapid City, e a meta real era descobrir o campo de batalha. Não importava. Tudo relacionado ao Ragnarök era responsabilidade deles, e se eles "esbarrassem em" um problema, teriam que consertá-lo.

– Sim – decidiu Matt. – Nós vamos detê-lo.

– Então... como?

– Estou pensando. Nesse meio-tempo, se você tiver alguma ideia...

Baldwin encarou o amigo.

– Eu?

– Claro. – Matt forçou um sorriso. – Democracia e coisa e tal. Fico feliz em ouvir qualquer ideia que você tiver.

– Isso... não é bem meu lance. – Baldwin mordiscou o lábio. – Se você quiser, acho que posso tentar...

– É só o que eu peço. Precisamos de todos os cérebros em ação para...

O Jotunn foi até a janela. Ambos cambalearam para trás. Matt pôs a mão no ombro de Baldwin e fez com que os dois se abaixassem atrás de uma escrivaninha. Matt deu uma espiada bem quando o Jotunn baixou o rosto na janela deles, a um ou dois metros de onde estiveram. A boca se abriu. O fogo se derramou e cobriu a janela, transformando-a em um enorme retângulo de chama sólida.

– Por favor, vidro, aguente – sussurrou Baldwin. – Por favor, por favor...

Ele aguentou. Quando as chamas se dissiparam, o Jotunn estava com a cara encostada bem na janela, e, nesse momento, Matt pôde ver seus olhos naquela chama viva. Olhos negros espiando. Matt e Baldwin se abaixaram de novo.

Um rugido de frustração reverberou no vidro, fazendo o prédio inteiro tremer. Matt esperou. Depois de um minuto, ele ouviu um *tum-tum*, e o crepitar de chama começou a sumir. Matt espiou por cima da escrivaninha e

viu as costas do Jotunn, que se afastava, ainda resmungando com um som semelhante ao estalar de fogo raivoso.

Matt avançou cuidadosamente até a janela.

– Tenho que ir atrás dele.

– Hum... – respondeu Baldwin.

– Tivemos que fazer o gigante desistir de vir atrás de *nós* para que eu pudesse ir atrás *dele*. Virar o jogo. Eu posso caçá-lo; não quero ser caçado.

– Certo, eu entendo isso. Mas...

– Você consegue encontrar o caminho de volta até os outros? Contar a eles o que está acontecendo?

Baldwin endireitou os ombros.

– Não vou deixar você.

– Eles poderiam me ajudar muito. Não é uma tarefa pequena.

– Também não é um gigante pequeno. Eles vão encontrá-lo por conta própria. Laurie não vai ficar quieta esperando que você cuide disso.

Ele tinha razão.

– Eles virão – afirmou Baldwin. – Agora vamos lá antes que o bicho *nos* despiste.



Foi bem fácil seguir o Jotunn. Uma vez que Matt descobriu que ele estava lá, conseguia vislumbrar o brilho em meio à fumaça. Também escutava o crepitar do fogo.

– Ei, eu sei onde estamos. – Baldwin apontou uma fachada de loja, pouco visível naquela fumaceira. – Viemos em uma viagem de família. Meu tio e tia estavam nos visitando e queriam ver o Palácio do Milho.

– Palácio do Milho?

– É, é um palácio gigante. Feito de milho.

Matt conhecia o Palácio do Milho. A maioria dos jovens em Dakota do Sul também, e muitos já o tinham visitado, incluindo o próprio Matt muitos anos atrás. Era, como Baldwin tinha dito, um palácio feito de milho. Bem, *coberto* de milho.

Havia um gigante de fogo de quinze metros seguindo em direção a um quarteirão inteiro de milho seco.

Matt começou a correr.

– Matt?

– É para lá que ele vai! – gritou Matt de volta.

– O Palácio...? – Baldwin começou a dizer enquanto corria ao lado de Matt. – Claro, vai pegar fogo, mas não vai ter ninguém lá dentro. Todo mundo já deve ter ido embora a essa altura.

– Mas o lugar vai pegar fogo. Essa é a questão. – Matt acenou para indicar tudo em volta. – Vai queimar bem quente. Talvez o bastante para incendiar tudo.

– Então o que você vai fazer?

– Essa é a questão, né?

Por um momento, Matt pensou que as palavras tinham vindo dele. Certamente era o que ele estava pensando. Mas, por mais assustado que estivesse, sua voz não ficava tão aguda assim.

Surgiram vultos na neblina de fumaça. Reyna vinha na frente, com Laurie e Owen logo atrás.

– Tem um plano, Matt? – perguntou Reyna. – Eu espero muito que sim, porque, se aquele Palácio do Milho pegar fogo, a cidade inteira vai queimar. Sem pressão.

Ela veio correndo até o lado dele e tentou dar um sorriso de provocação, mas o rosto estava muito forçado para conseguir.

– Então como nós vamos deter esse bicho? – perguntou ela.

– Estou aberto a sugestões.

Todos encararam Matt, que ficou grato de ter colocado os óculos escuros, pois assim eles não poderiam ver sua expressão. Matt estava completamente empacado. Enquanto isso, um Jotunn de fogo estava prestes a incendiar a cidade.

– Estou pensando – disse Matt. – Só... Vamos continuar andando.

Laurie veio correndo até ele.

– Desculpa jogar esse problema no seu colo. Obviamente é um esforço conjunto. É só que... bem, eu estava torcendo muito para que você tivesse uma ideia, porque eu realmente não tenho. Nós vimos aquela coisa. É fogo. É *totalmente* fogo.

– Eu sei. Só joguem ideias, por mais malucas que sejam.

Foi isso que eles fizeram. Eles jogaram ideias. A maioria era maluca, e as que não eram simplesmente não funcionariam.

– Eu odeio sugerir isso – disse Laurie. – Mas talvez seja necessário pedir ajuda.

– Eu já tentei – explicou Matt. – Enquanto corríamos, eu chamei as Valquírias. Ninguém respondeu.

Todos derraparam até parar, tão rápido que os tênis guincharam no asfalto. Estavam no Palácio do Milho. Por mais densa que a fumaça estivesse, não tinha como deixar de ver. O lugar tinha pelo menos dois andares de altura, e ocupava um quarteirão inteiro. Havia até uma arena lá dentro. E o lado de fora era completamente decorado com milho seco do festival de algumas semanas atrás.

– Nada de gigante – disse Baldwin.

– O quê?

O menino mais novo acenou para a área em volta.

– Você está vendo o gigante? Escutando?

Baldwin tinha razão. Eles estiveram seguindo o Jotunn, mas depois de encontrar as garotas e Owen e perceber para onde o gigante parecia rumar continuaram seguindo para o Palácio do Milho. Agora os cinco estavam diante do lugar e não havia sinal do gigante.

Laurie soltou a respiração.

– Certo, alarme falso. Isso nos dá tempo para bolar...

O rugido do Jotunn a cortou, e todos eles ficaram atentos, seguindo o som.

– Por ali – disse Reyna, apontando para a direita. – Está indo naquela direção. Estamos bem. É só...

O gigante rugiu de novo. Todos se viraram para a esquerda.

– Aquela coisa é mais rápida do que parece – comentou Baldwin. – Agora ele está...

Outro rugido veio da direita, de onde eles tinham ouvido o primeiro. Depois mais outro, da esquerda, respondendo.

– Diz que isso é um eco – pediu Baldwin.

– Eu adoraria – respondeu Reyna. – Mas...

Ela apontou nas duas direções, e Matt seguiu os dedos dela para ver dois vultos incandescentes na fumaça, ambos se aproximando do Palácio do Milho.



Eles se separaram de novo. Baldwin com Laurie e Owen agora, e Matt com Reyna. Cada grupo indo atrás de um gigante. Indo atrás deles para fazer o quê? Bem, essa ainda era a grande questão.

– Tem que ter um corpo lá dentro – afirmou Reyna enquanto os dois corriam, erguendo a voz acima dos estalos e rugidos. – Dentro das chamas,

quero dizer. É um gigante em chamas. O que quer dizer que ainda existe um gigante que podemos ferir, certo?

– Hipoteticamente.

– Tem que existir. Então vamos chegar perto o bastante e você joga o Mjölnir nele.

– E faço o quê?

– É um martelo mágico, Matt. Ele vai saber o que fazer, que nem o seu escudo. Você tem que começar a confiar nele.

– Tudo bem.

– Tente de novo.

– Tudo bem – repetiu Matt, com mais firmeza.

– Melhor.

Ele se voltou para ela.

– Me desculpe. Quanto a...

– Eu prefiro não falar desse assunto, ou vou ficar brava de novo, e não posso protegê-lo se estiver com raiva de você. – Ela correu por mais alguns passos, e então disse: – Eu entendo por que você fez o que fez, fico feliz que tenha sido honesto comigo, e sei que Ray colocou você em uma situação ruim. Então estou brava com ele e descontando em você. Vamos só descobrir como deter esse monstro.

Eles continuaram correndo. A fumaça estava mais leve por aqui. Não fazia sentido, considerando como eles estavam próximos ao Jotunn, mas talvez a fumaça, assim como o sopro de fogo, fosse algo que tivesse que ser feito de propósito para espantar as pessoas, e agora que não havia mais ninguém por perto, tinha parado. Por mais que fiapos ainda rodopiassem em volta deles, Matt conseguia respirar e puxara o pano do rosto.

O Jotunn avançava contra o Palácio do Milho. Enquanto os dois se aproximavam correndo, o crepitar das chamas abafava os passos dos dois.

– O quanto você precisa se aproximar? – perguntou Reyna enquanto eles corriam.

– Eu... eu não sei. Devia testar. Uma outra hora.

– Vamos chegar o mais perto possível, então.

Eles aceleraram.

– Corda – disse Reyna.

– O quê? – Matt teve que falar mais alto para ser ouvido com o barulho do fogo... enquanto torcia para que não fosse suficientemente alto para ser ouvido pelo gigante.

– Se não funcionar, nós deveríamos arranjar corda. Amarrar no martelo. Jogar em volta das pernas. Derrubar o gigante como um novilho laçado.

Matt soltou uma gargalhada.

– Parece que você tem alguma experiência nisso.

– Campeã de 2010 da Divisão Oeste de Garotas do Rodeio Júnior de Dakota do Sul.

– É sério?

– Eu tenho fases. A maioria delas criada para enlouquecer meus pais. A única coisa mais vergonhosa para eles do que uma filha vaqueira era uma filha gótica. Mas eu gostava mais da fase vaqueira. Menos chorumela. Mais laços. Talvez eu volte.

– Bem, o lance da corda é uma boa sugestão, se for necessário. E se acharmos corda. Até lá, isso me deu uma ideia. Vou mirar atrás do joelho.

– Essa é uma boa – disse Reyna sorrindo para Matt, que se sentiu como se tivesse tirado 10 em uma prova.

Eles estavam no Palácio do Milho agora, e Matt vislumbrou o brilho do outro Jotunn do lado oposto, também indo na direção do alvo. Matt cerrou o punho em volta do Mjölnir e correu o mais rápido que pôde. Quando chegou a uns seis metros do gigante, este diminuiu o passo, como se sentisse

alguma coisa se aproximando. Matt atirou Mjölnir, e o martelo voou na direção do gigante com pontaria perfeita. Atingiu o alvo, a parte de trás do joelho direito do Jotunn. Acertou... e passou direto, depois deu meia-volta e retornou. Matt ergueu a mão.

– Não! – gritou Reyna.

Ela se jogou e alvejou Matt no ombro, mas o martelo sabia aonde ir e acertou a mão estendida do menino. Matt gritou.

Ele soltou o martelo branco incandescente. A dor era maior do que qualquer outra que ele jamais sentira antes, tão intensa que Matt teve que morder o lábio para não gritar de novo. Reyna segurou seu braço e alguma coisa tocou a mão queimada, fazendo com que ele mordesse forte o bastante para tirar sangue do lábio, com um ganido ainda escapando. Por fim, uma onda de frio abençoado. Matt viu que Reyna envolvia o braço dele com os panos molhados que os garotos tinham usado para respirar.

– Está tudo bem – disse Reyna. – Está tudo bem. Está tudo bem. – Ela ficou repetindo as palavras em um sussurro, como se estivesse tranquilizando a si mesma tanto quanto a ele. Mentindo para si mesma. Não estava nada bem. A mão de Matt era a menor das preocupações deles, porque...

– É fogo – afirmou Matt. – O Jotunn. É *completamente* fogo. Não podemos enfrentar isso.

– Sim, nós podemos. – Ela puxou o pano apertado demais, como se quisesse enfatizar, e Matt inspirou com força. – Vamos descobrir um jeito...

Matt segurou Reyna pelos ombros e a jogou para o lado. Em seguida, ergueu o escudo bem quando uma onda de chamas o acertou. O gigante vinha direto até eles. Matt segurou Mjölnir com a mão enfaixada e acenou para que Reyna recuasse, enquanto mantinha o escudo empunhado, pronto para conter a próxima labareda.

O outro Jotunn rugiu, e parou. Virou-se. Matt disse a Reyna para seguir em frente, só seguir em frente. Então, enquanto o gigante parecia considerar o que fazer, Matt parou.

– Ei! – gritou o menino. – Ei, você! Você sabe quem eu sou?

O Jotunn se virou. Reyna tinha parado, e quando Matt deu uma olhada, esperou que a menina gritasse com ele, que o mandasse continuar correndo. Só que Reyna ficou ali, confusa, mas confiando que Matt teria um plano. Ou talvez aquela expressão significasse que era *melhor* ele ter um plano.

Ele tinha. Mais ou menos.

– Aê! Jotunn! – gritou ele para o gigante.

– Aê? – Reyna engasgou com uma risada. – Por favor, me diga que isso é uma palavra nórdica ancestral e que você não vai começar um rap.

Matt pode ter feito um gesto rude, mas se alguém o criticasse por isso ele diria que simplesmente acenara para Reyna ficar quieta enquanto chamava a atenção do gigante. E ele chamou mesmo. Atirar Mjölnir foi a solução. Matt não mirou no Jotunn de novo, não era idiota, mas mandou o martelo zunindo perto do monstro. Quando a arma veio voando de volta à mão de Matt; o menino tinha quase certeza de que o gigante havia ficado de queixo caído.

– É, isso aí! – gritou Matt tão alto que a garganta doeu. – Eu sou, hum, o Campeão de...

– De novo – disse Reyna.

Matt tossiu, fingindo que tinha se engasgado com a fumaça.

– Eu sou o Campeão de Thor e...

– Pare de brincadeira, Matt.

O menino ergueu Mjölnir sobre a cabeça.

– Eu sou *Thor. Vingthor! Thor de Batalha!*

O gigante ficou completamente imóvel. Encarou Matt lá de cima. Então uma das mãos do monstro recuou... e lançou um punhado de chamas na direção do menino.

– Corra! – gritou Matt para Reyna.

Ela correu, e ele correu, e o gigante soltou um rugido e trovejou atrás deles pela rua vazia.



– Eu realmente espero que haja uma parte dois nesse plano – disse Reyna enquanto os dois se escondiam logo atrás das portas duplas de um restaurante. Lá fora o Jotunn rondava a rua, estalando de frustração enquanto, ao longe, o parceiro rugia por ele.

A parte um, obviamente, tinha sido simplesmente "tirar o gigante de fogo de perto do altamente inflamável Palácio do Milho". Agora que eles tinham atraído o Jotunn para longe e encontrado um lugar onde se esconder, Matt precisava pensar em um plano para lidar permanentemente com o monstro. Essa parte era um tanto mais difícil.

– Não podemos enfrentá-lo fisicamente – afirmou Matt.

– Na verdade, podemos sim. Usar fogo contra fogo. Tem um posto descendo a rua. Gasolina. Se pudermos...

– Fogo *alimenta* fogo – disse Matt.

As bochechas de Reyna ficaram vermelhas.

– Certo. Eu sabia disso. Eu só... Não estou pensando direito.

– Ray vai ficar bem.

– Não é só isso. Sem Ray... – Ela expirou. – Eu me sinto inútil. Meu poder se alimenta do dele. Estou perturbando você por soluções porque, honestamente, não tenho nenhuma. Nem sei direito o que poderia conjurar se tivesse o poder.

– Sorvete?

Reyna abriu um leve sorriso. Depois parou.

– Ei, espere... gelo. Tem um rinque de patinação no Palácio do Milho. – Ela e Matt se entreolharam.

– Gelo... – Matt tocou o escudo. – Meu escudo se congela quando é atingido por fogo. Se Mjölnir fizesse a mesma coisa, nós poderíamos usá-lo. Mas ele obviamente não faz, e eu não posso simplesmente fazer acontecer...

– Você pode, sim. – Reyna se virou para Matt. – Você é Thor. Deus do trovão e relâmpago. Baldwin disse que você conjurou um relâmpago com os bisões.

– Não acho que tenha sido eu.

– É claro que foi. Você pode fazer chover. Eis a resposta. – Reyna pegou o braço de Matt. – Venha. Vamos ver o deus das tempestades em ação.



Eles não tinham ido muito longe, só até o lado de fora do restaurante, para que Matt não começasse uma tempestade do lado de dentro. Presumindo que ele fosse capaz de fazer temporais, em primeiro lugar.

– Você consegue – repetiu Reyna, já ficando impaciente, talvez por aquela ter sido a décima vez que Matt expressava suas dúvidas.

O menino estava fazendo o maior esforço possível. Visualizando chuva. Não relâmpagos. Não queria piorar ainda mais a situação, porém, quando disse isso a Reyna, ela respondeu:

– É isso que está bloqueando você. Pare de se preocupar com o que você não *deveria* fazer. Se um raio cair, nós lidamos com isso.

Era fácil falar. Depois de mais um minuto, Reyna cravou um olhar em Matt.

– Você ainda está se preocupando com relâmpagos, né?

– Não, eu...

– Você é um péssimo mentiroso, Matt. Se a chuva faz você pensar em raios, concentre-se no granizo. Quase a mesma coisa.

– O granizo se forma em nuvens de trovoada, que fazem parte de tempestades de raios e trovões. São causadas por correntes ascendentes, que também podem provocar tornados.

– Sabe o que eu queria às vezes, Matt? Eu queria que você não fosse tão inteligente. Tudo bem. Se você não consegue...

O Jotunn se virou para eles, como se finalmente escutasse as vozes da dupla. Reyna percebeu antes que Matt pudesse avisar, e os dois correram para a entrada do restaurante. O Jotunn ergueu um imenso braço flamejante e lançou uma bola de fogo do tamanho de um carro.

– Abaixe-se! – gritou Matt.

Reyna se atirou no chão. Matt se curvou sobre ela, o escudo erguido para protegê-los. Era uma cobertura imperfeita, mas a bola de fogo não veio na direção deles. Ela passou e explodiu na porta do restaurante, bloqueando sua rota de fuga.

– Corra! – disse Matt.

Reyna partiu para o prédio ao lado... até que uma segunda bola de fogo transformou aquela porta em um anel de chamas. Ela desviou por entre os dois prédios. O gigante tentou bloquear o caminho, mas eles eram rápidos demais. A bola de fogo seguinte atingiu a boca do beco e explodiu em um milhão de brasas. Matt ergueu o escudo e atirou o poder do martelo. Estava só tentando usar a força do Martelo para soprar as brasas para trás, mas um punho de gelo disparou de seus dedos e fez o serviço duas vezes melhor.

– Isso! – exclamou Reyna. – Você consegue fazer de novo?

– Não de forma garantida. – Matt cerrou o punho e sentiu os dedos gelarem.

Gelo. Isso funcionaria.

– Fique atrás de mim.

– Não vou discutir – disse Reyna. – Mas vou tentar ajudar.

Por ajudar, ela quis dizer lançar o feitiço de névoa. Não era tão bom sem Ray, mas o nevoeiro fino somado à fumaça os escondeu bem no beco enquanto Matt fechava os olhos e se concentrava.

Sei do que eu preciso. Me dê logo. Por favor, me dê...

O vento uivou pelo beco e a rajada os empurrou para trás, espalhando fumaça e névoa.

– Hum, Matt? – disse Reyna. – Sem querer questionar seu juízo, mas...

Matt fez shh para Reyna e, para sua surpresa, ela se calou. Fora do beco, o vento continuava sibilando. O Jotunn rugiu, mas o vento soprou o barulho para longe. Matt continuou se concentrando.

Está chegando. Acho... Não, sei *que está chegando. Sou Thor. Deus do vento e chuva e trovão e...*

O vento soprou de novo. Desta vez, Reyna se espantou, e não foi pela surpresa da rajada, mas pelo que ela trouxe: um impacto de frio que atingiu seus rostos e ficou lá, escorrendo molhado e gelado.

– Neve? – indagou Reyna. – Você conjurou uma nevasca?

Matt se virou para ela.

– Hum, é. Achei...

– Você é um gênio! – Reyna jogou os braços em volta do pescoço de Matt e o abraçou. Então recuou e disse: – Não interprete isso mal.

– Hum... Tudo bem. Sou um gênio só temporariamente.

– Não foi o que eu quis dizer, seu bobo. – Reyna deu uma risada que ecoou pelo beco e, ao ouvi-la, Matt percebeu que nunca a escutara antes. Ou vira a menina sorrindo assim, com o rosto iluminado.

– Pare de ficar vermelho! – exclamou ela, dando um tapa no braço de Matt. – Foi só um abraço. Agora não fique só aí parado. Continue a fazer o que estava fazendo. Deixa nevar.

– Sim, senhora.

Reyna ficou pulando ali, cantarolando "deixa nevar" em voz baixa, e quando Matt lhe deu as costas, ela soltou a voz e começou a cantar a plenos pulmões, com voz aguda e leve, girando pelo beco, ajudando Matt a se concentrar.

Deixa nevar, deixa nevar, deixa nevar.

E nevou mesmo. A neve caía e o vento soprava, espalhando-a por toda parte. Matt havia conjurado uma nevasca.

– Deu para o gasto – disse Reyna finalmente. – Vamos ver se funcionou.

Ela segurou sua mão, a que estava sem bandagens. Os dedos dela, quentes, em comparação com a neve que caía. Reyna puxou Matt, seguindo pelo beco, o piso agora escorregadio com dois centímetros de neve molhada. A neve não se estendia até onde a vista alcançava, e a tempestade parecia ter ficado confinada àquela área, mas fora suficiente. Neve, caindo levemente conforme o vento se acalmava.

Matt deu uma olhada nas duas entradas que pegaram fogo. As duas estavam pretas de fuligem, mas não restava nenhuma fagulha fumegando. Não havia sinal dos Jotunn. Em lugar nenhum.

Uma bola de neve explodiu no ombro de Matt.

– Você conseguiu! – exclamou Reyna.

Matt viu a menina começar a fazer outra bola de neve, sorrindo o tempo todo. Ele catou um punhado e destruiu a bola dela no ar. Reyna riu e acenou para o Palácio do Milho.

– Parece que acabamos por aqui, mas é melhor ter certeza.

Matt concordou com a cabeça e a seguiu, correndo e deslizando pelas ruas geladas.

ONZE



LAURIE

"UM PRESENTE PARA TIA HELEN"

Enfrentar uma torre gigante de fogo, pensou Laurie, enquanto tentava não entrar em pânico com essa última tarefa impossível que teria de completar. *Claaaaro, nada de mais.*

Não havia como lutar com fogo quando você era uma garota humana normal. Na verdade, ela não sabia bem se haveria algum jeito de lutar com fogo mesmo sendo um lobo como Fen, ou tendo um martelo mágico como Matt. Monstros míticos não eram algo que uma garotada deveria enfrentar. Eram grandes demais, horríveis demais... tudo demais para até mesmo começarem a pensar no que fazer. Nada disso mudava o fato de que ela teria que fazer exatamente isso.

Laurie e Baldwin se esgueiraram pelas ruas escuras de Mitchell na direção da área em que o Jotunn parecia estar. Não conseguiram vê-lo, mas escutaram o rugido, então sabiam que o monstro estava por lá.

Apesar da torre de fogo ambulante, uma súbita rajada de ar frio correu por entre eles, vinda de algum lugar. Laurie teve calafrios. A última coisa que ela queria era lidar com um Jotunn flamejante e algum monstro de gelo também. Essa coisa toda de "enfrentar monstros impossíveis" definitivamente não fora ensinada na escola.

– Como que uma coisa gigante em chamas se esconde? – sussurrou Baldwin ao lado dela, distraindo Laurie dos possíveis outros monstros além desse que os dois enfrentavam agora.

– Eu não sei.

– Talvez ele consiga ligar e desligar o fogo como uma lâmpada – sugeriu Baldwin.

Apesar de tudo, Laurie fungou uma risada. Por mais horríveis que as coisas parecessem, Baldwin não tinha o menor senso de perigo. Já a menina, por outro lado, tinha a sensação de que o fim estava logo virando a esquina.

E tinha razão, de certa maneira. Virou à esquerda diante do prédio seguinte, e lá, se esgueirando nas trevas, Laurie viu três lobos. Claro, havia uma *mínima* chance de que fossem lobos de verdade, mas tinha quase certeza de que eram como o resto dos que Laurie vira nas últimas semanas: parentes dela que se transformavam e eram tolos o bastante para desejar o fim do mundo.

Antes que Laurie tivesse uma chance de decidir o que fazer, alguém lhe segurou o braço e a puxou para trás.

– Eeep!

– Shh! – Uma mão cobriu sua boca, impedindo que ela falasse de novo e chamasse a atenção dos lobos.

Por um breve momento, ela torceu para que fosse Fen. Poderia ser. Lá estavam os lobos, e Matt contou que Fen ficava com os lobos agora. Talvez tivesse vindo ajudá-los, e era isso o que ele realmente estava fazendo com os Saqueadores.

Essa esperança morreu quando Laurie ouviu Owen sussurrar:

– Já temos problemas suficientes sem os Saqueadores no meio.

Baldwin estava ombro a ombro com a menina. Apontou para as trevas, onde uma silhueta brilhante agora estava visível.

– *Aquele* é o nosso problema atual.

O trio ficou parado em silêncio, enquanto o Jotunn caminhava nas trevas como uma tocha viva.

– Podemos tentar atraí-lo para o lago Mitchell – sugeriu Laurie.

– Como pique-pega, mas... doloroso se formos pegos. – Baldwin franziu a testa um pouco.

Não era um plano muito bom, mas Laurie não sabia mais o que fazer. Deu uma olhada para seu arco. Algumas flechas invisíveis não pareciam ser lá uma grande arma contra o fogo. Laurie não sabia nem se havia alguma coisa sólida dentro do Jotunn. Faria sentido que houvesse. *Todas as coisas vivas têm que ser sólidas, né?* Isso parecia ser um princípio fundamental da aula de ciências, mas Laurie não sabia se as aulas de ciências cobririam biologia dos monstros, mesmo em Blackwell.

– Vamos lá – disse ela.

Os três saíram na direção do Jotunn, sem se darem ao trabalho de se esconderem do monstro. Precisavam que o monstro os visse para que começasse a persegui-los. Infelizmente, quando finalmente o alcançaram, não conseguiram atrair a sua atenção. Ele os ignorava.

– Hum, Laurie? Plano B? – Baldwin a cutucou com o cotovelo. – Será que ele é cego ou coisa assim?

– Jötnar não são cegos – afirmou Owen.

Baldwin e Laurie se entreolharam rapidamente, mas nenhum dos dois perguntou como ou por que Owen sabia disso.

– Certo, o lago fica... – Laurie deu uma olhada em volta. Era quase impossível ter um bom senso de direção na escuridão completa. – Por ali, eu acho.

– Então, todos nós corremos para lá e... O quê? Torcemos para que ele nos veja e nos siga? – perguntou Baldwin.

– Não – disse Owen. – Mais correria parece bobagem. Ele tem que nos ver primeiro.

– Certo. Fiquem aqui. – Laurie endireitou os ombros e se afastou dos meninos. Andou até a rua, sentindo-se mais como Fen do que como si

mesma. Era assim que ela lidaria com a situação. Pensou: *O que Fen faria? Seja corajosa como ele.*

Laurie não queria pensar no fato de que a espécie de "corajosa" que ela estava sendo era exatamente o tipo de coisa que a teria feito gritar e se preocupar com o primo. Ela simplesmente faria o que precisava.

Ao chegar tão perto do Jotunn a ponto de não conseguir pensar em como ele poderia *não* vê-la, Laurie gritou:

– Ei, você!

Nada.

Ela tentou de novo:

– EI! Flamejento!

Laurie ouviu Baldwin rindo atrás.

Certo, não era o melhor jeito de chamá-lo, mas ela não sabia qual era o nome da criatura.

– Não está funcionando! – gritou Owen.

Laurie revirou os olhos. Owen não era tão útil quanto ele parecia achar que era, ultimamente. A menina tentou mais uma vez:

– Ei, você!

Ainda nenhuma reação.

– E lá vamos nós – murmurou Laurie. Então ela ergueu o arco, mirou, puxou a corda de tendão e disparou uma flecha invisível.

Por um momento, ela não sabia direito se ia acontecer alguma coisa. *As flechas-fantasma pegam fogo?* Puxou a corda de novo e, rapidamente, disparou mais duas flechas.

Então, Laurie ouviu e sentiu um rugido de tremer o chão. Pelo menos uma das flechas tinha acertado o alvo.

O Jotunn estava sondando o chão, e ainda que o plano fosse que o monstro a visse para que ela pudesse guiá-lo até o lago, Laurie tremeu

quando ele a encontrou.

A menina ficou paralisada enquanto o gigante de fogo avançava até ela.

– Anda! – gritou Owen.

O Jotunn se aproximava.



– Eu não quero machucar você, mas você não pode ficar aqui! – gritou ela.

O monstro pareceu encará-la do alto.

– Eles observavam sua tia Helen do mesmo jeito – comentou Baldwin.

Talvez ele a escutasse! Ela era a Campeã de Loki. Em uma voz tão severa quanto conseguiu fazer, Laurie ordenou:

– Você tem que ir embora. Vá para casa ou coisa assim.

Ele não se moveu.

– Você acha que ele entende? – perguntou Baldwin.

– Erga o arco – sugeriu Owen. – Ele entendeu isso.

Com um suspiro, Laurie fez o que foi sugerido.

– Fogo – comandou Owen.

Ela soltou uma rajada de flechas.

O Jotunn rugiu de novo, e desta vez deu vários passos na direção deles. Não chegou a correr, mas ia para cima dos meninos.

– Corram! – gritou Owen.

Os três saíram correndo na direção em que Laurie acreditava ser o lago. O Jotunn os perseguiu, soltando rosnados e rugidos.

Quanto mais furioso ele ficava, mais parecia o inferno. Não havia floresta por perto, mas Laurie poderia jurar que sentia cheiro de madeira em chamas e ouvia o estalar de árvores caindo. Queria se virar e olhar, mas o calor atrás dela deixava bem claro que o Jotunn estava reduzindo a distância entre eles.

Se chegasse perto demais, queimaria muito mais do que árvores espectrais.

O trio correu até chegar ao lago Mitchell, onde pararam.

– E agora? – Ofegou Baldwin.

Essa era a parte do plano em que eles não tinham pensado: se os três entrassem no lago e o Jotunn os seguisse, eles seriam fervidos até a morte

como legumes em uma sopa. Se não fossem em frente, não haveria motivo para o Jotunn entrar na água.

– Entra lá – disse Laurie, gesticulando.

– *Como?*

– Eu não sei!

Restavam apenas momentos antes que eles fossem encurralados pela torre de chamas que tinham enfurecido.

– Mande ele entrar na água ou coisa assim – sugeriu Baldwin.

– Para a água! – gritou Laurie, apontando o lago, acenando os braços para o monstro como se pudesse enxotá-lo para dentro.

Ele não pareceu entender ou reagir. Nem sequer olhou para ela.

– Eu vou entrar – sugeriu Baldwin. – Ele não pode me machucar.

Laurie odiava a ideia, mas não tinha uma melhor. E não importava se tivesse, pois, antes que ela pudesse dizer qualquer coisa, Baldwin girou e pulou no lago.

A menina puxou Owen rapidamente e os dois se esconderam atrás de uma moita.

Baldwin espirrava água e gritava:

– Ei, você do fogo! – Bateu os braços na água. – Você é bem menos intimidador do que os seus primos em Hel, sabia?

O Jotunn disparou na direção do lago, e aí Laurie só viu vapor. O ar era uma única e imensa nuvem branca quando o fogo atingiu a água. O silvo era intenso, como se a maior cobra do mundo estivesse escondida naquela nuvem de vapor branco.

A luz das chamas do Jotunn se reduziram.

– Baldwin? – chamou Laurie. – Está tudo bem?

– Estou molhado, mas bem! – exclamou ele de algum lugar de onde Laurie não podia vê-lo.

– Owen.

– Úmido, mas bem. Não estava esperando uma sauna a vapor – respondeu Owen ao lado dela.

– Tudo bem, então... – Laurie procurou Baldwin, mas não conseguia encontrá-lo sem a luz do Jotunn e com o cobertor de vapor em volta.

Foi aí que o vapor começou a incandescer. Enquanto Laurie observava, o fogo do Jotunn ganhou vida de novo, e o brilho alaranjado da criatura deixou tudo fantasmagórico.

Atipicamente, Owen deixou escapar um palavrão.

– Isso aí que ele disse – murmurou Baldwin. – Eu queria que Helen estivesse aqui. Eles a escutam.

– É isso! – sussurrou Laurie. Ela ergueu a voz e ordenou: – Para trás.

O Jotunn se puxou do lago e foi na direção dela.

A ideia do imenso e flamejante Jotunn passando por ela via portal era assustadora, mas Laurie tinha ficado sem ideias. Era tudo ou nada. A menina abriu o maior portal de sua vida e, então, se preparou quando o Jotunn investiu para dentro dele.

O calor do monstro atravessando o portal era intenso, mas o fogo dele não o queimou. Ele avançou em direção ao ar cintilante diante dela e, em um piscar de olhos, começou a ser sugado pela abertura.

– Espero que a tia Helen não se incomode em receber uma visita surpresa – murmurou Laurie quando o portal se fechou subitamente.

Depois que a última fagulha sumiu, Laurie caiu de joelhos, tremendo. Ela não tinha certeza se seria queimada *e* nunca criara um portal tão imenso. A combinação de medo e empolgação a deixou desequilibrada.

A menina ergueu o olhar para Baldwin e Owen a seu lado de novo.

– Você está bem? – perguntou Owen, pousando a mão no ombro dela.

– Não sei ainda – sussurrou Laurie.

A náusea causada pela abertura de vários portais um atrás do outro voltou, e desta vez ela trouxe os amigos: dor de cabeça e calafrios. Seu corpo inteiro parecia *errado.* Era como aquela gripe horrível que Laurie tivera uns dois anos antes. Daquela vez, a menina se encolheu na cama e revezou entre ler uma pilha de livros, dormir e jogar videogames com o Fen, que a visitou tanto quanto a mãe dela permitiu. Agora? Nada disso era possível. Laurie estava ajoelhada na rua em Mitchell, e a única luz por perto vinha de todas as coisas que o Jotunn tinha incendiado.

– Até aqui, o Ragnarök é uma porcaria – disse ela a Owen e Baldwin.

Baldwin concordou.

– Morri.

– Perdi um olho – acrescentou Owen.

– Perdi Fen – sussurrou ela. Laurie se sentia culpada. Morrer ou perder um olho era muito pior. Ela sabia disso, mas imaginava que a ausência de Fen era bem parecido com a sensação de não ter um braço ou os pulmões. Precisava do primo mais do que nunca. O mundo ia acabar. O céu estava negro, e os prédios, em chamas. Laurie não tinha como consertar nada disso, mas ia tentar resolver o problema da perda de Fen. Graças ao encontro com o Jotunn, tinha até um plano.

Ela sabia abrir portais.

Podia ir aonde quisesse.

Laurie não estava acostumada a pensar nos próprios dons para nenhuma situação além de batalhar com monstros, resgatar amigos ou ir atrás de artefatos, mas eles podiam ser usados para muitas outras coisas.

Decidida, Laurie usou o chão como apoio e se levantou.

– Preciso de um Saqueador – anunciou ela. – Peguem um.

– Você quer que a gente... pegue um lobo? – indagou Owen.

– Humano. Lobos não falam.

– Bem, eles meio que falam – começou Baldwin. – Não é inglês, mas...

– Saqueador humano – interrompeu-o Laurie. Ela analisou a rua. Houvera alguns Saqueadores se esgueirando nas sombras durante a batalha com o Jotunn. Certamente, ainda haveria algum por perto agora.

A rua estava praticamente vazia de pessoas. Laurie não sabia se elas teriam fugido desta parte da cidade ou se estavam todas escondidas dentro dos prédios. Um imenso gigante feito de fogo parecia muito eficaz para limpar a área de todos, menos daqueles que já sabiam que monstros existiam.

– Por que você quer falar com um lobo? – perguntou Owen ao lado dela.

– Saqueador – corrigiu-o Laurie. – Quero falar com um Saqueador.

Owen pôs a mão no antebraço dela.

– Existe uma ordem natural das coisas, Laurie. Você e Fenrir são ambos representantes de Loki. Ele era um deus com duas faces, um trapaceiro, complicado demais para ser contido por um descendente.

Laurie girou e encarou Owen. Ela retribuiu sua expressão de calma com fúria.

– Você *sabia* disso?

– Sim.

Laurie desejou ser uma daquelas pessoas que socavam os outros, porque naquele momento sua cabeça estava em ponto de ebulição. Ela cruzou os braços e exclamou:

– Então você está dizendo que eu sou o lado heroico de Loki, e Fen é o vilanesco? Ridículo!

– Ele não é como vo...

– Cala a boca, Owen.

Laurie estremeceu com a raiva que a dominava. Ela *gostava* de Owen. Ele era seu amigo. Foi o primeiro menino que a beijou. E a ensinara a usar o

arco que agora ela agarrava com força. Nada disso mudava o fato de que ele não entendia que Fen era necessário para ela, ou de que guardar segredos enormes não era legal. Todo mundo estava tão concentrado na luta, no escudo, no martelo, nos monstros, na serpente. Ela também, mas, naquele instante, a ausência de Fen em sua vida era mais importante do que tudo o mais.

– Da próxima vez que você guardar um segredo assim, nós vamos descobrir o quanto eu também puxei do lado ruim de Loki – alertou ela a Owen. – Fen e eu deveríamos ter sido avisados disso assim que você nos encontrou!

Owen não disse nada. Abriu a boca como se fosse falar, mas a fechou de novo sem pronunciar uma palavra.

Enquanto Laurie e Owen se encaravam, Baldwin esteve se concentrando na ordem de Laurie. Com um brado poderoso, ele saiu em disparada pela rua até as sombras tremeluzentes de um prédio com as vitrines todas quebradas.

Laurie o seguiu, agarrando a mão de Owen e o puxando consigo enquanto corria. Ela até podia estar com raiva dele, mas Owen ainda era seu amigo. Laurie apertou a mão dele e torceu para que ele entendesse que aquele era o jeito dela dizer "vamos ficar bem". Ainda que fosse uma garota, ela ainda era uma Brekke, menos confortável com palavras do que com ações.

Dentro dos destroços da loja, eles encontraram sapatos queimados e esmagados cercados por cacos do vidro das vitrines quebradas. Não havia mais nada pegando fogo no momento, mas o cheiro de couro e plástico queimados fez a menina tossir.

Parado no meio da sapataria destruída estava Baldwin, que tinha capturado um Saqueador. O descendente segurava os braços do menino

refém atrás de suas costas, mas ele ainda tentava escapar.

– Não quero jogar você naquele vidro todo – comentou Baldwin, enquanto Laurie se aproximava. – Mas vou jogar, se for necessário; então, por favor, pode parar de tentar se soltar?

Laurie balançou a cabeça. Ninguém mais seria tão bonzinho enquanto mantinha alguém prisioneiro. Ela ergueu o arco e mirou na perna do menino. Não ia atirar, mas ele não sabia disso.

– Preciso de sua ajuda.

– Não. – O Saqueador a encarou com raiva. – Não sou um traidor.

– Ótimo – respondeu Laurie. – Porque não estou lhe pedindo para ser um traidor.

Ele fez uma cara feia, confuso, mas parou de tentar se soltar de Baldwin.

– Preciso ver meu primo.

Owen começou a perguntar:

– Tem certeza de que isso é uma boa...

Laurie o cortou:

– Preciso ver Fen. Preciso falar com ele. – Ela chegou um pouco mais perto do Saqueador. – E você precisa me levar até ele.

Por um momento, ninguém falou, mas então o Saqueador fez que sim com a cabeça uma vez.

– O acampamento fica perto das Badlands – revelou ele.

Laurie abriu um portal e acenou com a cabeça para Baldwin. O rapaz sorridente e o Saqueador refém entraram no portal, e Laurie olhou para Owen por um instante.

– Fique aqui e diga para Matt que eu voltarei.

Ela sentiu uma pontada de culpa com a expressão de mágoa do amigo, mas alguém precisava contar a Matt, e Owen não era fã de Fen nem do plano dela, de qualquer maneira. Rapidamente, ela acrescentou:

– Confie em mim.

Owen suspirou, mas fez que sim com a cabeça.

E Laurie passou pelo portal para encontrar o primo perdido.

DOZE



MATT

"PÓS-APOCALÍPTICO"

Quando Matt e Reyna voltaram até os outros, o segundo Jotunn já tinha sido derrotado. E, de acordo com Owen, Laurie e Baldwin foram embora depois de abrirem um portal para Fen.

Será que Fen estaria disposto a escutar a prima e voltar? Ou será que ele tentaria convencê-la a ficar lá? Matt não tinha dúvida de que Laurie voltaria, mas e se os Saqueadores capturassem ela e Baldwin? Matt teria que confiar que Laurie sabia o que estava fazendo.

– Vamos encontrar seu tio – disse Reyna. – Finalmente. Você sabe onde ele mora, certo?

– Tenho um endereço.

– Mas você já esteve lá? Ele é seu tio, não é? Espera, Jake disse alguma coisa sobre vocês não o verem desde que você era um bebê. Como assim?

– Tem... uma situação de família. Com o meu avô.

– Chocante.

– E o endereço? – indagou Owen, interrompendo-o.

Matt falou a rua e o número.

– Sei mais ou menos onde fica, também. Jake me contou. Mas nunca estive lá.

– Vamos encontrar – assegurou Owen. – É só você apontar o caminho certo.

Eles passaram por um prédio fumegante atrás do outro, mas as coisas pareciam calmas. Todo mundo devia ter evacuado o centro da cidade. Parecia algo saído de um filme pós-apocalíptico. Uma lancheira de criança largada no meio de uma rua vazia. Um casaco de náilon preso a uma placa, esvoaçando ao vento. Latas de lixo e recicláveis viradas, com o conteúdo derramado em chamas, línguas de fogo se agitando. O sibilar e espocar de decorações de madeira nos prédios e casas, brasas incandescendo na treva quase total. E fumaça. Uma névoa de fumaça assentada no solo, mas se recusando a se dissipar, espalhando o fedor por toda parte. Fumaça e fogo e destruição.

Se isso parece pós-apocalíptico, como será que ficaria pós-Ragnarök?

As ruas estavam fantasmagoricamente silenciosas, exceto pelo crepitar de madeira fumegante e os estalos daquele casaco abandonado. Um uivo súbito mais adiante deu um susto em todos eles. Uma pequena árvore soltava fumaça de um lado, o leve brilho de fogo dardejava de um trecho ardente de folhas mortas. O uivo veio de novo. Matt correu até lá e espiou a árvore, onde viu um gato de três cores que o encarava com olhos verdes, como se o acusasse.

– Não – declarou Reyna, parando ao lado de Matt. – Nós não vamos resgatar o gato.

– Mas a árvore...

– ... está em chamas. Eu estou vendo. Você já teve um gato alguma vez? Se eles conseguem subir, conseguem descer. Pode ter certeza.

Matt olhou o felino, que o olhou de volta e soltou um miado sentido, como se dissesse: *Bem, ande logo com isso.*

– Ele pode estar assustado demais para descer – disse Matt.

– É um *gato* – insistiu Reyna. – Eles não ficam assustados, só aborrecidos, e é assim que eu vou ficar se você insistir em bancar o herói e

resgatar esse fingido. – Ela fez cara feia para o gato. – Sim, estou falando de você. Fingido.

O gato fungou, depois se virou para Matt, sentindo claramente o jeito mais bonzinho.

Owen se adiantou.

– Se você se sentir melhor resgatando o gato, Matt, então vá em frente. Não estamos com o tempo contado.

Reyna agitou os braços para a rua fumacenta.

– Hum, Ragnarök?

– E quanto mais tempo vocês ficarem discutindo...

– Está bem – decidiu Reyna. – Deixa comigo. – Antes que Matt pudesse protestar, ela foi até o pé da árvore, segurou o galho mais baixo e se puxou para cima. – Vaqueira, lembra-se? Além disso, cinco anos de ginástica olímpica, que minha mãe achou que me deixaria mais graciosa e feminina. Engano dela.

Reyna se puxou ao longo de um galho.

– Venha, seu fingido. Sou sua salvadora oficial do dia. – Ela olhou para Matt, abaixo. – E se você algum dia contar a alguém que eu resgatei um gato de uma árvore...

Antes que Matt pudesse responder, o gato pulou para o chão.

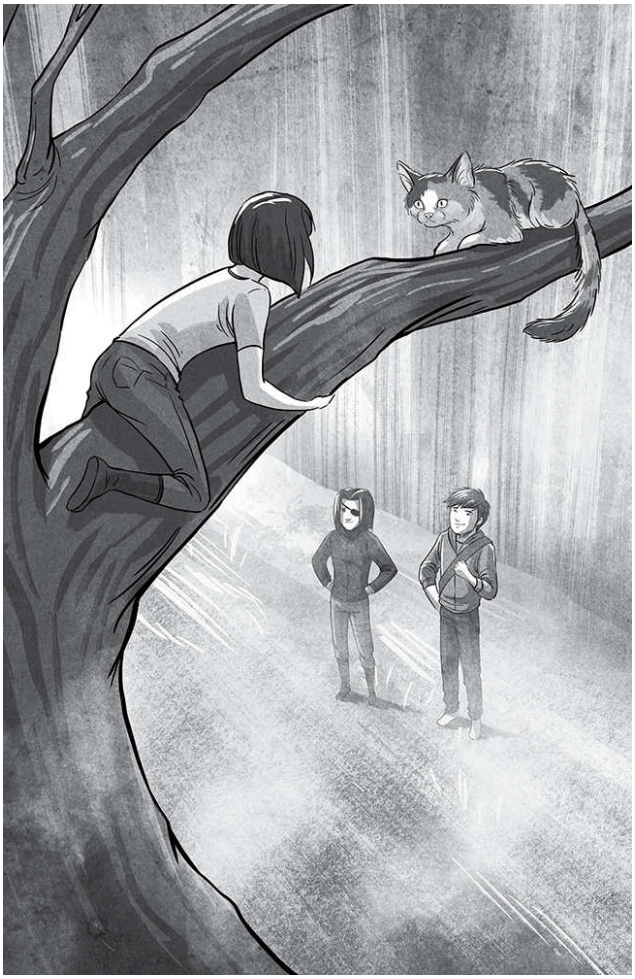
– Arggh! – exclamou Reyna.

– Você o assustou – observou Matt. – Ele só precisava da motivação extra. Não, espere. É uma menina. Gatos de três cores são quase sempre fêmeas.

– É mesmo? Puxa. – Reyna se dependurou do galho. A gata se sentou no chão, observando.

– Viu? – disse Matt. – Ela está agradecida.

– Ela está zombando de mim. Vamos lá.



Eles foram. A gata foi junto, seguindo na mesma direção e trotando logo atrás de Reyna. Sempre que a menina fazia cara feia para a gata, esta olhava em volta com ar inocente, como se perguntasse: *O que foi? Eu por acaso tenho que ir para o mesmo lado.*

Enquanto o grupo caminhava, Matt tentou conversar com Owen. Não sobre algo conectado ao Ragnarök. Só conversar. Bater papo. Só que Owen se esquivava das perguntas e as devolvia a Matt, indagando como ele se sentia em relação à batalha que estava por vir. O que não era de forma alguma a ideia de Matt sobre jogar conversa fora.

– Desista – sussurrou Reyna para Matt quando o menino se deixou ficar para trás. – Se você estiver entediado, vai ter que se contentar comigo.

– Eu só estava tentando conhecê-lo melhor. Mas acho que "aquele que tudo sabe" não é necessariamente "aquele sobre quem se *sabe* tudo", né?

Quando Reyna ficou confusa, ele explicou:

– Odin é o deus que tudo sabe.

– Não acho que Owen saiba tudo.

– É, mas ele sabe mais do que a gente.

– Verdade. – Reyna igualou o passo com Matt. – Que tal você me atualizar sobre essas coisas mitológicas todas? Sim, eu sei, você já me contou tudo que eu *precisava* saber. Mas... – Ela encolheu os ombros. – Eu queria saber mais. E você é o cara certo para isso. E também parece que temos uma boa caminhada pela frente.

– Bem... – Matt deu uma olhada na gata de três cores. – As Valquírias lhe contaram que a carruagem de Freya era puxada por dois gatos domésticos, certo?

Reyna sorriu.

– Claro. Eu me esqueci disso. – Ela olhou para o gato. – Ei, que tal você ser útil e achar para mim um amigo e uma carruagem, pode ser? Meus pés estão ficando doloridos.

A gata a espiou sinistramente.

– Você quer saber como Freya conseguiu os gatos? – perguntou Matt.

Reyna fez que sim com a cabeça, e Matt contou a história de como Thor encontrou dois gatinhos sem mãe, e que o pai deles, um gato mágico, pediu-lhe que os levasse para casa. Thor deu os gatos a Freya, e eles se tornaram seus companheiros de bênção, frequentemente a seus pés, quando não estavam puxando sua carruagem dourada.

– Você sabe o que isso quer dizer, né? – comentou Reyna. – Você me deve mais um gato.

Matt riu.

– Acho que sim. Tem outra parte do mito que diz que, depois de sete anos, ela recompensa os gatos transformando-os em bruxas. Talvez seja isso que essa aqui espera de você.

– Sete anos? – Reyna olhou de volta para a gatinha. – Se você tentar ficar por perto durante sete anos, vou te transformar em alguma coisa sim. Um lindo tapete de três cores.

A gata só olhou para o lado, como se dissesse *Tanto faz*, e o grupo seguiu em frente.



O fogo não pareceu ter alcançado a casa do tio Pete, ao contrário da fumaça. E dos blecautes. Ao longe, Matt ouviu o que parecia ser um cara com um megafone.

– Não saiam de casa – dizia o cara. – O corpo de bombeiros conseguiu conter o incêndio no centro da cidade.

– Hum, não, na verdade fomos nós – comentou Reyna. – De nada!

O cara do megafone continuou, mandando as pessoas manterem as portas e janelas fechadas e não saírem na rua por conta da alta concentração de fumaça.

Eles encontraram o bangalô do tio Pete e subiram o caminho dos carros atrás de um jipe carregado com equipamento de acampamento e duas bicicletas.

– A julgar pela lama, parece que ele estava fazendo trilha com o jipe. Bacana. – Reyna olhou as bicicletas. – Você não disse que ele não era casado?

– Deve ter uma namorada.

Eles foram até a porta e bateram. Quando ninguém atendeu, Reyna desceu do degrau e espiou pela janela da frente.

– Aah! – exclamou ela. – Ele gosta de filmes de ação antigos. Tem pôsteres de *Indiana Jones* e *O exterminador do futuro*. Uau, aquele é um *Blade Runner* original?

– Você está vendo alguma pessoa de verdade aí dentro?

– Não, mas ele tem um *home theater* muito legal.

O gato saltou para o peitoril da janela, ao lado de Reyna, e espiou, fazendo Matt quase rir das duas com os narizes encostados no vidro. Reyna deu batidinhas no vidro e chamou:

– Oi?

– Está escuro? – perguntou Matt.

– Hum, sim, considerando a falta de eletricidade.

– Exatamente. Considerando a falta de eletricidade, as pessoas acenderiam velas para não ficar no escuro.

– Ah, tem razão. – Ela fez um túnel com as mãos para espiar pelo vidro. – Eu vejo luz, mas está bem no fundo. Um porão, talvez?

Matt bateu à porta da frente. Então deu a volta na casa e bateu à porta dos fundos. Depois que nenhuma das duas tentativas deu resultado, Matt tentou a maçaneta. A porta se abriu.

A gata passou deslizando por entre as pernas de Matt, quase derrubando-o. Ela entrou. Olhou em volta. Voltou para a entrada dos fundos. Miou.

Não tem ninguém em casa.

Quando a gata pulou no corrimão, Owen murmurou:

– Sim, fique de vigia. Pode ser uma boa ideia.

Matt riu baixinho, mas Owen apenas franziu a testa, como se não entendesse qual era a graça.

O grupo entrou, e Matt olhou em volta pela casa escurecida.

– Tio Pete?

Nenhuma resposta.

Uma luzinha vinha de uma lâmpada noturna recarregada com energia solar, que brilhava na cozinha. Matt encontrou a porta do porão e a abriu, dando de cara com um breu total. Na cozinha, ele parou diante da geladeira. Havia fotos de Matt e os irmãos, todas arrumadas em uma fileira. Como bebês, crianças e, por fim, adolescentes.

A sala de estar estava vazia. Ele deixou Reyna admirando o *home theater* enquanto checava as três portas fechadas. Uma levava a um quarto, outra, ao banheiro, e a terceira, a um escritório. A maioria dos livros parecia tratar de história e mitologia nórdica. Pelo menos um terço deles estava empilhado na escrivaninha. Papéis e jornais cobriam cada centímetro do espaço restante.

Matt pegou um dos papéis. Palavras escritas à mão como *serpente*, *Mjölnir* e *regras de combate* cobriam a página, com setas entre elas e anotações que pareciam referências de páginas.

Quando Matt viu o telefone celular, seu coração acelerou.

– Ninguém sai sem levar o telefone – afirmou Matt quando Reyna se juntou a ele.

– Sai, sim, se não tiver serviço – observou Reyna.

A menina pressionou alguns botões do aparelho e depois se virou para Matt.

– Seu pai se chama Paul?

Matt fez que sim com a cabeça.

– Tem uma mensagem de voz dele, de ontem. – O dedo dela correu pela tela e então parou. – Você deveria... Ou, se você preferir...

Eu prefiro ignorar. Coisa que não posso fazer, é claro. Encarar a verdade, qualquer que seja.

– Deixa eu ver – decidiu Matt.

– Faça isso, sim – concordou Owen, do corredor. – Reyna e eu vamos checar o porão para garantir que está vazio.

– O tio de Matt é um descendente de Thor – comentou Reyna. – Ele não estará se escondendo apavorado lá embaixo no escuro. – Ela fez uma pausa, como se tivesse recebido um olhar significativo de Owen. – Ah, você quer dar um pouco de privacidade a Matt. É só falar.

Eles saíram. Matt olhou a mensagem. Em vez de ler, conferiu os registros de chamada, dizendo a si mesmo que estava coletando informações, não enrolando. Havia três chamadas recebidas do pai dele desde que Matt saíra de casa. Nenhuma chamada feita desde a chegada da mensagem, embora esta já tivesse sido ouvida.

Matt apertou o botão reproduzir.

– Aqui é o Paul. Não sei se você vai receber isso. Acabei de ouvir que o pessoal em Lead e Wall ficou sem luz e serviço de celular. Espero que aí as coisas ainda estejam funcionando. É... – O pai dele inspirou fundo. –

Obviamente, se olhar pela janela, vai ver que eu não fui inteiramente honesto. Matt não fugiu apenas. É o Ragnarök. Se eu soubesse que ia chegar tão rápido, você seria a primeira pessoa para quem eu ligaria. Desculpe. Mas os videntes escolheram Matt como o Campeão de Thor, e ele sumiu com dois garotos Brekke. Papai disse que ele ficou com medo e fugiu. Eu...

O pai de Matt inspirou fundo de novo, o som sibilando na linha.

– Isso não parece coisa do Matt, mas ele é só um menino e eu lidei muito mal com a coisa toda. Ele descobriu que teria que enfrentar a Serpente de Midgard, e eu lhe dei um tapinha nas costas e o despachei ao festival com cem pratas. Se ele tivesse só ficado com medo, já teria voltado a essa altura. É um menino responsável. Estou apenas preocupado com ele. Acho que tem alguma coisa estranha acontecendo aqui com o papai.

Uma longa pausa. Então:

– Vou lhe pedir para não me telefonar de volta. Eu só... estou sendo cuidadoso. Vou ligar de novo mais tarde, está bem?

A mensagem terminou. Matt ficou ali, encarando o telefone. Então a mensagem apitou de novo.



Matt estava a caminho do porão para chamar Reyna e Owen quando ouviu a gata miar na porta dos fundos. O menino nem pensou, movendo-se no piloto automático, a mente ainda tomada por aquela mensagem, e, então, abriu a porta dos fundos para deixar a gata entrar.

Papai não acreditou que eu fugi.

Ele disse que eu era responsável. Que estava preocupado comigo. Mais preocupado comigo do que com o Ragnarök.

– Mas que...? – perguntou Reyna atrás dele.

Matt se virou para ver a menina parada no topo da escada do porão. A gata passou correndo por ele, direto para a porta da frente, de onde voltou a miar.

– Fala sério! – Reyna olhou para Matt. – Você abre uma porta para eles entrarem, e eles pedem para sair pela outra.

Matt fez um esforço para sorrir. Reyna o espiou e comentou:

– O seu pai disse alguma coisa que a gente precise saber?

– Só que ele está começando a desconfiar que tem alguma coisa errada com o vovô.

Ela fungou. Owen pigarreou como se quisesse que a menina se controlasse, mas ela só andou até Matt, baixando a voz ao dizer:

– Mais alguma coisa?

Matt balançou a cabeça.

– Está tudo bem com você?

Ele fez sinal positivo com a cabeça.

Reyna fez uma pausa, depois continuou:

– Você quer... eu não sei... – Ela se recompôs desajeitada, baixando a voz novamente para perguntar: – Você quer conversar sobre isso?

Quando Matt balançou a cabeça de novo, Reyna enrijeceu como se tivesse dito a coisa errada e começou a se afastar, mas então ele disse:

– Talvez mais tarde?

E, com isso, Reyna fez que sim com a cabeça, a cor subindo pelas bochechas enquanto ele murmurou:

– Obrigado.

A gata arranhou a porta da frente.

– Ei, não! – exclamou Matt, dando uma corridinha até a sala de estar. – Não...

A porta se abriu. Não era o tio de Matt, mas um sujeito barbudo de cabelos escuros de uns trinta anos, usando óculos de proteção contra a fumaça. Ele viu os meninos, e parou quando Matt ergueu Mjölnir.

– Isso aí – disse Reyna. – Está vendo o martelo? Escolheu a casa errada para saquear. Siga em frente.

O homem tirou os óculos. Ele sorriu; um sorriso largo que revelou ruguinhas nos cantos dos olhos.

– Matt.

O menino ficou paralisado.

– Você sabe quem eu sou – observou Matt, passando Mjölnir para a outra mão, assegurando-se de que o sujeito o tinha visto.

– Sua foto está na geladeira.

– Você não é meu tio.

– Não, eu me chamo Alan. – Ele estendeu a mão. – Sou amigo dele.

– Alan Dupree? – perguntou Reyna.

Após uma pausa, o homem respondeu:

– Isso mesmo.

– Tem um escritório lá embaixo. Achamos um diploma de farmacêutico com o nome dele – disse ela a Matt.

– Certo... – respondeu Alan. – Sou o colega de quarto do seu tio. Bem, colega de casa, e...

– Só tem um quarto – observou Reyna.

– Eu... acabei de me mudar para Mitchell faz alguns meses, então estou dormindo no sofá-cama até...

– Cadê o meu tio? – intrometeu-se Matt. – Preciso falar com ele.

Alan hesitou, depois se endireitou e balançou os óculos com um dedo.

– Ficamos sabendo que havia gente presa em apartamentos nas fronteiras da cidade, e ele teve que dar um pulo lá para ver como poderia ajudar.

– O que prova que ele é definitivamente seu parente – comentou Reyna com Matt.

– E onde ele está agora? – insistiu Matt.

– Ainda por lá – disse Alan. – Havia alguns apartamentos afetados, e os bombeiros sumiram. Voltei com o carro para pegar algumas caixas de garrafas d'água e alguma coisa para comer. Caso contrário, ele vai continuar nessa até desmaiar. Posso levar vocês...

– Não – retrucou Matt. – Nós vamos sozinhos.

– Matt conquistou o direito de ser paranoico – afirmou Reyna. – É só apontar a direção certa e nos dar sua chave. Eu dirijo.

Alan deu uma olhada em Reyna.

– Quantos anos você tem?

– Quatorze. Tirei minha carteira mês passado.

– Você não vai se importar se eu pedir para vê-la, então?

Reyna acenou para a janela da sala.

– Hum, apocalipse? Eu meio que esqueci minha carteira.

– Você deixa a gente levar o carro? – pediu Matt. – Vamos tomar cuidado, e não tem muito lá fora no que bater.

– Tudo bem, mas eu vou com vocês. – Quando Matt fez uma pausa, Alan continuou: – Eu sei que você não confia em mim, mas, ao contrário de sua amiga aqui, eu tenho carteira de motorista para mostrar. Se eu estiver mandando vocês para uma armadilha, pelo menos podem me fazer de refém.



Matt foi no banco de trás com Alan. Owen se sentou no banco do carona. Reyna dirigia. Ainda que a menina só tivesse treze anos, obviamente tinha experiência, e dirigia com muito cuidado, ficando abaixo do limite de

velocidade e obedecendo às placas de pare, mesmo que não houvesse outro carro à vista. A gata se sentou junto à janela de trás, depois de pular para dentro e se ajeitar confortavelmente assim que a porta se abriu.

– Então esse é o famoso Mjölnir? – perguntou Alan. – É verdade que só os Thorsen podem segurá-lo?

– Não, todo mundo pode – explicou Matt. – Você só precisa ser um Thorsen para *erguê-lo*.

– Certo. Eu conheço todas as lendas. – Alan abriu um sorrisinho engraçado. – Quando você passa tanto tempo assim com o seu tio, é inevitável. – Ele ficou sério e pigarreou. – Se houver qualquer coisa que queira perguntar... sobre... mim.

– A não ser que você acabe se revelando um Saqueador ou um monstro disfarçado – respondeu Matt, encolhendo os ombros. – Não faz diferença.

Alan fez que sim com a cabeça lentamente, depois pegou sua carteira e procurou a de motorista. Fez uma pausa e, então, passou por uma foto de si mesmo, sorridente e coberto de terra, com um capacete de espeleologia. Ao lado dele estava um homem que parecia ser uma versão mais jovem do pai de Matt.

– Isso é prova suficiente de que eu o conheço? – perguntou Alan.

– Não num mundo com Photoshop.

Reyna deu uma risadinha do banco do motorista.

Alan balançou a cabeça.

– Vocês são durões.

– Aprendemos a ser assim.

– Imagino que sim. Eu... – Ele parou de repente. Matt seguiu o olhar do homem até um apartamento cujas janelas vomitavam fumaça e chamas.

– Deixe-me adivinhar – disse Reyna. – Foi aí que você deixou o tio de Matt.

– No último andar. Tinha gente presa lá em cima.

Antes que ele pudesse terminar, alguém veio correndo da calçada acenando os braços freneticamente. Era uma mulher jovem com o rosto coberto de fuligem.

Alan saltou do carro antes que o veículo tivesse parado completamente.

– O Pete ainda está...?

– Ele está lá dentro – respondeu a mulher. – Eles estavam logo atrás de mim, mas aí alguma coisa aconteceu.

– É claro que aconteceu – resmungou Reyna.

– Eu tenho que ir... – começou Matt.

– É claro que você tem – disse Reyna. – E nós estamos logo atrás de você.

TREZE



FEN

"PROVOCANDO UM DRAGÃO"

O acampamento dos Saqueadores era, como seus acampamentos sempre eram, arrumado e organizado. Este aqui era um pouco diferente, porém, porque eles estavam assentados nas Badlands. Formações rochosas se erguiam de maneira muito parecida com a paisagem de Hel. Geralmente, Fen adorava caminhar ou correr pelas gargantas, ou explorar os penhascos imponentes. Era um terreno perfeito para aproveitar a pele de lobo. Agora, entretanto, Fen se sentia um tanto desconfortável por conta da semelhança com Hel. Ele meio que esperava que monstros saltassem dos abismos, mas até então a única criatura horrível que Fen encontrara no local havia sido a garota a seu lado.

Astrid tinha que ser protegida, de acordo com o prefeito, e Fen não sabia o quanto a matilha era verdadeiramente atada ao velho maluco. Ele precisava de respostas, e ainda que a conversa com Skull tivesse esclarecido algumas coisas, a única pessoa que havia se proposto a tentar desenvolver um plano tinha sido... Astrid.

Podia ser um truque.

Podia ser verdade.

De qualquer maneira, Fen não viu problema em conversar com ela. Ele não tinha escondido a própria opinião sobre o Ragnarök até esse momento, e seria impossível tomar qualquer decisão que colocasse a matilha em perigo, então não havia segredos que ele pudesse deixar escapar. Se Astrid sabia alguma coisa sobre o *wulfenkind*, e Fen deduziu que tinha que saber, já que

estava viajando com eles, ela já sabia disso... o que significava que poderia estar procurando honestamente um jeito de proteger Matt.

Fen ficou calado enquanto ele e Astrid se afastavam da barraca de Skull. Ele tinha a impressão de que precisaria de mais privacidade do que teria no acampamento. Fez um gesto para dois dos Saqueadores que o vigiavam.

Quando o menino e a menina chegaram, Fen disse:

– Astrid e eu vamos dar uma volta. Ninguém pode sair do acampamento.

Ambos acenaram com a cabeça.

– Vocês precisam de uma escolta? – perguntou a menina.

– Não. É só espalhar a ordem de ficar no acampamento.

Então Fen se virou para a ex-inimiga e fez um gesto para as colinas.

– Assassinas primeiro.

Ela revirou os olhos, mas ficou quieta enquanto caminhava em meio aos penhascos e barrancos das Badlands.

Trégua temporária. Fen era capaz de lidar com isso. Não esqueceria, porém, jamais, e se eles sobrevivessem ao Ragnarök, o menino encontraria um jeito de fazer Astrid entender que nunca mais deveria machucar os amigos dele.

Astrid parou em uma clareira protegida de olhos curiosos pelas formações rochosas.

– Antes que eu diga qualquer coisa, preciso *mostrar* algo.

Fen fez um gesto impaciente.

Astrid olhou em volta pela clareira e lançou para Fen um olhar que, vindo da maioria das pessoas, pareceria transmitir medo. Partindo dela, Fen concluiu que era um truque. Ele não podia fazer nada de mal à menina, pois ela estava sob a proteção da matilha.

– Eu não vou machucar você – afirmou Astrid em voz baixa. – Não fuja ou se apavore, está bem?

Os olhos dela se transformaram enquanto ela falava. Em vez de olhos normais de menina, pareciam-se com os de uma cobra ou jacaré. Não eram olhos humanos. Não eram nem olhos *mamíferos*. Fen tinha razão em pensar que Astrid era algo mais que humana. Era uma transmorfa de algum tipo, mas não era um lobo como Fen.

– O que... O que você *é*?

– Eu não vou machucar você – repetiu ela.

Então sua pele começou a mudar. O que era liso ficou escamoso. Os cabelos com pontas rosadas desapareceram. Os dedos se esticaram, e as unhas viraram garras. A mandíbula se estendeu, e os dentes ficaram mais longos para se encaixarem naquela boca agora mais comprida. Asas com uma pele fina ergueram-se das costas da menina e bateram uma e, depois, mais duas vezes, antes de se dobrarem achatadas em suas costas.

– Você é um dragão – sussurrou Fen.

O cor-de-rosa nas pontas dos cabelos de Astrid enquanto ela era humana era de um tom um pouco mais claro que a cor do corpo escamoso. Ela parecia ter saído de um livro infantil ou desenho animado, não fossem as garras assustadoras e presas gigantes. Estas eram armas.

Os planos de Fen de fazer Astrid entender que não deveria mais ameaçar seus amigos ficaram subitamente mais complicados... e foi aí que Fen se tocou de que estivera provocando um *dragão*. Ele fora grosseiro com ela desde que a conhecera. E, naquele momento, Astrid parecia capaz de comê-lo vivo. Fen ficou meio nauseado.

Astrid, a dragoa, estendeu o corpo no chão, observando-o com os olhos reptilianos o tempo todo.



Fen não tinha se movido. Não havia corrido, mas também não ia chegar mais perto dela.

Astrid soltou uma baforada de ar sulfúrico de trás daquelas presas reluzentes, mas não houve fogo ou fumaça. Então, em um rápido momento, a dragoa pareceu se dobrar em si mesma, virando uma menina de novo.

– Você é um *dragão* – repetiu ele.

– Eu sou. – Ela não se aproximou, mas observou Fen cuidadosamente ao acrescentar: – Meu papel de convidada da matilha significa que você tem que fazer o máximo para me agradar, igual ao *wulfenkind*.

– Eu sei – disse o menino.

Um abismo se abriu no estômago de Fen. Ele certamente não gostaria nada do que ela viesse a dizer, fosse lá o que fosse. Pior ainda, ele não teria como discutir. Havia regras que Fen não poderia quebrar, que nenhum *wulfenkind* poderia.

– Eu tive... que envenenar Baldwin. Eu *tive* que garantir que os mitos seguissem nos trilhos – explicou Astrid, e a voz dela dava a impressão de que ela tentava convencer a si mesma também. – Minha família desempenha um papel nisto aqui também. Eu não tive escolha, Fen.

O garoto pensou no que ela dissera. A mente dele repassou todos os mitos nórdicos que conhecia. *Dragões? Onde tinha dragões nas histórias? Havia outros répteis, mas...* O cérebro de Fen de repente compreendeu o que ela estava dizendo.

– Réptil – sussurrou ele.

– Réptil – concordou Astrid.

– *Você é* a Serpente de Midgard? – perguntou Fen, afastando-se tão rápido que quase tropeçou nos próprios pés.

– É um pouco mais complica...

– Então o Matt só precisa vencer você? – interrompeu-a Fen. Havia algumas possibilidades muito sérias ali. Eles poderiam encerrar aquela confusão toda com muita facilidade. Matt poderia derrotá-la em uma luta, certo? Aquela coisa toda dela ser um dragão seria um pouco mais complicada... ou talvez não. Thorsen era todo bonzinho. Ele poderia achar mais fácil lutar contra um dragão do que contra uma menina. Fen riu. – Então o monstrão malvado que a gente tanto teme é uma garota da nossa idade? Isso é tão fantástico.

– Não exatamente – respondeu Astrid, lentamente. – Minha avó é a serpente agora, mas... é algo que corre na família. Você e Laurie são os representantes de Loki; Matt, o de Thor... – Astrid encolheu os ombros. – Todo mundo é descendente de alguém. Meu ancestral só calhou de ser um dragão. Esse é o meu papel na grande batalha do fim do mundo. Eu serei o monstro que mata Thor.

– Espere um minuto! No mito, Thor enfrenta a serpente uma vez antes da grande batalha. – Fen olhou feio para ela, de braços cruzados, e balançou a cabeça. – Você... você veio até nós para que pudesse lutar com ele.

Astrid lhe lançou um olhar digno de pena, parecendo muito mais vulnerável do que qualquer dragão deveria ser. Os olhos se arregalaram suplicantes, e ela juntou as mãos.

– Eu gosto de Matt. Não quero que ele se machuque. Cresci ouvindo sobre ele. Minha vida inteira eu ouvi histórias sobre Thor, sobre ele... Queriam que eu o odiasse, mas, na verdade, Matt é um herói.

Fen estreitou os olhos e encarou a menina.

– Você *gosta* dele.

Astrid corou, depois encarou Fen e disse:

– Ele é corajoso e não deveria ter que morrer. Estou tentando seguir as partes do mito que tenho que seguir. Talvez a gente possa mudar um pouco

o fim, no entanto.

Alguma coisa não se encaixava. Fen não sabia direito o quê, mas compreendia que não estava vendo algo. Nesses momentos, ele tipicamente falaria com Laurie ou mesmo Matt, só que isso não era possível. Fen entendia de coisas que os outros precisavam saber, mas estava magicamente limitado pelo seu papel na matilha. Não poderia lhes contar, não importava o quanto quisesse.

– Que tal você deixar Matt lutar contra você, aí você perde e nós cancelamos a coisa toda de fim do mundo? – sugeriu Fen.

Astrid deu uma risadinha.

De alguma forma, aquilo parecia ser quase tão perturbador quanto o fato dela ser uma dragoa. Quando um monstro ri, nunca é uma coisa boa. Fen lera revistas em quadrinhos suficientes para saber disso.

– Qual é a graça? Eu acho... – Ele não chegou a terminar de dizer a ela que a ideia poderia funcionar, porque o ar diante dele começou a tremular.

– Portal – murmurou Astrid.

Fen olhou para ela e, então, de volta para a abertura que se formava diante de si. Ver um portal se abrindo era bem comum ultimamente. O que deixou o menino com a boca escancarada como um peixe fora d'água, porém, foi ver Laurie e Baldwin saírem daquele portal à beira de um acampamento dos Saqueadores. Eles eram os mocinhos, os heróis, parte da equipe que derrotaria os monstros que *ele* deveria liderar na batalha final.

Mas ali estava ela, sua prima. Um Saqueador cujo nome Fen não se lembrava cambaleou para a frente, e Baldwin parou ombro a ombro com Laurie quando o portal se fechou. Os três estavam cobertos de cinzas, e havia manchas de fuligem no rosto de Laurie.

– O que acont...

– O que aconteceu? – Laurie o interrompeu. – O que *aconteceu*? Bem, você saberia se não tivesse sumido! – Ela cruzou os braços, e a expressão no rosto da menina deixava Fen com vontade de sair de fininho com o rabo entre as pernas.

Antes que Fen pudesse responder, a prima se adiantou e o abraçou, depois deu um tapa no ombro dele e disse:

– Você tem muita coisa a explicar, Fenrir Brekke!

CATORZE



MATT

"GRITO DE BATALHA"

Owen ficou fora do prédio em chamas. Matt, Reyna e Alan entraram. A gata também. Reyna murmurou que, se a gata tinha que ficar por perto, poderia pelo menos se fazer útil, liderar o grupo e ser a primeira a correr o risco de entrar em um prédio em chamas. A gata seguia no fim da fila.

– Aqui – disse Alan, passando os óculos para Matt na frente.

Quando Matt balançou a cabeça, Reyna chacoalhou as chaves.

– Quer trocar?

Alan lhe entregou os óculos.

Reyna colocou os óculos na mão de Matt.

– Use-os, Thorsen. Senão você vai ficar cego com a fumaça e nos levar para dentro de um quarto incendiado. – Ela se virou para Alan. – É assim que se faz. Não diga a Matt que ele está em perigo se ele recusar. Diga que é *outra* pessoa correndo o risco.

Alan sorriu.

– Deve ser uma coisa dos Thorsen. Eu me senti tentado a desmaiar e fingir que tinha desmoronado por conta de pressão baixa para fazer Pete voltar para casa e comer.

Alan levou os meninos até a escadaria, explicando que, quando eles ouviram falar em gente presa naquele prédio, tinha parecido um serviço fácil. As escadas estavam livres, não havia sinal de fumaça, o problema

aparentemente era só uma porta da escadaria travada, coisa que Pete poderia resolver com sua força de Thorsen.

A mulher lá fora disse que Pete tinha conseguido abrir a porta, e uma porção de gente havia escapado só para chegar ao térreo e perceber que o resto do pessoal não estava atrás. Foi então que a escadaria se encheu de fumaça.

Matt abriu a porta da escadaria. A fumaça descia rodopiando, escondendo completamente a escada.

– Quinto andar, né?

Alan fez que sim com a cabeça.

Matt ergueu Mjölnir.

– Eu cuido disso.

– Hum, você não ouviu a parte de "logo atrás de você"? – observou Reyna. – Não é uma opção, Matt. A não ser que você me amarre no corrimão, vou ficar de olho em você.

– De acordo – afirmou Alan. – Exceto pela parte do corrimão.

– E, como Owen disse, quanto mais tempo ficarmos discutindo...

Matt acenou com a cabeça.

– Vamos lá, então.



Alan lhes deu uma garrafa de água para encharcar os panos que trouxera para cobrir narizes e bocas, mas subir as escadas respirando por aquele trapo deixou Matt se sentindo como se estivesse correndo morro acima. Eles chegaram até o quarto andar, e foi aí que o calor bateu.

Matt ergueu o olhar e viu o teto pegando fogo. Parecia um mar agitado de chamas. A gata passou correndo até a porta da escadaria e começou a arranhá-la.

– Ele diz que é por aqui – observou Alan, a voz abafada pelo pano.

– *Ela está* só tentando fugir do fogo – afirmou Reyna.

– Então ela não é mágica?

– Hein?

– Matt me contou que você é descendente de Freya, e eu sei que ela tem um gato...

– Freya tem dois.

Alan sorriu.

– Talvez você pegue o segundo depois do Ragnarök. Tipo um presente de formatura.

Reyna riu.

– Talvez, mas não acho que essa gata seja mágica.

– Ela está simplesmente seguindo vocês por prédios incendiados?

Matt já estava na porta, tateando-a para sentir a temperatura. Quando ele a abriu, a gata entrou correndo.

– Mágica ou não, vamos presumir que ela tenha bons instintos de sobrevivência e ver aonde vai nos levar.

O trio seguiu a gata pelo corredor, entrou em um apartamento aberto e foi até a porta da varanda. Matt fez a gata chegar para o lado enquanto abria a porta. Assim que a abriu, a gata correu para fora e pulou no corrimão.

– Eita! – exclamou Matt. – Espera aí!

A gata se equilibrou ali, olhando para cima. Uma escadinha portátil de incêndio pendia acima da sacada. Antes que Matt pudesse dizer alguma coisa, Reyna estava no corrimão com uma das mãos apoiada na parede.

– Cuidado – disse o menino.

Reyna fez que sim com a cabeça e deu um puxão para testar a escada. Depois um mais forte. Após a escadinha aguentar, Reyna a segurou com

força e começou a subir. Matt prendeu a respiração até ela chegar ao topo. Depois foi a vez dele. Alan o seguiu. A gata ficou.

Lá em cima, Matt entrou pela porta da varanda. Apesar da fumaça, ele viu Reyna no meio da sala de estar encarando a porta para o corredor. Chamas se curvavam ao redor das beiradas, como dedos flamejantes tentando abri-la.

– Caminho errado – disse ela. – Nós...

Um tremendo estrondo a interrompeu. Vindo do aposento à esquerda. Eles seguiram o barulho até um quarto... com um buraco na parede. Um machado estava abrindo o buraco. Matt deu um passo atrás, com um dos braços recuado para deter Reyna e o outro erguendo Mjölnir. O machado continuou abrindo um buraco na parede.

– Quem está aí? – perguntou Matt.

O machado foi retraído e uma cabeça apareceu: um homem com óculos de proteção, os cabelos ruivos presos, um Martelo de Thor pendurado no pescoço. Ele voltou o olhar para Matt e esfregou os óculos para limpar a fuligem.

– Matt?

– Oi – respondeu Matt.

Alan se adiantou.

– Ele trouxe amigos. Outros...

Tio Pete o interrompeu com um "peraí" e recuou, depois voltou a derrubar a parede. Quando o buraco ficou grande o bastante, ele se espremeu. Matt viu que havia gente do outro lado com expressões ansiosas. O tio fez um gesto para que as pessoas esperassem.

– Você está bem? – perguntou Alan.

– Claro. Preciso que você leve os meninos de volta para baixo com esse pessoal. Eu preparei a escada, como você viu. Mas aí o fogo encobriu a

porta. Então... – Ele fez um gesto para o buraco. – Plano B. – Pete explicou tudo isso calmamente, como se resgatar pessoas de prédios incendiados fosse uma ocorrência diária.

– E você? – perguntou Alan.

– Tem uma família presa num apartamento.

– É claro que tem – comentou Alan com um suspiro suave, lançando um olhar para Reyna, que sorriu e balançou a cabeça.

– Eu posso ajudar com isso – sugeriu Matt.

– Não, você vai...

– Eu *vou* ajudar com isso. – Matt sustentou o olhar do tio e ergueu Mjölnir. – Isto aqui pode ser útil. Você pode brandi-lo, mas eu já estou acostumado.

Tio Pete piscou, depois encarou o martelo.

– Esse é... é realmente...

– Meu escudo também enfrenta fogo com gelo. Agora podemos ir?

O tio ainda hesitou. Matt foi até o buraco e o atravessou. Ele ouviu o tio Pete exclamar:

– Espera! Não! Você vai ajudar o Alan!

Matt estava se virando para argumentar quando viu Reyna passando pelo buraco atrás dele.

– Aonde a vaca vai, o boi vai atrás – disse ela ao tio de Matt pelo buraco.

Matt já avançava pelo corredor, passando pelo aglomerado de pessoas que observavam confusas. Reyna o seguiu. O tio veio também, depois de dizer aos outros que Alan os ajudaria a descer. Enquanto as pessoas passavam pelo buraco, tio Pete alcançou os meninos e comentou:

– Freya, eu presumo?

Quando Matt deu uma olhada, Reyna parecia espantada enquanto afastava do rosto uma mecha de cabelo tingido de preto.

– Hum, é – respondeu ela, e ainda que não tivesse dito, Matt pôde ouvir um *Como você soube?* em sua voz, enquanto a menina se olhava dos pés à cabeça: os jeans desbotados, a camiseta com a bandeira do Reino Unido e o esmalte preto descascado.

– Então vou presumir que ela é sua – observou o tio de Matt, apontando. Eles seguiram o dedo dele até a gatinha de três cores.

– Por onde ela...? – começou Reyna, suspirando em seguida. – É, aparentemente, essa é minha... Matt!

Reyna o puxou para trás quando uma língua de fogo disparou por uma porta aberta. Mais adiante, ouviram uma criança chorando. O tio tentou tomar a dianteira, mas Matt estendeu o braço para impedi-lo. Então o menino avançou lentamente, com o escudo erguido, conforme as chamas recuavam para o apartamento aberto. Assim que ele alcançou a porta, outra labareda surgiu, e o escudo subiu e congelou bem a tempo de enfrentá-la.

A chama recuou novamente quase como um ser vivo, mas ela não estava viva, não era sobrenatural. Só fogo fazendo o que faz, buscando mais matéria para queimar. Matt o viu dentro do apartamento, engolfando o teto em um mar flamejante. Pegou a maçaneta com cuidado para fechar a porta e conter o incêndio. Foi aí que ele ouviu o choro... vindo de dentro daquele apartamento.

– Eles estão aí dentro, não estão? – perguntou ele ao tio, que confirmou com a cabeça.

– É claro que estão – murmurou Reyna. Quando Matt fez menção de entrar, porém, a menina o deteve e chamou: – Identifiquem-se!

– O quê?! – exclamou Matt.

– Uma criança aleatória chorando em um apartamento incendiado? Alô, armadilha?

Ela chamou de novo, e as pessoas lá dentro responderam, mas Matt não conseguiu entender o que diziam em meio ao sibilar, estalar e rugir das chamas. Pensou ter escutado a voz de um menino gritando sobre fogo e um pássaro.

– Ele falou mesmo...? – começou Matt.

Com uma expressão severa, Reyna apontou para o outro lado do aposento, e Matt pôde enxergar a forma de uma gaiola em um pedestal. Não havia pássaro algum empoleirado lá dentro. Considerando a fumaça, ele estaria no fundo da gaiola, o que Matt felizmente não podia ver.

– Certo – disse Matt. – Mas isso os identifica como gente de verdade, né?

Reyna fez que sim com a cabeça, concordando que um monstro ou Saqueador não lhes pediria que salvassem a ave de estimação.

Matt entrou no apartamento, e foi como andar em uma sauna, com todo aquele calor que descia do teto incendiado. Em meio à fumaça, Matt viu mais focos de fogo adiante: uma cadeira, um sofá, um suéter descartado, pilhas em chamas espalhadas no caminho.

– Vire à esquerda – instruiu o tio. – Eles estão no quarto.

Os três continuaram avançando lentamente, sempre de olho no teto, esperando que o fogo se despejasse sobre eles. Ele ficou onde estava, estalando e sibilando. Matt alcançou a porta do quarto e entregou o escudo a Reyna. Depois, pegou o pano molhado que cobria o nariz e a boca e o embrulhou no metal escaldante. O pano sibilou e espirrou. Matt virou a maçaneta rapidamente, empurrou a porta e...

Uma labareda irrompeu. Reyna segurou um de seus braços e o tio saltou para pegar o outro. Assim que Matt puxou a porta, o pano escorregou e a ponta dos dedos tocaram o metal incandescente. Ele ganiu. Seu tio pegou o pano caído e fechou a porta.

– Não tem outra entrada, né? – perguntou Matt.

Tio Pete ergueu o machado. Matt assentiu com a cabeça.

– Certo, então temos que encontrar o lugar certo para...

A gatinha soltou um uivo. Eles olharam para ela, que encarava a parede com o pelo arrepiado e a cauda esticada.

– Acho que ela está dizendo que este não é um bom lugar – observou Reyna.

O tio de Matt riu.

– Certo, Trjegul. Ou Bygul, qualquer que você seja. Por onde devemos arrombar?

A gata de três cores apenas sibilou e uivou para a parede.

– Aparentemente, gatos são gatos – comentou Reyna. – Mágicos ou não, não obedecem aos humanos.

A gata andou da porta até a quina duas vezes, depois parou em um lugar específico, farejou e, por fim, olhou para Pete como se dissesse: *Bem, ande logo com isso.*

– Muito bem – disse o tio Pete. Então, gritou: – Para trás! Nós vamos entrar!

Ele abriu um buraco na parede. Quando foi espiar lá dentro, Matt fez um gesto para que ele se afastasse e empurrou o escudo para dentro, passando a cabeça em seguida. Viu uma mãe com dois filhos, talvez de seis e dois anos, encolhidos no outro lado de uma cama em chamas. A criança mais nova, um menino, apontava enfaticamente para o lado oposto do quarto. Matt viu alguma coisa queimando em cima de uma cômoda.

– Entendi – disse ele. – Vamos tomar cuidado. Entraremos assim que for possível.

O tio continuou cortando o buraco, enquanto Matt ajudava com Mjölnir. Quando o buraco ficou grande o bastante, Matt entrou primeiro.

Começou a contornar a cama e percebeu que havia um ótimo motivo para a família estar encolhida ali. Um cesto de roupas virado estava em chamas, bloqueando o caminho de fuga.

– Pássaro! – exclamou o menininho. – Pássaro! – Ele apontou com o dedinho esticado.

– Não se preocupe com isso – disse a mãe rapidamente. – Ele está preocupado com o bicho de estimação, mas... tire a gente logo daqui. Rápido. Por favor.

Reyna tinha trazido garrafas de água nos bolsos e as usava para apagar o fogo no cesto, enquanto Matt o abafava com o escudo. Assim que a passagem ficou suficientemente livre, a mãe apressou as crianças por ela. O tio de Matt voltou pelo buraco para vigiar o fogo do outro lado enquanto a família atravessava. Matt e Reyna tomavam conta de dentro do quarto.

Quando a família tinha quase acabado de passar, o menininho correu de volta para o quarto, e a mãe soltou um grito. A criança apontou um dedo gordinho para a cômoda.

– Pássaro! – exclamou ele. – Pássaro!

Matt olhou. Tudo o que viu foi a cômoda com alguma coisa ardente em cima, uma coisa grande, talvez com uns 90 centímetros de altura, quase alcançando o teto incendiado. Ele estava prestes a dar as costas quando notou alguma coisa nas chamas.

Um olho? Não. *Dois* olhos e um bico, e então, enquanto o menino observava, o pássaro tomou forma. Uma imensa ave flamejante.

– Isso é uma... fênix? – indagou Reyna. – Elas existem nos mitos nórdicos?

Não. O único tipo de pássaro flamejante...

Matt engoliu em seco. Ele se lembrou de quando estava em Hel e um pássaro deu um rasante neles. Um galo, Baldwin tinha dito, e Fen dera uma

risada, mas a ave era exatamente isso. Um imenso galo vermelho-fuligem. Um dos três que anunciariam a chegada do Ragnarök. Aquele foi o galo que alertou os mortos. O segundo, Fjalar, avisaria os gigantes no reino deles, e Matt presumia que isso já tinha acontecido. Então o terceiro alertaria...

O galo flamejante jogou a cabeça para trás e soltou um cacarejo, tão alto que os dois cambalearam para trás, com as mãos nos ouvidos.

– Gullinkambi – sussurrou Matt.

A gata saltou pelo buraco e correu até a cômoda, sibilando com o pelo arrepiado.

– Gatinha! – exclamou o menino, correndo atrás dela.

– Não! – gritou a mãe dele.

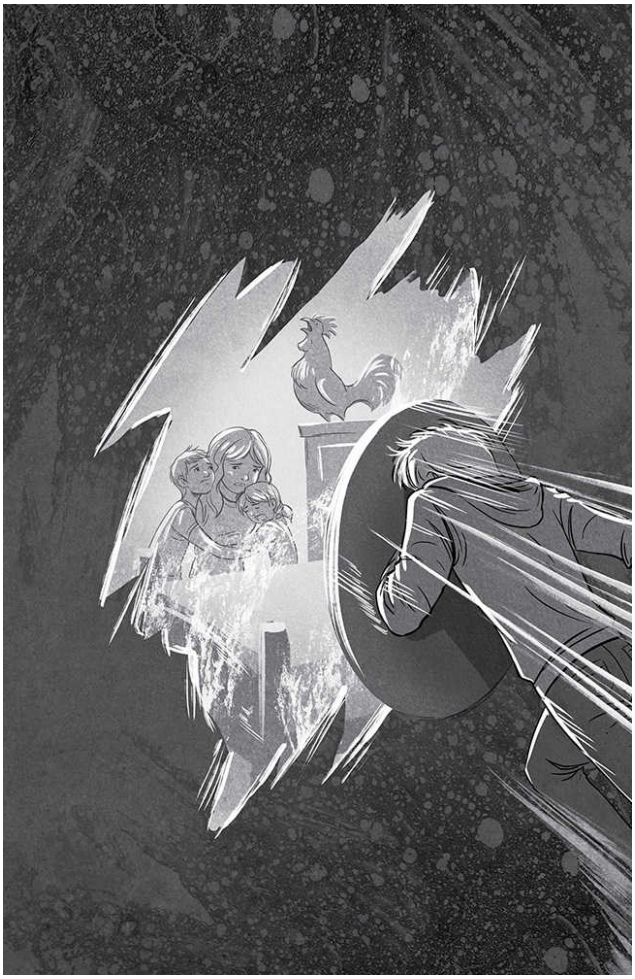
Matt mergulhou atrás do garotinho, mas este passou correndo. Gullinkambi se ergueu; asas se abrindo, chamas se lançando de cada pena ardente, as paredes se incendiando com um *whoosh*.

Matt largou o martelo e o escudo e correu para o menino. Ele catou a criança enquanto a mãe gritava atrás deles. Matt virou-se na direção do buraco na parede, mas ele estava coberto em chamas. O fogo estava por toda parte, engolfando paredes e teto, correndo também em linhas pelo chão.

– Matt! – gritou o tio.

– Estou cuidando disso! – gritou Matt de volta. Entregou o garotinho a Reyna, depois pegou o escudo e o martelo. As chamas se aproximaram; fazia um calor insuportável e o menininho uivava, abafando o tio de Matt e Reyna.

Uma parede de chamas bloqueava o caminho de volta até o buraco. A única outra saída...



Matt viu a porta bem quando a gata correu até ela, esquivando-se do fogo.

– Por aí não! – gritou Reyna. Havia um motivo para que eles não tivessem entrado por aquela porta. Era um retângulo sólido de fogo.

A gata uivou. Matt olhou da parede de fogo para a porta flamejante. Então atirou Mjölnir com o máximo de força possível. O martelo atravessou a porta, arrancando-a das dobradiças.

Isso resolve, fez Reyna com a boca. Abraçando a criança com força, ela correu até a porta. Matt a puxou para trás, e as chamas engoliram a abertura, com o batente da porta ainda incendiado. O fogo era alimentado pela magia agora, queimando forte e rápido, devorando tudo em seu caminho.

Matt encarou Gullinkambi.

Você veio me avisar da chegada do Ragnarök? Ou me impedir de chegar lá?

O galo só fez se assentar, com os olhos sombrios fixados em Matt, olhos que diziam que a fera era neutra naquela questão. Ele era apenas o mensageiro, e se Matt era incapaz de sobreviver ao quarto que incendiou, bem, então dificilmente estaria pronto para enfrentar a Serpente de Midgard, não é?

Matt se virou para Reyna. A menina estava de olhos fechados e movia os lábios tentando lançar um feitiço, mas o que quer que estivesse fazendo não estava funcionando.

Ele pensou no Jotunn de fogo. Neve. Chuva funcionaria também, mas ambas exigiam um céu de onde cair. Matt olhou para o teto ardente. Sem chance. Bem quando ele ia olhar para baixo, um pedaço caiu na direção de Reyna. Matt a puxou para fora do caminho, e seus olhos se abriram quando o pedaço de teto acertou-lhe o ombro. O garotinho berrou ao ver a camiseta da menina pegando fogo. Reyna pôs a criança no chão rapidamente e Matt

bateu no fogo, acertando com força suficiente para fazer a menina cambalear, mas quando ele tentou segurá-la Reyna o puxou. Outro pedaço de teto flamejante caiu ao lado deles.

– Matt! – chamou o tio de novo.

– Ainda estou cuidando disso!

Matt girou para a porta com a frustração crescendo e, ao fazê-lo, atirou Mjölnir como se socasse o ar por reflexo. O martelo voou pela porta flamejante e voltou à mão do menino, incandescente, fazendo-o sibilar entre os dentes.

Isso não vai ajudar. O martelo não é capaz de nocautear o fogo. Eu preciso...

A resposta veio em um clarão, e Matt lançou o martelo de novo, desta vez para a outra mão, deslizando a tira do escudo mais para cima no braço. Com a mão direita livre ele fez um punho e, então, atirou o outro Martelo, o invisível. Atingiu a chama e o fogo se retirou. Levou apenas alguns segundos para que a chama engolisse a passagem de novo.

– Certo – disse Matt. – Você tem uma janela de cinco segundos. Consegue passar?

– Eu vou conseguir.

Segurando o menino de novo, Reyna chegou o mais perto possível da porta. Matt atirou o Martelo, e ela correu assim que a mão dele avançou. Ele tentou gritar para que ela esperasse, para ter certeza de que funcionaria, mas ela já estava atravessando as chamas. O impacto do Martelo acertou a porta. O fogo recuou. Reyna e o menininho atravessaram.

Matt preparou o Martelo de novo. Curvou-se, pronto para sair em disparada, então atirou e....

Não aconteceu nada.

Sem combustível.

– Matt! – Era Reyna agora.

Ele tentou de novo. Nada. Estava prestes a tentar uma terceira vez quando um enorme pedaço do teto caiu. Matt girou para fora do caminho, só para pisar em um foco de fogo e mal conseguir escapar de outro pedaço do teto que desmoronava.

Matt jogou Mjölnir de volta para a mão direita. Depois ergueu o escudo, abaixou-se e correu, com ele bloqueando o rosto. Mas isso foi tudo o que ele obstruiu, e as chamas engoliram o resto do corpo de Matt enquanto ele corria pela porta. Sentiu um calor incrível e também o cheiro das chamas, inalou-as e pensou, *morri.* Mas seguiu em frente, correndo até o próximo aposento e caindo no chão. Ele rolou rapidamente. Alguma coisa o envolveu, e Matt lançou todos os quatro membros para fora, para se livrar daquilo, porém percebeu que era um cobertor jogado sobre ele, e o tio batia para abafar o fogo, dizendo:

– Fique parado, Matt. É só ficar parado.

Matt ficou parado. Por uns três segundos. Só o tempo suficiente para garantir que não era mais uma tocha humana. Por fim, Matt se livrou do cobertor e se levantou.

– Você ouviu Gullinkambi? – perguntou.

O tio Pete fez que sim com a cabeça.

– Então nós temos que tirar essas pessoas daqui rápido, porque eu tenho que estar em outro lugar.

Depois que garantiram que as famílias resgatadas estavam em segurança, o grupo voltou à casa do tio, onde se lavaram e Alan lhes levou alguma coisa para comer. Ninguém falou muito. Matt tinha contado a Owen sobre Gullinkambi, mas o rapaz só acenou com a cabeça, como se tivesse ouvido o

galo ou já soubesse o que viria. Tratando-se de Owen, ambos os casos eram igualmente possíveis.

Depois do lanche, tio Pete anunciou:

– Eu gostaria de conversar com meu sobrinho.

Até mesmo Reyna entendeu que isso significava *sozinho.*

Os dois foram ao escritório, e tio Pete fechou a porta.

– Eu sinto muito – disse ele.

– Pelo quê?

O tio soltou uma risada curta.

– Por tudo. Sinto muito por não ter sido parte de sua vida, e sinto muito por, quando finalmente nos encontramos, ter sido nas piores circunstâncias possíveis. Mas, acima de tudo, neste instante, eu sinto muito que você tenha que passar por tudo isso.

Matt assentiu com a cabeça. Não havia nada a ser dito, na verdade. Não havia como desfazer o que fora feito. E também como deter o Ragnarök.

– Desde que eu recebi a mensagem do seu pai, estive procurando alguma brecha. – O tio fez um gesto para a mesa cheia de papéis. – Tentei descobrir se outra pessoa poderia assumir seu lugar. No caso, eu. Mas todas as referências que encontrei sobre a profecia dizem que não. Pensei que talvez eu pudesse tentar, mas tem uma delas... – ele ergueu um velho livro e o abriu em uma página marcada – ... que diz que ninguém, exceto os campeões, pode pisar no campo de batalha. Se outras pessoas tentarem, vão causar problemas para o próprio lado.

– Uma penalidade – observou Matt.

– Certo. Então...

– Tem que ser eu, e não podemos correr o risco de colocar alguém mais no meu lugar. Está tudo bem. Eu... – Matt deu uma olhada no martelo e no escudo. – Não vou dizer que estou pronto, mas tenho o que preciso. Não dá

para ficar mais pronto que isto. Não a tempo. O próximo passo é encontrar o campo de batalha. As Nornes disseram que você me mostraria onde fica.

– Isso é com você.

– Mas... Mas eu não faço ideia de onde ir.

– Eu quis dizer que é você quem decide onde a batalha acontecerá. Os descendentes escolhem. – Tio Pete tirou um atlas da estante. – E é melhor escolhermos rápido.

QUINZE



FEN

"APRISIONADO PELA MAGIA"

Além do *timing* obviamente ruim da chegada de Laurie enquanto ele conversava com Astrid, a aparição dela complicava as coisas. Por um lado, Fen queria muito comemorar de alegria. A prima estava ali e aparentemente ainda falava com ele. Por outro lado, ela não poderia ficar. Fen não tentaria convencê-la a lutar *contra* Thorsen. Matt precisaria de ajuda para vencer, deter a Serpente de Midgard para salvar o mundo e tudo o mais.

Obviamente, alguma coisa tinha alertado a matilha para a chegada de Laurie, porque o *wulfenkind,* em forma de lobo e de gente, estava indo até o líder. Fen endireitou a coluna e os ombros com mais autoconfiança do que sentia. Uma boa quantidade de seus companheiros de matilha observava com um misto de curiosidade e hostilidade no rosto.

Não era seguro para ela estar ali, nem para Baldwin.

– Este não é o seu lugar – disse Fen a Laurie. – Vá embora!

– Nem o seu, seu... seu... idiota! – Laurie deu um passo à frente e um empurrão forte no ombro do primo.

Baldwin parou ao lado dela, mas lançou um olhar ilegível para Fen e disse:

– Oi.

Um rosnado súbito logo ao lado esquerdo de Fen o fez dar uma olhada sobre o ombro, onde ele viu Hattie rosnando como se estivesse prestes a morder alguém, provavelmente sua prima.

– Ela tem uma arma – murmurou Hattie. – Ela a trouxe aqui.

A Saqueadora estava olhando para baixo, e Fen já sabia para o quê, mesmo sem olhar. Ainda assim, ele seguiu a direção dos olhos dela e viu o arco de osso na mão da prima. Não estava erguido, mas poderia ser levantado em um piscar de olhos.

O dia fica cada vez melhor.

Se Laurie levantasse o arco, haveria uma sequência de atos violentos que Fen não sabia bem se conseguiria deter. Ela era uma intrusa no acampamento deles, e, pior ainda, uma intrusa *armada*.

– Ninguém encosta na minha prima! – gritou Fen. – Quem encostar será exilado.

Como resposta, ele recebeu grunhidos e resmungos.

– E quanto a ele? – perguntou alguém.

– Eu sou invulnerável – respondeu Baldwin alegremente. – *E* acabei de voltar dos mortos.

– Conforme esperado – afirmou uma voz muito indesejada. Astrid tinha que chamar a atenção para si mesma. Não podia simplesmente ficar calada e escondida.

Fen estremeceu quando uma expressão de mágoa atravessou o rosto de Baldwin. O envolvimento de Astrid era como jogar gasolina no fogo.

– Agora não – comandou ele.

– *Você!* – Laurie soltou um meio grito, meio rosnado. Ela apertou o arco mágico com mais força e começou a levantar o braço.

Fen segurou o pulso dela.

– Não.

Ele não pôde deixar de estremecer com a expressão de pura traição nos olhos de Laurie.

– Por quê? – sussurrou ela, e Fen sabia que a pergunta não era apenas sobre aquele momento. Havia muitas perguntas naquelas seis letras. *Por que ele estava ali? Por que defendia a inimiga? Por que não tinha falado com ela? Por que era um perdedor agora?*

Ele só conseguiu responder:

– Este é o meu lugar, agora.

– *Por quê?* Por que você está aqui com eles? Você me deve respostas, Fenrir.

– Não é tão simples – começou ele.

– Pessoal? – A voz de Baldwin os interrompeu.

Fen e Laurie se viraram para o amigo.

– Os lobos estão rosnando... E mais deles estão se transformando em lobos agora. Aquela criatura do mal ali me deixa nervoso – disse, apontando para Astrid –, e Laurie parece que vai começar a disparar as flechas a qualquer minuto. Vocês acham que a gente poderia conversar em algum outro lugar?

Fen baixou o olhar para a mão que ainda segurava o punho de Laurie e depois para os olhos dela.

– Por favor?

Silenciosamente, a menina fez que sim com a cabeça, e Fen a sentiu relaxar sob a mão dele, sem brigar mais para erguer o braço e a arma.

– Para trás, todo mundo. – Fen olhou para trás.

Os lobos grunhiram e rosnaram um pouco, mas obedeceram.

Enquanto eles recuavam, Fen explicou:

– Eu conquistei a matilha de Skull. Tenho que ficar aqui e liderá-los.

– Você ficou... – Laurie balançou a cabeça. – Não vou nem perguntar se você ficou maluco. Porque é óbvio que ficou. Eles estão tentando acabar com o mundo, Fen. Você se esqueceu de tudo?

Fen respirou fundo para se acalmar.

– Como o alfa deles, *tenho* que fazer o que for melhor para a matilha. – Ele desejou ter parado para explicar melhor a herança deles, para que Laurie compreendesse. O melhor que pôde dizer foi: – Eu não tenho escolha. É magia.

– Não. Você não vai ficar aqui. Você me escute... – Laurie empurrou o ombro do primo de novo – ... você vai voltar comigo agora mesmo.

Astrid deu um passo à frente e ficou ombro a ombro com Fen.

– Ele tem um papel a desempenhar na grande batalha. Todos temos.

Laurie se virou rispidamente para Astrid.

– *Você* não fala comigo. – Se ela pudesse ter sibilado ou rosnado, Fen tinha certeza que a prima o teria feito. Aquele olhar de fúria absoluta no rosto de Laurie nunca era um bom sinal.

Astrid é um dragão. Minha prima está gritando com um dragão.

– É melhor você ir embora, Laurie – insistiu Fen, tentando desarmar a situação. – Volte para Thorsen e...

– Tudo bem. – Laurie abriu um portal mais rápido do que Fen jamais a vira fazer. Aparentemente, a fúria a deixava mais rápida. Então, com um chute nas pernas da menina de cabelos rosados, Laurie empurrou Astrid para dentro da passagem.

Enquanto Astrid caía pelo portal, Laurie se virou para Baldwin e falou:

– Pegue ele.

– Desculpa, cara – disse Baldwin, animado, e se jogou contra Fen, atirando os dois pelo portal.

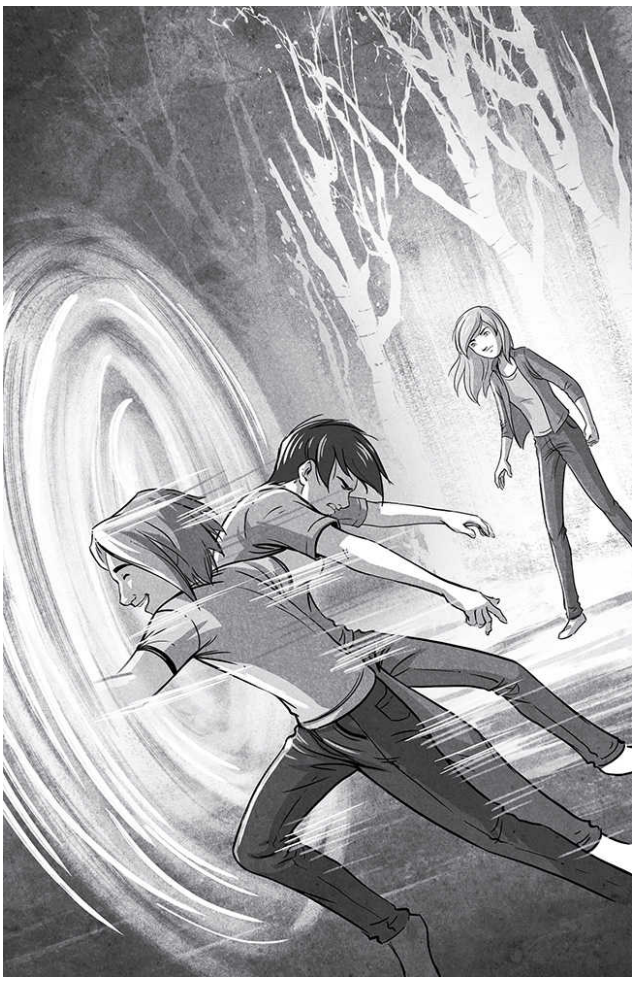
Antes que Fen abrisse os olhos, já sabia aonde a prima os tinha levado: para Matt. Ele não sabia que cidade era aquela, no começo, ou em que ruínas de cidade eles se encontravam, mas sabia quem estaria lá. Olhou em volta e percebeu rapidamente que estavam em Mitchell, Dakota do Sul.

Trêmulo, Fen se levantou e olhou não para o menino de um olho só que encarava Laurie com desaprovação, mas para Matt.

O misto de alívio e medo era familiar, àquela altura. Era como ele se sentiu quando Matt descobriu que Fen deveria entregá-lo ao inimigo, como se sentiu parado diante da tia Helen e do então morto Baldwin, e como se sentiu quando venceu a luta contra Skull. Familiar não era sinônimo de *bom*, porém.

– Temos que conversar – disse Fen a Matt.

– Eu imaginei – respondeu Matt, parecendo surpreendentemente calmo. Então Matt olhou para a outra pessoa que tinha passado pelo portal com eles. A expressão calma se desfez, e o menino ficou pálido. Entretanto, só disse: – Astrid.



Owen se adiantou e segurou um dos braços de Astrid.

– Vou ficar de olho nela – afirmou com voz fria. – O olho que eu ainda tenho...

Astrid foi com ele em silêncio. Baldwin se afastou, ainda estranhamente quieto. Fen queria dizer alguma coisa. Tinha ido a Hel por Baldwin, mas também estivera abrigando a assassina do amigo. Fen não sabia o que dizer... a nenhum deles, na verdade. Astrid era uma das raras pessoas que todos os descendentes do Norte detestavam. Ela fingira ser a namorada de Owen quando ele não estava por perto para desmenti-la, mentiu para eles, tentou roubar deles e matou Baldwin. Então, quando todos estavam em Hel resgatando Baldwin da morte que *ela* causara, o inimigo tinha capturado Owen, que perdeu um olho.

E eu estou encarregado de protegê-la.

Por mais que ele odiasse dizê-lo, ainda tinha que falar.

– Ela está sob a proteção dos Saqueadores. Não posso deixar que vocês a m...

– Cala a boca! – gritou Laurie. Depois ela se virou para Matt e anunciou: – Eu *não* consigo lidar com ele, Matt. Meu primo aparentemente bateu com a cabeça ou coisa assim, porque a única outra explicação é que ele é um completo abestado.

Estranhamente ou não, isso fez Fen sorrir pela primeira vez desde que fora obrigado a assumir a matilha. Tinha seguido as regras ao máximo que a magia poderia forçá-lo. Agora ele estava ali, diante de Laurie e Matt. A prima estava frustrada com ele, mas Fen ainda assim se sentia aliviado. Os dois poderiam ajudá-lo a bolar um plano. Era disso que precisava.

– Venha – disse Matt.

Os três foram até um prédio que não estava em chamas e ficaram nas sombras da noite constante. Isso o fez lembrar-se de Hel. O mundo ao

redor deles certamente não se parecia nem um pouco com a Mitchell de sempre. Não era a cidade legal e limpa que Fen visitara em um passeio da escola. Era uma terra de pesadelo com carros incendiados e escombros de prédios espalhados pela rua. Fen arregalou os olhos ao contemplar a destruição.

– O que aconteceu por aqui?

– Jötnar – respondeu Matt.

– Dois deles – acrescentou Laurie.

– Aliás, ótima ideia para se livrar do seu – disse Matt a Laurie, e Fen sentiu uma pontada de ressentimento por ser excluído. Talvez Matt soubesse disso, ou talvez ele fosse simplesmente um cara legal mesmo, pois se virou para Fen e explicou: – Ela o "portalou" para Hel.

Fen deu uma risada.

– Você o mandou para a tia Helen? Que legal.

Laurie pareceu encabulada por um momento.

– Não é como se já não tivesse jötnar por lá!

Diante da expressão ansiosa da prima, Fen deu uma cabeçada amistosa em seu ombro sem ligar para a presença de Matt, simplesmente precisando fazê-la entender que ainda tinha os mesmos sentimentos por ela. Baixinho, ele disse:

– Eu estava preocupado de você ter se machucado ou precisar de mim...

– Mas eu preciso! – interrompeu-o Laurie rapidamente. Ela inclinou a cabeça para Matt. – Nós *dois* precisamos de você aqui.

Matt fez que sim com a cabeça e levantou a pergunta difícil:

– Por que você estava com os Saqueadores? Eu te vi.

Fen respirou fundo.

– Eu sei.

Com rapidez, ele explicou tudo sobre a luta contra Skull, as regras de ser um alfa de uma matilha Saqueadora e, então, a dificuldade de pensar no que fazer, já que ele não poderia colocar a matilha em perigo *nem* queria lutar pelo prefeito Thorsen.

Matt estremeceu um pouco com a lembrança de que o avô dele era o inimigo, o que Fen meio que entendia. Muitos dos Brekke eram Saqueadores, o que significava que eles foram inimigos de Fen até ele se tornar o alfa contra a própria vontade. Família era um negócio confuso.

– Estou aprisionado pela magia – afirmou Fen, depois de explicar tudo. – A não ser que lutar *a seu lado* se torne uma opção melhor do que lutar contra vocês, eu não posso fazer nada.

A onda de alívio em lhes contar a verdade foi imensa. Grandes batalhas apocalípticas poderiam resultar na morte de todos eles. Nos mitos, era horrível: Loki morria, a serpente matava Thor, Fenrir engolia Odin, Frey morria, até Garm morria. Os descendentes tinham mudado pequenas partes do mito até agora, mas o Ragnarök era "o crepúsculo dos deuses". Era uma narrativa de finais, e entrar em uma batalha em que a maioria deles deveria morrer sem que soubessem que Fen gostava deles era mais assustador do que falar sobre *sentimentos*.

Matt ficou quieto por um momento.

– Astrid quer ajudar você – disse Fen a Matt. – Mudar o fim da batalha ou alguma coisa assim. Pelo menos é o que ela diz. Não sei se confio nela de verdade, mas... tem coisas que ela precisa lhe dizer. Pode ser bom.

– Que coisas? – perguntou Laurie.

– Não posso contar – respondeu ele depois de um momento. – Magia. Sério, Laurie, não é como se eu quisesse guardar segredos, mas só posso fazer o que for melhor para a matilha. *Astrid* pode contar, porém, porque ela... não é um lobo.

Fen olhou para a prima na esperança de que captasse a pausa e pensasse: *Bem, se ela não é um lobo, será que é alguma outra coisa?* Só que não funcionou, porque ela só ficou ali parada, franzindo a testa com os lábios pressionados. Ela parecia estar prestes a irromper em gritos.

Fen lhe deu outra ombrada amistosa.

– Não importa o que acontecer, os Saqueadores sabem que não podem encostar em você.

Em vez de ficar feliz, a prima parecia furiosa.

– E qual é o motivo disso?

– Você é minha prima, então não podem encostar em você.

– Então eles podem atacar Matt, Baldwin, Owen, os gêmeos, os Berserkers e todo mundo mais... só eu que não posso ser atacada? – Laurie tinha os braços cruzados de novo, e Fen sabia que isso significava que ela estava brava com alguma coisa. Ele não sabia bem por quê, mas a prima claramente não via essa proteção como uma coisa boa.

– Eu não posso proteger todo mundo – explicou Fen. – Você é da minha família. Você é da família *deles*.

– Está tudo bem – disse Matt a Laurie. Ele meio que a abraçou, mas com um braço só. Ver Matt reconfortando Laurie deixou Fen com mais raiva. Era ele quem deveria estar ao lado da prima. Era ele quem deveria fazê-la se sentir melhor e protegê-la. Tinha sido assim a vida inteira.

– Eu odeio o Ragnarök – disse Fen.

– Eu também – concordou Matt, balançando a cabeça.

– Somos três – disse Laurie. Ela pareceu se acalmar então, como se toda a raiva tivesse sumido tão rapidamente quanto havia aparecido. Olhou nos olhos de Fen e perguntou: – Nós vamos dar um jeito, né?

– Definitivamente – mentiu Fen. Ele não tinha a menor certeza de que eles conseguiriam, mas não ia dizê-lo em voz alta, não para Laurie. – Eu

não posso ficar aqui. Você tem que me mandar de volta.

– A batalha está chegando – afirmou Matt.

– Eu calculei que seria em breve – observou Fen.

– Praticamente *agora*.

Fen fez que sim com a cabeça.

– Se a maré mudar para que seja melhor para minha matilha... eu só tenho que fazer o que for melhor para eles. Essa é a regra. Tenho que fazer o que for melhor e mais seguro para os meus lobos. Neste momento, estão lutando para o lado com as maiores chances de vencer, mas se o lado que está vencendo *mudar*...

– Entendido – respondeu Matt, compreendendo imediatamente que Fen não poderia ajudar mesmo querendo fazê-lo, mas que, com sorte, poderia haver um momento em que isso mudaria.

– Vocês vão tomar cuidado, certo? – disse Fen. – Todos eles conhecem os mitos e...

– Sim – interrompeu-o Matt. – E nós vamos tomar cuidado.

– Eu não quero que nenhum de vocês morra – admitiu Fen.

– Nós sabemos. Deveríamos ter imaginado que você não era um traidor – disse Matt. – Laurie nunca duvidou de você.

Fen olhou para ela, mas a prima não disse nada. Ela o encarava, com os braços cruzados e os olhos cheios d'água. Ainda não estava chorando, mas logo estaria.

– Tente ficar bem – disse Matt.

Fen acenou com a cabeça. Sentia-se melhor por ter conversado com Matt, mas ainda tinha que conversar com Laurie. Matt obviamente sabia como eles eram, pois, no minuto seguinte, falou:

– Vejo você na luta, então. Tenho que ir lidar com Astrid.

Matt se virou para Laurie e acrescentou:

– Você tem como trazer Ray? Reyna está preocupada, e vamos precisar dele para a batalha.

E então se foi, e os dois primos ficaram sozinhos de novo.

– Eu não queria que nada disso acontecesse – disse Fen a Laurie.

Ela lhe deu as costas, mantendo a boca fechada. Fen não queria brigar com a prima, mas não poderia desfazer a magia que vinha com o cargo de alfa da matilha. Ele não podia ficar ali.

E não tinha a menor ideia de como convencê-la a abrir um portal para que ele pudesse liderar lobos e monstros na batalha contra ela.

DEZESSEIS



MATT

"MONSTROS"

Matt andava de um lado a outro. Todos tinham se afastado, deixando-o sozinho enquanto esperavam o retorno de Gullinkambi. De acordo com os livros do tio de Matt, Gullinkambi cantaria uma vez para alertá-los a se prepararem, depois voltaria para dizer: "Parem de enrolação e tragam esses traseiros para cá".

Matt olhou em volta procurando Reyna. Ela tinha ficado no canto, conversando com o tio de Matt sobre os detalhes de seu papel. Pensar em Reyna o animou, mas o bom humor durou pouco. Ele não parava de pensar em Astrid. Estava prestes a entrar na maior batalha de sua vida, e a última coisa de que precisava era ficar distraído.

Um passo soou atrás dele. Matt se virou e viu Reyna chegando com a gata ao lado. Deu um sorriso para elas, e Reyna parou de se aproximar, dando uma olhada para trás como se procurasse o motivo da alegria.

– Alguém batizou seu Gatorade pré-batalha? – perguntou ela.

– Não, só estou feliz em ver... – Ele deu um passo para trás. – Feliz em ver que a gata ainda está com você. Já escolheu um nome para ela?

– Quais são as minhas opções, mesmo?

– Trjegul, Bygul e Oygatta.

– Trii-gul e Bii-gul? – repetiu ela. – E Oigata? – Ela parou. – Oi, gata. Ah. Ha-ha. Deixe a comédia para os profissionais, Thorsen.

Ele encolheu os ombros.

– Você sempre pode perguntar à gata qual é o nome dela.

– Que nada. Eu escolho Trjegul. – Reyna olhou para a gata de três cores. – Você é Trjegul agora. Mesmo que na verdade seja Bygul.

A gata só piscou os olhos.

– Então, se eu chamar o seu nome você virá, certo?

Trjegul se levantou e saiu andando na outra direção.

– Fique esperta ou eu troco você por um cisne! – exclamou Reyna para ela. – Um cisne gigante matador e invisível que come gatinhos malcriados no café da manhã.

Matt deu uma risadinha, e quando ela lhe deu as costas, o menino quis continuar a conversa. Não importava como. Contar a ela mais uma história sobre os gatos de Freya. Fazer uma brincadeira sobre Trjegul. Manter a conversa e as brincadeiras e estender aquele momento o máximo possível. Como as palhaçadas de vestiário antes de uma grande luta. Porém, mesmo enquanto Matt pensava essas coisas, uma sombra o sobrevoou. Deu uma olhada rápida para cima e viu um pássaro. Prendeu a respiração. Então percebeu que era só um dos corvos de Owen.

Corvo. Owen. Astrid.

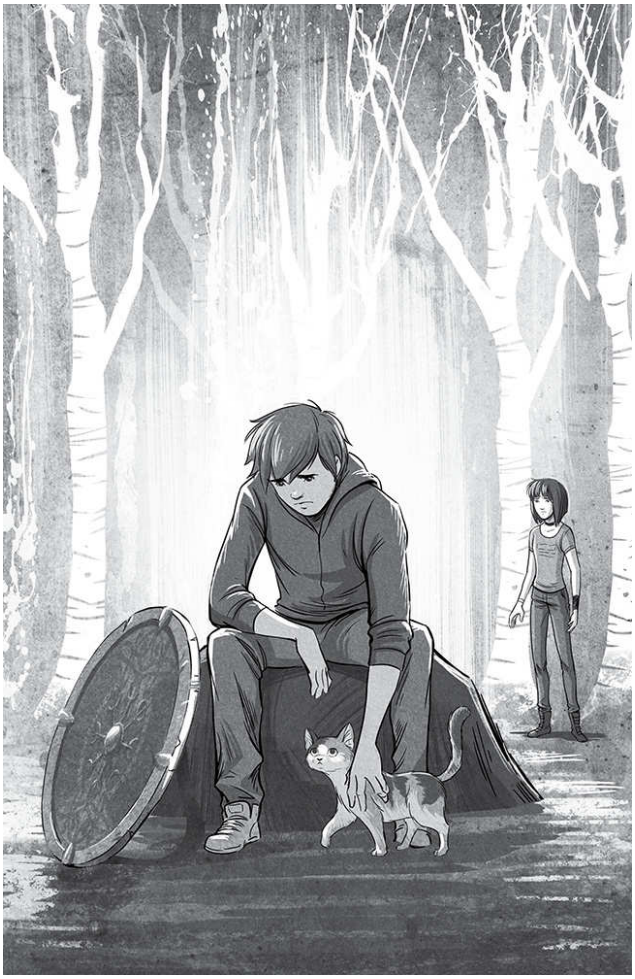
– Matt? – chamou Reyna.

– Astrid está aqui. – Ele deixou as palavras escaparem. Reyna estremeceu.

– Você acabou de dizer...?

– Astrid. Ela voltou com Fen.

– Ah, e me deixe adivinhar. Ela está aqui para lhe dizer que cometeu um grande erro, que lamenta muito e que está totalmente do nosso lado agora. Do *seu* lado, aliás. Felizmente, você é esperto demais para cair nessa.



– Eu não sou burro, Reyna.

– Nunca disse que era.

Ele mudou sua opinião.

– Talvez, mas às vezes você faz com que eu me sinta... – Matt encolheu os ombros. – Deixa pra lá. A questão é que eu a conheço bem o suficiente para tomar cuidado. Mas Fen a trouxe de volta. Ela está sob a guarda de Owen. No que me consta, Astrid é uma prisioneira de guerra. Uma possível fonte de informações valiosas sobre o inimigo.

Reyna mal pareceu ter escutado.

– Eu faço você se *sentir* burro, Matt?

O menino ajustou o escudo nas costas.

– Não, na verdade, não. Esquece o que eu falei. Eu só... – Ele encolheu os ombros. – Muitas coisas na cabeça, e eu me sinto... – Encolheu os ombros de novo. – Tanto faz. Eu tenho que falar com Astrid.

Matt deu mais três passos antes que Reyna dissesse:

– Eu nunca conheci um cara que fosse menos burro, Matt. Ou menos corajoso. Ou menos... tudo.

Matt se virou lentamente.

– Ah, deuses! – exclamou Reyna, esfregando o rosto. – Isso soou muito errado. Eu não quis dizer... Eu só queria... – Reyna bateu o pé. – Posso dizer alguma coisa malvada para equilibrar? Por favor? Sou muito melhor nisso.

Ele abriu um sorrisinho.

– Claro, fique à vontade.

Matt estava só provocando, mas Reyna afastou o olhar e resmungou:

– Eu não quero ser malvada. Eu só... eu só queria... – Reyna olhou para Matt. – Eu queria que você revidasse, Matt. Eu queria que você me enfrentasse, porque a única coisa de que precisa é a única coisa que tenho de

sobra: autoconfiança. Só que você nunca revida. Você só aceita. Mas eu tinha esperanças de que você entendesse que eu não acho você burro ou algo do tipo, porque, se você fosse, eu não estaria do seu lado. Confio em você como não confio em mais ninguém além do meu irmão. – Ela fez uma pausa. – Isso soou ridículo?

– Não.

– Se eu fizer você se sentir mal, pode me dar um fora. Eu aguento.

– Tudo bem.

Ela soltou o ar.

– Ótimo, já chega disso, então. Temos que falar com Astrid.

– Eu... eu não sei se você deveria...

– Eu estou do seu lado, lembra? – Ela olhou para ele. – Sempre, Matt.

Nem sempre. Você não vai poder. Uma vez que aquele galo cantar, estarei sozinho.

– Ela vai tentar te enganar – afirmou Reyna. – Vai ser bom se eu estiver lá para garantir que você vai até o fim.



Assim que Matt viu Astrid, percebeu que Reyna tinha razão: se Astrid fingisse ter mudado de ideia, Matt se sentiria tentado a acreditar. Ele precisava de alguém para mantê-lo nos trilhos, e ninguém era melhor nisso do que Reyna. Além disso, de todo mundo ali, Astrid teria menos problemas com Reyna. Elas não tinham criado laços ou brigado.

Quando eles se aproximaram, depois que Owen se retirou para lhes dar privacidade, Astrid viu Matt chegando e sorriu. Era um sorriso nervoso, com seus olhos brilhando e se apagando como se estivesse feliz em vê-lo, mas soubesse que o sentimento não era recíproco. Uma encenação. Matt

entendia agora. Já compreendia havia algum tempo, mas era interessante ver ao vivo.

Foi aí que Astrid percebeu Reyna ao lado dele. Olhou de Matt a Reyna, e de volta. Depois se endireitou e se virou, só o suficiente para cortar Reyna do campo de visão.

– Ei, Matt – disse ela. – Aposto que você estava torcendo para não me ver nunca mais, né? – Aquele sorriso tímido. – Obrigada por ter vindo. Eu sei que sou a última pessoa com quem você quer falar...

– Não – retrucou Reyna. – Você é a *primeira* pessoa com quem ele quer falar, porque vai ajudá-lo a vencer esta batalha.

Astrid se virou, lenta e deliberadamente, na direção de Reyna. Olhou a outra menina de cima a baixo, depois franziu a testa como se não conseguisse se lembrar direito dela.

– Reyna? Não reconheci você sem a fantasia de garotinha emo. Ainda não é bem a deusa da luz e beleza, né? São saltos bem altos a se calçar. Vai levar um tempo para você crescer o suficiente para usá-los. – Ela olhou Reyna de cima a baixo de novo. – Talvez um longo tempo.

– Ah, meus sapatos calçam muito bem. Hoje são um belo par de coturnos de combate, porque agora estou representando um aspecto diferente de Freya. Deusa de "eu chutarei seu traseiro se você se meter comigo". Ou se se meter com qualquer outra pessoa.

– Alguma pessoa em particular? – Astrid lançou um olhar malicioso para Reyna.

– Claro – respondeu Reyna. – Matt. Ah, espera. Você achou que eu não ia admitir? Lamento desapontá-la. Eu gosto do Matt. Eu gosto muito dele, porque ele é um cara muito incrível, *não* porque ele é gatinho. É um amigo. O conceito pode ser desconhecido para você. Mas finja que entendeu.

Astrid estreitou os olhos e abriu a boca para falar. Reyna a interrompeu:

– Pare.

– Eu não...

– O que você vai dizer que não está fazendo? Você está totalmente fazendo. E nós vamos parar por aqui mesmo. Duas garotas batendo boca por causa de um garoto? Clichê. Ficar de briguinha quando nós deveríamos estar criando estratégias para a batalha do fim do mundo? Isso é um insulto às garotas de todo o planeta. Essa discussão está encerrada. – Reyna se virou para Matt. – Você tem a palavra, senhor.

– Ahm... – Matt piscou. – Certo. Astrid? Eu preciso saber...

– Muitas coisas. Mas, primeiro, tenho uma coisa muito importante para contar. A sós. – Astrid olhou para Reyna.

– É sério? Você não ouviu meu discurso sobre empoderamento feminino?

– É uma conversa particular. A não ser que você esteja sugerindo que Matt não consegue lidar comigo sozinho. Acho que ele é um garoto crescido, Reyna, forte o bastante para lutar comigo e esperto o bastante para me superar. Você está insinuando que não?

Reyna só olhou Astrid no olho, como se dissesse: *Não, não vou jogar seus joguinhos.*

Astrid deu uma olhada para Matt, implorando que intercedesse. Ele não fez nada.

– Conte-me logo, Astrid – disse ele. – Não temos muito tempo...

– Eu sou a serpente.

Matt fez uma pausa.

– Você é...

– A Serpente de Midgard. Sou eu.

– O quê?! – exclamou Reyna. – Ah, não. Não ouse vir com essa. A Serpente de Midgard é uma garota de catorze anos?

Astrid se virou para ela.

– O que aconteceu com "as garotas podem tudo"? Um belo sentimento... até deixar de ser conveniente pra você.

– Não tem nada a ver com ser uma garota. Eu diria a mesma coisa se você fosse um menino. Thor está morto; Matt é o substituto. A Serpente de Midgard? Não está morta. É um problema de lógica, não de gênero. A não ser que você não seja uma garota de catorze anos.

Astrid ficou indignada, como se aquele fosse o pior insulto possível que Reyna pudesse ter imaginado.

– Sou uma garota como você, que frequentava a escola até poucas semanas atrás, quando me disseram que eu estava destinada a enfrentar Thor no Ragnarök. – Ela se virou para Matt. – Soa familiar?

– Mas Reyna tem razão – observou Matt. – A Serpente de Midgard não está morta. Eu senti quando ela se ergueu, eu vi quando se ergueu perto de Blackwell. Nas profundezas da terra. Se você está me dizendo que era você....

– Não, era a minha avó. Ela é... – Astrid não encontrava a palavra. – Eu diria a "verdadeira" serpente, mas então vocês pensariam que estou mentindo sobre mim mesma. A Serpente de Midgard não é uma criatura só. É uma responsabilidade hereditária, passada de geração em geração. Como ser descendente de Thor, só que nós temos um papel real a desempenhar o tempo todo. E então tem o papel principal. No Ragnarök. Esse, aparentemente, é meu, querendo ou não. E eu não quero. Da mesma forma que você não quer ser Thor.

– Prove – ordenou Reyna.

– Que eu não quero fazer parte disso? – Astrid se virou para Reyna, seus olhos se fechando. – O fato de eu estar aqui prova que...

– Não prova nada, exceto que você tem uma história para nos vender. Mas não foi isso que eu quis dizer. Quis dizer para provar que você é a serpente. Matt diz que viu sua avó. Se você quiser que acreditemos que você é a Serpente de Midgard, pelo menos para os fins da batalha, tem um jeito fácil de provar. Transforme-se.

Astrid mordeu o lábio. Olhou para Matt. Depois fechou os olhos, e quando os abriu, estavam verdes com pupilas fendidas, como as de uma cobra.

Eu já vi isso. Tive um vislumbre disso...

A luta. Quando Astrid tentou roubar o escudo. Eles tinham lutado, e Astrid sibilara como se sentisse dor, e Matt tinha captado um vislumbre de seus olhos por uma fração de segundo e...

Matt engoliu em seco.

Esse era o mito, não era? Que Thor enfrentava a Serpente de Midgard duas vezes. Na primeira, ele a superava e a deixava viva. Isso acabou lhe causando uma vida de arrependimento. Uma *morte* de arrependimento. Thor tinha visto o mundo acabar porque fora um cara decente. Porque havia mostrado misericórdia.

Eu deveria ter...

O estômago de Matt se contorceu tão forte que ele cambaleou e ouviu as duas meninas dizendo seu nome, mas muito baixo.

Eu deveria ter matado Astrid? É isso que eu estou pensando?

Matt olhou para Astrid.

Ela é uma garota. Uma garota normal com amigos e parentes e um futuro e... e eu tenho que matá-la?

– Eu... eu preciso de um minuto – disse ele.

Matt se afastou cambaleando. Astrid correu atrás dele e segurou seu braço.

– Matt, por favor. Eu só quero conversar com você.

– Depois.

– Não vai ter um depois, Matt. Por favor. Podemos dar um jeito nisto.

Não era aquilo que ele esperava que ela dissesse? O que Reyna tinha avisado que ela diria? E no que ele dissera a si mesmo que não acreditaria? Mesmo assim, no instante em que ela falou aquilo, ele pensou: *Sim, esta é a resposta. Podemos dar um jeito nisto.*

Eu deixaria você me enganar. Me matar. Matar meus amigos. Porque eu não consigo lidar com a alternativa. Eu não posso matar...

– Cinco minutos – disse ele, empurrando a menina. – Preciso de cinco minutos.



Matt se afastou o máximo que pôde e se sentou em uma pedra. Alguma coisa esbarrou em sua perna, dando-lhe um susto. Trjegul estava se enrolando em seus pés, ronronando. Matt esticou a mão para acariciá-la, esperando que a gata saísse correndo, mas ela pulou no colo dele e se esfregou em suas mãos, ronronando mais alto.

Matt deu uma olhada para trás e não se surpreendeu ao ver Reyna a uns seis metros.

– Não se preocupe – disse ela. – Não vim interromper você. Estou só...

– Garantindo que nenhum Saqueador vá aparecer detrás da colina e me sequestrar antes da batalha?

– Isso. Vou ficar aqui. – Ela se remexeu, constrangida. – A não ser que você queira companhia. E não diga sim só por achar que deve.

Matt acenou para que ela viesse. A gata saltou do colo dele e foi até Reyna quando esta se sentou no chão.

– A Serpente de Midgard é uma garota – disse Matt.

– É o que parece.

– Você acha que ela não é? Que Astrid está fingindo ser uma menina? É um disfarce?

Reyna balançou a cabeça.

– Não. Confie em mim. Eu conheço um número suficiente de garotas assim para ter certeza de que não se trata de fingimento.

– Ah.

Ela ergueu o olhar para Matt.

– E não era isso que você queria ouvir, né?

– Eu... Ela... Era para ser um monstro. Um monstro de verdade. Tipo um Jotunn ou um troll, e, claro, eu não saio por aí matando eles para me divertir, mas por ser obrigado, bem, eles são monstros. Isto aqui... – Matt devolveu o olhar. – Ela é uma garota, Reyna. Que nem os Saqueadores. Uma garota que pode mudar de forma, e é isso que esperam dela, o que não a torna uma boa pessoa. Mas, mesmo se ela estiver mentindo sobre não querer fazer, isso não faz dela um monstro também.

– Eu sei. – Reyna acariciou Trjegul distraída. A gata se esfregou na mão dela. – Tem alguma brecha nas regras? Você não pode tirá-la do ar temporariamente?

– Um nocaute técnico?

– Exatamente. Você... – Ela notou a expressão de Matt. – Ah. Você estava brincando.

– Não estava brincando. Só... não. De acordo com o meu tio, não existem brechas. Temos que lutar. Eu a mato ou ela me mata. Ou, como no mito, nós dois morremos. Não podemos simplesmente trocar um aperto de mãos e ir embora. Ou descolar um nocaute técnico. – Matt passou as mãos no cabelo. – Eu sei que disse que não a escutaria. Que não acreditaria se ela

dissesse que queria nos ajudar. E não estou dizendo que eu o faria agora, mas...

– Você tem que escutar o que ela tem a dizer.

– Eu tenho. Peço desculpas se você pensou que eu seria mais forte que isto.

Reyna olhou para Matt.

– Eu jamais ia querer que você fosse forte o bastante para matar um garoto ou garota, Matt. *Nunca*. Quando eu disse que você tinha que escutá-la, não era uma pergunta. Era uma afirmação. Você tem que escutar o que ela tem a dizer. É a única chance que temos de evitar que você faça alguma coisa que vá te transformar...

– Num monstro?

Reyna assentiu com a cabeça, com uma expressão severa.



Astrid disse a Matt exatamente o que ele esperava. Que ela era uma vítima das circunstâncias tanto quanto ele. Uma vítima da herança da família, tal como ele. Como ele, porém, ela atendera ao chamado do dever. Fez tudo que o avô de Matt mandou. Eram as ordens dele que Astrid seguia. Não as da avó, porque esta não era mais a avó dela de verdade, era a Serpente de Midgard.

Astrid explicou que, quando vira a avó em forma humana pela última vez, era jovem demais para lembrar. A avó tinha se oferecido para o papel pois estava morrendo de câncer. Tornar-se a serpente era, conforme Astrid explicou, um tipo de morte. Em vez de ser capaz de se transformar de humana em serpente, ela se sacrificou para renascer como serpente.

– Se eu a encontrasse, sairia correndo para o outro lado antes que me matasse – continuou Astrid. – Ela não me reconheceria. Minha avó de

verdade está morta. Ela se ofereceu para ser a serpente para que ninguém mais tivesse que fazê-lo.

– Mas, para os fins do Ragnarök, você é a serpente – disse Matt. – Não é?

– Meu povo é justo, não importa o que você pense de nós. Eu tenho que tomar o lugar dela para igualar as chances. Eu sou... – Um sorriso irônico. – Um pouco menor que ela, como você verá.

– Mas, quando assumir o papel dela, passará a *ser* ela? A serpente? Se sobreviver, poderá se transformar de volta?

– Ninguém espera que eu sobreviva, Matt. Certamente não o seu avô. Se pensou, por um segundo, que ele está do meu lado, você está enganado. Ele me disse que eu não posso derrotar você. Que tudo vai acabar como no mito; nós dois morreremos. O mundo renascerá renovado. Os Thorsen, os Brekke, os Saqueadores e o povo-serpente vão todos sobreviver e prosperar juntos. É o sonho dele. – Astrid olhou para Matt. – Se alguém acreditar honestamente que o mito é inescapável, como seu avô, então não é um sonho ruim. A não ser que sejam vocês aqueles que precisam morrer para realizá-lo.

– Então como evitamos isso? – indagou Reyna.

– Bem, originalmente, eu tinha esperanças de convencer Matt a mudar de lado. Ele vem para o nosso e nos ajuda, e isso bagunçaria a coisa toda.

– Exceto pela parte de "os monstros vencem"? – perguntou Matt.

– Tem esse problema. – Astrid suspirou. – Nem todos nós somos monstros, mas eu cheguei à conclusão de que não faria diferença. Você jamais ajudaria a Serpente de Midgard, os jötnar, os trolls e o resto de nós a derrotar seus amigos. Então só resta uma opção. Eu é quem viro a casaca.

– Parece a escolha óbvia – observou Reyna.

– Será? – Astrid se virou para ela. – Isso significa que eu dou as costas à minha família. Você pode não gostar muito dos Saqueadores, mas eu tenho amigos lá. Vou trair minha família inteira e os meus amigos. Não é simples. Nem um pouco.

Reyna concordou com a cabeça.

– Tem razão. Desculpe. Conte o que você tem em mente.

Matt ainda estava falando quando uma voz disse:

– Ei, mana, você ainda está importunando o coitado do Matt?

Os dois se viraram. Então Reyna se levantou em um salto e correu até Ray, jogando os braços em volta do irmão. Matt começou a conduzir Astrid para longe, para dar aos gêmeos tempo para se reunirem, mas Ray o chamou:

– Espera, Matt, tenho que falar com você.

Matt se virou.

Ray foi até ele. Hesitou por um segundo ao ver Astrid, mas alguém já devia ter explicado tudo ao menino, pois não perguntou sobre ela, apenas disse:

– Encontrei algumas coisas na minha pesquisa em Blackwell que podem ajudar Reyna e a mim em nossa batalha. Mas eu não sou especialista em mitologia. Posso repassá-las com você? Ouvir sua opinião?

Matt deu uma olhada para Astrid. Reyna percebeu o olhar e disse:

– Astrid? Por que você não vem comigo?

Enquanto elas se afastavam, Matt se virou para Ray.

– Vamos encontrar algum lugar privado para conversar.



Ray realmente tinha desenterrado algumas coisas para ajudá-lo na batalha do Ragnarök. Matt estava impressionado. O rapaz poderia até não ser lá um

grande lutador, mas definitivamente tinha uma boa cabeça. Ajudou Matt a ajustar o plano com Astrid também, ainda que o esquema fosse incrivelmente simples.

Quando Gullinkambi cantasse, Laurie abriria um portal para o campo de batalha escolhido. Eles passariam... e Astrid iria junto. Ela entraria naquele campo como aliada deles, não como inimiga. Astrid entregaria a batalha com Matt. Ainda que isso não permitisse que Matt abandonasse o campo, ele não tinha a intenção de fazê-lo mesmo que a chance fosse oferecida. Lutaria ao lado de qualquer que fosse o descendente que mais precisasse dele, assim como Astrid.

Por sugestão de Ray, eles não contaram a Astrid onde seria o campo de batalha, para o caso dela ainda estar tentando enganá-los. Assim ela não poderia escapar e avisar aos outros. Eles também ocultaram a estratégia de combate. A única forma possível de trapacear com Matt seria fingir lutar ao lado dele por um tempo e depois atacá-lo. Como Ray apontou, esse problema era fácil de resolver. Matt não tiraria os olhos dela. Ficaria atrás dela o tempo todo. Astrid entendeu e concordou com os termos dele.

Convencer os outros foi mais fácil do que esperava. Reyna interrogou Astrid e ficou satisfeita com as respostas. Laurie fez a mesma coisa. Matt deu uma chance a todos de perguntar o que quisessem e fazer quaisquer estipulações que quisessem. Mesmo depois disso tudo, ele ainda não confiava em Astrid, mas concordou, como Reyna tinha dito, que aquela era a única chance deles de evitar o impensável. Eles tinham que aproveitar. Com olhos bem abertos, mas aceitar o acordo.

Eles mal tinham terminado quando Gullinkambi chegou. O galo se empoleirou em uma árvore morta e cacarejou para o céu noturno. E foi isso. A trompa de batalha tinha soado. Não havia mais nada a fazer. Mais nada a dizer.

Era hora da guerra.

DEZESSETE



nquanto Matt e Reyna conversavam com Astrid, Laurie tinha que devolver o primo aos inimigos. Ela odiava o fato de Fen ter que partir, mas sabia que ele precisava voltar para liderar os Saqueadores. Parte dela queria insistir para que ele ignorasse a magia que o obrigava a voltar à matilha, mas o resto dela sabia que tentar deter Fen *e* superar a magia não era plausível. Além disso, é claro, os Saqueadores eram adolescentes como eles. Talvez Fen pudesse salvá-los de alguma forma. Ele *era* um herói, na opinião dela.

Eu só queria que não estivéssemos em lados opostos.

– Não gosto disso – resmungou ela.

Fen, em um momento surpreendente, agarrou a prima e a abraçou com toda a força que tinha.

– Eu também não. Queria poder lhe dizer para voltar para casa em Blackwell, mas você é a Campeã de Loki. Você consegue. Você consegue derrotar... – As palavras morreram, pois as forças que ela precisava derrotar agora o incluíam.

– Não vou lutar contra você – sussurrou ela. – Não importa o que acontecer. Eu não vou.

– Vou atrasar minha chegada o máximo que puder – prometeu Fen. – É o máximo que consigo fazer... Então acho que lutarei com os bodes ou coisa assim. Não acho que conseguirei enfrentar você, Baldwin *ou* Matt. – Ele sorriu. – Mas não ficaria chateado de dar um soco em Owen.

– Você não o machucaria também.

– Estava procurando um ponto positivo – respondeu ele com uma leveza forçada.

Laurie choramingou em seu ombro.

– Mala – disse ela, sabendo que Fen entenderia o que queria dizer: eu te amo.

– Tome cuidado – ordenou ele. Afastou-se da prima e a contemplou. – Você só tem que ficar em segurança. Se Thorsen ganhar, estará tudo bem, e... se ele não ganhar, você virá com a minha matilha. De um jeito ou de outro, você ficará bem depois da luta. Eu juro. Você só precisa chegar ao fim da batalha, está bem?

Laurie não se deu ao trabalho de discutir que não havia a menor chance dela viver com monstros se Matt perdesse.

– Os mitos nem sempre estão corretos – relembrou Fen. – Você *vai* ficar bem.

– Você também – disse ela, meio ordenando, meio pedindo.

Sabia que tanto Loki quanto o lobo Fenrir morriam na grande batalha do Ragnarök. Tinham se concentrado tanto em Matt e na Serpente de Midgard, mas Fenrir era feito em pedaços pelo filho de Odin, e Loki era morto por Heimdall, outro dos deuses. Laurie concluiu que todos eles sabiam disso. O Ragnarök não se resumia àquela batalha. A própria palavra significava literalmente "crepúsculo dos deuses". Era a história de como os deuses morriam. Obviamente, não era completamente precisa, porque os próprios deuses já estavam mortos havia muito tempo.

– Deuses idiotas, deixando essas batalhas para nós lutarmos – resmungou Laurie.

Fen riu.

– Chame a tia Helen quando a batalha começar. Fique perto dela.

– Loki liderou os monstros, e você luta por eles, então...

Fen apontou para o arco de Laurie.

– Ela deu essa arma para quem ela vai ajudar: a filha de Loki, não eu.

Não restava mais nada a ser dito, então Laurie abriu um portal para o acampamento dos Saqueadores e Fen passou por ele. Ela ficou parada ali sozinha por um momento, então endireitou os ombros e seguiu na direção dos outros. Os descendentes escolheram o campo de batalha, e quando lá chegassem, o combate começaria.

Laurie não estava pronta. Honestamente, achava que nunca ficaria, mas a hora tinha chegado. Os Berserkers chegariam lá, ainda que não pudessem entrar no campo propriamente dito; Ray estava de volta com esse grupo. Owen, aqui. Todos prontos, até a Serpente de Midgard, que naquele momento fitava Matt como se fosse um cachorrinho perdido, não o monstro do fim do mundo.

Laurie trocou olhares com Matt e assentiu.

Então, silenciosamente, ela abriu um portal para as Badlands. Era o lugar e a hora certa para fazê-lo. Os monstros de Helen lutariam melhor em terreno familiar, e não havia lugar na Terra tão parecido com o domínio de Helen quanto as estranhamente belas e assustadoras Badlands.

– Owen primeiro – disse Matt.

Um de cada vez, os descendentes e a menina-dragão entraram pelo portal, até que só restaram Matt e Laurie em Mitchell.

– Chegou a hora – sussurrou ela, ao olhar para o menino.

– Nós vamos conseguir – assegurou ele. – Nós temos um plano.

Então, Matt passou pelo portal para a batalha que os salvaria ou os destruiria. Laurie tentou acreditar que eles venceriam enquanto caía pelo portal, deixando que se fechasse atrás dela. Pareceu mais *final* que qualquer outro portal, mas ela se agarrou às palavras de Matt: *Nós temos um plano.* Ela

entoou as palavras na cabeça como se pudessem transformar esperança em fatos: *Nós temos um plano. Nós temos um plano. Nós temos um plano.*

É claro, levou meros cinco minutos para o plano desmoronar.

Laurie olhou em volta para o grupo parado à beira das Badlands: Matt, Baldwin, Owen, Reyna, Ray... e ninguém mais. Astrid não estava lá.

– Cadê ela? – indagou Reyna, olhando em volta em busca da garota-dragão, que não estava em lugar nenhum. – Eu sabia...

– Astrid atravessou – interrompeu-a Laurie, entreolhando-se com Matt. – Ela passou. Eu a vi entrar e *senti* quando passou pela entrada.

– Há uma ordem a ser mantida – afirmou Owen.

Todos se viraram para o rapaz, que pareceu inalterado pelos olhares coletivos. Ele simplesmente encolheu os ombros.

– Eu disse que havia coisas que podiam mudar e coisas que não podiam. Foi por esse motivo que eu fiquei afastado por tanto tempo. – Ele olhou nos olhos de Laurie por um instante. – Foi por isso que eu não contei que Fenrir desertaria. Astrid está atada às mesmas coisas que todos nós: há um número limitado de coisas que podemos mudar.

– Quem foi que disse? – desafiou Laurie. – Não somos peões sem controle neste Ragnarök. Nós *vamos* mudá-lo. Nós *vamos* vencer. Nós *vamos* sobreviver.

– Espero que você esteja certa – respondeu Owen.

Era Astrid quem Matt deveria enfrentar. Ela era a versão da Serpente de Midgard que entraria em campo, mas agora Astrid tinha sumido.

O trovão de cascos chacoalhou o solo tão intensamente que Laurie achou que os búfalos estavam desembestados de novo. Eles vagueavam pelas Badlands, mas não na parte em que os descendentes do Norte se encontravam naquele momento. Ali, à beira dos vales e rochedos exóticos, não havia búfalos.

Em vez deles, havia guerreiras míticas em enormes cavalos indo em sua direção. Felizmente, as Valquírias estavam do mesmo lado dos descendentes. Os cavalos pararam de repente, levantando uma nuvem de terra e poeira. Hildar, aquela que parecia falar por elas, olhou para os descendentes do alto e acenou com a cabeça.

– É chegada a hora – anunciou ela. – Filho de Thor, venha.

Laurie esperou ouvir um sussurro diante da estranheza daquela ordem, aquele chamado como se Matt fosse um cachorrinho, mas Fen não estava lá para fazer piada. *E se eu nunca mais o vir? E se ele morrer? Ou eu morrer?*

– Onde está Astrid? – perguntou Matt.

– Em outro lugar – respondeu Hildar, como se essa parte já não estivesse óbvia. – Acredito que o filho de Odin já tenha explicado. – Ela acenou com a cabeça para Owen. – Ele é o mais próximo às Nornes e à insistência delas com regras.

Hildar não chegou a dizer *exatamente* que estava irritada com as Nornes, mas Laurie estava ficando boa em ler as entrelinhas no que dizia respeito às criaturas míticas. A Valquíria não estava inteiramente satisfeita com a aparente interferência das Nornes.

– Filha de Freya, você e seu irmão virão também. – A expressão severa de Hildar pareceu se suavizar um mínimo ao encontrar o olhar de Laurie. – Eu lhe desejo uma boa batalha, filha de Loki. Fico feliz que esteja lutando do lado certo do Ragnarök.

Laurie ergueu o queixo um pouco mais alto.

– Nunca houve dúvida alguma.

Hildar sorriu.

– Você me lembra das características... melhores de Loki. – O momento passou, e ela se virou para Matt de novo. – Venha – repetiu.

Matt e os gêmeos foram levados pelas Valquírias, deixando Laurie, Owen e Baldwin sozinhos. Laurie sabia que eles não estariam todos lado a lado na grande luta, mas isso não deixava o momento da separação menos assustador.

– Laurie? – chamou Owen, baixinho, ao lado dela.

A menina se virou e olhou para ele. O rapaz parecia prestes a sair correndo: punhos cerrados, lábios estreitados. Em silêncio, ele inclinou a cabeça, e ela olhou para onde ele agora mirava.

Baldwin assoviou.

– Fala sério? – comentou ela com ninguém em particular.

Laurie não estava tão bem informada sobre mitologia quanto muitas outras pessoas, mas sabia o bastante para reconhecer a imensa criatura que vinha na direção deles como um *hrímthursar*, um gigante de gelo. Como os monstros enormes feitos de fogo que eles tinham enfrentado em Hel e Mitchell, aquele era um Jotunn... só que de frio e gelo. Era uma das criaturas de que ela se lembrava bem demais das histórias que o pai contava quando era uma criancinha.

– Aquilo é mesmo um *hrímthursar*? – murmurou Owen ao lado dela.

Laurie não conseguia tirar os olhos da criatura.

– Aham.

– Você faz alguma ideia de como enfrentá-los?

Laurie balançou a cabeça.

– Quando os Berserkers vão chegar?

– Logo – prometeu Owen. – Mandei os corvos convocá-los.

Logo poderia não ser cedo o bastante. Laurie não sabia o que fazer. Ela só tinha conseguido lidar com o último gigante despachando-o para ver a tia Helen e, mesmo assim, não sabia se essa história havia acabado bem. Laurie não queria correr o risco de enfurecer a governante de Hel mandando uma

multidão de monstros para o domínio dela. No mito, Helen lutava do lado dos monstros. Laurie queria muito evitar essa parte. Isso significava criar um plano para se livrar do gigante de gelo.

Certo, vai ser moleza, pensou Laurie.

Livrar-se dele com um portal funcionaria, mas ela precisaria de um lugar que pudesse visualizar, ou um descendente que servisse como ponto de referência. Caso contrário, ela o transportaria cegamente, e não estava disposta a mandá-lo a algum lugar onde ele poderia matar gente. Laurie não conseguiu pensar em nenhum vulcão, e Hel estava fora de questão. Isso a deixava com a tarefa de deter um *hrímthursar* por conta própria.

Realmente, Matt ia enfrentar um dragão, mas Laurie encarava um *gigante de gelo* e sabe-se lá mais o quê, e ela se sentia excepcionalmente mal-armada. Matt tinha as Valquírias, os bodes, o escudo e Mjölnir. Ela, um menino caolho com seus lutadores acrobáticos atualmente ausentes, outro, que era imune a ferimentos, e um arco feito de osso. De alguma forma, todas as lutas de que Laurie tinha participado até aquele momento pareciam fáceis em comparação.

A batalha nem tinha começado exatamente, mas já havia uma criatura gigantesca de gelo avançando contra Laurie. Quem saberia o que mais viria? O mundo estava à beira da destruição. Isso certamente não era um bom sinal para a habilidade de qualquer um de pegar leve.

– Alguém mais acha estranho que a gente consiga *ver* na escuridão completa? – perguntou Baldwin, desviando a atenção de Laurie de seus terrores e dúvidas crescentes. – Tipo assim, o céu está preto, mas estou enxergando superbem.

– Eu também... Bem, com o olho que ainda funciona – acrescentou Owen.

– Ei, pessoal? – Baldwin apontou. – O gigante de gelo está trazendo amigos.

Havia trolls, maras e lobos seguindo o *hrímthursar* bem de longe. Eles não se moviam tão rápido quanto a criatura gigante, mas estavam a caminho. Só isso já era suficiente para fazer Laurie querer sair correndo e gritando na direção oposta. Ela era capaz de disparar flechas infinitas do arco de osso, abrir portais e aparentemente se transformar em um peixe. Owen tinha Berserkers, que podiam se catapultar em lutas, e corvos que espionavam. Baldwin simplesmente não podia ser ferido. Nada disso parecia chegar perto do suficiente para a batalha quando Laurie pensou que iam enfrentar *um* monstro. Como seria possível combater um batalhão deles?

– Plano? – perguntou Owen a ela.

– Como era o mito mesmo?

Ainda que ela já tivesse escutado a história mais cedo naquele dia e várias vezes antes disso durante muitas conversas, Laurie queria ouvi-la *agora*. Tinha que haver alguma coisa em que ela não tivesse pensado, e isso significava ouvir o mito de outra pessoa, na esperança de ativar sua memória ou a de alguém mais.

– Thor e Odin são separados – começou Owen. – Loki luta com Heimdall, Odin batalha Fenrir, Thor enfrenta a serpente. Todos nós morremos. – A voz dele estava calma, mesmo enquanto observavam a horda de monstros que se aproximava. – Isso ajudou?

– Talvez pudéssemos evitar a parte da morte – observou Baldwin.

– Tem alguma coisa de *útil* nesse mito? – perguntou Laurie, contemplando as tropas inimigas. Elas estavam a talvez quinze minutos de distância.

Owen segurou o braço de Laurie e a puxou.

– Você não acha que podíamos ficar repassando o mito em algum lugar fora da linha de visão deles?

Os três começaram a seguir para uma fissura na formação rochosa mais próxima.

– E quanto à térmite? – perguntou Baldwin enquanto os três se agachavam atrás de uma pedra.

– Térmite? – repetiu ela.

– Você tem que assistir a *MythBusters*. A fonte de todo conhecimento útil... bem, pelo menos do tipo que meus pais não me deixam ter. – Baldwin sorriu. – Se você fizer uma mistura com ferrugem, óxido de alumínio e uma bombinha, ela vira um tipo de fogo grego moderno. Completamente inapropriado para nós, ou mesmo a maioria dos adultos, usarmos *ou* fazermos.

– E onde arrumaríamos *qualquer uma* dessas coisas? – perguntou Owen, enquanto Laurie espiava por sobre a fissura para ver a distância dos monstros.

O gigante de gelo ainda estava na dianteira dos outros monstros, e nenhum deles parecia ter pressa.

– Dez minutos, no máximo – informou ela aos meninos enquanto voltava. – Ele vai nos ver em *talvez* dez minutos. Temos que nos apressar.

Baldwin abriu a mochila que ganhou em Hel e remexeu no conteúdo.

– Eu tenho bombinhas. – Baldwin as jogou para Laurie e continuou revirando a mochila. – Agora preciso de um daqueles brinquedos de desenhar, Traço Mágico.

– Por que não podemos simplesmente tirar armas modernas das mochilas? – indagou Owen.

Baldwin fez uma pausa e lançou um olhar descrente para ele.

– Porque Helen não as forneceu quando eu abri a mochila. Talvez ela queira que os monstros tenham uma chance justa? Talvez queira que nós provemos nosso valor? Ou talvez a magia das mochilas não funcione com lança-granadas... – Baldwin deu uma olhada esperançosa na mochila, e então suspirou – ... ainda que isso seria um tanto legal.

– Legal? – ecoou Owen fracamente.

– Você tem um plano melhor? – Laurie lhe lançou um olhar que fez ela se sentir como se estivesse se transformando em Fen. Só tinha usado aquele olhar desafiador algumas vezes na vida, mas ele sempre fizera as pessoas recuarem. Hoje não foi diferente.

– Não.

– Procure ferrugem na minha mochila. – Laurie jogou a bolsa para Owen. – Preciso abrir esses negócios aqui. – Ela começou a catar os Traços Mágicos e bombinhas que Baldwin tirava da mochila como se fosse uma máquina de venda inesgotável.

Baldwin fez uma pausa, deu uma olhada em Owen e perguntou:

– Você acha que a gente consegue acender a térmite e atirá-la contra o gigante de gelo com seus corvos?

– Não.

– Potes de barro! – gritou Baldwin.

Laurie percebeu Owen erguer as sobrancelhas, mas não perguntou nada, e Baldwin também não respondeu. Depois de mais alguns minutos, Baldwin os estava instruindo como montar o que ele chamava de "bombas modificadas de térmite misturadas a fogo grego".

– Fogo grego?

– Antiga tática de guerra – explicou Baldwin, remexendo na mochila de novo. – Guerra de Bizâncio, talvez? – Ele encolheu os ombros. – Muitas teorias a respeito: geralmente colocado em potes ou sifões de barro,

possivelmente acendido *pela* água, mas acredita-se que seja inflamável na água. Aha! – Baldwin puxou uma pequena jarra antiquada de dentro da mochila e exclamou: – Obrigado, Helen.

– Como sabe tudo isso? – perguntou Owen.

– Nós temos talvez seis minutos antes que eles nos vejam – advertiu Laurie. – Menos história. Mais explosivos.

– *MythBusters*, o History Channel e papos com Helen enquanto eu estava morto – respondeu Baldwin quando abria a jarra, sorria e apontava para dentro. – Você tem que mergulhar suas flechas nisso aqui e...

– São flechas-fantasma – interrompeu-o Laurie. – Eu nunca nem as *vejo* até acertarem um alvo.

– Hum. – Baldwin recostou-se diante do laboratório de ciências improvisado. – Isso é um problema.

Eles ficaram sentados observando a miscelânea de potes, jarras, brinquedos quebrados e caixas de bombinhas. O gigante chegava mais perto a cada instante.

– Quatro minutos – avisou Laurie.

– Tente mesmo assim – murmurou Owen. – Não tem outro plano. Melhor tentar do que não tentar. De acordo com os mitos, eu serei engolido pelo seu primo... E você morrerá lutando. Baldwin já devia estar morto. Sei que você preferiria ter Fenrir a seu lado agora, mas nós estamos aqui. Acreditamos em você, Laurie, tanto quanto ele.

Baldwin concordou, depois se agachou, para abrir outra jarra, e esperou.

– Você consegue – acrescentou Owen.

Naquele momento, toda a irritação de Laurie com o menino desapareceu.

Ela não sabia se conseguiria, mas as flechas voavam com precisão, e a melhor arma contra uma criatura de gelo era uma incendiária. Laurie

ergueu o arco, puxou a corda e sussurrou:

– Para acender a flecha, preciso vê-la. – Laurie não sabia bem *por que* pensou em falar aquilo, mas assim que pronunciou as palavras uma flecha surgiu.

– Isso! – Baldwin socou o ar. – Teste uma, vamos usar o fogo grego. Os ingredientes precisos são desconhecidos, mas eu *sei* que é isso que temos aqui. Helen está nos ajudando.

Não era o tipo de ajuda que Laurie tinha esperado, mas era a única forma de terem ao menos uma chance de derrotar o *hrímthursar*, portanto, teria que bastar.

Ela mergulhou a flecha na jarra.

– Três minutos, pessoal. Isto *precisa* funcionar.

– E vai! – Baldwin acendeu um isqueiro e botou fogo na ponta da flecha. – Disparo em um... dois... três.

Quando ele disse "três", Laurie soltou a corda e a flecha flamejante riscou o céu. Ela viu um clarão de luz quando a seta atingiu o *hrímthursar*. Não sabia bem se o estrago era suficiente para ser perceptível. Talvez uma flechinha flamejante fosse como um mosquito para tal criatura. Laurie não sabia. Só sabia que não tinha nenhum outro plano.



– Preciso de flechas – anunciou ela, e em seguida virou com o pé a mochila aberta. Flechas se derramaram, e logo os três organizaram uma linha de montagem. Owen mergulhava os projéteis no fogo grego ou térmite, e Baldwin os acendia para Laurie.

Depois de ser atingido pela décima segunda flecha, o gigante de gelo rugiu e começou a correr na direção deles.

– Agora – sussurrou Laurie, e começou a disparar o mais rápido possível. – Ele está nos vendo *agora*.

– Rápido! – urgiu Owen.

O *hrímthursar* corria cada vez mais veloz, espalhando gelo no chão por onde pisava, gelo que se estendia como lagos frígidos que se aproximavam cada vez mais.

Laurie lançou uma barragem de flechas, disparando duas ou três de cada vez sem nem perceber que os meninos lhe davam várias.

Conforme o *hrímthursar* se aproximava, Laurie sentia o frio chegando em ondas árticas. As mãos delas tremiam e os dentes batiam. Toda a pele exposta começou a queimar de frio. E, ainda assim, ela atirava.

– Está funcionando – disse Owen. – Não pare de atirar. *Por favor*. – As palavras dele soavam trêmulas, enquanto ele as forçava por lábios que só podiam estar tão frios quanto os de Laurie. – De novo.

Os dedos de Baldwin escorregavam do botão enquanto ele tentava segurar e acender o isqueiro com mãos trêmulas.

Estava funcionando mesmo. Pedaços do gigante de gelo ficavam enegrecidos do fogo, e ainda havia algumas chamas queimando. Quando elas se apagavam, as partes expostas do *hrímthursar* viravam pedra.

Laurie mirou nos pés e nas canelas. Se ele não pudesse andar, não poderia correr.

Depois mirou na boca, nos olhos e nas mãos do *hrímthursar*. Pouco a pouco, partes do gigante se transformavam em pedra conforme o térmite-fogo grego solidificava o monstro. À medida que o frio esquentava, dava para ver a criatura sob o gelo, como se o derretimento revelasse uma forma inteiramente nova.

Flecha flamejante atrás de flecha flamejante transformava o gigante de gelo em pedra; primeiro em manchas, depois um olho, um dedo, um calcanhar, até que ele ficou completamente solidificado. Ali, nas Badlands de Dakota do Sul, uma nova formação rochosa foi criada, resultado da tentativa dos descendentes do Norte em impedir o fim do mundo. Laurie não sabia bem se o monstro se congelaria de novo e voltaria para casa, mas, naquele instante, ela o detivera.

Laurie tremia inteira, e por um breve momento, os três ficaram encarando o monstro; mas esse momento foi todo o tempo que eles tiveram. O resto dos monstros ainda estava a caminho, e o que lhes faltava em tamanho sobrava em quantidade. Atrás da horda vinha mais um *hrímthursar*. O momento de vitória que Laurie sentira evaporou enquanto ela contemplava os monstros que ainda avançavam.

– Um já foi... agora falta um monte.

DEZOITO



MATT

"A CARRUAGEM DE THOR"

Eles tinham perdido Astrid. Perdido a melhor chance de uma vitória fácil.

Você realmente achou que seria fácil, Matt? Depois de tudo isso?

Não, não fácil, mas talvez menos difícil. Era pedir muito?

Matt fitou as Badlands, a poeira tão densa que mal dava para ver o que estavam prestes a enfrentar. Mal ousou considerar também.

Que nada, querer que fosse menos difícil era certamente pedir muito.

– Então, sem Astrid... – comentou ele com Hildar. Estava na garupa dela enquanto o corcel cavalgava pelo campo. – Agora que ela se foi, o que vai acontecer?

– A família vai nomear outro para assumir o lugar dela.

– Outro adolescente?

– Não.

Matt suspirou.

– Ótimo.

– Eles vão mandar um adulto. Alguém melhor treinado na arte da guerra.

– O-o quê? Mas... mas a batalha... era para ser justa. É por isso que Astrid tem catorze anos e...

– E você a virou contra eles.

– Eu...

– Ainda que eu entenda que foi ideia dela, o fato é que Astrid se juntou ao lado oposto, e pode-se dizer que ela foi influenciada por esse outro lado.

– Você não poderia ter me avisado disso? – Matt fez cara de bravo atrás de Hildar. – Antes de dar problema?

Hildar deu uma olhada para trás.

– Teria feito alguma diferença? Você a teria enfrentado e matado?

Matt não respondeu.

– Foi o que pensei.

Eles seguiram em frente. Depois de um momento, Hildar lhe deu mais uma olhada.

– Serei honesta, filho de Thor. Achava que seu plano poderia ter funcionado. Eu teria lhe avisado, caso contrário. Mas acreditava que...

– Valia a tentativa?

O mais leve mover dos lábios dela, algo que poderia até ser chamado de sorriso.

– Sim, eu achava que valia. Era uma estratégia digna. Estou orgulhosa. De você e de Astrid.

– Ela vai... vai ser castigada, não vai? Quando voltar para casa?

– Vamos assegurar que não seja, filho de Thor. Isso se ela tiver uma casa para onde voltar e se você não for derrotado pelo seu novo oponente para ver o mundo envolto em gelo.

– Hummm...

– Você preferia que eu não mencionasse tal possibilidade?

– Meio que sim.

Outro vestígio de sorriso.

– Não mencionarei, então, porque estou confiante de que suas chances são muito boas. Pelo menos sessenta por cento.

– Sessenta?

– Pelo menos. Talvez até sessenta e cinco por cento.

Hildar ofereceu um sorriso maior agora, como se tivesse acabado de lhe prestar o maior e mais tranquilizante elogio.

– Você tem algum conselho de última hora para aumentar essa chance e...

O cavalo empinou de repente. Matt foi jogado para fora. Ouviu vagamente Hildar gritando e a viu tentando segurá-lo, mas foi tarde demais. Ele caiu no chão. Um cavalo berrou. Outro relinchou. Um casco passou de raspão pelo ombro de Matt.

– Eita! – gritou Reyna, atrás da Valquíria dela. – O que...?

Trjegul uivou. Matt estava se levantando, mas o trovejar de cascos fazia o chão tremer tanto que as vibrações o derrubaram. Tentou enxergar através da poeira. Ao redor dele, Matt ouviu gritos de surpresa e relinchos de cavalos assustados. Começou a se levantar de novo, mas um cavalo saltou bem por cima dele e Matt mal se abaixou a tempo.

O cavalo caiu diante dele... e assim continuou. Seguiu *caindo*. A Valquíria montada na sela se segurou com força, com olhos arregalados de terror enquanto a montaria mergulhava no que parecia ser terra sólida.

Matt conseguiu se ajoelhar, indo atrás do cavalo caído, certo de que o veria deitado de lado, torcendo para que não tivesse tropeçado por causa dele.

Suas mãos tocaram o ar. Matt recuou em um tranco. Então, piscando com força no meio da poeira, estendeu as mãos lentamente de novo, tateando o chão até alcançar a beira.

A beira do chão. Além dela? Nada.

Ouviu Reyna chamando o irmão, que respondeu, e então ambos gritaram:

– Matt!

Alguma coisa pousou nas costas de Matt, que ergueu Mjölnir enquanto Trjegul passou sua língua áspera na bochecha dele. A gata saltou para a nuvem de poeira. Quando Matt olhou de novo, a sujeira tinha baixado o suficiente para que ele visse que estava deitado à beira de um abismo. Abaixo, ele viu o cavalo branco por um instante e ouviu um grito e um relincho. A Valquíria e sua montaria tinham caído na fissura e estavam em uma saliência abaixo.

A terra tremeu de novo. Porém, não era o martelar de cascos. Matt pôde ver os vultos de cavalos a toda volta, alguns vagueando confusos, outros caídos com uma Valquíria encolhida ao lado. Quando a terra tremia, os animais lamentavam, relinchavam e batiam os cascos. E a terra tremia porque...

Alguma coisa se mexia no fundo do abismo. O cavalo abaixo berrou, e sua Valquíria soltou um grito de batalha de coalhar o sangue. A espada faiscou, mas a coisa que se movia abaixo estava fora de alcance.

Matt saltou para o abismo. Enquanto despencava, o pensamento *O que eu estou fazendo?* lhe correu pela cabeça, mas era tarde demais para mudar de curso. Ele passou voando pela Valquíria, que gritou alguma coisa que Matt não ouviu. Ele aterrissou na coisa que se debatia na terra, e a força do impacto o fez cair de quatro. Deu uma olhada rápida para baixo e viu escamas verdes. Verde-esmeralda.

Hum, você está em cima da serpente. A Serpente de Midgard.

O que era um problema.

Matt se agachou na serpente enquanto ela se enfiava na terra, em um buraco estreito demais para que a seguisse, deixando-o preso em cima de uma esteira rolante que se movia a cem quilômetros por hora em direção a uma das paredes do abismo.

– Matt! – gritou Reyna de cima. – Saia já daí!

Matt olhou para o alto. *Bem* alto.

Como ele *sairia* dali?

Um problema a ser resolvido mais tarde. Naquele momento, ele tinha outra coisa em mente.

Matt se virou para a Valquíria e gritou:

– Sua espada!

– Minha...? – respondeu ela.

– Jogue sua espada. Rápido. Antes que a serpente...

Ele não precisou terminar. Ela soltou a espada, que se cravou na parede de terra logo acima da cabeça dele. Matt se posicionou, pulou, pegou a espada e se deixou cair. O fato dele ter conseguido o feito sem se cortar ao meio provou que algum poder superior ainda estava a seu lado. Quando pousou, cravou os dois pés nas laterais do abismo, com a serpente passando abaixo.

Matt preparou a espada, sabendo que sua chance estava escapando bem rápido.

Com as mãos cerradas no cabo, ele golpeou com a espada para baixo. *Na* serpente. Um *estrondo* tremendo trespassou a terra, como um grito preso no subterrâneo. A serpente se contorceu. O chão tremeu. Acima dele, os cavalos relincharam em pânico, e as Valquírias gritaram para acalmá-los.

Matt fechou os olhos e enfiou a espada mais fundo na fera, até o cabo. A serpente se debateu e gritou e o solo tremeu, mas ela não pôde escapar, nem recuar, ou atacar Matt.

O menino arrancou a espada para dar outro golpe, mas a fera mergulhou terra adentro e Matt foi jogado para trás, caindo de lado com a terra voando em volta. Alguma coisa aterrissou a seu lado. Matt deu uma olhada e viu Hildar com outra Valquíria pousando ao lado. Ambas ergueram as espadas para cravá-las na serpente, e então...

E então não havia mais serpente. Após um rápido vislumbre de uma de suas pontas, como uma cauda, ela se foi.

Matt se levantou com esforço, o chão ainda tremendo enquanto a serpente se afastava. Ofegante, ele apontou para a espada de Hildar.

– Você não pode fazer isso – afirmou ele entre as respirações. – As regras não permitem.

Hildar ergueu o queixo.

– Não tenho permissão para ajudá-lo contra a serpente no campo de batalha. Aqui é *abaixo* do campo de batalha. Uma questão de interpretação, e eu sou muito precisa em minhas interpretações. – Ela devolveu a espada à bainha. – Foi uma boa ideia, filho de Thor. Você a feriu.

– Sério?

– Sim, eu sempre falo sério.

– Não, quero dizer se eu a feri *a sério*.

Hildar fez uma pausa.

– Eu não sei. Você pode ter basicamente a deixado com raiva.

– Que ótimo...

– Ela já ia estar com raiva. Mas a raiva leva à fúria, e a fúria, à fraqueza. O melhor guerreiro é dedicado e passional, mas mantém a cabeça fria. Não é uma questão de vingança ou vitória. É uma questão de honra.

– Hum, pessoal?! – exclamou Reyna lá de cima. – Vocês ainda precisam sair daí.

– Sim, precisamos. – Hildar olhou para Matt. – Imagino que tenha um plano, filho de Thor?

– Hum... claro. Só... me dá um minuto.

Matt encontrou um jeito de subir com a ajuda de Ray e Reyna. Ray sugeriu que ele "escalasse a terra", na ausência de pedras, com algum tipo de corda para ajudar. Reyna usou as rédeas dos cavalos. O que parece bem óbvio, só que elas eram feitas de ossos de dedos entrelaçados, o que era meio nojento.

A Valquíria que tinha caído foi primeiro. Hildar teve que mandar que ela deixasse o cavalo para trás. Uma Valquíria nunca abandonava sua montaria... a não ser que houvesse uma batalha se aproximando, a líder precisasse dela e o cavalo estivesse seguro o bastante para que pudesse recuperá-lo mais tarde. Ainda que os cavalos pudessem "voar" pelo solo, era um poder de velocidade, não de voo real. Então o cavalo ficou, e a cavaleira subiu. Matt a seguiu.

Ele alcançou o topo da fissura e se deparou com uma cena terrível em meio às nuvens de terra. Um exército de mortos marchava na direção deles.

Pelo menos cinquenta guerreiros avançavam, com o solo tremendo sob suas botas. Guerreiros Draugr. Zumbis, na linguagem da cultura pop, só que os draugrs eram dez vezes mais assustadores do que qualquer zumbi de Hollywood, porque retinham o poder da consciência humana, além de poderem atingir o dobro do tamanho.

Os draugrs vestiam restos apodrecidos de armadura e dos próprios corpos. Tiras coriáceas de pele pendiam dos esqueletos, quase indistinguíveis das de, bem, couro. Alguns tinham elmos na cabeça com tufos emaranhados de cabelo. Outros, diretamente no crânio. Havia membros, olhos e mandíbulas faltando... Nenhuma dessas mutilações os atrapalhava. Marchavam em uníssono, implacáveis e lentos. Uma parede de morte. Indo direto na direção deles.

Matt saiu do buraco. E os draugrs... Bem, Matt teria dito que eles haviam parado como se estivessem mortos, mas isso seria desrespeitoso.

Eles eram, afinal, grandes guerreiros que tinham dado a vida em batalhas vikings.

Nesse momento, haviam parado. Um silêncio absoluto recaiu sobre a planície. Até mesmo a poeira baixou, e Matt avistou um pássaro distante, voando alto demais para ser identificado. Um pássaro imenso, parecia, mas poderia ser um truque de percepção. Além disso, Matt não deveria ficar de boca aberta olhando para cima enquanto cinquenta guerreiros mortos-vivos o encaravam a menos de trinta metros.

Os draugrs estavam completamente imóveis. Não se ouvia nem o tilintar de uma espada ou um escudo.

Matt ergueu Mjölnir. Não o brandiu ou golpeou. Só o levantou bem alto.

– *Vingthor!*

O grito se ergueu de cinquenta gargantas. Ou pelo menos daquelas que ainda estavam inteiras o bastante para formar palavras, dentre as cinquenta. Então, novamente em uníssono, os draugrs caíram sobre um dos joelhos, e o impacto quase derrubou Matt mais uma vez.

Matt contemplou os cinquenta draugrs ajoelhados, cabeças curvadas para ele, e não viu cinquenta zumbis apodrecidos; ele viu cinquenta guerreiros vikings. Soldados que morreram por seu país. Que tinham lutado em batalhas tão grandes quanto aquela que Matt ia enfrentar. Verdadeiros guerreiros.

É isso que eu preciso ser. Um verdadeiro guerreiro. Disposto a morrer pelo meu povo. Tanto quanto eu preferiria não morrer.

Quando Matt foi na direção dos draugrs, um que estava no centro se levantou.

– *Vingthor* – disse ele. – Viemos escoltá-lo ao campo de batalha.

– Obrigado... – começou Matt.

– Essa é nossa tarefa – afirmou Hildar, adiantando-se, de queixo erguido. – As Valquírias escoltam o filho de Thor.

O draugr baixou o olhar.

– E nós não desejamos lhe ofender, rainha das donzelas de escudo. Mas o caminho até o campo não estará livre. Eles já estão se reunindo para detê-lo.

Ele estendeu a mão ossuda. A princípio, Matt viu apenas nuvens de poeira. Então, acima dessas nuvens, enxergou as cabeças de trolls, um exército deles marchando em sua direção.

– Trolls, jötnar, maras e muito mais – disse o draugr. – Eles não têm permissão de lutar ao lado de seus campeões, mas até você chegar na batalha propriamente dita...

– Sim, sim – respondeu Hildar, com certa impaciência. – Eles podem impedir nosso progresso. Já esperávamos por isso. Estamos preparados. Vou enviar minhas tropas para lidar com eles, e os bodes de *Vingthor* vão ajudar.

Ela acenou, e como se saíssem de trás de uma cortina, um enxame de Valquírias e bodes de batalha surgiu, martelando o chão com os cascos, o ar ecoando com balidos, relinchos e gritos de batalha. Eles se lançaram contra o exército de trolls, detendo-o onde estava enquanto gritos, grunhidos e tinidos do conflito tomaram conta.

– E os nossos guerreiros se juntarão aos de vocês – disse o draugr, apontando enquanto outra nuvem surgia na direção oposta. Draugrs correram contra os trolls com escudos, espadas, maças e arcos erguidos.

– Isso é ótimo – comentou Ray. – Podemos ir agora? Antes que aquela luta nos alcance?

Hildar grunhiu e espiou os draugrs. Matt tinha visto a mesma expressão quando ela teve que lidar com Helen. O domínio de Hildar era o Valhalla,

terra dos mortos honrados. Helen era a senhora de Hel, o reino inferior para todos os outros, o que incluía os draugrs.

– Quanto mais gente, melhor a festa? – disse Matt a Hildar, que franziu a testa.

– Isto é guerra. Não é para ser festa.

O draugr líder sorriu, mostrando fileiras de dentes podres.

– Então, milady, posso sugerir que talvez você não esteja fazendo isso corretamente?

Todos os draugrs riram. Não era necessariamente um som agradável, considerando a condição de suas gargantas, mas Matt sorriu e disse:

– Quanto mais gente, *melhor*, Hildar. Foi isso que eu quis dizer. E Ray tem razão. Não me importo com uma luta de aquecimento antes da final do campeonato, mas prefiro não encarar aquilo. – Ele acenou para a massa insana de combatentes. – Em frente?

– Sim – concordou Hildar. – Em frente. Você – disse ela, fazendo um gesto para o draugr líder –, proteja nossa retaguarda e não espere seguir o nosso passo.

O grupo montou nos cavalos novamente. Matt ficou na garupa de Hildar mais uma vez, Ray e Reyna com as duas Valquírias imediatamente atrás e as outras distribuídas em um círculo protetor. Com uma palavra de Hildar, eles partiram.

Os draugrs não conseguiram acompanhar. Ainda que fossem mais velozes do que os zumbis desajeitados de Hollywood, as Valquírias cavalgavam a um passo que transformava o chão em um borrão. Apesar de todos os resmungos, Hildar não estava ansiosa para deixar aliados tão para trás assim e, periodicamente, reduzia a velocidade para "analisar o campo de batalha", o que dava aos draugrs a chance de diminuir a distância.

Durante um desses momentos, o draugr líder gritou:

– Milady! – E apontou para cima. Matt olhou e viu aquele imenso pássaro distante, ainda longe demais para que se pudesse identificar qualquer coisa além do formato das asas e do corpo.

Hildar grunhiu.

– O que é aquilo? – perguntou Matt.

– Não é problema nosso – disse ela. – Não vai atacar. Ainda não.

– Certo, mas eu deveria saber o que...

– Nós estamos quase lá. Adiante.

Hildar esporeou o cavalo, depois o freou por um instante. Lá, erguendo-se acima da nuvem de poeira, havia três imensos trolls. Ou pelo menos era o que parecia, até que os ombros apareceram e Matt percebeu que era um único troll. Três cabeças. Não seria tão ruim, então... se ele não estivesse liderando mais seis trolls, todos com uma cabeça, mas nenhum com menos de três metros de altura. Montanhas de rochas. Indo direto para eles.

Matt ergueu Mjölnir.

– Não, filho de Thor – disse Hildar. – Nós cuidaremos disso.

– Eu não estava brincando quando disse que não me importava com uma luta de aquecimento.

– Nós vamos deixar uma luta para você. Mas a hora está chegando, e você não terá chance de descansar antes... – Ela deu uma olhada para a criatura distante que ainda circulava acima deles. – Antes da hora chegar. Desmonte.

Hildar fez um gesto sem palavras para os draugrs. O guerreiro líder assentiu com a cabeça e separou as tropas. A maioria iria com as Valquírias. Alguns, incluindo ele mesmo, ficariam para trás com os três campeões, agora no solo ao lado das escoltas.

– Vai ser rápido – disse Hildar. – Fiquem de olhos abertos. Todos vocês. Gritem, e eu voltarei.

Matt assentiu. Hildar se afastou cavalgando. Olhou para trás só uma vez. Não tinha tempo para olhar de novo. Então os trolls e as Valquírias investiram; os gritos de batalha riscando o ar e abafando o rugido dos draugrs que vinham atrás.

Matt se virou para o líder dos draugrs, que claramente esperava instruções.

– Formem um círculo ao redor de nós três – comandou Matt. – Fiquem de olho em ataques de todas as direções. Reyna? Ray? Vocês podem criar uma névoa para nos dar cobertura? A poeira não vai dar conta.

– Sim, sim, senhor – respondeu Reyna.

Eles assumiram posições. Todos menos Trjegul, que escapou pela névoa e poeira para fazer fosse lá o que gatos mágicos faziam. Ou só para esticar as pernas.

Matt tentou não concentrar toda a atenção dele nos draugrs e Valquírias que batalhavam com os trolls. Havia outras lutas se desenrolando em volta deles, nuvens distantes de poeira, gritos e berros. Ele pensou em Laurie e Fen, Baldwin e Owen, e se perguntou se qualquer uma daquelas batalhas seria deles. Depois de todo aquele tempo lutando juntos, a ideia de que os outros poderiam estar em perigo fez Matt se esforçar para ouvir suas vozes, como se pudesse correr até os amigos e lutar a seu lado se escutasse algum perigo. Não poderia. Aquela parte da jornada tinha se encerrado.

Quando Matt alcançasse seu ringue de combate, perderia até Reyna e Ray, que seriam levados à própria luta deles. Ragnarök era para os Campeões. E os Campeões lutavam sozinhos. Se alguém o tivesse avisado disso algumas semanas antes, ele teria olhado de rabo de olho para essa pessoa e dito “tudo bem...”, sem entender qual seria o problema. Sozinho era o único jeito que ele lutava. Era um boxeador e lutador, não um jogador de futebol. Não tinha espírito de equipe. Agora pensar em lutar sozinho já

era bem difícil. Pensar nos *amigos* sendo obrigados a combater sozinhos? Quase insuportável.

Sentiu esbarrarem na mão dele e pulou de susto. Olhou para o lado e viu Reyna. Ela apertou sua mão meio sem jeito.

– Vai ficar tudo bem – disse ela.

Matt concordou com um aceno de cabeça.

– Sei que eu deveria dizer mais – continuou Reyna. – Alguma coisa melhor.

– Não, sou *eu* quem deveria ter dito. Mais cedo. Um discurso melhor. Palavras empolgantes de motivação e apoio para aqueles prestes a...

– Morrer? – completou ela, abrindo um sorrisinho.

– É, desculpa. Esqueci que era assim que a frase terminava. Para aqueles prestes a vencer?

– Não, para aqueles prestes a derrotar o inimigo e retornar triunfantes, prontos para enfrentar um desafio ainda maior: a oitava série.

Matt deu uma risada.

– Sem brincadeira – comentou Ray. – Parece estranho, né? Talvez a gente volte às aulas na semana que vem. – Ele estreitou os olhos para as trevas. – Bem, se eles acenderem a luz.

– E se nós conseguirmos... – começou Matt.

Reyna cobriu a boca de Matt com a mão.

– Não, senhor. Nós vamos conseguir. Semana que vem estaremos de volta na escola, enfrentando professores malas, alunos implicantes e garotas malvadas.

– Não acho que você terá que se preocupar com isso – observou Matt.

Reyna levantou as sobrancelhas.

– Por quê? Por que você acha que eu *sou* uma das garotas malvadas?

– Não, porque eu não consigo imaginar ninguém se metendo com você.

Reyna riu e olhou para Trjegul, que trotava de volta e, então, deu um miado.

– Ela concorda.

– Não, mana – disse Ray –, acho que ela está nos avisando sobre aquilo.

Ele apontou. A princípio, Matt não viu nada. Depois espiou logo acima das nuvens de poeira e notou um enxame de alguma coisa vindo até eles. Coisas brancas e emplumadas como...

– Maras a caminho! – gritou Matt.

– Deem as mãos! – exclamou Reyna. – Matt? Feche os olhos. Ray e eu vamos trabalhar em...

Eles desapareceram, e Matt começou a girar para o lado de Reyna para ver o que estava errado, mas, ao fazê-lo, continuou girando, rodopiando até cair e despencar na...

Neve. Matt aterrissou em um banco de neve. Ficou deitado ali, de barriga para cima, cravando os dedos cujo calor fazia a neve derreter.

Eu fiz isso?

– Reyna? – chamou ele. – Ray?

A voz voltou em ecos. Foi então que Matt percebeu que tudo tinha ficado silencioso. Tão silencioso que ele esfregou as orelhas como se estivessem tampadas.

Matt se levantou e deslizou pela neve. Estava tão escuro que ele mal conseguia enxergar a neve branca.

Mas eu consigo ver, o que significa que há luz vindo de algum lugar.

Matt olhou para o céu e viu um aglomerado de estrelas. Só um. O Grande Carro. Também conhecido como a Carruagem de Thor.

Ele piscou com força, e o mundo ficou mais iluminado. Ou, pelo menos, tão iluminado quanto possível, pois não havia nada para se ver. Neve e gelo se estendiam em todas as direções.

– Reyna? Ray? – Em seguida: – Hildar? Owen? – Mais alto: – Fen? Laurie?

A resposta foi o silêncio. Silêncio absoluto. Quando Matt deu um passo, o ruído da neve sendo esmagada por seus pés soou como um tiro, e ele girou com o martelo erguido.

Nada ali. Nada mesmo.

Então, um som. Uma voz. Um grito muito fraco. Matt começou a correr na direção dele, os tênis afundando e oferecendo tração enquanto saía em disparada pelo gelo coberto de neve.

Com o olhar fixo no caminho, ele só viu branco, branco e mais branco, e então... breu. Uma fenda no gelo, quase tão larga quanto a altura do menino. Foi dali que a voz viera. Alguém preso na fissura, como tinha acontecido com a Valquíria.

Ele caiu de quatro antes de alcançar a fenda e engatinhou para a frente com cuidado. Quando chegou à beira, espiou e viu...

Rostos. Dezenas. Não, *centenas* de pessoas parcialmente embebidas no gelo, gemendo e agitando os braços que estavam livres. Rostos descendo, descendo, descendo para as trevas.

Um deles olhou para cima e seus olhos eram poços negros de desespero. Matt não sabia nem dizer se era um homem ou uma mulher. Os cabelos e a face estavam cobertos de gelo, deixando à mostra apenas os olhos sombrios e a boca escancarada.

– Nos ajude – gemeu a pessoa. – Por favor, nos ajude.

Ajudá-los? Centenas de pessoas presas no gelo, e ele só tinha...

Matt ergueu Mjölnir.

Talvez eu não possa libertar todos eles, mas posso tentar.

Ele se abaixou cuidadosamente na fissura gelada. Foi mais fácil do que no abismo de terra, pois este aqui quase tinha degraus que ajudavam na

descida. Matt foi descendo até alcançar a primeira pessoa. Então, usou o martelo para golpear a parede de gelo e...

A parede inteira se estilhaçou. Corpos despencaram, pessoas gritando, caindo, girando e sumindo nas trevas abaixo.

– Não! – gritou Matt.

– Você não pode ajudar – afirmou uma voz.

Matt se virou e viu a pessoa que tinha falado com ele: uma mulher suspensa no ar, como por magia.

– Você não pode nos salvar. Foi você quem nos condenou.

Ela estendeu a mão, pegou o Martelo e puxou Matt para a fenda. Enquanto ele caía, girando de ponta-cabeça, mergulhando nas trevas abaixo, viu a Carruagem de Thor escurecendo contra o céu noturno acima.

Então, ela se apagou.



DEZENOVE



FEN

"A VIRADA DA MARÉ"

Fen tinha pensado muito na luta final, no grande enfrentamento, no momento épico em que ele e os amigos combateriam chances impossíveis e *venceriam*, porque é isso que fazem os heróis. Agora que o momento estava aqui, ele não se sentia heroico. Sentia medo. Não queria morrer ou desapontar ninguém, mas não sabia se seria possível. Se vencesse, isso significaria que a prima e os amigos perderiam e provavelmente morreriam. *Eles* eram os heróis agora, e Fen era o vilão... mas ele não se *sentia* como um. E sim da mesma forma como tinha se sentido quando ficava com Matt, Laurie e Baldwin, mas agora eles estavam no outro time. Não eram simplesmente "times", porém. Aquilo não era aula de educação física. Havia legiões de pessoas e monstros que lutavam para decidir se o mundo acabaria. Hoje.

Inicialmente, na vanguarda da horda de monstros estava um dos gigantes de gelo, mas ele tinha investido adiante quando flechas flamejantes começaram a atingi-lo. Fen sabia que Laurie estava lá, encarando um monstro sem ele. Sabia disso pelo jeito como as flechas atingiam o gigante de gelo: cada uma voava firme e certeira.

– Esperem! – comandou ele, quando o resto das tropas começou a acelerar atrás do *hrímthursar.* Era o melhor que ele podia fazer, ganhar alguns minutos para Laurie.

Todos os monstros pararam. Até o segundo gigante de gelo se deteve. Eles olharam para Fen e prestaram atenção. Nem perguntaram por quê. Fen

era o Campeão de Loki para aqueles monstros, e se eles derrotassem os descendentes do Norte, seria um mundo melhor para os monstros.

Eu não sou um monstro, relembrou-se Fen. Ele tinha que fazer o que era certo para a matilha, mas isso era tudo. Tentou pensar em como fazer seu dever para com a matilha se combinar à forma como os monstros esperavam seu comando. Ele não podia ordenar que os monstros não atacassem. Fen não conseguiu pensar em nada que pudesse fazer além de dizer:

– Saqueadores perto de mim, não na frente.

Ninguém o questionou, ainda que tanto Skull quanto Hattie parecessem um tanto satisfeitos.

Baixinho, ele disse a Skull:

– Eu protejo minha matilha. Os monstros são maiores do que nós.

Skull sorriu, parecendo um tanto horrendo com os roxos desbotados.

Mas, então, um ruído chilreante veio do chão aos pés dele, e quando Fen olhou para baixo, viu um imenso esquilo o encarando. Não, não encarava Fen, mas o céu. Se aquele fosse qualquer outro dia, em qualquer outro lugar, Fen teria ido embora para longe, *muito* longe, mas aquele era o Ragnarök.

Fen seguiu o olhar do esquilo até o céu, onde encontrou a maior águia que já tinha visto.

– Verme desprezível! – gritou a águia.

Primeiro, Fen achou que ela falava com ele. Além da estranheza de animais tão grandes existirem, o fato de que ela *falava* era suficiente para deixar Fen incapaz de andar ou falar. Então o esquilo chilreou e mergulhou em um buraco no chão. A águia circulava acima quase preguiçosamente.

Por mais estranho que tudo aquilo fosse, Fen não podia ficar ali parado. Fez um gesto para que a matilha avançasse. Um pássaro guinchando insultos não era motivo para deter o avanço, mesmo que esse pássaro fosse

do tamanho de uma vaca leiteira. Ele reiniciou a marcha; não em forma de lobo, pois não queria se apressar, mas sem exatamente ficar enrolando.

Ele tinha andado mais alguns metros quando o esquilo surgiu do solo de novo, chilreando e encarando o céu mais uma vez.

A imensa águia mergulhou, com garras estendidas, gritando:

– Come-caca preguiçoso.

E novamente o esquilo sumiu debaixo da terra.

A águia deu um rasante baixo o bastante para que a rajada de ar das asas fizesse vários Saqueadores cambalearem. Ninguém pareceu muito preocupado, ainda que os Saqueadores tenham se aproximado de Fen. Ele não sabia bem se pretendiam defendê-lo ou esperavam que ele *os* defendesse.

Quando a terra começou a se abrir pela terceira vez, a irritação de Fen transbordou:

– Já chega! Alguém faça esse...

As palavras secaram assim que o chão tremeu. Terra e escombros se espalharam como tiros quando uma enorme cabeça reptiliana surgiu na superfície.

– O que você estava dizendo? – murmurou Skull à esquerda.

– ... esquilo se calar – murmurou Fen.

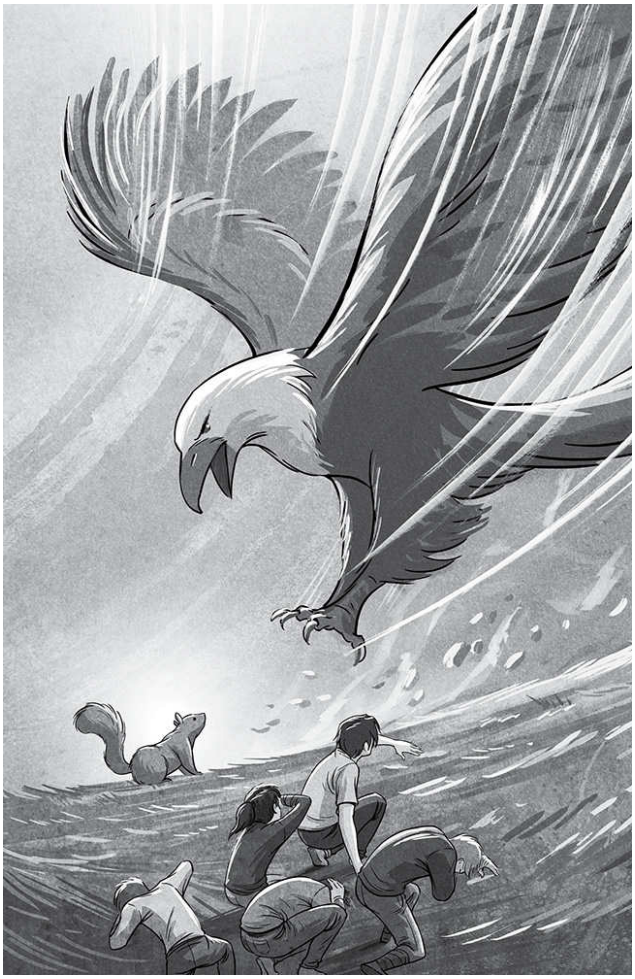
– Isso não é um esquilo.

Fen lançou um olhar para o segundo em comando.

– Você jura?

A cobra mostrou a língua azul-vibrante, saboreando o ar como fazem as serpentes. Ela podia até estar agindo como um réptil comum, mas certamente não se parecia com um. A criatura que serpenteava para fora daquele buraco era a mais estranha que Fen poderia imaginar, como algum tipo de cobra zumbi com asas, mas duas vezes mais longa que uma píton

reticulada. A imensa cobra, com mais de doze metros, era branca como osso e vinha na direção dele com o sussurro de grama seca, como na pradaria de Dakota do Sul.



– Achei que Astrid era a Serpente de Midgard que Matt teria que enfrentar – comentou Fen em voz baixa.

Skull levantou as sobrancelhas surpreso, fosse pela revelação ou pelo fato de Fen dizê-lo em voz alta. Não respondeu, então Fen continuou, um pouco mais alto:

– Se ela é a serpente, então, o que é *aquilo*?

O troll e os Saqueadores em forma humana riram.

– Nidhogg – explicou Skull. – Devoradora de cadáveres. Ela rói Yggdrasil, a árvore do mundo. – Fez um gesto para o esquilo grande como um cão. – Aquele é Ratatoskr. Ele leva os insultos da águia para Nidhogg.

– Aham.

– E, no Ragnarök, Nidhogg mata o filho de Thor.

Fen tirou os olhos de Nidhogg, que agora sibilava para a águia.

– Achei que era a Serpente de Midgard que o matava.

– Não – esclareceu Hattie. – A Serpente de Midgard mata *Thor*.

– Bem, isso está claro como água. – Fen fungou. – O que nós fazemos com ela?

A cobra desproporcional voltou os olhos fendidos para Fen e lançou sua bizarra língua azul tão perto que ele teve ânsia de vômito. Fen achava que tinha sentido o pior fedor possível quando encarou o urso das cavernas na saída de Hel, mas aquele era um nível inteiramente novo de horror.

– Comedora de cadáveres – observou Skull, que deu as costas ao fedor, engasgando.

Nidhogg virou o corpanzil e começou a deslizar na direção das pedras onde Laurie se encontrava. O restante das tropas a seguiu. Fen não tinha escolha, a não ser ir com os monstros. Não fazê-lo seria horrível para a matilha. Com aquelas chances, não havia como uma mudança de lado ser benéfica para o *wulfenkind*.

– Eu sinto muito – sussurrou ele para os amigos, ainda que não houvesse como Laurie, Baldwin e Owen o escutarem.

Os trolls e lobos ao redor de Fen aceleraram, e ele sabia que não podia deixar que isso acontecesse. Tinha que haver um jeito, algum caminho para não ferir Laurie nem os garotos que estavam com ela. Mesmo que não gostasse de Owen, nem ele merecia o massacre que seguia naquela direção cada vez mais rápido.

– Capturem eles – deixou escapar Fen.

– O quê? – guinchou Hattie.

– Eles são, tipo, *três* adolescentes – continuou Fen. – Não é nem uma batalha. É um massacre.

Ganidos e grunhidos vieram de alguns dos lobos.

Fen olhou em volta para eles e praticamente rosnou suas próximas palavras:

– Se alguém machucar minha prima, *vai* haver consequências.

– Não lobo – resmungou um troll. – Não escutar. Esmagar inimigo.

Antes que Fen pudesse tentar argumentar de novo que tomar prisioneiros faria mais sentido, a multidão aparentemente infinita de palhaços guerreiros de Owen chegou. Agora não havia mais nenhum jeito de convencer o lado dele a capturar Laurie e os outros. Os Berserkers já estavam se atirando para brigar, iniciando o conflito com os monstros.

Fen grunhiu e cedeu ao inevitável. Ele se lançou à batalha ao lado do resto dos lobos, socando Berserkers e tentando encontrar Laurie. Sabia que poderia lutar contra os próprios lobos, mas esperava que eles obedecessem às suas ordens. Não havia a menor chance dele deixar um troll ou qualquer outro monstro a machucar, no entanto.

Vou jogar Berserkers no caminho deles, se tentarem.

Não era lá um plano muito pior que a maioria das estratégias de luta dele.

– Fiquem de olho nos bodes! – gritou Fen.

– Lanchinho! – exclamou um troll.

– Cadê? – perguntou outro, esquadrinhando as fissuras em busca dos animais mordedores de calças. – Cadê?

Se os monstros vencessem esta batalha, não seria por causa do intelecto superior.

– Os bodes ainda não estão aqui – esclareceu ele aos trolls. – Mas eles lutam por Thorsen.

– Nham – comentou um troll.

– Oi! – saudou Baldwin, enquanto escalava um troll alegremente. Ele acenou para Fen. – Pena que você mudou para o lado sombrio, mas eu realmente não quero lutar com você.

Fen sufocou um grunhido e socou um Berserker. Isso ele podia fazer. Na verdade, já que teria que lutar do lado errado, decidiu aproveitar para se divertir um pouco, pelo menos. Não se incomodou em bater no menino que parecia estar perseguindo Laurie. Se Fen tivesse que lutar contra alguém, seria contra Owen.

Depois de uma rápida olhada para ver se Laurie não estava em perigo imediato, Fen analisou a multidão em busca de cabelos azuis enquanto chutava, grunhia e socava.

Vários Berserkers depois, Fen se sentia cheio de energia e estava cara a cara com Owen.

– O destino nem sempre pode ser evitado – declarou calmamente o menino de um olho só.

Fen fungou.

– Especialmente quando você esconde o que sabe.

– Verdade. Aqui estamos, porém. Foi profetizado. – Ele separou os pés e assumiu uma postura de pugilista. – Não estou surpreso.

– Quem é que Odin enfrenta no Ragnarök? – Fen desconfiava que já conhecia a resposta.

– Fenrir.

Fen riu em um misto de divertimento e amargura.

– Não me espanta que você tenha tentado virar Laurie contra mim. Preciso adivinhar quem vence?

Owen atacou. Fen se abaixou e devolveu o soco.

– Os dois acabam perdendo no fim – respondeu Owen.

– Eu não vou perder – prometeu Fen. – Isto – disse, ao acertar um golpe na boca de Owen – é por tentar fazer Laurie duvidar de mim.

Nenhuma outra palavra foi trocada enquanto eles seguiram lutando.



Fen tinha que admitir: Owen era um lutador mais do que mediano. Fen vinha se metendo em brigas desde que aprendera a andar. A infância dele simplesmente foi assim. Owen, entretanto, não era um adversário fácil, e quando Fen o derrubou no chão, ele se levantou de novo com um tipo de movimento atlético que Fen invejou, ainda que não tivesse a menor intenção de contar isso a Owen.

– Filho de Loki – disse uma voz atrás dele.

Fen se virou, levando um par de socos na cara como resultado da distração, e lá estava Helen.

Ele grunhiu e lançou um olhar sujo para Owen. O outro menino simplesmente sorriu de volta.

– Não foi uma saudação muito educada – observou Helen enquanto Fen cuspia sangue.

Antes que ele pudesse responder, Helen afastou o olhar e se fixou em Laurie, que se aproximava vindo do outro lado do campo de batalha.

– Estou aqui para honrar minha promessa. Os antigos mitos dizem que Hel se escancarou, e eu trouxe minhas forças para lutar pelo Pai Loki.

– Eu sei – disse Fen, baixinho.

Parecia provável que a chegada de Helen fosse muito boa ou muito ruim. O vestido dela, que estivera coberto de insetos quando a viu pela última vez, tinha sido substituído por um longo casaco branco que parecia se contorcer. Helen ergueu o braço como se fosse abraçá-lo, e Fen percebeu que ela estava trajando algum tipo de mortalha esfarrapada coberta de larvas.

A toda volta, as lutas pararam quando os dois lados perceberam que Helen estava ali entre eles.

– Ela é a Campeã de Loki – declarou Helen em voz alta, apontando para Laurie com o braço coberto de larvas. – E eu farei como meu pai faria: lutarei ao lado de sua campeã.

Todos continuavam imóveis.

– Sobrinho – murmurou Helen enfaticamente enquanto Laurie os alcançava. – Você parece estar do lado perdedor.

– O lado per...

Se ela tivesse me escolhido, percebeu Fen, *nós venceríamos, e o mundo acabaria*. Mas ela não o fizera. A soberana de Hel, filha de Loki, tinha escolhido *Laurie* para apoiar, e a ideia de apoio de Helen era trazer os monstros que viviam em seu domínio.

– Oi, Helen! Melhor. Luta. DA HISTÓRIA! – gritou Baldwin enquanto corria para se atirar em Nidhogg.

Helen então sorriu e balançou a cabeça.

– Ele tem uma predileção por cobras. Alguma coisa a ver com um jardim de serpentes?

Fen deu uma risada.

– Quem sabe podemos fazer um passeio no Jardim dos Répteis depois que o mundo não acabar.

– Ele ainda pode acabar – disse Helen. – Nós cuidaremos dessas criaturas, mas o filho de Thor ainda tem que lidar com a Serpente de Midgard sozinho. – Ela abriu para Fen um sorriso tão parecido com o de Laurie que chegava a ser perturbador, e confidenciou: – Pai Loki nunca sugeriu que os filhos *dele* teriam que jogar seguindo as regras. Regras devem ser tratadas mais como sugestões a serem contornadas do que como comandos absolutos, de acordo com Pai Loki.

Ela ergueu as mãos e a terra se abriu em amplas fendas.

– Escolha seu lado, sobrinho.

Garm estava na dianteira da linha de monstros que emergia das fissuras. O imenso cão olhou nos olhos de Fen e disse, em referência à primeira conversa deles em Hel:

– Isto também não é brincadeira, mas será divertido.

Estando em forma humana, Fen ficou surpreso em compreender Garm, mas agora que era o alfa dos lobos isso parecia ter mudado também.

– Fico feliz que esteja do nosso lado.

Garm ofereceu um sorriso dentuço.

Fen observou enquanto o Jotunn de fogo saía das rachaduras e vários guerreiros mortos tiravam seus corpos apodrecidos da terra. O mito deixava claro que Helen tinha trazido suas forças para lutar do lado de Loki, mas, com dois campeões, nunca ficaria claro *qual* deles apoiaria. Eles estavam torcendo para que fosse Laurie, mas, até aquele momento, não puderam ter certeza; Helen também nunca se comprometera em definitivo.

Com um sorriso imenso, Fen olhou para os *wulfenkind*.

– Helen luta para impedir o fim do mundo. A maré virou. Como seu alfa, eu digo que lutaremos *com* minha tia Helen, assim como no mito. – Ele olhou para Skull e acrescentou: – É o melhor para minha matilha. – Depois se virou para a prima, que sorria para ele com a expressão mais feliz que o menino vira em um bom tempo, e disse: – Nossa matilha estará do lado *certo*.

– Vocês ouviram nosso alfa! – gritou Skull.

Os lobos, então, imediatamente pararam de lutar contra os Berserkers.

Fen foi até Laurie e parou a seu lado.

– O que devemos encarar primeiro? Um troll, outro Jotunn ou a cobrona assustadora?

Ela deu uma ombrada nele.

– Seu ridículo. Eu vi você lutando contra o Owen.

– Nada de garotos perto de você. Seu pai me fez prometer – disse Fen. Quando ela lhe devolveu um olhar de "é mesmo", Fen acrescentou: – Além disso, eu não gosto dele.

Laurie revirou os olhos.

– Vamos lá. Temos monstros a enfrentar. Posso gritar com você mais tarde.

Fen não sabia com certeza se eles conseguiriam deter o fim do mundo ou não, mas tudo era muito menos assustador agora que estava ao lado da melhor amiga.

– Primeiro a cobra.

VINTE



MATT

"LUTA DE AQUECIMENTO"

Matt estava deitado com a cara na rocha. Trevas frias o cercavam. Os gemidos e gritos dos mortos preenchiam seus ouvidos.

Estou em Hel. Nada de Valhalla para mim. Direto para Hel com todas as pessoas que condenei à morte quando deixei a serpente ganhar. Quando...

Alguma coisa deu um puxão na traseira do seu jeans. Repuxando a cintura da calça. Matt se levantou em um salto, com Mjölnir em mãos. Então, ouviu um balido. Uma chifrada forte no traseiro o empurrou adiante contra algo sólido e quente e coberto de pelo macio. Outro balido. Outra chifrada no traseiro.

Matt piscou os olhos com força. As trevas se dissiparam, o frio desapareceu e o menino se viu em uma ampla fissura em meio às rochas pontiagudas. Só que... as rochas estavam pousadas em solo plano e só se erguiam até a altura de sua cabeça.

O que tinha acontecido?

Maras.

Um terceiro balido, agora impaciente, e ele se virou e viu um bode branco como a neve, com chifres dourados e pontos negros sob os olhos.

– Ei, Tanngrisnir. – Ele abraçou o bode. Quando percebeu o que estava fazendo, recuou rapidamente, mas Tanngnjóstr já estava avançando, claramente esperando a mesma recepção dada ao irmão. Matt a concedeu, depois de garantir que não havia ninguém olhando.

“Obrigado por me acordarem, rapazes”, disse ele. Pegou a beira da pedra e se içou para dar uma olhada cuidadosa em volta. “Estamos livres de maras?”

Tanngrisnir fungou, como se dissesse: *É claro.*

– Mostrem o caminho, então – disse o menino.

Tanngrisnir mostrou a melhor trilha para sair do pedregal, enquanto Tanngnjóstr fechava a retaguarda. Depois de alguns metros procurando uma saída entre as rochas, Matt pôde ver o campo de batalha. E ouvi-lo também, a distância.

– Eu fui para muito longe? – indagou ele.

Tanngrisnir baliu.

– É, longe o bastante, obviamente. Certo, bem, já que eu duvido que vocês tenham trazido a carruagem de Thor...

Matt parou de falar, pensando na Carruagem de Thor do pesadelo. O fim do mundo. O fim dele, de tudo e de todo mundo mais. Sentiu um calafrio. Tanngnjóstr se esfregou no menino.

Matt assentiu com a cabeça.

– Não temos tempo para isso, eu sei. Minha tarefa é garantir que aquele pesadelo jamais se realize. Vamos andando...

Tanngrisnir empinou o corpo com os cascos dourados cavando o ar. Depois caiu. Bem aos pés de Matt. Com uma flecha na garganta.

– Não! – Matt se deixou cair ao lado do bode. Tanngnjóstr saltou sobre ele com uma fungada selvagem, e Matt olhou para ver o bode investir contra...

Ele investia contra um draugr. Um draugr armado com arco e encaixando uma flecha para disparar contra o bode.

– Não! Eles estão comigo! – gritou Matt, e enquanto as palavras deixavam seus lábios, percebeu a futilidade delas. Era claro que os bodes

estavam com ele. Os draugrs certamente sabiam que Tanngrisnir e Tanngnjóstr eram animais sagrados.

Matt arremessou Mjölnir, que acertou o draugr e o atirou para trás com os ossos estraçalhados, mas era tarde demais. A flecha acertou Tanngnjóstr na garganta. O bode tombou. Matt se lançou adiante, pegando Mjölnir sem nem pensar. Correu e deslizou de joelhos ao lado do bode, cujos olhos dourados se arregalavam enquanto o sangue jorrava da garganta.

Matt enterrou as mãos na longa pelagem do bode.

– Você é imortal – sussurrou ele. – Você tem que voltar.

O bode ficou ali caído, imóvel e mudo.

Ao ouvir um barulho, Matt se levantou em um salto. Um draugr avançava, flanqueado por dois outros. Era mais alto que o resto, com cabelos loiros avermelhados e emaranhados e uma longa barba no mesmo estado. O crânio de um dos lados do rosto já estava totalmente decomposto. Aquele não era um guerreiro morto qualquer. Era conhecido de Matt. Aquele já tinha lutado contra ele. Lutado e sido derrotado e exilado por Helen para Hel.

– Glaemir – disse Matt.

O antigo rei dos draugrs sorriu.

– Você pensou que venceria tão facilmente, Matthew Thorsen?

– Como foi que você...?

– Escapou? – Um sorriso apodrecido. – Estamos no Ragnarök. Tudo que quiser escapar, pode escapar. Eu tive ajuda. – Glaemir acenou, e meia dúzia de draugrs surgiram das cinzas. Os mesmos draugrs que tinham ficado para trás com Matt quando as Valquírias se afastaram.

"Alguns dos meus homens ainda são leais a mim", afirmou Glaemir. "E ainda são leais à minha causa. A qual, infelizmente, não é sua. Agora,

acredito que meus homens ouviram você dizendo que gostaria de uma luta de aquecimento?"

Oito draugrs bateram as armas nos escudos e ficaram em posição de sentido.

– Vai ser aquecimento suficiente para você, moleque? – perguntou Glaemir. – Acho que vai. De fato, acho que vai ser um aquecimento tão grande que você nem verá o ringue de batalha.

Com um sinal de Glaemir, os homens dele avançaram. Matt correu. Era a única coisa a fazer ao ser atacado por uma tropa de guerreiros mortos-vivos em campo aberto. Atrás dele, Glaemir gargalhava.

– Aí está seu campeão. Um garotinho fujão. Bem apropriado, a meu ver.

Matt saltou sobre o corpo imóvel de Tanngnjóstr e depois o de Tanngrisnir, tentando não pensar nos bodes mortos. Correu para a pedraria, contornou duas menores e encontrou o lugar onde tinha acordado, circundado por rochas. Parou ali e encostou as costas em uma das pedras.

Quando o primeiro draugr virou a esquina, Matt começou a contar até cinco. Mal tinha chegado a dois quando um segundo draugr apareceu. Matt arremessou Mjölnir. A arma se chocou contra o primeiro, jogando-o para trás contra o segundo e esmagando os dois contra as rochas atrás deles.

O impacto do martelo contra osso? Não era nada bonito. Houve rachaduras, esmagamento e estilhaçamento, e então os dois draugrs no chão, em pedaços, enquanto Mjölnir se encaixava na mão estendida de Matt. Outro draugr apareceu. Matt contou, mas, no quatro, percebeu que não poderia mais esperar e arremessou o martelo.

A arma atingiu o alvo bem quando outro draugr virou a esquina, longe demais para sofrer o impacto e perto demais para que Matt esperasse o retorno de Mjölnir. O menino atirou o Martelo mágico, que só desequilibrou o draugr. A essa altura, Mjölnir já estava no caminho de volta,

e acertou o draugr na lateral da cabeça. Matt estremeceu com o estalo do crânio do guerreiro enquanto ele caía.

– Quatro já foram! – gritou Matt. – Você quer conversar, Glaemir? Ou vai me deixar continuar com o aquecimento?



O rei draugr não respondeu, mas Matt jurou ter ouvido o rilhar de dentes. Mais um draugr apareceu; este, nas pedras acima da cabeça de Matt, que lançou Mjölnir com um certo excesso de confiança e no ângulo completamente errado. O martelo voou acima da cabeça do draugr para além dele.

Matt disparou o poder do amuleto, mas o erro com Mjölnir o tinha distraído e o ataque falhou. O draugr saltou diante do menino e ergueu a espada, soltando uma horrível risadinha sibilante. Espiou Matt com um olho bom; o outro era uma bola de gosma seca pendurada na bochecha. Então, investiu. Matt mergulhou. Acertou o draugr nas pernas e o empurrou para trás. Com o canto do olho, viu a espada descendo e acertou o braço com um golpe suficientemente forte para deslocar o osso da articulação. O draugr rosnou... e passou a espada para a mão esquerda.

Matt se levantou em um salto e recuou bem a tempo de evitar o golpe do draugr. Estava se esquivando do ataque seguinte quando Mjölnir acertou sua mão de volta, o que teria sido muito maneiro se ele tivesse visto a trajetória. Infelizmente, como não viu, o martelo o desequilibrou e Matt mal fechou a mão a tempo. Começou a golpear com Mjölnir quando mais dois draugrs apareceram. Matt acertou o martelo no primeiro, esquivou-se da espada do segundo e...

Uma sombra passou acima. Um quarto draugr? Ele não poderia encarar quatro. Dançou para trás, considerando as opções, quando um vulto saltou e acertou o draugr caolho com um balido furioso. Era Tanngnjóstr.

O suspiro de alívio de Matt foi interrompido quando *ele* quase foi cortado por uma espada que tinha sua barriga como alvo. Matt girou para fora do caminho no último segundo.

Uma pancada do Mjölnir derrubou a espada da mão do draugr. Um segundo impacto o acertou de lado com um choque terrível. Um terceiro

quebrou-lhe o fêmur e fez o morto-vivo desabar. Matt preparou o martelo para mirar no quarto draugr, mas Tanngrisnir saltou das rochas e o derrubou. Um pisotear selvagem com os cascos garantiu que o draugr ficaria caído, gemendo e vivo, mas sem fazer menção de se levantar.

– Faltam dois – disse Matt aos bodes, enquanto eles verificavam os pedaços zumbificados espalhados pelo chão. – Se vocês se concentrarem nos dois últimos normais, eu cuidarei de Glaemir.

Os bodes baliram. Desta vez, Matt sabia exatamente o que os esperava lá fora; especificamente, o draugr com o arco e as flechas. Ele avisou aos bodes, que se esquivaram das flechas enquanto galopavam na direção do draugr distante.

Matt contemplou o campo aberto. Glaemir estava ao lado, brandindo sua espada. Esta parecia mais uma adaga, menor do que o comprimento do antebraço de Matt... porque o próprio Glaemir tinha crescido o dobro do seu tamanho já imenso.

– Não sobrou ninguém mais para proteger você! – gritou Matt. – Se quiser fugir, eu deixo.

Glaemir deu uma risada.

– Você é de fato o Campeão de Thor, moleque. Tão iludido e fanfarrão quanto seu ancestral.

– Não é ilusão quando é verdade. Mas eu entendo por que você se esconderia atrás dos seus guerreiros. Já venci você uma vez. Aposto que preferiria não me enfrentar de novo. Especialmente agora que eu tenho... – Ele ergueu Mjölnir.

Glaemir avançou. Matt o golpeou no joelho, que ficava na altura perfeita. Glaemir mal vacilou antes de se recuperar e brandir a espada. O problema em ser duas vezes maior que Matt? O menino poderia atingir facilmente o joelho dele, mas Glaemir tinha que se curvar para atacar com

sua espada, que agora era pequena demais. Era um movimento desajeitado, facilmente evitado.

Matt acertou Mjölnir no outro joelho de Glaemir. Agora o rei draugr cambaleou. Um terceiro golpe, e ele caiu de joelhos.

– Quanto maiores... – comentou Matt, levantando Mjölnir para um golpe final. Mas, durante o movimento do golpe, Glaemir encolheu de repente para o tamanho normal, e Matt voou para a frente com a força do golpe que errou. A ponta da espada de Glaemir rasgou a camiseta do menino. Desta vez, Matt a recebeu com o escudo. O impacto foi suficiente para fazer seu braço tremer, mas ele conseguiu se levantar e encarar o rei draugr.

– Sabe o que está faltando neste aquecimento? – perguntou Matt. – A parte em que eu me aqueço. Eu queria muito pelo menos começar a suar antes da batalha real.

Glaemir talhou. Matt bloqueou.

– Então, se você puder fazer um esforço...

Outro bloqueio.

– Eu ficaria muito agradecido, e acho que a serpente também. Caso contrário...

Whoosh. Clang.

– ... acho que ela vai ficar desapontada. Isto *é* o Ragnarök, afinal.

– Ei, Matt! – gritou alguém. – Você está conversando ou lutando?

Ele viu Reyna de relance, correndo pela poeira com Ray em sua cola.

– Consigo fazer os dois! – gritou ele de volta.

– É, bem, que tal fazer menos do primeiro e mais do segundo? – Ela apontou para um draugr mutilado que se arrastava na direção deles.

– Certo – concordou Matt. – Tudo bem, então. Ofereça uma luta de verdade, Glaemir. Faça meu sangue correr e...

Glaemir rosnou e golpeou novamente. A espada passou tão perto que Matt sentiu o vento.

– Hum, Matt? – disse Reyna. – Você quer uma ajuda?

– Que nada. Ao contrário de algumas pessoas, algumas pessoas *mortas-vivas*, eu luto minhas próprias batalhas. Agradeço a oferta, mesmo assim.

– Disponha. Mas se você pudesse se apressar...

Mais um golpe, mais um bloqueio. Matt levou Mjölnir para trás. Glaemir investiu contra ele, pegando o escudo de um draugr caído. O zumbi se esquivou do golpe de Matt, e quando este girou, desequilibrado, Glaemir o acertou com o escudo. Matt foi derrubado, esparramando-se de costas no chão.

– Matt! – Reyna começou a correr.

– Deixa comigo – disse Matt... enquanto Glaemir encostava a espada em sua garganta.

Os gêmeos e os bodes se lançaram contra os dois adversários. Matt ergueu a mão do escudo.

– É sério, deixem comigo. Acho que Glaemir e eu podemos debater o assunto de forma razoável. Estou disposto a aceitar a rendição dele sem ressentimentos.

Glaemir riu.

– Você é mesmo o filho de Thor. Arrogante até o osso. Você está imobilizado, moleque. Um golpe da minha espada...

– Uma trégua, então?

– Você é divertido. Talvez até corajoso. Mas chegou a hora de admitir a derrota, moleque, e se preparar para encontrar Hel do outro lado; um lutador ignóbil abatido por um guerreiro de verdade...

Matt bofeteou a espada de Glaemir para o lado com o escudo e se levantou em um salto.

– Você não consegue resistir à vontade de se gabar, né? Obrigado, eu estava contando com isso. – Enquanto falava, Matt atacou com Mjölnir. Acertou Glaemir na lateral da cabeça, e os dois continuaram o movimento, martelo e cabeça, esta arrancada completamente do pescoço. O crânio do draugr voou pela planície, desaparecendo na poeira.

– Ei, estão ouvindo isso? – disse Matt. – O som do silêncio. Finalmente.

Ele pendurou o escudo no ombro enquanto os gêmeos o encaravam.

– Ah, não se preocupem. Ele pode colocar a cabeça de volta. – Matt acenou para o corpo do draugr, que se arrastava pateticamente na direção errada. – Assim que a encontrar. Até lá? Nós já estaremos...

O trovejar de cascos o interrompeu. Hildar se aproximou, com o rosto normalmente impassível marcado pela preocupação. Então ela viu Matt e fez o cavalo parar.

– Filho de Thor. – Ela soltou a respiração. – Finalmente.

– Desculpa – disse Matt. – Tinha um assunto antigo a resolver. Mas consegui meu aquecimento.

Ele apontou o rei draugr decapitado se arrastando até eles.

Hildar fungou.

– Eu sabia que eles não eram de confiança.

– Não, você só não gostava deles. Mas, com esses poucos aqui, você tinha um bom motivo. Agora, acho que tenho uma batalha real me esperando.

– Você tem – concordou Hildar, estendendo a mão para puxá-lo para o cavalo.



– Então este é o lugar? – perguntou Matt, espiando em volta o breu quase absoluto. Era muito parecido com o ponto onde tinha encontrado os draugrs, com tanto campo aberto quanto rochas para dar cobertura.

– Nós recebemos o direito de escolha nisto também – afirmou Hildar. – Você aprova?

Matt desceu do cavalo. Os outros não estavam lá. Nem mesmo os bodes tinham permissão para se juntar a ele ali. Só Hildar, e somente para fins de transporte. Matt escalou uma pedra e contemplou a área.

– Parece bom. Tem uma linha de falta?

– Quando a serpente chegar, seu ringue de batalha será delimitado magicamente.

Matt contemplou a vastidão de terra aberta à esquerda.

– Tem uma barreira de profundidade também? Tipo, imagino que a serpente não possa simplesmente se enterrar no chão se eu a ferir.

– Certo, ela não pode. Os limites se aplicam ao chão e ao céu.

Matt estreitou os olhos para as trevas acima.

– Hum, tudo bem. Isso não vai bloquear meus poderes, vai? Claro, não posso voar como o Thor dos quadrinhos, mas havendo uma barreira acima ainda posso invocar condições climáticas?

– Pode.

– Vou fazer a pergunta de outro jeito. As condições climáticas ainda vão alcançar o campo de batalha?

– Sim.

– Ótimo. Então a barreira celeste...? Por quê...? – Matt parou de falar ao ver o pássaro gigante, alto no céu. – É para que *aquilo* não possa atacar? O que quer que seja?

Hildar não respondeu. Quando Matt olhou para ela, a Valquíria puxou uma mecha de cabelo, ansiosa. Então, percebeu que Matt a fitava, e jogou a mecha para trás, erguendo o queixo. Mas continuou sem dizer nada.

– Hildar... esta é uma batalha de um contra um, certo?

– Sim.

Um estrondo distante, como trovão. O pássaro estava descendo. Não, não era um pássaro, ele percebeu. Tinha uma forma estranha, quase como um avião, longo e estreito, com asas. Ele piscou com força, tentando focalizar, mas a noite era escura demais e a criatura voava muito alto.

– Eu não terei que lutar contra aquela coisa, terei? – perguntou o menino.

Silêncio.

– Hildar?

– Sim. – Uma pausa. – Sim, filho de Thor. Você terá que enfrentá-la.

– Mas...? – A criatura baixou de altitude e soltou um grito horrível, que quase derrubou Matt. Quando se recuperou, o monstro já estava suficientemente baixo para que o menino o visse claramente.

Era um dragão. Um enorme dragão serpentino com asas de morcego e uma cabeça imensa. Matt o fitou.

– Aquilo... aquilo... – Ele engoliu em seco. – Aquilo é a Serpente de Midgard?

Hildar não respondeu. Matt viu que ela encarava a criatura, que deu outro rasante, bloqueando todas as estrelas no céu com sua silhueta.

– Não – sussurrou ela.

– Aquilo não é a serpente? – perguntou ele. – Graças aos deuses, porque....

– Não! – gritou Hildar, socando o ar com o escudo. Ela girou e gritou para a vastidão vazia ao redor deles: – É para ser o *campeão*! O campeão escolhido.

Uma voz respondeu, serpenteando ao redor deles; uma voz sobrenatural que não vinha do dragão, mas da própria terra.

– Você roubou nosso campeão.

– Não, Astrid traiu vocês. Não nós. Seu lado tem que escolher um novo campeão.

– Nós temos.

– Aquilo não é... – Ela se virou, rugindo agora para o vazio. – Aquilo não é um campeão. É a *serpente*. A verdadeira Serpente de Midgard.

Risadas flutuaram em volta deles.

– E é mesmo. E é mesmo. – E, em um piscar de olhos, Hildar e o cavalo desapareceram, e Matt ficou sozinho, encarando a criatura acima.

Não era Astrid em forma de dragão. Não a prima, mãe ou tia. A avó.

Não, não era nem mesmo a avó dela. Era a coisa que a tinha consumido, que a avó havia morrido para se tornar.

A verdadeira Serpente de Midgard.

Era isso que ele tinha que enfrentar.

VINTE E UM



LAURIE

"INIMIGOS SE TORNAM ALIADOS"

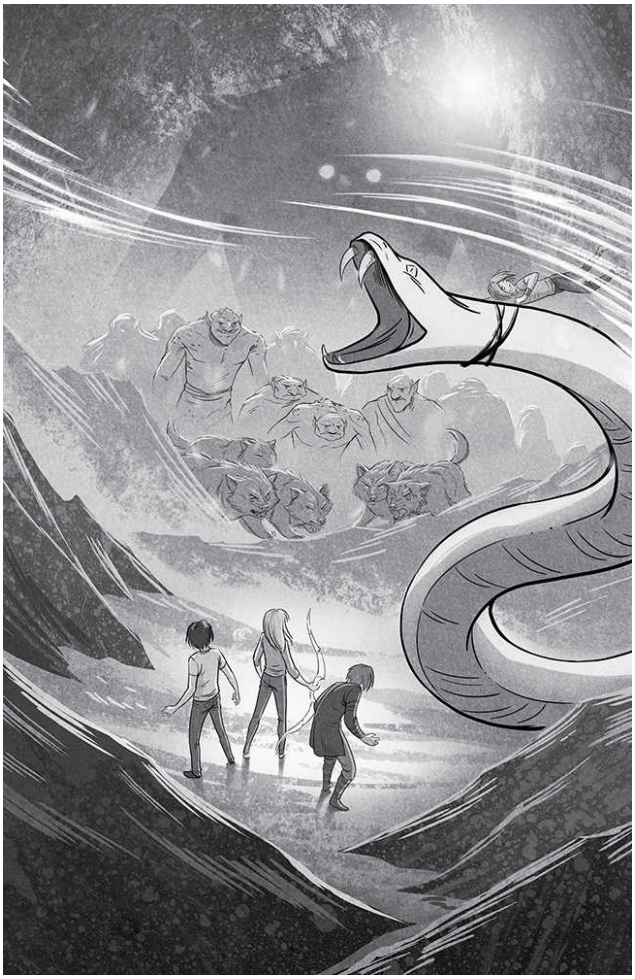
Quando Helen chegou, Laurie não soube se deveria comemorar ou chorar. Os mitos diziam que Helen trabalhava com os monstros para trazer o fim do mundo, mas ela parecia favorecer Laurie sobre Fen. Tinha presenteado a menina com o incrível arco de osso e flechas-fantasma e fornecido o mapa de saída de Hel. Ainda assim, não dava para colocar a mão no fogo por nenhum dos filhos de Loki, e Helen era a filha do próprio.

Mas ela havia aberto a terra e trazido seus monstros não para lutar *pelo* fim do mundo, mas para impedir que o mundo acabasse.

– Fico feliz que esteja comigo – disse Laurie a Fen. – Queria que pudéssemos estar com Matt, também.

– Ele vai ficar bem – respondeu Fen. – Vamos lá. Temos um mundo a salvar... a começar por Baldwin.

À direita deles, Baldwin tentava amarrar uma corda no pescoço de Nidhogg. Laurie não sabia bem se ele tentava estrangular a comedora de cadáveres ou cavalgá-la como um cavalo de batalha. De qualquer maneira, ele não ia muito bem. Os gritos de alegria já eram previsíveis, mas Baldwin parecia um brinquedinho em uma piscina: era atirado de um lado para outro sem o menor controle.



– Baldwin!

Ele olhou para Laurie e sorriu, mas depois viu Fen a seu lado.

– Você ficou malvada também, ou Fen ficou bom de novo?

– Estamos do seu lado! – gritou Fen de volta.

Os gritos todos chamaram a atenção de Nidhogg, e a imensa serpente branca voltou o olhar para os dois. Lançou a comprida língua azul na direção deles, mas os dois primos Brekke se esquivaram bem a tempo.

– Recuem e ajudem os Berserkers – ordenou Fen à matilha. – Hattie e Skull, vocês estão no comando.

Hattie fez que sim com a cabeça e começou imediatamente a organizar os lobos em ataques contra os trolls, que eram chamados de aliados havia pouco. Laurie sabia que Fen ainda não gostava da menina, mas antes ele também não apreciava os gêmeos nem Owen. Tanto Hattie quanto Owen estavam do lado deles, assim como Skull e o resto da matilha. Gostar dos companheiros de equipe não era necessário, desde que ele pudesse trabalhar com eles. Aquele era Fen, até a alma, e Laurie ficou feliz por isso hoje.

Skull não tinha se movido. Ficou ao lado de Fen, lançou um olhar bravo para ele e argumentou:

– Você é o meu alfa. Meu trabalho não é obedecer cegamente, mas *ajudar* você. – Ele apontou para Nidhogg e o Jotunn que ia lentamente até eles. – Vocês dois vão precisar de toda ajuda que puderem arranjar.

Fen assentiu.

Então, dois lobos se lançaram contra eles.

– Não são da nossa matilha – rosnou Skull.

Os dois meninos estavam lado a lado e socaram os lobos ao mesmo tempo. Fen sorriu e olhou em volta. Os Berserkers eram liderados por Owen, que mantinha distância de Fen, e a matilha de Fen era dirigida por

Hattie. Garm e Helen reuniam os trolls, o que deixava os quatro jovens encarando Nidhogg.

Baldwin ainda conseguia se manter em cima da serpente, mas Laurie vigiava o *hrímthursar* que vinha até eles. O gigante de gelo tinha que ser derrotado também, mas naquele momento Laurie tinha outros planos.

– O que está pensando? – indagou Fen.

Ela olhou para o primo bem quando Skull acertou outro lobo. Fen estremeceu em solidariedade com os sons do lobo caído sufocando. Laurie olhou no olho do primo e disse:

– Tourada.

– Você quer brincar de tourada com um *hrímthursar*? É esse o seu plano? – confirmou Fen.

– Sim.

Ele riu e encolheu os ombros.

– Beleza.

Eram momentos como aquele que faziam Laurie lembrar que eles eram os dois descendentes de Loki. Ela rapidamente explicou que precisava que Fen desse uma de toureiro para que eles pudessem "dirigir" a criatura e enraivecê-la o suficiente para usar o frio como arma.

Fen olhou para Skull e disse:

– Transforme-se e fique junto de mim. – Depois se virou para Laurie: – Eu já volto.

Depois que os dois partiram, Laurie espiou Nidhogg. O que ela estava prestes a fazer seria mais fácil sem Fen sendo superprotetor como sempre. Ela puxou o arco, encaixou uma flecha e falou para Baldwin:

– Desça daí. Nova tática.

Baldwin não questionou. Simplesmente soltou a corda que estava usando como rédea improvisada. No momento seguinte, ele escorregou pelo lado da

serpente branca e deu uma cambalhota para o chão. Levantou-se rolando e correu até ela.

Laurie teve que se controlar para não vomitar com o fedor. Uma grossa camada de gosma rosada cobria as roupas dele, graças à cavalgada na comedora de cadáveres.

– Respire pela boca – sugeriu Baldwin. – Ajuda até você se acostumar.

Laurie fez que sim com a cabeça. Ela não era uma menina fresca, mas tinha muita certeza de que *jamais* se acostumaria ao fedor de podridão que no momento infestava as roupas do amigo. Fez respirações curtas pela boca, o que ajudava um pouco.

Nidhogg começou a rastejar para longe, acelerando enquanto avançava para o coração da luta. Estava longe o bastante para que Laurie viesse a se preocupar que ela começaria a comer os lutadores ainda vivos. Infelizmente, não era longe o suficiente para que Laurie pudesse considerá-la a uma "distância segura" para o que precisava fazer.

– Igualzinho a Mitchell – sussurrou Laurie. – Fique preparado para correr.

Vamos lá, vamos lá, vamos lá, ela incitou Fen e Skull silenciosamente. Os dois lobos estavam correndo até o Jotunn e depois recuando. Lento mas constante, o monstro alterou seu avanço mais para a esquerda, para longe da área onde Laurie agora estava, e onde a maior parte dos Berserkers e dos lobos de Fen enfrentavam o inimigo.

– Em três... dois... um... – A cada etapa da contagem, ela lançava uma flecha contra Nidhogg. A cobra se virou para ver o que a atacava, e, no um, Laurie disparou uma salva de projéteis contra o rosto dela. Conforme as flechas se cravaram no rosto e olhos da cobra, ela deu um tranco na direção dela, puxando as imensas espirais do corpo no ar e disparando contra Laurie e os outros em um movimento misto entre um pulo e um deslizar.

– Vai! Vai! Vai!

Laurie e Baldwin saíram em disparada, mas não havia como se esquivar completamente da cobra. Ela era maior, mais rápida e mais furiosa. Laurie não tinha um plano melhor para afastá-la da multidão, e a única arma com que podia contar, além do arco, era a mente. Se eles pudessem levar aquela criatura para perto do *hrímthursar*, poderiam usar o poder de um dos monstros, o frio, contra o outro.

Então um dos Berserkers passou por Laurie dando saltos-mortais e jogou uma pena negra para ela e Baldwin.

– Penas dos corvos de Odin! – gritou ele.

Quando Laurie e Baldwin pegaram as penas, ela percebeu que eles de repente começaram a se moverem tão rápido que seus pés mal tocavam o chão. Não estavam exatamente *voando*, mas se moviam com velocidade suficiente para velejar sobre o solo.

Nidhogg investia contra eles, sibilando alto logo atrás de Laurie. Aparentemente, como muitas cobras, ela não precisava depender da visão para localizá-los.

O Jotunn perseguia Fen e Skull agora, disparando jatos de gelo contra os dois enquanto corriam e se esquivavam diante dele.

Parecia que todo mundo ia convergir em uma grande pilha de caos e dor.

– Fen! – gritou Laurie. – Lá vem!

O primo correu na direção de Nidhogg.

O Jotunn finalmente viu a imensa cobra branca vindo até ele. Interpretando erroneamente a criatura como um inimigo que o atacava, o *hrímthursar* rugiu.

Nidhogg sibilou e ergueu o olhar para o gigante.

A explosão gélida acertou tão perto que Laurie ouviu um som de estalo, e uma parte de seu cabelo congelou.

A cobra e o Jotunn se atiraram um contra o outro em uma batalha muito mais em pé de igualdade do que os jovens contra qualquer um dos dois. Nidhogg se enrolou em volta do Jotunn, escalando seu corpo rapidamente no começo e desacelerando ao alcançar o pescoço do *hrímthursar*. Até aquele momento, Laurie não sabia se a comedora de cadáveres tinha sangue frio como outros répteis, porém, conforme os movimentos dela foram ficando mais lerdos, percebeu, feliz, que era o caso.

Estalactites de gelo caíam no chão como lanças, conforme a gosma de coisas decompostas que envolvia o corpo de Nidhogg congelava e escorria.

Ainda assim, Nidhogg não desistiu. Ela apertou as espirais em volta da garganta do *hrímthursar* ao mesmo tempo que tentava cravar as presas no rosto do Jotunn.

O impacto de frio e neve derrubou os quatro adolescentes no chão.

– Estamos perto demais deles – disse Skull, à esquerda de Laurie.

Ela estremeceu sem querer. Skull tinha sido o inimigo desde antes mesmo dela saber que ele existia. Vê-lo a seu lado qualquer outro dia antes de agora teria sido perigoso.

– O que você estava pensando? – ralhou Fen com ela. – Aquela coisa poderia ter te matado. Achei que você tinha *me* dado o monstro perigoso.

Laurie abriu um sorriso para o primo.

– Eu dei. Só que me dei um monstro igualmente perigoso.

Skull riu, e o desconforto de Laurie com ele diminuiu um pouco.

Enquanto a cobra e o Jotunn lutavam, aparentemente equivalentes, Laurie examinou o resto das batalhas. Os Berserkers e *wulfenkind* que lutavam do lado dela estavam vencendo. Vários trolls encontravam-se sentados no chão parecendo atordoados ou fugindo. Um deles estava de cara no chão com Garm sentado nas costas. O guardião do portão de Hel

analisava as lutas também. A criatura canina mostrou-lhe os dentes quando seus olhares se cruzaram, no que ela imaginou ser um sorriso.

Garm grunhiu, e Helen voltou seu olhar para Laurie.

A soberana de Hel veio caminhando em direção a Laurie bem quando o Jotunn conseguiu agarrar a cobra e a arremessou.

A imensa serpente atingiu o chão com força suficiente para rachar a terra e criar uma cratera.

– Sossegue, criatura – disse Helen à cobra enquanto ela sibilava, e então voltou a andar lentamente na direção dos jovens.

O frio obviamente havia deixado o grande réptil praticamente inconsciente. Sua língua se movia lentamente, e a cobra avançava em velocidade quase glacial. Ela podia estar com dificuldades, mas não estava rendida.

– Eu lhe disse que isto era uma má ideia – continuou Helen enquanto se aproximava de Nidhogg. Deu tapinhas gentis no focinho dela. – Minha sobrinha é uma criaturinha muito inteligente, eu disse. Estou do lado dela, eu disse. – Ela fez *tsc* para Nidhogg. – Agora, nós teremos que matá-la ou você vai se retirar?

Ainda que Laurie não fosse especialista em répteis, quando a criatura olhou para ela e chicoteou com a língua azul, a menina teve muita certeza de que havia ódio na expressão de Nidhogg.

A serpente sibilou alguma coisa a mais, que fez Helen sorrir.

Com um gesto da mão de Helen, o Jotunn de fogo de duas cabeças que Laurie tinha visto em Hel veio se aproximando. Com sua chegada, a cobra quase brilhou. Laurie viu que ela se aquecia de novo.

Tudo aquilo por nada!, pensou ela.

Porém, em vez de se virar para encarar os jovens que tinham impelido um Jotunn de gelo a atacá-la, Nidhogg serpenteou para o outro lado e

sumiu na rachadura do chão que Helen havia aberto.

– Criatura tola – murmurou Helen enquanto a cobra se enfiava de volta na terra. Depois se virou para os jovens e lhes abriu um sorriso: – Bom trabalho.

Claro, o problema do *hrímthursar* ainda precisava ser contido.

Laurie puxou o arco e, como antes, requisitou mentalmente flechas que ela poderia acender.

– Podemos incendiar as flechas naquilo – sugeriu Baldwin, apontando o Jotunn flamejante que agora conversava consigo mesmo. As duas cabeças discutiam se as Badlands eram parecidas com o lar deles ou se o lar era parecido com as Badlands.

– Ei, você é um lobo grande – comentou Baldwin com Skull. – Que tal você se transformar e eu cavalgo sobre você? Aí você corre em direção ao fogo e...

– Que tal *não*. – Skull balançou a cabeça. Ele encarava o chão. – Eu só preciso de um par de boas pedras...

– Ou podemos simplesmente fazer isto – sugeriu Helen. Com outro aceno da mão, ela mandou o Jotunn de duas cabeças em direção ao Jotunn de gelo. – Venham, queridos, temos que finalizar os trolls.

Então ela saiu andando, cantarolando uma musiquinha como a mãe de Laurie fazia quando elas saíam em uma caminhada para um piquenique vespertino.

– Sua tia é assustadora – comentou Skull.

– Você também é parente dela – contou Laurie.

O Saqueador, outrora intimidador, teve um calafrio.

Qualquer coisa que ele pudesse ter respondido foi perdida sob um rugido quando, atrás deles, o Jotunn bicéfalo de Hel se chocou contra o *hrímthursar*. Fogo e gelo se esmagaram um contra o outro, e logo o ar ficou

embaçado. O vapor se espalhou como uma névoa em volta deles, e ficou muito difícil de enxergar qualquer coisa. Era como ficar dentro de uma daquelas saunas da academia de que a mãe dela gostava: quente e difícil de respirar.

– Recuem – ordenou Laurie.

– Cuidado com a fissura – acrescentou Fen.

Um tremor balançou o chão sob seus pés, e a terra pareceu se rasgar de novo. O movimento atirou todos cambalhotando para o chão. Laurie rolou por uma colina abaixo, que não vira, parando com um baque ao chocar-se contra uma pedra.

– O que foi isso?

– O filho de Thor está enfrentando a Serpente de Midgard. – A voz de Helen vinha de longe. – Não soa promissor.

Ninguém mais respondeu ou mesmo falou.

Quando Laurie se levantou, não conseguia sentir nenhum dos meninos por perto. Disse os nomes deles, agitou os braços em volta e... descobriu que estava sozinha no fundo de qualquer que fosse a colina da qual despencara.

O choque entre fogo e gelo também soltava sibilos barulhentos repetidamente... o que era mais assustador do que deveria ser, considerando que eles tinham acabado de enfrentar uma cobra gigante. Em uma questão de instantes, Laurie mal podia ver na névoa a seu redor. Várias vezes ela tropeçou, caiu de joelhos e teve que se levantar de novo.

Embora a névoa dificultasse a visão, a menina ainda escutava gritos e grunhidos. Ondas de frio e calor a atingiam, e clarões vermelhos do Jotunn de fogo iluminavam o nevoeiro como explosões.

– Fen! Baldwin! – Depois de uma pausa relutante, ela acrescentou: – Skull?

Ninguém respondeu. Ela só escutava os sons de batalha e o sibilo do vapor.

Cuidadosamente, Laurie começou a escalar de volta o aclive até onde achava que estivera, na esperança de pelo menos voltar às pedras para que ninguém pudesse atacá-la por trás. Tinha andado talvez por três metros quando sentiu o toque de pelo contra o braço e gritou, surpresa. O lobo empurrou a mão dela com o focinho, depois deu uma mordidinha na manga e a puxou.

– É melhor que você seja Fen – murmurou ela enquanto permitia que o lobo a guiasse para fora do pequeno barranco onde tinha caído quando o chão sob seus pés havia tremido.

VINTE E DOIS



MATT

"VANTAGEM INJUSTA"

A serpente aterrissou. Não, não era uma serpente. Uma cobra gigante certamente não era algo a se desprezar, mas se você ficasse longe da cabeça e das presas dava para administrar a situação. Isto? Isto era um dragão do tamanho da escola de Matt.

Ele tinha visto a serpente duas vezes ondulando pelo solo, e muito claramente esta não se tratava de uma cobra subterrânea, então não poderia ser a Serpente de Midgard, certo? Porém, bastou uma olhada de perto para perceber que essa hipótese não se sustentava. Ela podia ter a cabeça e as asas, e até as patas dianteiras e garras de um dragão, mas o resto era serpente pura: verde-esmeralda nas costas com uma barriga verde-pálido. Fora isso que ele tinha visto no solo.

Um dragão serpentino. Capaz de se enterrar no chão ou voar no céu. Um dragão com asas que poderiam atirar seu minúsculo corpo contra as rochas. Um dragão com garras que poderiam rasgá-lo em pedacinhos. Um dragão com presas do tamanho do seu antebraço, que lançariam um veneno mortal em suas veias com um único arranhão.

A serpente aterrissou. Matt ergueu o escudo. Era do tamanho de uma narina imensa de dragão.

Aquilo. Não. Era. Justo.

O dragão abriu a boca. Matt viu fios de fumaça e um leve brilho vermelho no fundo da garganta negra sem fim do monstro.

Não. Sem chance. Por favor, que esse não seja um dragão do tipo que sopra...

Chamas irromperam da garganta da Serpente de Midgard. Felizmente, Matt já tinha levantado o escudo. Infelizmente, era meio como bloquear um gêiser com o dedo. As chamas correram em volta do escudo e circundaram sua superfície gelada, fazendo Matt cair para trás com um ganido.

A serpente respirou fundo, preparando o segundo sopro. Matt se jogou atrás de uma pedra, mal a alcançando a tempo. Então se agachou ali, com a cabeça tonta.

Não é justo. Não é justo. Não é justo.

As palavras ficaram se repetindo no cérebro dele. Sem significado. Não dava para gritar *Falta!* aqui. Hildar tinha tentado. As Nornes aparentemente não podiam fazer nada para corrigir. Vale tudo na guerra e no apocalipse.

Matt respirou fundo. Ergueu Mjölnir. Então espiou cuidadosamente sobre a...

Uma onda de chamas encobriu a rocha. Matt se jogou no chão. Ficou deitado ali, de bruços, ponderando as opções.

Opções? Que opções? Estou encurralado atrás de uma pedra por um dragão de trinta metros que cospe fogo.

Bem, não, isso talvez fosse um leve exagero. O dragão não tinha bem trinta metros. Talvez uns vinte e quatro. A parte de estar encurralado atrás de uma pedra, no entanto? Matt levantou a cabeça de novo, sem nem conseguir erguer os olhos acima do topo, antes que a serpente o atacasse com chamas.

É, aquela parte? Totalmente correta.

Com o escudo erguido, Matt começou a se levantar de novo para ver se conseguiria dar só uma olhada, com a cabeça protegida, e jogar Mjölnir...

A onda de fogo seguinte acertou o escudo com força suficiente para derrubá-lo de costas no chão.



Certo. Novo plano.

Enquanto Matt se levantava, o chão vibrou. Por um segundo, o menino pensou que fosse ele mesmo tremendo de medo. Porém, apesar do grande apuro, não era ele quem tremia. O que queria dizer que a serpente...

Matt se enfiou entre duas pedras bem a tempo, enquanto a serpente contornava seu esconderijo original. Ela parou, estreitando os olhos ao espiar o ponto agora vazio. Quando encarava a criatura, Matt jurou escutar a voz de Reyna em seu ouvido.

Hum, Matt? Você já enfrentou monstros flamejantes antes.

Certo, mas...

Depois o treinador dele, quando Matt entrou em pânico uma vez indo para o ringue contra um cara que parecia ter o dobro de seu tamanho.

Isso só quer dizer que você não pode esperar nocauteá-lo no primeiro golpe, Matt. Concentre-se no que pode *fazer.*

Ignore o tamanho do dragão. Concentre-se no problema atual. A parte do sopro de chamas.

Matt fechou os olhos e imaginou uma nevasca: neve, gelo e ventos tempestuosos castigando o dragão infeliz. Ele se concentrou o máximo possível, e, depois de um minuto, um floco de neve pousou no seu nariz. Sorrindo, Matt abriu os olhos e viu...

Grandes e fofos flocos de neve caindo gentilmente do céu.

Não foi bem o que pedi.

Ainda assim, empolgado com a reação rápida, mesmo que não inteiramente avassaladora, ele apertou os olhos e visualizou a pior tempestade de que se lembrava. Três anos atrás. Eles estavam na escola quando ela começou, despejava tanta neve que as crianças tiveram que passar a noite lá.

A neve fofa continuou caindo preguiçosamente.

Sem problemas, é só continuar...

O trovão soou. Uma rajada de vento soprou, agarrando o escudo e erguendo Matt na ponta dos pés. Ele puxou o escudo de volta e abaixou a cabeça contra a incrível ventania.

Bem, você pediu por ventos tempestuosos.

Verdade, mas ele precisava muito da neve junto, e mesmo aqueles flocões inúteis pareciam ter parado. Espera. Não... Matt os via. Caindo em outro lugar. Só não caíam nele.

Matt olhou para o alto e viu o dragão. Bem acima dele. Voando. Bloqueando a neve sutil. As asas batiam provocando aquelas rajadas de vento, enquanto ele abria a boca para...

Matt mergulhou exatamente quando a Serpente de Midgard soltou outra maré de chamas.

Ela não deveria poder voar no ringue.

Não, ela só não poderia voar muito alto. O voo em si? Não era uma violação de regras.

O dragão lançou mais uma onda de fogo, que incendiou a grama seca em volta das rochas. Matt correu para o campo aberto o mais rápido que podia, fazendo um esforço para pensar, apenas pensar, pensar, pensar...

– Matt!

Tinha alguém chamando seu nome? Matt não ia reduzir o passo para descobrir.

– Matthew! Matty!

O estômago de Matt gelou. Ele conhecia aquela voz. Mas não podia ser. Ninguém tinha permissão de entrar ali, exceto ele e o dragão.

Sem regras, Matt. Sem juízes. Não desta vez. Vale tudo.

O dragão deu um rasante abrindo a mandíbula, exibindo os dentes cintilantes. Matt se jogou no chão e rolou.

– Matty! Por aqui!

Parando de rolar, Matt se voltou para a voz. Seu avô estava em cima de uma das pedras, acenando loucamente. Matt deu uma olhada, se levantou em um salto e correu para o lado oposto.

Vovô? Aqui? Na luta?

Ele realmente achava que Matt teria chance contra a verdadeira Serpente de Midgard? Que o resultado não estava garantido e que o dragão precisaria de *ajuda* para derrotar aquele menino mortal insignificante?

– Matt! Por aqui! Estou tentando ajudar você!

Matt se virou para encarar o avô.

– Me desculpe! – gritou o avô. – Eu cometi um erro, mas estou aqui do seu lado agora.

De tudo pelo que Matt tinha passado, nada fora pior do que ouvir aquelas palavras. Com a mente girando, a autoconfiança estraçalhada, incapaz até mesmo de pensar em uma estratégia contra o monstro que circulava acima, ele não havia perdido a esperança. Uma esperança completamente louca e sem fundamento, mas esperança mesmo assim. *Eu consigo. De algum jeito, eu consigo*. Então, Matt ouviu aquelas palavras e algo dentro dele se partiu. Foi preciso usar toda a força para não desabar no chão, abaixar a cabeça e chorar.

Você fez isso comigo. E não é suficiente me querer morto. Você tem que me ajudar a morrer, fazendo de presa aquela única fagulha dentro de mim que ainda tem esperança; o garotinho que ama o vovô e não consegue acreditar que você o mandou para morrer.

Matt não desabou no chão. Ele não chorou. Não parou de correr. Mas ele respondeu. Uma resposta que o avô jamais teria imaginado que sairia dos lábios dele. Uma resposta irrepetível. Mas a única, naquele momento, que Matt poderia dar.

Matt correu até a outra projeção rochosa. Ele a alcançou bem quando uma língua de fogo contornou a rocha e queimou sua perna, incendiando sua calça jeans. Ele começou a se jogar no chão para apagar as chamas, mas a serpente o acertou com mais uma bola de fogo e Matt mal teve tempo de erguer o escudo. Este se congelou de novo, protegendo Matt, mas o menino já tinha começado a vacilar, então seu joelho cedeu, ele caiu e...

Alguém o agarrou. Matt golpeou com Mjölnir para cima, mas a trajetória estava errada e, quando o golpe se completou, o avô já o segurava pela camiseta. Matt não conseguia alcançá-lo enquanto era arrastado pelo chão.

Matt se revirou e lutou, e então se lembrou do outro Martelo. Estendeu a mão para lançá-lo, mas o avô já o tinha largado em um espaço entre duas pedras. Matt caiu no chão e lutou para se levantar, mas bateu a cabeça em outra pedra.

Um tipo de caverna. Era onde ele estava. Uma formação rochosa esquisita e meio cavernosa. Matt começou a tentar sair, mas então parou.

Ele estava seguro. Protegido acima e em três lados por pedras. O quarto lado era aberto, mas uma distribuição de várias grandes pedras próximas espalhadas significava que o dragão não poderia alcançá-lo. A fera era, talvez ironicamente, grande demais.

Estou seguro.

Não, você está preso.

Verdade. Ele estava encurralado. A única saída levava ao dragão. Porém, ainda que a intenção do avô sem dúvida tivesse sido prendê-lo, dera sem querer a Matt um lugar para recuperar o fôlego e pensar.

O chão tremeu quando o dragão aterrissou.

– Você não deveria estar aqui! – gritou o avô para o monstro. – Esta luta não é sua.

O dragão sibilou e bateu as asas, percutindo o ar.

– Há outra escolhida – afirmou o avô. – Ela aguarda fora do ringue. A verdadeira campeã. Uma serpente de sua linhagem. Você tem que se retirar e permitir que ela tome o seu lugar.

Um rosnado. Seguido por um grito de dor do avô, que fez Matt se lançar adiante antes de se deter.

É um truque. Mesmo que não seja, ele só está tentando seguir as regras e deixar alguém da família de Astrid assumir o lugar dela.

– Fora daqui, serpente! – gritou o avô de Matt. – Senão, se você tomar o lugar de sua campeã, eu tomarei o lugar do meu. As Nornes me permitiram neste campo de batalha porque você quebrou as regras. A menos que se retire, tenho permissão para ficar.

Matt saiu correndo do esconderijo, gritando:

– Não!

Ele escalou uma das pedras e viu o avô aos pés do dragão.

– Está tudo bem, Matt! – gritou o avô de volta. – Eu dou conta disso. Me dê Mjölnir, e eu lutarei contra a serpente por você.

Matt quase riu daquilo.

– Dar Mjölnir a você?

– Eu pude entrar sob a condição de estar desarmado, exceto pelo meu amuleto. Mas posso empunhar o martelo de Thor. Entregue-o a mim, e eu farei isto por você.

– Você realmente acha que vou acreditar nisso? Você não vai usar Mjölnir para enfrentar o dragão. Você vai tomá-lo de mim para garantir minha derrota. Você acha que eu tenho uma chance de sobreviver, de vencer.

– Sim, acho. Você provou que eu estava errado, que isto não precisa acabar da forma que o mito diz. Você trouxe Balder de volta dos mortos.

Você conquistou Astrid para seu lado. O resultado da luta pode mudar. Vejo isso agora, e estou aqui para ajudá-lo.

– Não acredito em você. – Matt ergueu o escudo. – Eu sou o Campeão de Thor, serpente. É comigo que você vai lutar. *Só* comigo que vai lutar.

– Matt, não!

O dragão disparou pelo céu, tão alto quanto poderia sem bater na barreira. Então, deu um rasante contra Matt. O menino jogou Mjölnir e mergulhou de volta no abrigo rochoso. Um rugido de dor quando Mjölnir o acertou. O martelo voou de volta à mão do menino.

O esconderijo de Matt ficou escuro quando o dragão pairou acima dele. As chamas encobriram as rochas. Matt se apertou contra o fundo o máximo possível, com o escudo protegendo o rosto. O suor jorrava.

Então a fera soltou outro grito de raiva e dor.

– Isso! – gritou o avô. – Por aqui! Se quebrar as regras, então nós também poderemos. Você terá dois descendentes de Thor para enfrentar hoje, serpente. Venha e...

Um berro do avô. Matt correu e o encontrou no chão. Ele estava sem escudo. Nem martelo. Somente seu poder de Thor, que não era suficiente. Matt viu o avô deitado ali, derrubado pelo dragão, e não se importou se ele estaria do seu lado ou não. Aquele ainda era seu avô.

Matt arremessou Mjölnir. O martelo quicou no flanco da serpente, e se a criatura sentiu, não deu sinal. Só ficou pairando ali, com olhar fixo no alvo e no avô.

O dragão abriu a boca. Matt gritou um aviso. A fera disparou uma onda de fogo, mas o avô conseguiu rolar para fora do caminho e se esconder atrás de uma pedra.

Matt escalou a rocha mais alta. Fitou o céu e convocou o poder de Thor. O verdadeiro poder. Não gelo, neve e vento, mas chuva, trovão e relâmpago.

O poder do deus das tempestades. Deu tudo de si para convocar esse poder, na crença de que o possuía. E os céus se abriram e a chuva desabou torrencialmente.

O dragão caiu na terra como se empurrado por algo gigante e invisível. Soltou um rugido. Então foi pisando pesado até Matt. O menino lançou Mjölnir, atingindo o focinho do dragão, que emitiu mais um rugido. Então ele inspirou fundo, inflando o peito, e Matt ouviu o avô gritar seu nome, as palavras afogadas pela chuva torrencial.

As mandíbulas do dragão se alargaram o máximo possível. Chamas nasceram na garganta, preencheram a boca, emergiram e... desapareceram.

O dragão ficou ali parado, confuso, com uma bolha de fogo girando na boca, sem ir mais longe. Matt atacou com Mjölnir. O martelo voou e a fera saltou. Pulou com a graciosidade de um gato, e o martelo passou inofensivo por ela. Matt desceu da pedra para o esconderijo.

O buraco ficou escuro. O vento chicoteava a chuva enquanto o dragão pairava acima da pedra. Então estendeu as garras imensas para baixo, como se fosse pousar. Aquelas garras, cada uma tão longa quanto o antebraço de Matt, envolveram a pedra do topo enquanto Matt se encolhia ainda mais, fora de alcance. Mas elas não tentaram feri-lo. Seguraram a pedra, puxaram-na, e a rocha sumiu acima de Matt.

O menino saiu correndo do esconderijo arruinado. Olhou para cima e viu o dragão pairando ali, com a imensa pedra nas garras. Voou diretamente acima de Matt e as garras começaram a se abrir.

– Matt! – gritou o avô.

Matt não se mexeu. Preparou Mjölnir. A fera soltou a pedra. Seu avô gritou, um terrível berro rouco.

Mas Matt já estava lançando Mjölnir e o poder do amuleto, um atrás do outro. Mjölnir acertou a pedra e a explodiu em cem estilhaços. O poder de

Martelo acertou os estilhaços e os arremessou contra a barriga do dragão. E Matt saiu do caminho antes que a gravidade assumisse e trouxesse a chuva de pedras em sua cabeça.

Enquanto o dragão guinchava de dor, Matt correu até o avô, empurrando-o para fora do caminho; a nuvem de rochas caindo inofensiva atrás deles. Então, Matt girou de volta para o dragão e viu rasgos em seu abdômen, onde alguns dos estilhaços mais afiados tinham se cravado. As asas batiam, açoitando a chuva como balas de granizo. Matt não parou a tempestade. Por mais que a chuva o machucasse, feria igualmente a fera... e extinguia suas chamas.

Matt atirou Mjölnir de novo. Desta vez mirou no olho do dragão, e a fera estava furiosa demais para vê-lo chegar. O martelo a acertou. O dragão urrou, o som batendo como ondas. Matt levou as mãos às orelhas, quase deixando de pegar Mjölnir quando este voltou. Apanhou a arma e a arremessou de novo contra o mesmo olho, mas desta vez o dragão viu e se afastou, voando desajeitado, lutando para manter seu voo no meio da tempestade e pendendo para um lado como se estivesse meio cego.

Mãos seguraram Matt. Ele girou e viu o avô.

– Nós podemos... – começou o avô.

– Não – retrucou Matt. – Não tem nada de *nós*.

O rosto do avô se entristeceu com isso, mas não havia choque nos seus olhos, só tristeza e compreensão.

– Se você realmente quiser lutar contra a serpente, então lute – continuou Matt. – Eu farei o mesmo. Só que não juntos. Não confio em você. Não espere que eu confie.

– Eu estava errado. Eu...

– Não. – Matt deu um passo para trás, balançando a cabeça. – Se for lutar, então lute. Qualquer outra coisa é uma distração. E provavelmente

uma mentira.

– Eu... – O avô arregalou os olhos. – Matt!

Matt ouviu o dragão primeiro. Escutou o forte bater de suas asas. O menino estava preparado. Nada que o avô dissesse iria distraí-lo, e ele estivera prestando atenção naquele som. Matt girou e arremessou Mjölnir. O martelo acertou a lateral do crânio do dragão, estalando como um trovão. O dragão berrou e se elevou, batendo as asas forte e rápido. Então mergulhou.

Matt fez o mesmo. Enganou o inimigo, indo primeiro para uma direção, depois se virando e mergulhando para outra, rolando para atrás de uma pedra.

Ouviu um grito. Não do dragão. Do avô. Matt se levantou em um pulo e girou, vendo o avô preso nas garras gigantes da fera. Matt saiu correndo de trás da pedra.

– Não! – gritou tão alto que a garganta doeu. – Ele não é o campeão. Sou eu! Sou eu que você...

A Serpente de Midgard jogou o avô de Matt no chão. Lançou-o às pedras abaixo.

Matt soltou um grito. Correu na direção do monstro e arremessou Mjölnir. A arma alvejou o focinho gigante. O dragão recuou. O movimento súbito o desequilibrou, e a fera tombou no chão. Matt correu até o avô, que estava entre as pedras, gemendo.

Matt pegou o avô e o carregou até uma projeção rochosa. Colocou-o entre duas pedras, enquanto ouvia os baques distantes do dragão.

Assim que Matt o pôs no chão, o avô desabou. Tentou levantar a cabeça, mas não conseguiu.

– Espere aqui – disse Matt. – Vou acabar com isso.

– Eu sei. – Os lábios do avô se curvaram em um sorriso dolorido, os olhos azuis reluzentes de orgulho. – Eu sei que vai. Você consegue vencer, Matt. Você *vai* vencer esta batalha. Eu entendo isso agora e sinto muito por...

– Shh. Não fale. Eu já volto.

Matt tentou partir, mas o avô segurou sua mão.

– Eu cometi um erro. Achei que estivesse fazendo o melhor para o nosso povo. Que os estava salvando. E, sim, significava deixar você partir, mas isso não era decisão minha; você era o campeão escolhido, e eu não via nenhum jeito de salvá-lo. Disse a mim mesmo que você iria ao Valhalla e assumiria seu lugar com o próprio Thor e que estaria melhor lá, não aqui depois do Ragnarök, lutando pela sobrevivência com o resto de nós. Aceitei o nosso destino e o seu porque achei que eram inevitáveis. Mas eu estava errado. Agora sei por que você foi escolhido, Matt. Você tem o poder e a coragem de Thor, mas é mais do que isso. Você vai vencer a batalha porque tem o coração de Thor. Estou tão, tão orgulhoso de você, e peço tantas, tantas desculpas por tudo.

Por um momento, Matt não conseguiu se mover. Era tudo o que ele queria ouvir, tudo o que sonhara escutar, tudo o que tinha se considerado um tolo por imaginar. O que quer que acontecesse com a Serpente de Midgard, *esta* era a verdadeira vitória de Matt. A verdadeira recompensa, e ele ficou agachado ali, boquiaberto, sem conseguir dizer as palavras que queria.

– Vá – disse o avô. – Você não pode dar as costas a ele.

Matt assentiu. Abaixou-se para abraçar o avô.

– Eu vou deixar você muito orgulhoso – disse.

Então se afastou, pronto para fazer exatamente isso: matar o dragão. Porém, quando se moveu, a cabeça do avô tombou, com os olhos azuis

abertos, a respiração interrompida.

– Não – sussurrou Matt. – Não!

Atrás dele, o dragão rugiu.

VINTE E TRÊS



MATT

"DESTINO"

Vovô estava morto.

Morto.

Matt se levantou em um salto. Mal via o dragão em meio à chuva e à fúria. Correu contra o monstro, lançou Mjölnir e disparou o poder do Martelo, mas ambos erraram; Mjölnir voando longe e o Martelo falhando. Até mesmo a chuva pareceu diminuir, caindo irregularmente, como se descesse na montanha-russa das emoções do menino: a fúria e a tristeza e o medo e a confusão.

Uma nova onda de raiva, e ele atirou Mjölnir de novo. O dragão se esquivou com facilidade e voou na direção de Matt, que teve que correr para se proteger atrás de uma pedra quando as chamas vieram. O fogo engasgou de novo, mas lento agora, com fagulhas ainda atingindo o rosto e as mãos de Matt.

Mjölnir retornou, e Matt se preparou para jogá-lo de novo. Então parou. Ouviu as palavras de Hildar; *a raiva leva à fúria, e a fúria, à fraqueza*, e repassou seus últimos movimentos. Tinham sido incertos e cegos.

Ela tem razão. Eu posso até me sentir melhor tacando este martelo no assassino do meu avô, mas o que estou conseguindo além de me cansar? E de dar tempo para o dragão se recuperar?

O que mais ela dissera? *O melhor guerreiro é dedicado e passional, mas mantém a cabeça fria. Não é uma questão de vingança ou vitória. É uma questão de honra.*

Honra. Uma bela palavra. Mas será que aquilo seria mesmo uma questão de honra? Não. Uma luta por honra era uma luta em defesa de algum ideal nebuloso. O que estava em jogo aqui não era nada nebuloso. Matt se recordou do pesadelo que a mara tinha lhe mandado e teve um calafrio, como se houvesse sido atirado naquela devastação gélida novamente. Lembrou-se do abismo, das vozes, dos gritos, das pessoas presas no gelo caindo para Hel, tudo porque ele fracassara naquela luta.

Honra era uma bela palavra, mas aquela era uma batalha pela vida. Se ele perdesse...? Matt contemplou as estrelas, a Carruagem de Thor, sim, mas principalmente as estrelas atrás dela, bilhões de estrelas, bilhões de vidas.

Matt sentiu o peso de Mjölnir. Olhou para o céu de novo e se concentrou, de cabeça fria, como Hildar dissera. Foco puro e simples. Tinha que saber o que queria e, então, fazer acontecer.

O vento acelerou, e poderia até ser o dragão batendo as asas, mas Matt não acreditaria nisso. Não aceitaria. Pela primeira vez na vida, ele não duvidaria e depreciaria suas habilidades e poderes. Aquele vento era dele. Ele o controlava. Ele o *possuía.*

A chuva incerta começou a cair reta e segura. Então o vento a pegou, soprando-a como projéteis gélidos, e Matt pensou em mais cedo, quando o bater das asas do dragão pareceram transformar a chuva em granizo, e foi isso que o menino pediu. Não, foi isso o que *ordenou.*

E foi o que caiu. Lentamente, de início, uma chuva pouco sólida que o encharcava até os ossos. Depois a chuva se endureceu, e Matt ergueu o escudo sobre a cabeça ao deixar o esconderijo com passos largos. O granizo martelava como bolas de golfe, metralhando o escudo de madeira; o som era ensurdecedor, mas Matt seguiu em frente. Foi direto até o meio da área aberta. O dragão voava acima dele. Não dava mais para ouvi-lo, mas seu

vulto lançava uma sombra, bloqueando o pouco de luz que a tempestade deixava passar.

Então ele viu a fera mergulhando bem em sua direção, com garras estendidas. Matt girou para fora do caminho e arremessou Mjölnir. Acertou uma das feridas abertas no peito do dragão, que soltou um rugido que ressoou acima do granizo.

Matt pegou o martelo. A fera mergulhou de novo. Matt girou, mas escorregou no piso coberto de gelo. Um pé correu para a esquerda, o outro, para a direita, e o menino começou a cair. O dragão soltou um berro estridente de triunfo. Garras gigantes envolveram Matt. O escudo caiu. O menino lutou como louco, golpeando o animal selvagemente com o martelo, mas as garras se fecharam e o dragão o ergueu no ar..

Matt girou para olhar para cima e viu apenas trevas. Um céu de noite sem fim. Ele sabia que não era isso que ele enxergava, na verdade. Era a barriga do dragão bloqueando tudo o mais, só que, em sua mente, viu o céu do pesadelo, todas as estrelas extintas, e pensou um *Não* claro, calmo e deliberado..

Não vou deixar as estrelas se apagarem.

Baixou Mjölnir, testando o peso como se fosse um taco de beisebol. Então deu uma tacada na fina perna de pássaro do dragão. A fera guinchou. Ele bateu de novo no mesmo ponto, e as garras se abriram.

Matt caiu. Nem olhou para baixo para ver a altura. Não se permitiu olhar. Fechou os olhos, concentrou-se no vento e uma rajada o ergueu, desacelerando a queda. Ele ainda aterrissou com força suficiente para gritar de dor quando os joelhos sentiram o impacto. Mas conseguiu cair de pé.

Viu o escudo e o deixou onde jazia. O granizo caía como bolas de softball agora e, a cada impacto, Matt sentia um futuro hematoma. Ele

pensou: *E daí que eu ficarei cheio de roxos. Viverei para vê-los, e é só isso que importa.*

O dragão pousou. O granizo era demais, cobrindo suas costas com gelo. Aterrissou bem diante de Matt, e os dois se entreolharam, o dragão com um dos olhos meio fechado, o focinho amassado e dor e fúria ardendo no olho bom. Ele contemplou Matt parado ali e soltou um ruído, um barulho grave e retumbante, que não era um grunhido nem um rosnado. Era uma risada.

O dragão fitou Matt de cima: um menino mortal, menor do que sua cabeça, segurando um martelinho; aquele menino desafiando-o em campo aberto, longe de qualquer abrigo. E riu.

Então rosnou, abrindo a mandíbula tanto quanto era possível, presas gigantes reluzindo... E Matt atirou Mjölnir. Jogou o martelo direto na garganta da fera.

O dragão parou ali mesmo, arregalando o olho ferido. Então começou a engasgar. Matt se afastou, olhou para o céu e parou o granizo.

O dragão agitou a cabeça violentamente, com a boca ainda escancarada. Matt pulou para trás, mais uma vez escorregando no gelo. Quando girou para se segurar, as presas da serpente rasgaram-lhe o jeans. Ao sentir o corte no tecido, sua mente voltou-se para o mural no salão de Blackwell: Thor contra a Serpente de Midgard no Ragnarök. O deus derrotando a fera, só para lhe dar as costas e ser mordido com presas envenenadas no último suspiro do monstro, e assim morrer.

Matt se esquivou com o cérebro gritando "Não!", mas a serpente só tinha rasgado sua calça. Ela atacou Matt de novo, ainda engasgada, ainda morrendo, mas lutando com tudo que tinha.

Matt fitou o céu, as estrelas, e fez sua última exigência ao deus da tempestade e trovão. Os céus se abriram em resposta. Um relâmpago perfeito desceu como um dardo, acertando o dragão. Ele ficou iluminado,

queimando vermelho contra as trevas. O imenso corpo teve uma convulsão, depois caiu.

A serpente tombou por terra, espirrando lama e água. Continuou se debatendo, fazendo o chão tremer. Matt ficou tenso, com o poder do Martelo preparado. Mas então, com um estremecer final, a fera ficou imóvel. Veneno escorria das presas e uma nuvem de fumaça subiu da garganta. Então, Mjölnir veio voando e acertou a mão do menino.



Matt olhou para o Martelo, que pingava.

– Baba de serpente – comentou. – Ótimo.

Então riu. Jogou a cabeça para trás e riu.

Houve um momento, segurando Mjölnir sobre a Serpente de Midgard morta, em que Matt só conseguia pensar que tinha vencido. Derrotara a serpente. Havia desafiado o mito.

E então se lembrou dos outros e das lutas deles. Conforme o medo foi se fortalecendo, Matt se recordou de mais uma coisa. O avô. Caído morto nas rochas.

Matt cerrou o punho em volta de Mjölnir, e todos os vestígios daquela risada vitoriosa morreram em sua garganta. Ele pegou o escudo e foi na direção do corpo do avô. Assim que o pé tocou o chão, uma dor ardente o trespassou. Matt olhou para baixo e viu a perna da calça que a serpente tinha rasgado. Debaixo dela, sangue escorria pela pele. Sangue e veneno, enveredando até seu tênis.

– Não – sussurrou ele.

Deixou o joelho cair, largando o escudo e o martelo. Matt rasgou o resto da calça. Lá estava. Um único ferimento de perfuração, criando bolhas agora que o veneno se espalhava pelo corpo.

Você achou mesmo que poderia trapacear o destino, Matt? De verdade?

A exaustão tomou conta dele. Piscou com força e se sentiu tombar. Tentou ficar de pé, mas as trevas caíram, e, com elas, jurou ouvir a serpente rindo.

VINTE E QUATRO



FEN

"DEPOIS DA LUTA"

Os piores monstros tinham sido contidos, e a tia Helen coordenava os retardatários com uma eficiência quase alegre. Fen, entretanto, ainda sentia os tentáculos do medo se retorcendo pelo seu corpo. Havia acabado de ver Laurie rolar morro abaixo e ficar perigosamente perto daquele buraco no chão. Preferiria encarar mais monstros do que passar por qualquer coisa parecida com *aquele* momento de novo.

Decidiu manter a prima a seu lado por qualquer meio necessário, enquanto guiava Laurie para longe dos abismos que levavam a Hel. Honestamente, Fen estava pronto para lhe dar uma pancada na cabeça e mandá-la para casa quer ela quisesse ou não, e ele já sabia que a resposta seria um grande *não*. Infelizmente, era Laurie quem tinha o poder de abrir portais, então ele só poderia dar os braços a ela para evitar que caísse para a perdição de novo.

Estar perto de Laurie agora que ela agia... bem, agia como *ele*, era quase mais assustador do que vê-la ser perseguida por uma cobra gigante com flechas na cara. Se eles sobrevivessem ao fim do mundo, ele ia designar alguns membros da matilha para vigiá-la vinte e quatro horas por dia. Esta aventura toda tinha transformado sua prima, que antes evitava encrencas, em uma versão feminina dele. Isso não era bom. Nem um pouco.

– Ela pode liderar a matilha – afirmou Skull, espantado. – Você tem certeza de que ela não é um lobo?

– Eu sou um peixe, na verdade – interveio Laurie.

– *Peixe?* – repetiu Skull, boquiaberto.

Fen deu de ombros.

– Cara, nossa família é esquisita de tantos jeitos, e é o lance do peixe que surpreende você?

– Salmão – acrescentou Laurie.

– Ah. – Skull ficou olhando para ela e balançou a cabeça.

Fen fez cara feia para ele. Já era ruim o bastante que Owen a contemplasse maravilhado; Fen não ia tolerar que nenhum dos lobos fizesse o mesmo. Parentes mantinham familiares fora de perigo. Skull e Owen eram ambos perigosos, especialmente agora que Laurie parecia curtir batalhas e aventuras. Com certeza aqueles dois tinham uma grande chance de acabar em perigo. Owen dispunha de uma horda de lutadores; Skull fora alfa da matilha.

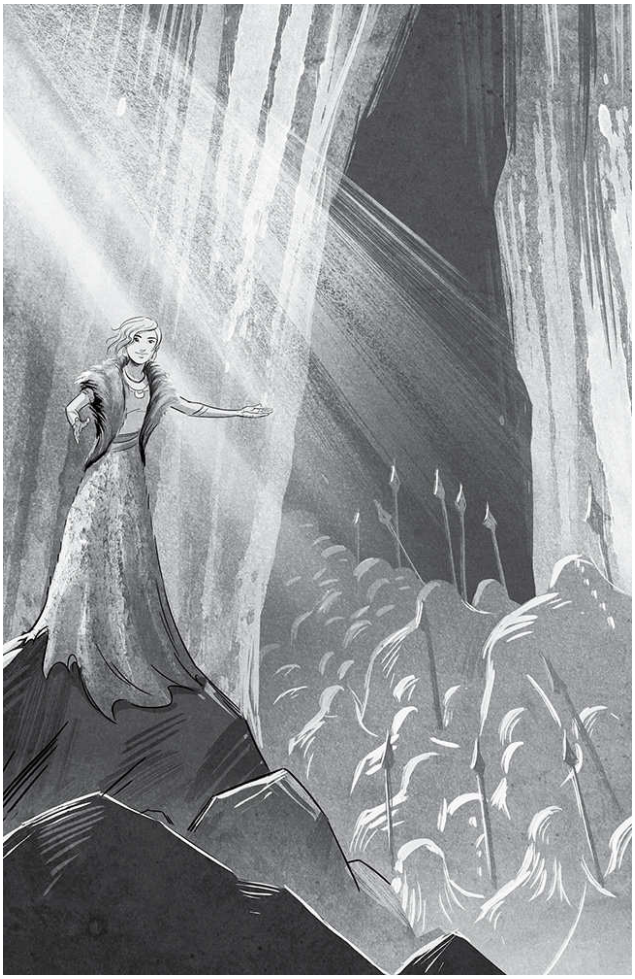
Fen puxou Laurie para mais perto de si. Dar uma pancada na cabeça dela e trancá-la em uma fortaleza parecia um plano melhor a cada minuto.

As pequenas lutas restantes estavam se encerrando. A maioria dos monstros seguia até a tia Helen, que parecia uma maestrina de orquestra orientando a multidão a seguir para a fenda na terra que levaria ao domínio dela. Helen perambulava pelos penhascos e fissuras com o rosto parecendo quase vivo, pela primeira vez. A soberana de Hel parecia estranhamente *feliz*.

– Ela é uma heroína tão importante quanto qualquer outro de nós – murmurou Laurie, percebendo a direção do olhar de Fen.

Helen ergueu o olhar, encontrando o dele sem hesitação.

– Espero visitas, crianças. Vou até lhes poupar a viagem da próxima vez, já que provaram que podem completá-la com sucesso.



Fen ficou de boca aberta.

– Foi um teste – disse Laurie, meio perguntando.

– É claro – concordou Helen com um sorriso que Fen já vira no próprio rosto muitas vezes. Eles realmente *eram* parentes. Havia algo de estranho e meio legal em perceber que aquele ser imortal era mesmo uma parte da família dele. Helen acenou com a cabeça para ele e voltou a arrebanhar os monstros para Hel, onde, como ela falou: – Eles ficarão mais confortáveis.

– Obrigada – disse Laurie à tia.

Helen se virou para ela subitamente triste, e acrescentou:

– Papai teria gostado.

Fen não sabia o que dizer diante disso. Loki, seu ancestral morto havia muito tempo, era só um nome e contos para eles, mas para Helen tinha sido uma pessoa, um pai, alguém real. Antes que ele pudesse decidir como responder, Helen deu as costas e se foi.

– Temos que encontrar o Matt – decidiu Fen. – Os lobos estão ajudando... tia Helen. – Ele fez uma pausa, agora confortável em chamá-la de tia.

– Vamos lá – disse Laurie.

Fen estava pronto para se jogar na cama e dormir por dias. Uma coisa de cada vez, porém: eles tinham que dar uma olhada em Thorsen. Obviamente ele havia vencido o dragão, mas, nos mitos, morria por causa daquela luta.

Como se Laurie pudesse ler a mente do primo, disse:

– Ele vai estar bem. Tem que estar.

Fen só pôde assentir. Não estava tão otimista quanto ela.

MATT

– Matt? Matt?

Alguém o chacoalhava. Ele abriu os olhos e viu...

A luz do sol.

Um gato pulou em seu peito e o observou. Então um rosto bloqueou o sol. Reyna, sorrindo.

– Ei, campeão, já terminou a soneca? Tenho certeza de que sua luta deve ter sido bem mais cansativa que a minha, mas acho que você já descansou o bastante.

Matt ergueu a cabeça. Ray estava atrás de Reyna. Do outro lado, Hildar desmontava do cavalo.

– Você abateu a serpente – afirmou Hildar.

– Dragão – grasnou Matt. – Era um dragão.

– Claro que era – disse Reyna.

Ela sorriu de novo, um sorriso imenso, brilhante como o sol, e Matt a contemplou por um momento antes de começar a se levantar, piscando os olhos. Estava deitado no campo de batalha, com a Serpente de Midgard amontoada a seis metros de distância. A boca da fera estava aberta, as presas, expostas. Ao ver aqueles dentes, Matt puxou a perna da calça. A marca ainda estava lá, vermelha e inchada, mas nada mais.

– Você caiu no rio – explicou Hildar.

– Rio?

– Em Hel.

– Hum, claro, mas...

– Você engoliu o veneno de lá. Lembra-se do que eu disse quando você me contou?

Matt fez um esforço para lembrar:

– Você disse que foi como deveria ser. Então eu fui inoculado?

Ela franziu a testa diante da palavra desconhecida.

– O veneno que eu engoli criou uma tolerância para este outro – explicou ele.

– Sim. Tudo foi como deveria ser.

Ele piscou ainda mais forte e, ao fazê-lo, percebeu que havia outros ali: Laurie e Fen, além de Baldwin e Owen. Atrás deles estavam Tanngrisnir e Tanngnjóstr.

– Todo mundo... está bem? – perguntou ele.

– Parece que sim – respondeu Laurie com um sorriso.

– Nós conseguimos.

Laurie o abraçou. Ela estava imunda e fedia a cachorro molhado e fumaça, mas estava viva.

– Sim, aparentemente nós conseguimos.

– Então, o que aconteceu? – perguntou Matt. – Como foi que vocês...?

– Mais tarde – interrompeu-o Hildar. – Venham agora. Outros os aguardam.

LAURIE

Havia um milhão e doze coisas sobre as quais todos poderiam conversar. Algumas eram simples histórias das lutas pelas quais passaram, mas havia algumas perguntas. Eles poderiam conversar mais tarde. Naquele momento... bem, naquele momento podiam ir para casa. Todos eles sobreviveram. E impediram o fim do mundo e conseguiram *sobreviver* a ele.

– Você está bem? – perguntou Laurie a Matt.

Ele assentiu.

– E você?

– Estamos vivos, e Fen não é um traidor. – Laurie deu uma ombrada nele, como fazia com Fen.

Matt abriu um sorrisinho.

– Nós conseguimos.

– É claro que conseguimos – retrucou Fen. – Nunca duvidei.

Laurie revirou os olhos e Matt balançou a cabeça. Era bom voltar ao normal... ou tão perto do normal quanto possível, quando se estava cercado de Valquírias, bodes mágicos e descendentes de deuses mortos.

– Estamos prontos para ir para casa? – perguntou Laurie.

– Eu levarei a filha de Freya para casa – declarou Hildar.

– *E* o meu irmão! – exclamou Reyna.

– Até mais – disse Baldwin. Olhou para Owen e perguntou: – Posso ir com vocês, gente?

Owen assentiu e disse, hesitante:

– A ameaça acabou, então você não precisa...

– Amigos, cara. Somos amigos agora, né?

Com isso, Owen ficou um tanto espantado.

– Acho que somos.

Laurie sorriu para os meninos. De alguma forma, tinha sido mais fácil lidar com monstros do que com as coisas do dia a dia.

– Nós *todos* somos amigos – disse ela a eles, a voz deixando claro que era uma ordem. – E vamos manter contato, *certo*?

Fen passou o braço sobre os ombros dela.

– O que você quiser, Laurie.

– É como se ela tivesse ficado ainda mais assustadora – comentou Baldwin, no que ele deve ter pensado que era um sussurro.

– Eu gostei – disse Owen baixinho, ganhando olhares de advertência de Matt e Fen.

– Eu espero e-mails! – disse Laurie a todos eles, então abriu o portal para Blackwell e falou com os *dois* pseudoirmãos: – Vamos para casa.

MATT

Matt passou pelo portal. O tio estava lá com uma garrafa d'água e um sanduíche.

– Alan insistiu para que eu trouxesse estas coisas – explicou tio Pete, entregando o lanche.

Matt riu. Abriu a garrafa e bebeu bastante dela antes de perguntar:

– E cadê ele?

– Em casa. A próxima parte é só para a família.

– Ele é da família.

Tio Pete sorriu.

– Obrigado. Fica para a próxima. Coma seu sanduíche e vamos lá. Não queremos uma audiência para isto.

Matt se despediu de Laurie e Fen. Despedidas temporárias. Não era como uma luta de campeonato em outra cidade, em que você dizia que manteria contato, mas nunca o fazia. Eles continuariam unidos. Para sempre. Não havia a menor dúvida.

Depois da despedida, Matt caminhou com o tio. Um vulto veio correndo em sua direção. Por uma fração de segundo, Matt ficou paralisado, com os dedos cerrados em torno de Mjölnir. Então, fitou o céu. O céu azul ensolarado. Sem mais batalhas. Sem mais inimigos. E, com isso, ele viu quem estava chegando: um adolescente com cabelos ruivos e um sorriso largo.

– E aí, garoto – disse Josh, correndo até ele. – Você conseguiu, hein?

Matt não teve chance de responder antes que os braços de Josh o agarrassem, erguendo-o em um abraço tão súbito que Matt soltou Mjölnir. No pé de Josh.

– Ai! – exclamou Josh, soltando Matt e saltitando para longe, segurando o pé. – Martelo grande. Martelo pesado.

Jake se aproximou, rindo.

– Palhaço. – Jake se abaixou para pegar Mjölnir. Os dedos envolveram o cabo espetado para cima. Ele teve que fazer uma força imensa para erguê-lo do chão, e os tendões do pescoço estavam saltados quando ele devolveu o martelo. Matt o pegou com facilidade, e Jake sorriu. – E isso prova a quem ele pertence, não é? – Ele deu um tapa amistoso nas costas de Matt, inclinando-se para manter os pés fora do alcance do martelo.

– Matt?

Outra voz. Mais suave, embargada pelas lágrimas. Matt ergueu o olhar e viu sua mãe. Os olhos dela estavam vermelhos, e ela parecia ter passado uma semana sem dormir. Ao vê-lo, parou e hesitou, como se não tivesse certeza de que era ele mesmo.

– Oi, mãe.

Ela correu adiante, então. Correu e atirou os braços em volta de Matt.

– Cuidado com o martelo! – exclamou Jake, mas ela só abraçou Matt mais forte, dizendo:

– Eu não ligo. Eu não ligo nem um pouco.

Matt sentiu mãos em seu ombro. Virou-se e viu o pai. A mãe o soltou e o pai lhe deu um abraço apertado. Então afastou-se e disse:

– Você conseguiu, Matt.

Matt assentiu, mudo.

– Você conseguiu – repetiu o pai. – Nós sabíamos que conseguiria, e se você pensou, por um minuto, que duvidávamos disso, então temos algumas coisas a resolver. – Mais um abraço. – Agora, vamos para casa.

LAURIE

Laurie saiu do portal por último, como tinha que ser. Ela teve um momento de medo de que ele não se abrisse, que seus dons divinos houvessem desaparecido com os monstros. Tinha medo também de que a mãe estivesse furiosa, que Fen fosse rejeitado, que a família de Matt não o aceitasse de volta, mas, ao olhar ao redor, seus medos desapareceram.

O pai dela abraçava Fen com força, e sua mãe e Jordie já a apertavam tanto que a menina achou que estremeceria de dor. Claro, isso significaria admitir que ela estava um tanto machucada.

– Você conseguiu – disse o pai dela, puxando Fen na direção deles para criar um imenso abraço Brekke. – Estou tão orgulhoso de vocês dois!

– Como foi que impediu o mundo de acabar? – perguntou Jordie.

Laurie e Fen se entreolharam.

– Teve uma batalha. Nós vencemos – contou Fen, depois de um momento. Ele estava fazendo aquela coisa clássica de "Fen suaviza os detalhes" que sempre tinha feito perto da mãe dela.

Ninguém falou mais, e Laurie percebeu que ela e Fen estavam ambos um tanto roxos e sangrando em vários lugares.

– Estamos bem – disse ela, deixando escapar ao notar que sua mãe catalogava seus ferimentos. – A tia Helen estava lá. Não teríamos conseguido sem ela, os Saqueadores e os outros descendentes. Matt enfrentou a serpente. Ah, e as Valquírias e alguns dos descendentes estavam com ele.

– É, sem ajuda, não sei o que nós teríamos feito quando os jötnar... quer dizer... – Fen olhou para Laurie e engoliu em seco.

Laurie pegou na mão de Fen e a apertou, dizendo a ele, sem palavras, que não tinha se incomodado com seu vacilo.

– Tinha alguns monstros, mas nós os vencemos. O mundo está seguro, e nós estamos em casa. Não ficamos feridos, só sofremos alguns arranhões.

Os pais ainda não haviam dito nada. Era um silêncio estranho, tenso, e a mãe parecia prestes a chorar. Então Jordie perguntou:

– Quem é tia Helen?

– Hum, a filha de Loki. Ela governa Hel, o, hum, além – explicou Laurie, baixinho.

– Ah. – A mãe dela piscou os olhos. – Certo... você quer dizer *realmente* a filha dele? Como vocês conseguiram... Esperem, eu quero saber.

– Provavelmente não – respondeu Fen.

Laurie sorriu para a mãe e acrescentou:

– Nós conseguimos, mãe. Está tudo bem agora.

– E eu estou tão orgulhosa. De vocês *dois*.

– Vamos para casa – disse o pai.

Ainda que Laurie soubesse que ele estava se referindo a todos eles, Fen obviamente não sabia. Ele assentiu e afastou o olhar.

– Vejo vocês mais tarde, então – comentou ele, baixinho.

– Você também, Fen – disse a mãe. – Vocês dois precisam de alguma coisa para comer, um banho e uma boa noite de descanso.

– Banho primeiro. Vocês dois estão fedidos – comentou Jordie.

Fen os encarou, surpreso em notar que a mãe e o irmão de Laurie pareciam felizes em *vê-lo* também. Ninguém além de Laurie jamais ficara orgulhosa dele antes do Ragnarök. Continuou encarando, meio que esperando uma risada de sua ingenuidade em acreditar naquilo. Ninguém riu dele, no entanto. Todos sorriam para ele.

EPÍLOGO

Matt estava deitado na cama, olhando para o teto, ouvindo o alarme tocar. Sua porta se abriu. Jake enfiou a cabeça.

– Ei, você vai desligar esse troço, garoto? Ou vai esperar que a vizinhança inteira acorde?

Josh empurrou Jake e apareceu.

– Acorda, acorda, Matt. Mamãe fez um café da manhã especial para o primeiro dia de volta às aulas. Rakfisk e whey. O café da manhã dos campeões.

Matt grunhiu.

Josh riu.

– Brincadeirinha. Ela fez waffles. Você pode ficar na cama por mais uns minutos, está bem? Para nos dar tempo de comer todos.

Matt balançou a cabeça enquanto os dois se retiravam, fechando a porta. Ele bocejou, espreguiçou-se e rolou para fora da cama.

Era bom estar em casa.

Em um lar de Blackwell, Laurie se enrolou na cama, não exatamente pronta para sair do casulo quente e macio de cobertores. Depois de tantas noites deitando-se em sacos de dormir no chão frio, era uma sensação incrível estar na própria cama. Não havia monstros entrando pela porta, nenhuma mara

com aqueles seus pesadelos, nenhum troll fazendo o chão tremer, nada de jötnar. O que *havia* ali era o perfume do café da manhã cozinhando e a risada do pai.

– Levante-se, dorminhoca – disse a mãe, enquanto se sentava ao lado de Laurie. – Seu pai, Jordie e Fen estão me deixando louca.

– Faça cara feia para eles; funciona.

– Que nada. Eu estou em minoria – acrescentou a mãe. – Venha me ajudar na cozinha.



Fen não conseguia esconder o sorriso quando viu a prima entrar na cozinha. Alguns dias atrás, estivera com medo de que nenhum dos dois sobrevivesse. As chances de impedir o fim do mundo foram... ruins. Todos os adultos que ele conhecia, exceto os vilões, achavam que os garotos não tinham nada que correr por aí enfrentando monstros, e ainda que Fen nunca admitisse isso em voz alta, ele meio que concordava com eles.

O destino, ou as Nornes, na verdade, não dera a mínima para a opinião dele. Honestamente, na maior parte da vida de Fen, ninguém tinha. Agora o menino era o alfa de uma matilha de *wulfenkind*, que ele ia tentar convencer a entrar para a escola e planejar futuros melhores. Talvez, então, se algum outro lunático aparecesse falando no fim do mundo, eles não o escutariam tão rápido.

– Fen? Laurie? – O pai de Laurie olhou para os dois. – Tenho uma proposta para vocês. Nós três andamos conversando enquanto estavam fora... lutando. Não vou mais vaguear. Tenho permissão para ficar em Blackwell por conta do que fizeram.

Fen e Laurie trocaram olhares tensos, mas ele percebeu que o irmãozinho de Laurie estava com um sorriso amplo.

– Eu conversei com Eddy – continuou o pai de Laurie. – Ele está disposto a abrir mão do poder pátrio dele se você concordar em nos deixar adotá-lo, Fen. Você concorda com isso?

– Diga sim, para que você seja o meu irmão! – exclamou Jordie.

Laurie apertou a mão dele.

– Você já é meu irmão. Sempre foi.

Então, Fen se virou para a mãe de Laurie. A tia dele jamais gostara dele, e ainda que Fen já tivesse ficado com vários parentes que não gostavam dele, isto era diferente. Ela seria a *mãe* dele se Fen aceitasse.

– Você me daria uma chance? – pediu a mãe de Laurie. – Eu o julguei mal.

Fen assentiu.

– Tudo bem.

Tanto Laurie quanto Jordie se atiraram nele, e os novos pais de Fen sorriram e se juntaram ao abraço em grupo. Fen não era muito fã de abraços, mas aquele era meio que um momento excepcional. Ele tinha uma família, uma família real que o *queria*. Fen desejava abraçá-los.



Laurie e Fen iam andando para a escola em um silêncio confortável, que significava ainda mais para Laurie depois de tudo que tinha acontecido. Eles estavam quase chegando, quando Fen olhou para a irmã e perguntou:

– Você acha que sua mãe se incomoda?

– Não. – Laurie deu uma ombrada nele. – Ela teria feito ele parar antes que nós soubéssemos, se discordasse.

Fen concordou com a cabeça, e os dois andaram mais um pouco antes que ele dissesse:

– Baldwin me mandou uma mensagem. Está tentando convencer os pais a se mudarem para cá.

Laurie riu.

– Se tem alguém capaz de conseguir, esse alguém é ele.

Laurie olhou para os pés, sem querer contar para Fen que tinha notícias de Owen, mas sem ver nenhum jeito de evitar. Eles aprenderiam a se dar bem, ou não. Não tinha a menor chance de Laurie escolher entre os dois; porém, se escolhesse, todos sabiam que Fen ganharia.

– Então, o garoto ciclope já ligou?

– Fen! – Laurie corou e afastou o olhar. Nenhum menino jamais gostara dela antes. – Não chame ele disso.

– Posso chamá-lo de outras coisas – resmungou Fen.

Laurie olhou nos olhos dele.

– Você pode ser um alfa agora, mas não manda em mim. Não tem nenhum direito de escolher meus... amigos e nunca teve.

– Ah, fala sério, Laurie, ele estava disposto a deixar o Matt morrer e não lhe contou que eu ia acabar com os Saqueadores. – A voz de Fen soava rosnante como o lobo que ele era às vezes. – Eu não gosto dele.

Ela suspirou e admitiu:

– Mas eu gosto.

Fen deu um encontrão nela com o corpo todo.

– É, bem, sou seu irmão *de verdade* agora, e não é só para mim que ele precisa provar seu valor. Vou contar para o tio... quer dizer, *pai*, e para nosso irmãozinho tudo sobre o seu *namorado*.

– É claro que você vai – murmurou Laurie. Eles podiam ter salvado o mundo juntos, mas Fen ainda era Fen: superprotetor e ranzinza. – Bem, talvez eu devesse contar a eles sobre as manobras malucas que você fez quando estava lutando.

Fen riu.

– Como lançar flechas flamejantes contra um gigante de gelo? Ou abrir um portal para Hel?

Laurie suspirou.

– Que tal não contarmos nada a ninguém, *incluindo* qualquer coisa sobre Owen.

Por um momento, Fen ficou quieto.

– Certo, mas diga ao ciclope que manterei os olhos nele e que tenho uma matilha de lobos pronta para atacar se ele algum dia pensar em fazer você infeliz.

Laurie abraçou Fen.

– Eu também te amo.

Então ela decidiu que tentaria fazer Matt ou Baldwin conversar com Fen. Era meio maravilhoso só ter que pensar nesses probleminhas, em vez de no fim do mundo ou ataques de monstros. Claro, não havia garantia de que os monstros não voltariam, mas, naquele momento, as únicas crises que ela esperava eram a atitude de Fen e a prova de matemática, para a qual não tinha estudado.



Nem o apocalipse iminente seria capaz de manter a escola fechada por muito tempo. Nem, aparentemente, salvar o mundo desse apocalipse lhe descolaria alguns dias de folga.

O telefone de Matt vibrou enquanto caminhava. Era um celular novo, cortesia de seus pais, que também haviam lhe comprado o iPad para o qual ele estivera economizando. Aparentemente salvar o mundo tinha alguns benefícios, ainda que ele não houvesse convencido a mãe a liberar aquela moto. Derrotar dragões de 24 metros era muito legal, mas não se comparava

aos perigos de fazer trilhas de moto. Matt continuaria tentando. Tinha aprendido algumas coisas sobre estratégia nas últimas semanas.

Matt também aprendera algumas coisas sobre sua família e os erros que todos haviam cometido. Ele não iria guardar rancor disso, queria só seguir em frente; mas eles tinham conversado muito, ele e os pais. Conversaram sobre o vovô também, e Matt ainda estava lidando com isso, com os sentimentos. Havia tristeza, raiva, confusão, e talvez algum dia ele resolveria tudo aquilo, mas não seria tão cedo.

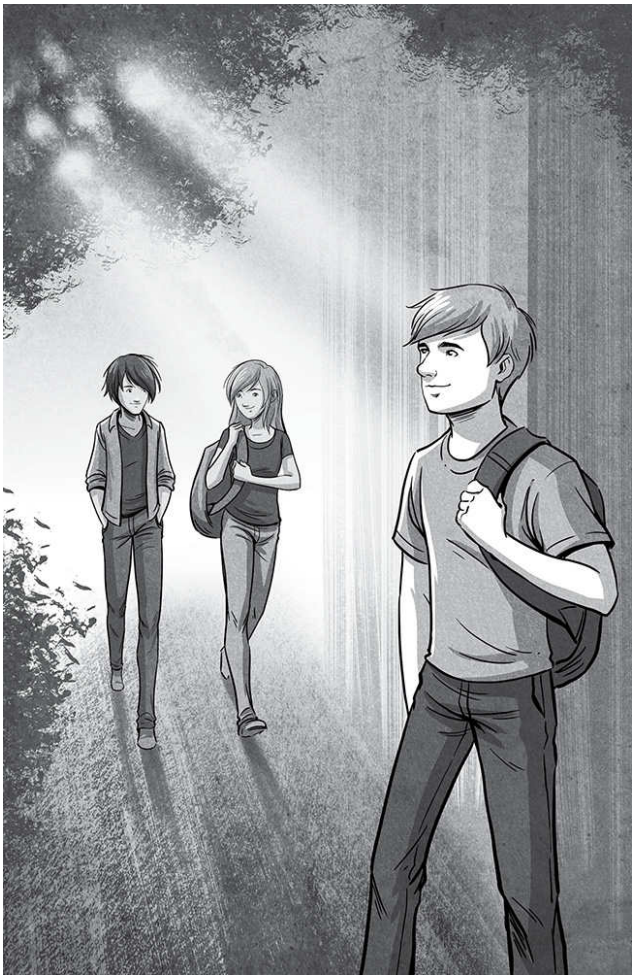
Ele recebeu um e-mail de Astrid naquela manhã, contando que ela estava bem. Matt não sabia bem como reagir a isso. Era outra coisa com que ele ainda estava lidando. Astrid, no fim, tinha feito a coisa certa, mas ele não conseguia se esquecer de que ela matara Baldwin.

Felizmente, a mensagem seguinte era de alguém a quem Matt poderia reagir facilmente. Reyna o relembrava que Ray o convidara para um festival histórico no mês seguinte. Matt desconfiava de que o convite não vinha realmente de Ray, mas não ia questionar. Foi mais fácil explicar aos pais que Ray tinha feito o convite, e eles concordaram que um passeio de fim de semana com os novos amigos parecia uma boa ideia. Queriam conhecer os pais dos gêmeos. Não era exatamente o que Matt tinha em mente, mas o quão ruim isso poderia ser? Talvez não devesse perguntar isso. Da última vez que o fez, a "serpente" acabou sendo um dragão que cuspia fogo e veneno.

Matt deu uma risadinha consigo mesmo e respondeu a mensagem de Reyna contando a ela o que os pais disseram. Eles ainda trocavam mensagens quando Matt parou em uma esquina. Outros estudantes passavam e acenavam ou diziam oi. Dois primos distantes pararam ali, como se quisessem chegar à escola com o "campeão", e Matt conversou com eles, mas ficou onde se concentrava. Então viu quem estava esperando.

Laurie e Fen. Laurie carregava uma bolsa pesada de livros, e Fen vinha de má vontade, tentando passar a impressão de que estava sendo arrastado a cada passo.

Matt mandou uma última mensagem para Reyna, exclamou “Oi!” e correu para alcançar os amigos.



Título original
THE BLACKWELL PAGES
BOOK 3
THOR'S SERPENTS

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e incidentes são produtos da imaginação das autoras ou foram usados de forma fictícia. Qualquer semelhança com acontecimentos reais, localidades, pessoas, vivas ou não, é mera coincidência.

Copyright © do texto 2015 *by* K. L. A. Fricke Inc. e Melissa Marr
Copyright das ilustrações de miolo © 2015 *by* Vivienne To
Escudo e logo *by* Eamon O'Donoghue baseado no trabalho de Lisseth Kay

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma ou meio eletrônico ou mecânico, inclusive fotocópia, gravação ou sistema de armazenagem e recuperação de informação, sem a permissão escrita do editor.

Copyright da edição brasileira © 2017 *by* Editora Rocco Ltda.

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Av. Presidente Wilson, 231 – 8º andar
20030-021 – Rio de Janeiro – RJ

Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001
rocco@rocco.com.br | www.rocco.com.br

Preparação de originais
THALES FONSECA

Coordenação Digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Assistente de Produção Digital
MARIANA CALIL

Revisão de arquivo ePub
ANNA EMÍLIA SOARES

Edição digital: novembro, 2017.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

A765s
Armstrong, K. L.
As serpentes de Thor [recurso eletrônico] / K. L. Armstrong, M. A. Marr; tradução Edmo Suassuna. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Rocco Jovens Leitores, 2017.
recurso digital (Crônicas de Blackwell ; 3)

Tradução de: The Blackwell pages book 3: thor's serpents
ISBN 978-85-7980-376-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção infantojuvenil americana. 2. Mitologia nórdica - Literatura infantojuvenil. 3. Livros eletrônicos. I. Marr, M. A. II. Suassuna, Edmo. III. Título IV. Série.

17-41407

CDD: 028.5
CDU: 087.5

O texto deste livro obedece às normas do
Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

AS AUTORAS

K. L. ARMSTRONG & M. A. MARR já são amigas há muitos anos e passavam horas conversando sobre mitologia e monstros. Numa manhã sonolenta, elas perceberam que o segundo sobrenome de M. A. é norueguês. (A similaridade entre esse nome e "Serpente de Midgard" é uma mera coincidência.) Foi por causa dessa conexão, combinada a quanto K. L. gosta de estapear criaturas em videogames quando não está escrevendo (e às vezes quando deveria estar escrevendo), à fixação delas por monstros e mitos, e aos livros que elas leem com seus filhos de onze a treze anos, que as duas souberam que tinham de escrever as Crônicas de Blackwell.

K. L. Armstrong e M. A. Marr convidam você a visitá-las em www.blackwellpages.com.